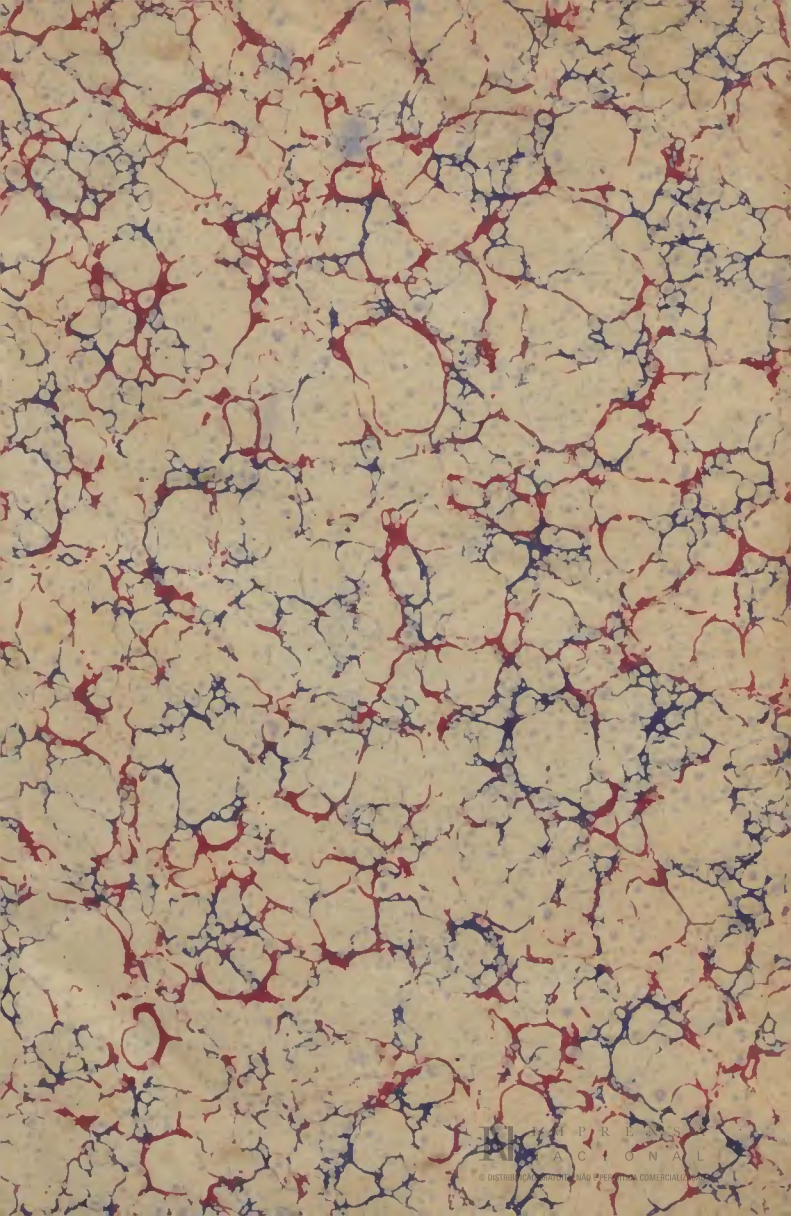


IMPRESA
NACIONAL

© DISTRIBUIDOR ÚNICO, NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

DA ASIA

DE

DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS
TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA SETIMA

PARTE PRIMEIRA.

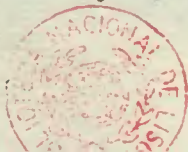


LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA,

ANNO M. DCC. LXXXII.

Com Licença da Real Mesa Censoria, e Privilegio Real,



IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

OFFERTA
281304

✓
7/24/58

DA ÁSIA
DE
DIOGO DE COUTO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA



L. I. 304
INstituição Brasileira de Estatística
ANUÁRIO DE ESTATÍSTICA
Comitê de Estatística do Brasil



INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM
NESTA PARTE I.

DA DECADEA VII.

LIVRO I.

CAP. I. De como ElRey D. João supplicou ao Papa provesse o Imperio da Abassia de Patriarca: e de huma breve relação do Patriarca D. João Bermudes, que lá foi em tempo do Governador D. Estevão da Gama: e de outras muitas cousas. Pag. 1.

CAP. II. De huma breve relação da Christandade das terras do Malavar, e de seus Bispos: e de como o Arcebispo de Goa, e Primaz da India D. Fr. Aleixo de Menezes, Religioso da Ordem de Santo Agostinho, por ordem do Papa Clemente VIII. governou aquella Igreja, e ficou suffraganea ao Arcebispado de Goa por morte do Arcebispo Mar Abrahamo, e depois os foi visitar em pessoa: e dos grandes trabalhos que passou até a reduzir ao gremio da Igreja Catholica: e do Synodo Diocesano que ordenou, em que tirou infinitos erros, e abusões: e de outras cousas.

13.

CAP.

IMPRENSA
NACIONAL

I N D I C E

- CAP. III.** *De como ElRey D. João este anno de 1554. elegeo pera Viso-Rey da India a D. Pedro Mascarenbas: e da Armada com que partio: e do que succedeo na viagem até chegar á Cidade de Goa.* 30.
- CAP. IV.** *De como os Capitães de Baçaim, e Chaul ajuntáram navios, e se foram lançar sobre a barra de Surrate, sabendo estarem dentro as galés: e de como o Viso-Rey D. Pedro Mascarenbas mandou seu sobrinho Fernão Martins Freire com huma Armada áquelle negocio: e dos tractos que teve com Caracen, Capitão de Surrate: e de como se assentou cerrarem-se as galés: e da chegada de D. Fernando de Menezes a Goa.* 38.
- CAP. V.** *De como o Turco mandou outro Capitão, chamado Cafár, a buscar as galés que estavam em Baçorá: e de como tomou algumas náos de Ormuz: e de outras cousas que passáram.* 46.
- CAP. VI.** *De como o Viso-Rey despachou as náos pera irem a Cochim tomar a carga: e do que aconteceu a D. Affonso de Noronha com ElRey do Chembe, e se embarcou pera o Reyno onde chegou: e como a náo Santa Cruz desappareceo.* 50.
- CAP. VII.** *Do que aconteceu a Fernão Martins Freire em Surrate: e da Armada*

que

DOS CAPITULOS.

que o Viso-Rey ordenou pera o Estreito de Meca: e do recado que mandou ao Imperador da Abassia: e do que aconteceu a Vasco da Cunha com ElRey de Chembe sobre as pazes. 57.

CAP. VIII. Do que aconteceu a Manoel de Vasconcellos no Estreito: e de como Fernão Farto lançou os Padres em Arquicó: e do que aconteceu ao Padre Mestre Gonçalo até à Corte daquelle Imperador: e de todos os Reys que houve desde a Rainha Sabá até este Claudio: e do que o mesmo Padre passou com o Emperador. 66.

CAP. IX. De como D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, persuadiu a Tartacan, que lançasse a Biscan fóra das terras de Dio, como fez: e de como D. Diogo de Noronha lançou mão de todo o rendimento daquella Alfandega: e de outras cousas que passaram. 83.

CAP. X. De como se levantaram contra o Idalcan alguns Capitães seus: e dos tractos que houve entre Anel Maluco, e o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas. 88.

CAP. XI. De como o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas alevantou Mealecan por Rey de Visapôr: e dos contratos que com elle fez: e de como passou a Pondá, e o entregou a Calabatecan. 93.

CAP. XII. De como faleceo o Viso-Rey D. Pe-

I N D I C E

Pedro Mascarenhas: e das partes, e qualidades de sua pessoa. 103.

L I V R O II.

- C**AP. I. *De como por morte do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas succedeo na governança da India Francisco Barreto: e da Armada que se queimou na ribeira de ElRey com hum foguete.* 111.
- C**AP. II. *De como o Governador Francisco Barreto passou a Pondá a se ver com o Mealecan: e de como proveo as Tanadarias daquellas partes, e mandou D. Antão de Noronha a tomar posse de todo Concan.* 117.
- C**AP. III. *Dos recados que passáram antre D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, e Melique Xequé sobre a Alfandega: e de outras muitas cousas que succederam.* 122.
- C**AP. IV. *Das cousas que succedêram em Ceilão: e dos ardís de que o Madune usou pera inimizar Tribuli Pandar com os Portuguezes: e de como depois se concertou com elles pera o destruirem, como fizeram.* 132.
- C**AP. V. *De como hum Capitão Pegú, chamado Ximidisotão, matou ElRey Bramá,*

DOS CAPITULOS.

- e se apoderou do Reyno , e mandou matar Diogo Soares de Mello: e de outras muitas cousas que succedêram. 136.
- CAP. VI. De como Mandaragri , cunhado de ElRey Bramá , veio com grandes exercitos sobre Pegú , e tornou a conquistar aquelle Reyno : e das façanhas que os Portuguezes fizeram em defensão da fortaleza , onde a Rainha estava : e do que fez o Mandaragri Rey de Pegú , quando os veio soccorrer. 148.
- CAP. VII. Da Armada que este anno de sincoenta e sinco partio do Reyno , de que era Capitão mór D. Leonardo de Sousa : e da perdição da náó Algaravia nova : e de como o Governador Francisco Barreto mandou D. Alvaro da Silveira por Capitão mór ao Malavar : e do que aconteceu a Mealecan até Bilgão : e dos tractos que o Idalcan teve com Anel Maluco sobre lho entregar. 155.
- CAP. VIII. De como Rama Rayo Rey de Bisnagá mandou seu irmão Vingata Rayo em favor do Idalcan : e de como os Capitães da conjuração foram desbaratados , e o Mealecan com Anel Maluco fugiram pera o Izamaluco , e do que lá lhes succedeo. 163.
- CAP. IX. Do que aconteceu a D. Antão de Noronha no Concan : e dos recontros que

I N D I C E

- teve com alguns Capitães do Idalcan: e da grande victoria que alcançou do Xacoli.* 167.
- CAP. X.** *De como o Governador Francisco Barreto teve novas do desbarato de Mealecan: e da vinda de alguns Capitães ao Idalcan: e de como mandou recolher D. Fernando de Mouroy, e D. Antão de Noronha.* 175.
- CAP. XI.** *De como o Governador Francisco Barreto despachou as náos do Reyno: e do que aconteceu a D. Alvaro da Silveira no Malavar: e das pazes que o Çamorim pedio, e se lhe concedêram.* 180.

L I V R O III.

- CAP. I.** *Da embaixada que o Governador Francisco Barreto mandou a Cambaya por Tristão de Paiva, e sobre que: e dos navios que mandou a recolher o Padre Mestre Gonçalo, que estava na Abassia: e da Armada que despedio pera o Estreito, de que foi por Capitão mór D. Alvaro da Silveira: e das cousas que Miguel Rodrigues, Fios secos, fez pela costa do Idalcan.* 186.
- CAP. II.** *Do que aconteceu a Tristão de Paiva em Cambaya: e de como os que ficaram*

DOS CAPITULOS.

- ram nos baixos de Pero dos Banhos acabaram a naveta , e nella vieram a Cochim. 192.
- CAP. III. Do que Miguel Rodrigues Coutinho fez pela costa do Idalcan: e do que aconteceu a João Peixoto na jornada do Estreito: e de como deo em Suaquem, e matou aquelle Rey, e cativou alguma gente, e roubou os Paços. 198.
- CAP. IV. Do que succedeo a D. Alvaro da Silveira na viagem: e das desavenças que teve com Bernaldim de Sousa, Capitão da fortaleza de Ormuz: e do que lhe aconteceu no Estreito de Baçorá. 203.
- CAP. V. Das cousas que este anno aconteceram em Ceilão: e da guerra que se proseguio contra o Tribuli Pandar: e de como elle fugio pera Jafanapatão, onde foi morto: e da guerra que o Madune tornou a fazer a ElRey da Cota. 208.
- CAP. VI. Da Armada que este anno de cincoenta e seis partio do Reyno, de que era Capitão mór D. João de Menezes de Siqueira: e do que lhe succedeo na viagem: e do em que o Governador Francisco Barreto proveo sobre as cousas do Patriarca: e da viagem que fizeram as ndos até o Reyno. 213.
- CAP. VII. De como o Patriarca, e o Embaixador do Preste tratáram com o Go-

ver-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

I N D I C E

- vernador Francisco Barreto sobre sua ida: e dos entretimentos, e escusas de que usou, e do conselho que sobre isso tomou, em que se assentou fosse o Bispo D. André de Oviedo: e de como mandou á Ilha de S. Lourenço Balthazar Lobo de Sousa.* 220.
- CAP. VIII.** *Da Armada que o Governador Francisco Barreto mandou ao Malavar: e de como elle partio para o Norte, e D. Diogo de Moronha se foi ver com elle a Baçaim.* 227.
- CAP. IX.** *De hum Embaixador de ElRey do Cinde, que veio ao Governador Francisco Barreto: e do tempo, em que os Magores conquistáram aquelle Reyno da mão dos antigos Gentios.* 230.
- CAP. X.** *Da famosa Ilha de Salfete de Baçaim: e do seu espantoso Pagode, chamado do Canari: e do grande labyrintho que a Ilha tem.* 236.
- CAP. XI.** *Do muito notavel, e espantoso Pagode do Elefante.* 250.
- CAP. XII.** *De como o Governador Francisco Barreto houve ás mãos as fortalezas de Assari, e Manorá: e de como Antonio Moniz Barreto foi tomar posse dellas por mandado do Governador: e de outras cousas, em que provco até se partir pera Goa.* 261.
- CAP. XIII.** *Do que aconteceu na jornada*

a

DOS CAPITULOS.

a Pero Barreto: e do engano que com elle usou o Principe do Cinde: e de huma façanhosa serpente, que hum soldado chamado Gaspar de Montarroio matou. 270.

CAP. XIV. De como Pero Barreto Rolim destruiu a Cidade de Tatá, e todas as Villas, e Lugares de huma, e outra banda do Rio: e donde nasceo o erro aos Geografos modernos chamarem á Provincia do Cinde Dulcinda. 276.

L I V R O IV.

CAP. I. Do que aconteceu á não S. Paulo até Cóchim: e de como Pero Barreto Rolim destruiu a Cidade de Dabul. 285.

CAP. II. De como o Governador Francisco Barreto passou á terra firme em busca dos Capitães do Idalxá: e da batalha que lhes deo, em que os desbaratou: e de outras cousas. 290.

CAP. III. De algumas cousas, em que o Governador Francisco Barreto proveo: e de alguns Capitães que despachou pera fóra: e de huma grande vitoria que João Peixoto houve em Bardés de hum Portuguez arrenegado. 298.

CAP. IV. Do que aconteceu na viagem a Manoel Travassos, até lançar o Bispo no Por-

I N D I C E

- Porto de Arquicó: e do que succedeo ao Bispo até Baroá. 304
- CAP. V. Do que succedeo a Balthazar Lobo de Sousa na viagem até á Ilha de S. Lourenço: e da descripção desta Ilha, e das de Comoró: e qual seja a Minuthias de Ptolomeu. 310.
- CAP. VI. Do que aconteceo ao Bispo D. André de Oviedo até chegar a se ver com o Emperador da Ethiopia: e do que com elle passou. 319.
- CAP. VII. De como D. Duarte Deça Capitão de Maluco prendeo ElRey de Ternate em huma asperissima prizão: e das grandes guerras que por isso se levantãram em todas aquellas Ilhas contra os nossos Portuguezes. 326.
- CAP. VIII. Da differença que ha entre Persas e Arabes sobre a opinião de suas feitas: e de como o Rey da Persia mandou aos Reys do Decan o titulo de Xas, com condição que seguissem sua feita. 334.
- CAP. IX. De huma relação de Nizamoxá, e de sua morte: e de como o que lhe succedeo no Reyno se ajuntou com o Cutubixá contra o Idalcan, e largou o Inizamoxá ao Mealecan, que tinha preso. 339.

LIVRO V.

- C**AP. I. *Das cousas , que aconteceram na guerra de Goa : e de hum assalto que os nossos deram na outra banda , em que houve algum desarranjo : e de como os inimigos entráram a Ilha de João Lopes.* 347.
- C**AP. II. *Da Armada que este anno de cincoenta e sete partio do Reyno , de que era Capitão mór D. Luiz Fernandes de Vasconcellos : e de huma breve relação da devoção , que os mareantes tem ao Bemaventurado S. Fr. Pero Gonçalves , a que elles chamam o Corpo Santo.* 352.
- C**AP. III. *Das cousas que succedêram em todo este anno em Maluco : e de como os moradores prendêram D. Duarte Deça , e soltdram aquelle Rey.* 359.
- C**AP. IV. *Da embaixada que o Governador Francisco Barreto mandou a ElRey de Chaul , e sobre que : e de como os Mouros entráram na Ilha de Chorão , donde foram lançados com grande damno seu : e de como o Governador mandou metter nella D. Francisco Mascarenhas.* 369.
- C**AP. V. *De como o Governador Francisco Barreto despachou as náos pera o Reyno , e os Mouros começaram a fallar em*
pa-

INDICE DOS CAPITULOS.

pazes, que se lhes concedêram: e de como o Inizamoxá prendeo o Embaixador que o Governador lhe mandou: e do exercito que logo despedio pera lhe fazer huma fortaleza no Morro: e de como Alvaro Paes de Sotomaior partio pera o Estreito, e ficou em Chaul por causa da guerra. 376.

CAP. VI. *Da Armada com que o Governador Francisco Barreto partio pera o Norte, e chegou a Chaul: e das pazes que lhe os inimigos mandáram commetter, e do que nisso passou.* 384.

CAP. VII. *De como o Governador Francisco Barreto mandou desapossar D. João de Ataíde da Capitania de Ormuz, pera onde foi D. Antão de Noronha: e do que mais fez até se partir pera Goa.* 391.

CAP. VIII. *De como o Governador Francisco Barreto se partio pera Goa: e da grande Armada, e apercebimentos que fez pera ir ao Achem.* 395.

DE-

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



DECADA SETIMA.

LIVRO I.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como ElRey D. João supplicou ao Papa provesse o Imperio da Abassia de Patriarca : e de huma breve relação do Patriarca D. João Bermudes, que lá foi em tempo do Governador D. Estevão da Gama: e de outras muitas cousas.



Depois que ElRey D. João despedio a Armada pera a India este anno de 1553, de que foi por Capitão mór Fernão de Alvares Cabral, logo determinou de prover em duas cousas: huma, mandar successor ao Viso-Rey D. Affonso de Noronha; e a outra, supplicar ao Papa lhe concedesse Patriarca, e Bispos pera o Imperio

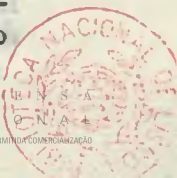
Couto. Tom. IV. P. I.

A

da

IMPRESSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COPIAGEM



2 ASIA DE DIOGO DE COUTO

da Abassia , pela muita instancia com que aquelles Imperadores lho tinham mandado pedir ; porque desejavam de dar obediencia á Santa Sé Apostolica , e renunciar os Patriarcas hereges , que de Alexandria lhes mandavam , por quem havia tantas centenas de annos se governavam. E era este desejo tão antigo , que já o Imperador Zeriaco trefavô de Claudio , que ao presente reinava , por morte do Patriarca que os regia , não quiz acceitar mais outro de Alexandria , e dizia » que antes perderia todos os seus Reynos , » que consentir mais lhe viessem Patriarcas » hereges ; » e assim dez annos , que depois viveo , lhe não entrou algum em seus Reynos. E depois seu filho Alexandre esteve na mesma opinião treze annos , até que o povo se lhe queixou , por lhe irem faltando Sacerdotes pera lhe administrarem os Sacramentos ; pelo que lhe foi necessario mandar a Alexandria pedir Patriarca , donde lhe mandáram dous ; hum delles se chamava Marcos , e o outro Jacob , que lhe havia de succeder. E assim foram ambos continuando muitos annos , até falecer o Jacob , e ficar o Marcos só administrando aquelle Imperio , (que he o que D. Rodrigo de Lima , que lá foi por Embaixador no anno de vinte e seis , ainda achou vivo , e confessou ao Padre Francisco Alvares , que foi nesta jornada,

da, segundo elle ò refere no livro que della compoz, que era de cento e vinte annos, porque quando fora áquelle Imperio fizera setenta, e que havia sincoenta que o administrava, a fóra alguns que depois viveo.) Este quando lá vio D. Rodrigo, e hum Religioso, que seguia a Igreja Latina Romana, (segundo conta o mesmo Padre Francisco Alvares,) dava graças a Deos, e dizia, que se chegava o tempo de se cumprir huma profecia, que havia nos livros Abexins, que dizia, » que aquelle Imperio não teria » mais de cem Patriarcas provídos por Alexandria, e que apôs elles viriam outros provídos pelo Summo Pontifice de Roma, e » que elle era o derradeiro dos cento. » No que se enganou, porque até hoje perseveraram Patriarcas hereges, posto que alguns annos depois lhe foi hum Catholico, provído pelo Papa Paulo III, que foi o D. João Bermudes, que D. Christovão da Gama levou, como fica dito no Cap. V. do VII. Liv. da quinta Decada. E porque deste Patriarca não fallámos mais, depois que Dom Christovão da Gama foi lá morto, nem tivemos tão inteira informação de suas cousas como agora, que no-la mandáram da Ethiopia, o faremos aqui brevemente, e o daremos melhor a conhecer.

Este homem era Portuguez, e tinha ido

A ii

a

4 ASIA DE DIOGO DE COUTO

a Abassia com D. Rodrigo de Lima, quando lá foi por Embaixador em tempo do Governador Diogo Lopes de Siqueira, e levou consigo hum seu sobrinho, chamado Dom Garcia de Noronha, segundo hum Tratado, que elle mesmo fez das cousas que lhe succedêram no tempo que esteve na Abassia, sendo Patriarca. E depois de D. Rodrigo de Lima de lá vir, faleceo naquelle Imperio o Patriarca Marcos, de que atrás fallámos, por cuja morte o D. João Bermudes persuadio ao Imperador da Abassia, que mandasse dar obediencia á Igreja Romana, e pedir ao Summo Pontifice Patriarca Catholico; e como elle lhe estava afeiçoado, despedio-o pera Roma com cartas ao Papa, em que lhe pedio lho mandasse a elle por Patriarca. E indo nesta jornada, que foi o anno de trinta e cinco, ou trinta e seis, foi cativo de Turcos, e levado ao Cairo, donde por sua industria sahio, e foi ter a Roma, e o santo Padre o ouviu muito bem, e leo as cartas do Imperador Claudio. E sabendo o risco em que aquella Christandade ficava, logo sagrou o D. João Bermudes em Patriarca, e o enviou com cartas a Portugal pera ElRey D. João o III., em que lhe dava conta daquelle negocio, e lhe pedia » quizesse soccorrer aquelle Imperador, pois » nenhum dos Principes Christãos tinha me-
» lhor

» lhor apparelho pera isso. » E esta foi a causa, por que ElRey o despedio em companhia do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, a quem deo por regimento mandasse huma boa Armada de soccorro áquelle Imperador, e nella lhe enviasse o Patriarca. E como o Viso-Rey D. Garcia de Noronha achou a fortaleza de Dio de cerco, em cujo soccorro se occupou todo aquelle verão, e no seguinte faleceo, não teve tempo pera o mandar. E o Governador D. Estevão da Gama, que lhe succedeo, achando estas instrucções nos papeis de D. Garcia de Noronha, quiz fazer aquella jornada, que na quinta Decada contámos, assim pera este effeito, de que então não tínhamos tão perfeita informação; como pera o das galés. Em fim, morto Dom Christovão da Gama, ficou o Patriarca naquelle Reyno até que o Imperador teve aquella batalha com o Grada Amet, que cortou a cabeça a D. Christovão da Gama, em que o desbaratou, e matou com a ajuda dos Portuguezes, como na mesma quinta Decada se verá no IV. Cap. do IX. Liv., e o Imperador tornou a cobrar seu Reyno, de que andava quasi esbullado.

E como todas aquellas cousas, Embaixadas, e petições que fez ao Papa, foram feitas por necessidade, vendo-se agora poderoso, e estava entregue de todo ás malditas,

6 ASIA DE DIOGO DE COUTO

tas , e excommungadas feitas dos heresiarcas Entichiano , e Dioscoro Alexandrino , e tinha mandado trazer de Alexandria Patriarca herege , sendo ainda vivo D. Christovão da Gama ; e porque o elle não soubesse , tinha-o posto no Reyno de Ambea , mettido em hum Mosteiro , que estava n'um grande lago de trinta leguas , onde o mandou levar assim , depois que se vio defassombrado dos Mouros. E como aquelle Patriarca era máo , e herege , vendo-se favorecido do Imperador , logo começou a tratar maldades contra o D. João Bermudes , pera o defacreditar , e fazer aborrecido a todos. E pera isto fallou secretamente com huns Frades hereges , e os induzio a que lançassem de noite em certa parte da casa de D. João Bermudes , hum vaso de ouro da Igreja ; e achando-o ao outro dia menos , começaram a fazer grandes estrondos publicamente , dizendo que D. João Bermudes o tomára : e fizeram ainda mais , que lhe foram dar de supito em casa , acháram o vaso na parte , onde o elles tinham posto , do que se elle resentio , e enfadou muito por entender a perversidade de tão má gente , que foi a causa de não querer estar alli mais , nem ficar naquella terra. E indo-se pera Tigare , foi por todo aquelle caminho maldizendo os lugares , e povoações por onde passava , e

di-

dizia algumas vezes aos que o acompanhavam, que via humas formigas negras destruir toda aquella terra, como de feito aconteceo; porque dali a muito pouco tempo entráram por ella huns Cafres muito barbaros, chamados os Galas, e a destruíram de todo, como adiante se verá nesta Decada. Chegado o D. João Bermudes a Baroá, deixou-se alli ficar alguns annos esperando embarcações, em que se pudesse passar á India, até que ao porto de Daleca foram ter huns navios nossos, de cujos Capitães, ou em que tempo nos não souberam dar certa informação, e nelles se embarcou pera a India, e depois pera o Reyno. E em Lisboa se aposentou em S. Sebastião da Pedreira, fóra da Cidade, onde o nós vimos; e alli viveo alguns annos, e ainda em tempo de ElRey D. Sebastião era vivo, e depois morreu com mostras de muito grande Catholico, e ainda de santidade.

E todavia desejava agora ElRey Dom João o III. de tornar a accender aquella Christandade, pera que de todo se não apagasse, supplicou ao Papa Julio III., que ao presente governava a Igreja de Deos, mandasse hum Patriarca, e dous Bispos áquelle Imperio, por cartas que tinha de novo daquelle Imperador, em que lhe significava a grande vontade, e desejo com que queria dar

8 ASIA DE DIOGO DE COUTO

dar obediencia á Santa Igreja Romana ; porque tornavam a apertar com elle os trabalhos, e guerras, que o faziam buscar este soccorro, e remedio. Daqui tomou ElRey D. João motivo pera escrever ao seu Embaixador que tinha em Roma, que instasse muito sobre aquelle negocio, e pedisse ao Padre Ignacio de Loyola, vista a importancia delle, lhe dêsse alguns Religiosos doutos, e virtuosos pera mandar áquelle Imperio.

Vendo o Summo Pontifice aquelle tão santo zelo de ElRey D. João, quillo satisfazer ; e tratando com o Padre Ignacio de Loyola, Fundador da Companhia de Jesus, sobre aquella materia, elle lhe offereceo alguns Varões escolhidos pera as dignidades que pedia. E neste Março de sincoenta e sinco andando o Papa Julio III. occupado nesta obra, veio a falecer, e succedeo-lhe na Cadeira de S. Pedro Marcello II., que tambem faleceo no primeiro dia de Maio seguinte. E por seu falecimento foi eleito Paulo IV., que approvando por boa a tenção de ElRey D. João, pedio ao Padre Ignacio lhe dêsse os Religiosos sobre que já se fallava, e elle lhe apresentou pera Patriarca o Padre João Nunes Barreto, Portuguez, que já tinha andado em Africa, exercitando as obras de misericordia no resgate dos

ca-

cativos, que era irmão do Padre Ignacio Nunes, que estava por Reitor da Companhia da India, ambos Varões de vida exemplar, e de muitas letras, e virtude. E pera Bispos os Padres Belchior Carneiro, Portuguez, e André de Oviedo, que então estava por Reitor da Companhia em Napoles. E este fagrou logo com titulo de Bispo Hierapolitano, e ao Belchior Carneiro passou letras pera o sagrarem na India, e lhe deo titulo de Bispo Niceno; e a ambos passou letras, em que os fazia Coadjutores, e futuros successores do Patriarca. Estes Varões chegaram ao Reyno acompanhados de outros Padres doutos, e virtuosos, que o Padre Ignacio elegeo pera esta Missão, e foi já a tempo, que estavam as náos de verga d'alto pera partirem pera a India. E porque não era possível embarcar-se o Patriarca tão depressa, ordenáram os Prelados da Companhia, que fossem alguns Religiosos naquella Armada pera passarem diante a Abassia a fazerem a saber áquelle Imperador da eleição do Patriarca, e Bispos, e de como ficavam no Reyno pera se partirem nas náos seguintes; e pera saberem o animo com que aquelle Imperador estava, porque quando o Patriarca chegasse, soubesse o que havia de fazer.

E parece certo que tinha Deos nosso Senhor

IO ASIA DE DIOGO DE COUTO

nhor postos os olhos nas cousas do Oriente; porque no mesmo tempo em que o Summo Pontifice estava occupado nesta obra do Patriarca da Abassia, chegaram áquella Cidade Simão Sulaca, Bispo de Caerimi, Cidade cabeça da grão Mesopotamia; e Mar Elias, Bispo de Ninive, e se lançaram aos pés do Vigario de Christo, e lhe deram a obediencia de Catholicos, por si, e por todos os seus subditos; porque até então seguiram os erros do falso Nestor, cuja cabeça era o Patriarca de Antioquia, que o Summo Pontifice recebeo com muita alegria, e contentamento; e sagrou ao Simão Sulaca em Patriarca de Musal; e ao Mar Elias em Bispo de outro lugar seu suffraganeo. Elles deram a obediencia de Catholicos por si, e pelos mais Bispos de suas jurdições, e os despedio com grandes Breves Apostolicos. E no mesmo tempo sagrou tambem a Mar Joseph em Arcebispo de Ninive, pera ir ás terras do Malavar instruir aquelles Christãos do Apostolo S. Thomé por serem governados por Mar Abrahão, Arcebispo Nestoriano, como todos os atrás foram, que eram providos pelos Patriarcas de Babylonia, a quem tambem passou Breves Apostolicos; e com elle mandou o Bispo D. Ambrosio Monte Celi, seu Penitenciario, de casta Italiano, Frade Dominico, pera ir em companhia

nhia do Patriarca de Musal , e dahi passar aos Georgianos a ver se os podia reduzir á obediencia da Igreja Romana.

Chegados estes Patriarcas , e Bispos a Musal , tomou o Patriarca posse , e ajuntou os Bispos suffraganeos , e deram obediencia ao Papa. O que sabido pelo Patriarca de Antioquia , se passou a Babylonia , e alli se fez cabeça dos hereges Nestorianos , ficando aquella Patriarcado dividido em dous ; mas o Catholico durou pouco , porque o matáram os Turcos ; e presumio-se que por ordem do Patriarca de Babylonia. E o Arcebispo de Ninive com o Bispo D. Ambrosio , que ainda estavam com elle , tiveram tempo pera fugir aos hereges , e foram ter a Ormuz , e dalli á India este verão em que andamos ; e por ordem do Governador Francisco Barreto passáram á Serra , elle , e o Mar Joseph , e tomou posse daquelle Arcebisado , e depoz o Mar Abrahão com sentimento dos Christãos que o acceitáram. E o D. Ambrosio depois de o deixar de posse daquella Christandade , se tornou pera Goa , e em S. Domingos leu a sagrada Theologia aos Religiosos daquella Ordem. E depois indo-se embarcar a Cochim pera o Reyno , faleceo naquella Cidade , e jaz enterrado na Casa de S. Domingos. Foi este homem douto nas Letras Divinas , e humanas ,

12 ASIA DE DIOGO DE COUTO

nas , grande Mathematico , e Geografo ; muito visto nas letras Gregas , e Caldeas. E antre os papeis que lhe ficáram se acháram algumas lembranças destas cousas , que nos hum Religioso da Ordem de S. Domingos deo , de que nos aproveitámos pera estas informações.

E já que estamos com esta Christandade , e seus Bispos nas mãos , parece que não será despropósito fazermos hum breve discurso de todas suas cousas até darem obediencia á santa Sé Apostolica , posto que o mais proprio lugar dellas he a onzena Decada , pera onde guardamos a relação de tudo. E por isso não faremos aqui mais , que tocar de passagem o substancial ; porque senão chegarmos áquelle tempo ou pela muita idade , ou pelo pouco gosto , da parte dos homens , e seus esquecimentos , com que procedemos neste negocio , ao menos ficará já aqui esta lembrança.

CA-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CAPITULO II.

De huma breve relação da Christandade das terras do Malavar, e de seus Bispos: e de como o Arcebispo de Goa, e Primaz da India D. Fr. Aleixo de Menezes, Religioso da Ordem de Santo Agostinho, por ordem do Papa Clemente VIII. governou aquella Igreja, e ficou suffraganea ao Arcebispado de Goa por morte do Arcebispo Mar Abrahamão, e depois os foi visitar em pessoa: e dos grandes trabalhos que passou até a reduzir ao gremio da Igreja Catholica: e do Synodo Diocesano que ordenou, em que tirou infinitos erros, e abusões: e de outras cousas.

NO primeiro Cap. do X. Liv. da nossa quarta Decada, que já anda impressa, damos larga conta, e relação das partes, por onde o Bemaventurado Apostolo S. Thomé andou prégando a nova Lei de seu Mestre Christo Jesus nosso Redemptor; e no fim desta setima se verá sua morte, e milagres. E neste Capitulo diremos brevemente de como se governou até agora aquella Igreja, fundada por elle nos Reynos do Malavar, assim no espirital, como no temporal. Passado o Santo Apostolo da Ilha Sacotorá (como se verá em sua lenda) a estas partes da India,

mi-

14 ASIA DE DIOGO DE COUTO

milagrosamente veio aportar á costa do Malavar , e não se sabe em que porto ; mas devia de ser em hum dos Reynos de Cochim , porque logo por elle começou a semear a semente da Lei Evangelica , ou fosse no Reyno de Cranganor , ou no de Coulão , em que tinha ainda hoje Igrejas suas , vai pouco nisso ; mas por ambos estes Reynos andou convertendo muitas almas á Lei de Christo , e nelles lhe acudiram , e o seguiram homens virtuosos , que elle aceitou por discipulos , e instruiu mui bem na Lei do santo Evangelho. E depois de ver o muito fruto que tinha feito por aquellas partes , tratando de passar a outros Reynos , sagrou os discipulos que lhe melhor parecêram em Bispos , e os deixou governando aquella Christandade , e elle se passou pera as partes de Tartaria , China , e outras , como temos dito no Cap. I. do Liv. X. da nossa quarta Decada , e por ellas andou convertendo grande número de infieis , e idólatras , até se passar a Meliapor , onde foi morto , e onde cada dia resplandece com muitos milagres.

Os Bispos que deixou naquellas partes do Malavar governando aquella Christandade , fundaram Igrejas na Cidade de Cranganor , e na de Coulão , que ainda hoje se vem nos mesmos lugares , e conservam em

muitas cousas fua memoria, e antiguidade, e antre ellas em huns padrões, e em laminas de metal, de terras, e rendas, que aquelles Reys concedêram pera a fabrica daquelles Templos, que nós ainda achámos na Feitoria de Cochim, que andáram des do principio daquella fortaleza, por entrega da casa, de Feitor a Feitor, ha bem poucos annos. E querendo eu saber dellas, pera por obrigação do officio as recolhermos na Torre do Tombo, como cousa tão antiga, e tanto pera se guardar, e honrar, já nos não souberam dar razão dellas, nem os Feitores que de lá vem a sabem dar. Em fim, passados muitos tempos depois da morte do Bemaventurado Apostolo S. Thomé, sustentando-se aquella Christandade na Fé, e doutrina que lhe elle ensinou, fazendo o tempo mudança naquelles Reynos, como o tempo feito em todas as Monarquias do Mundo, até a ellas irem os Mouros Arabios, seguidores da falsa doutrina, e lei de Mafamede, que se aposentáram pelos pórtos maritimos de todo aquelle Malavar, como ainda hoje estam, parece que avexados delles os Christãos, se recolhêram ás serras, e matos daquelles Reynos, onde fundáram suas povoações, e vivêram naquella primeira doutrina até lhe faltarem os Bispos, e Sacerdotes della, que se mandáram soccorrer ao Pa-

tri-

triarca de Babylonia , que era cabeça dos hereges Nestorianos , que os provêram de hum Arcebispo Metropolitano , com titulo de Arcebispo do Indo ; e de dous Bispos suffraganeos , hum com titulo de Bispo de Sacappa , e o outro de Macina , que não sabemos hoje onde sejam , mais que acharmo-los assim nomeados em suas escrituras ; mas por conjecturas se presume que sejam pera a parte do Cathayo , e China , por onde o glorioso Santo andou fazendo grande conversão. E este nome de Arcebispo do Indo reteve até á morte de Mar Abrahão , que (como no primeiro Capitulo dissemos) foi sagrado em Roma , e viveo até os annos de 1597. , seguindo sempre os erros Nestorianos , de que toda aquella Christandade estava infada ; porque depois que foi governada por Arcebispos Armenios , que eram seguidores daquella falsa feita , perdêram o lume da Fé , em que estavam doutrinados pelo Santo Apostolo , e misturáram nella aquelles falsos , e diabolicos erros Nestorianos , em que aquelles Prelados os foram creando.

Em fim , morto o Arcebispo Mar Abrahão , tendo-se já havia muitos annos extinguidos os Bispos suffraganeos de Sacappa , e de Macina , sendo Summo Pontifice em Roma Clemente VIII. , avisado disso , passou dous Breves Apostolicos , hum feito a

vin-

vinte e hum de Janeiro de noventa e sete ,
 e outro a vinte e sete do mesmo mez de no-
 venta e oito , em que mandava ao Arcebis-
 po de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes » que
 » como Primaz da India Oriental mandasse
 » tomar posse daquella Igreja , e Arcebispa-
 » do , e de toda aquella Christandade do
 » glorioso Apostolo S. Thomé ; e não con-
 » sentisse mais entrar nella Bispo , nem Pre-
 » lado Armenio , por serem todos hereges ;
 » e que creasse no dito Arcebispado Gover-
 » nador , e Vigario Apostolico , pera o go-
 » verner assim no espirital , como no tem-
 » poral , em quanto a Igreja Romana a não
 » provia de Bispos. »

E porque fallamos no temporal , he de
 saber , que os Prelados desta Christandade
 são Juizes no temporal dos Christãos seus
 subditos ; o que parece foi tambem dado em
 privilegio ao Bemaventurado S. Thomé A-
 postolo por aquelles antigos Reys Gentios ,
 o que até hoje se guarda infallivelmente , sem
 nunca se quebrar.

Por virtude destes Breves , tratou logo
 o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes com
 muita caridade do proveito espirital da-
 quelles proximos , e zelo do serviço de Deos
 nosso Senhor. E porque tambem lhe ficava
 em obrigação como Primaz da India , por
 aquella Igreja não ter Cabido , a quem per-

Couto. Tom. IV. P. I.

B

ten-

N I M P R E N S A
 N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tenceffe o governo della, no tempo da Sé vagante, e elle ser Metropolitano de todas as Igrejas da India, determinou mandar prover nisso, como fez, pera tornar a sometter, e sujeitar aquella Igreja á obediencia da Romana; o que tratáram as pessoas que a isso enviou, por todos os modos que lhe parecêram necessarios. Mas como todos aquellos Sacerdotes Christãos estavam entregues áquellas diabolicas, e abominaveis heresias do Heresiarca Nestor, não quizeram obedecer aos rogos, e persuasões que sobre isso lhe fizeram; do que o Arcebispo Dom Fr. Aleixo de Menezes sentio gravissima dor, e grande desconsoação; e todavia não desistio de obra tão santa, e de tão grande obrigação sua, antes por espaço de dous annos foi continuando por seus Ministros naquelle negocio, em que todos faziam pouco, ou nenhum fruto, antes achavam a todos cada vez mais endurecidos.

Pelo que commovido o Arcebispo de piedade de ver tantas mil almas, que do tempo do Apostolo S. Thomé te conservavam na Fé de nosso Senhor Jesus Christo, no meio de tanta gentildade, e espalhadas por tão diversas partes, rodeadas de tantos idolos, e pagodes, em que o demonio era cada hora tantas vezes venerado, e sujeitas suas Igrejas, e Templos a tantos, e tão diver-

fos

os Reys todos idólatras, sem poderem ter communicação com outros Christãos até os Portuguezes entrarem com suas Armadas neste Oriente, onde começaram a povoar Cidades, e fundar fortalezas: E vendo quanto este negocio era de serviço de Deos, depois de lho mandar encommendar por todas as Religiões, determinou de elle em pessoa visitar aquella Christandade, pera ver se com sua prezença os podia obrigar, moderar, e trazer á obediencia da Santa Igreja Romana, com tão grande zelo desta obra, que lhe não deixava tempo, nem lugar pera ver os grandes trabalhos, riscos, e perigos a que com ella se offerencia; e assim poz logo em effeito sua santa determinação, provendo sua Igreja de Governador, pera em sua ausencia a ficar governando. E no principio do anno de noventa e nove se embarcou pera Cochim, acompanhado de muitos Clerigos, Conegos, e outros Sacerdotes, e de criados, e doutra mais gente necessaria ao serviço de sua pessoa, e dignidade. Chegando áquella Cidade, foi mui bem recebido; e depois que tomou suas informações, se partio pera as serras, onde os Christãos viviam, acompanhado de muitos moradores daquella Cidade.

Entrando o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes naquella Christandade, começou lo-

20 ASIA DE DIOGO DE COUTO

go a visitar as Igrejas , e Prelados dellas ; em quem achou muito grandes difficulda- des , pelas larguezas , e simonias com que viviam , offerecendo-se-lhe tantos trabalhos , e riscos de sua pessoa , que por muitas ve- zes esteve perdido ; mas como a obra a que hia era tão santa , favoreceo-o nosso Senhor nella de maneira , que se livrou de todos com muita prudencia , e soffrimento , e de muitas conjurações que contra elle fizeram , levando ávante seu intento com as esperan- ças em Deos nosso Senhor , por cujo res- peito estava offerecido a tudo que lhe acontecesse , que houve por bem , e foi servido , pelos merecimentos do seu Santo Apostolo Thomé , de sahir , e levar ao cabo o que tanto desejava. E assim com muita clemen- cia , e bondade quietou todos os tumultos que contra elle se levantáram ; e por fim de muitas admoestações , orações , e prégações , que fez por todas suas Igrejas , os trouxe á luz da verdade , e á confissão da santa Fé Catholica , dando todos os Sacerdotes , co- mo cabeças , e todos os mais subditos , obe- diencia á Santa Igreja Romana ; o que o Ar- cebispo festejou muito no íntimo de seu co- ração com grandes alegrias , e louvores a Deos nosso Senhor , cuja a obra era.

Finalmente , vendo o Arcebispo que ti- nha alcançado o fim tão desejado de seus tra-

balhos , tratou de ajuntar Synodo Diecesano em alguma parte mais accomodada daquelle Christandade ; assim pera mais a confirmar na Fé Catholica , como pera nella plantar de novo os santos , e bons costumes da Igreja Romana , e extirpar tantas abominações , vicios , e heresias , como antre elles havia , e pera reformação de sua vida , e bons costumes. E assentou que se fizesse este ajuntamento na Igreja de Diamper , o que fez logo a saber á Cidade de Cochim , e ao Capitão della D. Antonio de Noronha , que assentou com os Vereadores , e muitos moradores , de se acharem presentes a tão boa , e santa obra , pera onde logo partíram com grande alvoroço , por verem recolher na manada de Christo ovelhas tão bravias , e montezinhas.

Tanto que o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se dispoz pera isto , fez logo chamamento de todos os Sacerdotes , e peffoas principaes que havia naquelle Arcebisgado , fazendo-lhes a saber por suas cartas , que havia de começar o Synodo a vinte dias de Junho , em que cahia a terceira Domingo depois da festa do Pentecoste ; ao que todos logo acudíram com grande alvoroço. E no tempo determinado se ajuntáram naquelle lugar de Diamper as pessoas seguintes.

Prelados, e Sacerdotes, cento sincoenta e tres, a fóra Diaconos, e Subdiaconos, e outros Procuradores dos póvos, com outras pessoas principaes, seiscentos e sessenta, a fóra todo o povo do lugar de Diamper, e doutros vizinhos, e cinco Religiosos da Companhia, Theologos, e doutos na lingua Malavar, e dous delles na Caldea, e Assyria, Fr. Braz de Santa Maria da Ordem de Santo Agostinho, Theologo, e Confessor do mesmo Arcebispo, com outros Conegos da Sé de Goa, Clerigos seus criados, e outros Religiosos, que foram em companhia do mesmo Arcebispo, e o Capitão de Cochim, Cidade, e alguns moradores. O Synodo se havia de celebrar na Igreja da vocação de Todos os Santos. Depois do Arcebispo fazer suas preparações, e admoestações, e tomar suas informações, entrou na materia do Synodo, na primeira acção, que continha cinco Decretos, todos de preparações, e admoestações pera atalhar alguns inconvenientes; e assim foi proseguindo nas acções, de que daremos breve relação.

A segunda foi de dous Decretos, em que todos os presentes fizeram profissão, e Protestação da Santa Fé Catholica, tomando-lhes o Arcebispo a todos juramento da Fé, dando a obediencia ao Papa em suas mãos.

A terceira de vinte e dous Decretos. O

primeiro continha quatorze Capitulos de cou-
 sas pertencentes á doutrina da Fé Catho-
 lica, e todos os mais pera desterrar as abu-
 sões, ritos Nestorianos, e máos costumes da-
 quella Christandade, e pera emendar, e alim-
 par as Escrituras, Missaes, e Breviarios, que
 andavam falsificados com muitos erros, e he-
 resias misturadas, e as principaes verdades
 Catholicas tiradas; e se deo ordem pera se
 rezar o Officio Divino a seu modo, con-
 formando-se com o Breviario Romano, e
 pera se desterrarem dos seus livros, e cata-
 logos muitos hereges, de quem elles reza-
 vam por Santos, com outras cousas em gran-
 de bem daquela Christandade.

A quarta acção continha vinte e tres De-
 cretos sobre os Sacramentos do Bautismo,
 e Confirmação, de que até então não havia
 uso, e no Bautismo andavam muito desvia-
 dos da Santa Igreja Catholica, e mistura-
 dos infinitos erros, heresias, e desordens in-
 toleraveis, e abominações mui prejudiciaes,
 que tudo se emendou, reformou, e alim-
 pou de infinitas heresias Nestorianas.

A quinta acção continha nove Decretos
 de doutrina do santo Sacramento da Euca-
 ristia, e do modo que se havia de dar aos
 Christãos; porque tudo andava corrupto, e
 inficionado de muitas heresias: com mais
 quinze Decretos sobre o santo Sacrificio da

Mis-

Missa, em que catholicamente se tiráram mil abusões, e erros, que naquella Igreja se usavam.

A sexta acção era de quinze Decretos, que continham a doutrina do Sacramento da Penitencia, que tiráram, e degradáram infinitos erros que nelle havia, e se declarou, e ensinou o modo que se havia de ter conforme á Igreja Catholica; porque se não usava deste Sacramento em quasi todo este Arcebispado, antes era aborrecido nelle. Com mais tres Decretos da doutrina do Sacramento da Extrema-Unção, de que antre aquellos Christãos até então não havia conhecimento, nem se sabia o effeito, e efficacia, e instituição-delle, pela falta de Ministros Catholicos; em que se dava ordem de como se haviam de usar, e se dava a conhecer sua virtude, e effeitos.

A setima acção era de vinte e tres Decretos, que continham o Sacramento da Ordem Sacerdotal, em que mui doutamente se tiráram as abusões, que naquelle Arcebispado se usavam, torpezas, e ritos dos seus Sacerdotes, e desterráram as manifestas simonias, que antre todos corriam. E se mandou trasladar os Breviarios, e livros de rezar ao modo da Igreja Catholica em lingua Surana, e accrescentar-lhe o Symbolo de Santo Athanasio, e tirar delles infinitas he-

re-

refias, que andavam em uso; e ordenou o Arcebispo Freguezias com seus Parocos. E porque lhe tirou as simonias, de que aquelles Sacerdotes se sustentavam, pediu o Synodo a ElRey nosso Senhor, que mandasse prover aquelles Vigarios, como faz a todos os da India, e lhes ordenasse mil e quinhentos cruzados cada anno, pera se repartirem por todos. E o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se offerceo, e se obrigou por sua vontade aos prover de suas rendas, em quanto ElRey o não fazia, como fez, em quanto foi o recado ao Reyno; com que ElRey D. Philippe nosso Senhor, como muito Catholico, e Christianissimo Principe, logo como o soube lhes ordenou dous mil cruzados, cobrados na Alfandega de Dio, que lhes são mui bem pagos. Assim mais pediu o Synodo a ElRey, que mandasse prover aquellas Igrejas de vinho pera se dizerem as Missas, o que elle com o mesmo zelo mandou, que lhes déssem duas pipas d'elle cada anno; e em quanto este recado tardou os proveo o Arcebispo cada anno de sua casa com pipa e meia. Continha mais esta sétima acção dezeseis Decretos de doutrina sobre o Sacramento do Matrimonio, de que até então usavam mui desviados da Igreja Catholica, destruindo mil abominações, de que por todo aquelle Arcebispado se usava;

e

e reformou, e emendou outros infinitos erros, que até então estavam introduzidos.

A oitava acção continha quarenta e hum Decretos de reformação das cousas daquella Igreja, e do uſo dos santos Oleos, pedras de Ara, Calices, e outras cousas do que até então não usavam, e hum catalogo de todos os dias de festa, que a Igreja celebra, e outras muitas cousas necessarias, e importantes.

A nona, e derradeira acção continha vinte e cinco Decretos, todos de reformação daquella Christandade, em que lhes dava muito bom modo de viver, e lhes tirou infinitos erros, e abusões; ensinando-lhes muito santos, e bons costumes pera se poderem governar. Este Synodo se celebrou, e acabou com muita quietação, e applauso de toda aquella Christandade, e o Arcebispo deo ordem pera se trasladar em lingua Assyria, e Caldea, e se repartir pelos Prelados de todo aquelle Arcebisado. E ordenou o Padre Francisco Roz da Companhia, por saber bem estas linguas, pera ficar administrando todo aquelle Arcebisado; e mandou depois ao Summo Pontifice o Synodo, pera que visse o modo que se tivera na reformação daquella Christandade, que com entranhas de pai, e hom, e verdadeiro Pastor o festejou com muitas graças, e louvores que deo ao

Altissimo Deos , e proveo ao Padre Francisco Roz em Bispo daquella Christandade , fazendo-o suffraganeo ao Arcebispado Metropoli de Goa , que hoje está de posse , fazendo muitos serviços a nosso Senhor , e grande fruto por toda aquella Christandade.

E porque se veja quanto aprouve á Divina Magestade este Synodo , será bem que não passemos por hum caso que nelle aconteceu muito milagroso , e foi este. O dia que se acabou o Synodo , ordenou o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes huma Procissão , em que déssem todos graças a Deos nosso Senhor pela mercê que lhes fizera em deixar acabar aquella obra tanto em seu serviço , como foi trazer aquelles póvos á luz da verdade. E estando a Procissão ordenada dentro na Igreja , esperando que désse o tempo algum jazigo pera poder sahir pera fóra , porque havia tres dias que chovia sem cessar , por ser na força do inverno ; e neste dia mais que nos outros , parecia que se tinham abertas as cataratas do Ceo , com o que todos estavam parados , e se recolheram por onde puderam , por não caberem na Igreja. O Arcebispo vestido em Pontifical , esteve nos degráos do Altar muito espaço , esperando que cessasse alguma cousa aquelle diluvio de agua ; e vendo que todavia hia por diante com tanta braveza , que come-
çá-

çáram aquelles tenros Christãos (que são mui dados a agouros, e prognosticos) a resfriar daquelle alvoroço. E o que era ainda peor, que alguns que ainda não estavam bem nas cousas da Fé, disseram a outros, que seriam tão fracos como elles, que aquella obra não era de Deos, pois elle não dava tempo pera se poder fazer a Procissão. E ou o Arcebispo fosse avisado disso, ou o suspeitasse, quasi agastado contra todos, mandou que sahisse a Cruz fóra da Igreja, e que se proseguisse a Procissão, havendo que era menos inconveniente molharem-se todos, que ficar aquelle agouro nos corações de alguns fracos. E dando o recado ao que levava a Cruz, foi pera sahir, e não se atreveo com a grande força da agua que chovia. O que visto pelo Arcebispo, do lugar donde estava brádou que sahisse, que sahisse a Cruz, como logo fez. Em sahindo fóra da porta da Igreja, e em se levantando em alto, cousa maravilhosa! supitamente cessou a chuva, e ficou o ar tão claro, sereno, e bem assombrado, que não se vio no meio do verão outro mais alegre dia; com que a Procissão se proseguio, e acabou com grandes louvores de Deos nosso Senhor. Os que dantes estavam com aquellas dúvidas, vendo tão claro milagre, lançaram de si todas fóra, e leváram estas novas a seus póvos, fi-

cando toda aquella Christandade confirmada na verdade do que o Arcebispo lhe tinha ensinado no Synodo, e na obediencia que todos tinham dado á Santa Igreja Romana.

Outro caso aconteceu tambem de não menos admiração. Este foi, que em quanto durou o Synodo, como o Arcebispo no principio d'elle tinha mandado, que todos os que quizessem disputar das cousas da Fé, pôr duvida, ou fallar nas que se decretavam, o pudessem fazer livremente, e vir com suas dúvidas publicamente á Congregação de todos, onde lhes elle satisfaria; induzidos alguns pelo demonio, e afferrados ainda a seus erros, e com o odio que tinham á Santa Igreja Romana, se ajuntáram fóra; e dadas as mãos pera se unirem neste mal que quèriam fazer, em virem encontrar o que se decretava, e baralharem a Congregação; e entrando com estes intentos na Igreja, tanto que chegavam ao Arcebispo, que estava vestido em Pontifical, ficavam como mudos, e tolhiam-se-lhes os pés, e as mãos, sem poderem bullir comfigo, nem ainda fallar, e assim se tornavam pera fóra, e lá pelejavam huns com os outros, e se reprendiam de cobardes, acanhados, e pera pouco, pois se sahiam fóra sem pôrem por obra a determinação que levavam. E tornando-se a ratificar em seus damnados in-

ten-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

tentos, entravam outra vez de novo na Igreja, onde lhes acontecia o mesmo que da primeira: andando nestes propósitos tres dias continuos, que galtáram em entrar, e sahir, sem fazerem cousa alguma do a que hiam; até que convencidos interiormente de seus proprios males, confessáram sua culpa, e perdendo perdão della, se reduziram, e deram obediencia á Santa Igreja Romana, e ao Arcebispo em seu nome. Acabado o Synodo, foi o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes visitar todas as Igrejas daquella Christandade, fazendo dar á execução todas as cousas que no Synodo se determináram; e deixando tudo posto em ordem, se tornou pera Cochim, e dahi pera Goa.

C A P I T U L O III.

De como ElRey D. João este anno de 1554. elegeo pera Viso-Rey da India a D. Pedro Mascarenhas: e da Armada com que partio: e do que succedeo na viagem até chegar á Cidade de Goa.

HAvendo quatro annos que D. Affonso de Noronha estava na India, desejou ElRey de o mandar vir, e prover naquelle lugar de hum Fidalgo, a que todos tivessem muito grande respeito, e que fosse muito rico, porque tratasse mais do que cumpria ao

bem daquelle Estado , que ao seu particular ; e que tambem não tivesse filhos , porque a governança da India não andasse de promocio. Esta era a razão , por que o Senado de Roma não consentia elegerem-se Legados pera andarem nos exercitos com os Consules , que fossem seus parentes , porque o haviam por grande prejuizo. E huma das cousas , que se deve louvar mais naquelle grande governo do Imperio da China , he , que nas eleições que fazem dos Officiaes da Justiça , e Fazenda pera todas as Provincias , nunca elegem senão pessoas de huma pera outra mui distantes , e onde não tenham parentes , nem amigos , porque assim possam governar mais livremente , sem haver quem lhes faça fazer desordens. Assim querendo ElRey eleger pera este Imperio Oriental , tão apartado delle , huma pessoa livre , e desinteressada , não achou por então outra que o fosse mais que D. Pedro Mascarenhas , que elle tinha dado por Mordomo mór do Principe D. João seu filho , (que era falecido no principio deste anno de sincoenta e quatro em que andamos , em idade de dezeseis annos,) e commettendo-o pera isso , se lhe escusou com dizer » que era de mais de setenta annos , e que não tinha já forças , nem » disposição pera os trabalhos de tão com- » prida viagem , como era a da India ; e » que

» que tambem não se atrevia a mandar , e
 » governar gente tão livre , e voluntaria co-
 » mo nella havia. » E por muitas vezes que
 lhe ElRey nisso fallou , sempre lhe pedio de
 mercê que o escufasse ; mas ElRey pelo que
 lhe relevava , (que era servir-se d'elle esses
 poucos annos que vivesse , por sua muita
 prudencia , authoridade , e mais partes ne-
 cessárias pera quem ha de governar a India ,
 ou pelo que outros diziam , que desejavam
 de o lançar fóra do Reyno alguns privados
 pela sombra que lhe elle fazia , e pelo mui-
 to respeito que lhe ElRey tinha ,) não de-
 sistio do negocio , antes lhe lançou o Infan-
 te D. Luiz , que era muito grande seu ami-
 go , e a quem o D. Pedro tinha muito gran-
 de respeito , que pelo gosto que sentio a El-
 Rey , apertou com D. Pedro muitas vezes ,
 sem o poder render áquelle negocio , até
 que o Infante concluiu com lhe dizer » que
 » hum delles havia de ir á India ; que se el-
 » le se não quizesse embarcar , que elle o fa-
 » ria , porque assim o tinha promettido a El-
 » Rey seu Senhor , e irmão. » Vendo Dom
 Pedro Mascarenhas a grande obrigação em
 que o Infante o punha , lhe disse » que an-
 » tes elle queria tomar sobre si aquelles tra-
 » balhos , e ir acabar por esse mar , que não
 » inquietar-se S. A. »

Dada esta palayra , mandou ElRey a

D.

D. Pedro Mascarenhas , que fizesse seus apontamentos , como fez , e lhe concedeo tudo , porque o menos que pedio foi pera si , que foi , que os oito mil cruzados de ordenado , que os Viso-Reys tinham na pimenta da Casa da India , se pagasse delles em Goa ; porque elle não havia mister couza alguma no Reyno , que tinha muita renda , e não queria poupar nada na India , senão gastar tudo em serviço de S. A. E assim lhe concedeo Provisão , pera que todos os Fidalgos , e moradores da Casa de ElRey , que se embarcassem na sua Armada , venceassem soldo , e moradia em quanto andassem na India. E affirma-se , que algumas vezes pediria de mercê a ElRey , que lhe dissesse a pessoa que lhe havia de succeder na governança , se Deos fizesse delle alguma couza na India ; e que até nisso o quizera satisfazer , e lho dissera ; mas o mais certo he , que sempre se escusou disso : todavia ao tempo que o despedio , lhe disse » que tivesse muita conta com Francisco Barreto , porque » tinha grande satisfação de seus serviços ; » no que claramente lhe deo a entender , que lhe succedia. Só o cargo de Capitão mór do mar da India , que lhe pedio pera Fernão Martins Freire seu sobrinho , filho de sua irmã , (sobre quem elle queria descarregar a mór parte dos trabalhos do governo ,)

: Couto. Tom. IV. P. I. C se

se lhe não concedeo, porque houve no Conselho sobre aquelle negocio diferentes pareceres; mas deo-lhe por regimento, que puzesse na India em conselho de Capitães velhos, se era necessario aquelle cargo; e que assentando-se que sim, o proveesse em quem lhe parecesse.

Despachadas as cousas da India, e as náos, foi ElRey em pessoa fazellas á véla, e o Infante D. Luiz levou o Viso-Rey Dom Pedro Mascarenhas até o metter dentro na náao, e fez-se á véla por fim de Março deste anno de sincoenta e quatro. A Armada era de seis náos muito formosas, S. Boaventura, em que o Viso-Rey hia. A Conceição, de que era Capitão Manoel de Castanhoso. De Santa Cruz, Belchior de Sousa, da companhia de Fernão de Alvares Cabral, do anno passado, que tinha arribado ao Reyno. A náao Espadarte, de que era Capitão Fernão Gomes de Sousa, que hia despachado com a Capitanía de Cochim. Da náao Framenga era D. Manoel Tello, que levava a Capitanía de Dio. E da outra náao era Capitão Francisco de Gouvea. Embarcáram-se nesta Armada dous mil homens de armas, em que entravam mais de quatrocentos moradores da Casa de ElRey, antre Fidalgos, e de todos os outros fóros.

Os Fidalgos conhecidos são os seguintes:

tes : Fernão Martins Freire , D. Francisco Mascarenhas , filho do Capitão dos Ginetes , sobrinho do mesmo Viso-Rey , o que depois foi Conde de Santa Cruz , e Viso-Rey da India. D. Pedro Mascarenhas , irmão de D. João Mascarenhas , que sustentou o segundo cerco de Dio. Ruy Barreto Mascarenhas de Ludo ; D. Rodrigo Coutinho de Montemór o Novo , filho de D. Gonçalo Coutinho , o que os Mouros mataram no Bori , como no fim da quarta Decada Liv. X. Cap. III. fica dito. João Lopes Leitão ; Lourenço de Sousa , filho de Alvaro de Sousa de Aveiro ; Christovão Pereira Homem ; D. João Béllez , primo de ElRey de Béllez , que se fez Christão , e ficou em Lisboa , quando aquelle Rey veio pedir soccorro pera cobrar seu Reyno. Este D. João casou depois na India com huma parenta dos Reys , ou dos Guaziz de Ormuz. D. Antonio de Noronha , de alcunha o Catarraz , que depois foi Viso-Rey da India , que trouxe mil cruzados de ordenado cada anno pera seu entretenimento.

Partidas as náos , foram seguindo sua derrota , em que todas tiveram muitos contrastes , e por fim tomáram diferentes pórtos. A náo Framenga , de que era Capitão Dom Manoel Tello , arribou ao Reyno destrozada. A Espadarte foi muito tarde tomar Mom-

baça, e dahi passou a invernar a Ormuz. As náos Santa Cruz, e Conceição tomáram por fóra da Ilha de S. Lourenço, e foram tomar Cochim entrada de Novembro. A náo S. Francisco chegou tarde a Moçambique, e ficou alli invernando: só o Viso-Rey, que levava melhores Officiaes, passou o Cabo de Boa Esperança cedo, e chegou a Moçambique entrada de Agosto; e fazendo sua aguada, e tomando provimentos, se partio pera Goa, e surgio na barra a vinte e tres de Setembro, onde foi visitado da Cidade, e Fidalgos, e logo desembarcou, e se foi pera Goa, sem querer aguardar que lhe fizessem recebimentos, por vir anojado pelo falecimento do Principe D. João; e o Viso-Rey D. Affonso de Noronha lhe entregou a India, e se foi logo pera Pangim negociar sua embarcação. Simão Botelho, Veador da Fazenda, acudio logo a descarregar a náo do Viso-Rey, e a recolher o cofre do cabedal; e mandou que se tirasse logo o cofre, que vinha no porão, tendo a náo ainda toda a carga dentro em si; e descuidando-se os Officiaes de lhe metterem outro lastro, deo-lhe hum dia hum tempo rijo, e achando-a defalastrada, e com o pezo todo em cima, a virou logo, e a assoçobrou; e acudindo-lhe o Veador da Fazenda com todos os Officiaes, já lhe não pudéram valer,

o que sentio tanto, que se foi metter Frade em S. Domingos, onde viveo alguns annos Sacerdote, e morreo religiosamente. O Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas aposentou-se nas casas do Sabayo, o antigo aposento dos Governadores; e porque eram de dous sobrados, e de mui compridas escadas, e elle era velho, e muito magro, davam-lhe muito trabalho; pelo que mandou negociar as casas da fortaleza, em que os Capitães se costumavam agazalhar, e passou-se pera ellas, e foi o primeiro Viso-Rey que alli se aposentou, e depois o fizeram todos; porque na verdade he aposento mais proprio pera os que governarem, por estar sobre o caes; e nada póde entrar pelo rio affirma, que elles não vejam. Este anno casou o nosso Catholico Rey D. Philippe com a Rainha Maria de Inglaterra, com cujo casamento se esperava a total reparação das cousas da Fé naquelle Reyno.

CA-

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CAPITULO IV.

De como os Capitães de Baçaim, e Chaul ajuntáram navios, e se foram lançar sobre a barra de Surrate, sabendo estarem dentro as galés: e de como o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas mandou seu sobrinho Fernão Martins Freire com huma Armada áquelle negocio: e dos tratos que teve com Caracen, Capitão de Surrate: e de como se assentou cerrarem-se as galés: e da chegada de D. Fernando de Menezes a Goa.

R Ecolhidas as galés a Surrate, e tomada a barra pelas caravelas, como no fim da Sexta Decada no Cap. ultimo do X. Liv. fica dito, logo corrêram as novas a Baçaim, e Chaul, onde estavam por Capitães Francisco de Sá dos Oculos, e João de Mendoça Cação, que com muita pressa armáram dez navios de remo cada hum: embarcando-se nelles com muita gente, e munições, deram á véla pera Surrate, em cuja barra acháram as caravelas, e surgíram todos nos poços, onde se deixáram estar até lhes vir recado do Viso-Rey, a quem escreveram de sua jornada. O navio que Dom Fernando de Menezes despedio a Mascate com as novas da vitoria, chegou a Goa hu-

ma noite, juntamente com as das galés serem recolhidas a Surrate; e dando-se as novas a D. Affonso de Noronha, que estava na cama, saltou fóra della em camisa com tamanho alvoroço, que como doudo assim mal composto sahio fóra á sala, onde já havia muitos Fidalgos, parentes, e amigos, que com elle estavam em Pangim; e vendo-o os criados daquella maneira, chegaram a elle, e lhe pediram que se recolhesse, e ainda apegáram delle pera o levarem; mas o bom velho que estava como desaffinado com as novas do filho, por serem tão boas, resistio a todos, dizendo » que o deixassem, ainda que estivesse pouco honesto, » e todavia tomou hum roupão que lhe trouxeram, e assim em pé esteve perguntando ao Capitão do navio muito particularmente pela batalha, porque o filho nas cartas se reportava a elle. E depois que soube tudo, o mandou ao Viso-Rey, que já estava recolhido; e dando-lhe a nova, a recebeu com muito alvoroço, e fez mercê ao Capitão do navio, mandando logo que se repicassem todos os sinos da Cidade, por onde se espalláram tão boas novas. Ao outro dia pela manhã foi o Viso-Rey a Pangim a visitar Dom Affonso de Noronha, e dar-lhe os parabens da vitoria do filho.

Passado este alvoroço, assentou o Viso-Rey

Rey de mandar logo huma Armada a Surrate, pera o que fez preparar trinta navios de remo, e dous galeões. E porque desejava de fazer seu sobrinho Fernão Martins Freire Capitão mór do mar da India, ajuntou todos os Capitães do conselho, e sem lhes declarar esta sua tenção, lhes mostrou o Capitulo do Regimento de ElRey sobre aquelle negocio, como no primeiro Capitulo dissemos; e como os mais dos que alli estavam eram de tanta authoridade, que qualquer delles lhes parecia lhe cabia aquelle lugar, votáram sobre o caso, e concordáram ser muito necessario haver aquelle cargo, apontando pera isso muitas razões. E sendo todos conformes, mandou o Viso-Rey fazer hum auto pelo Secretario, em que todos se assignáram.

Feito isto, logo alli nomeou pera aquelle cargo seu sobrinho Fernão Martins Freire, o que tomáram todos muito mal; porque aquelle Fidalgo era Reinol, criado sempre em Corte, e nunca cursára a milicia; mas caláram-se, porque não podiam fazer outra cousa. Nomeado o Capitão mór do mar, começou logo a correr com a Armada, a que deo tanta pressa, que quando foram dez de Outubro, sahio pela barra fóra com todos os navios, de que eram Capitães D. Francisco Mascarenhas, D. Diogo

go Lobo, Gaspar de Mello, Ruy de Mello da Camara, Pero Barreto, e Jeronymo Barreto Rolim, ambos irmãos, e primos de Francisco Barreto, que foi Governador da India; Fernão Peres de Andrade, Bastião Machado, André Pereira, Manoel Travaços, Jeronymo de Mesquita, João de Sousa, Ruy de Mello Pereira, Vicente Bello, Heytor Nunes de Goes, Antonio Ribeiro, Antonio de Siqueira, Barnabé de Sá, Afonso Pereira de Lacerda, Heytor de Mello Pereira, Francisco de Mello Pereira, Christovão de Mendoga, Diogo de Mendoga, Francisco Sodré, Gemez Barreto em hum galeão, Pero Rodrigues Barriga Feitor da Armada em outro, carregados ambos de provimentos, e munições pera a Armada. Deo o Viso-Rey por regimento ao Capitão mór, que se não sahisse de sobre a barra de Surrate, até lhe entregarem todas as galés; e que tanto que lá chegasse, despedisse os Capitães de Baçaim, e Chaul pera suas fortalezas, e que ficassem com elle todos os navios que lá tinham; e lhes escreveo cartas de agradecimentos pela presteza com que acudiram ao serviço de ElRey. O Capitão mór foi em breves dias surgir sobre a barra de Surrate, onde achou aquellas Armadas; e os Capitães de Baçaim, e Chaul o visitaram: vendo as cartas do Viso-Rey que lhes

lhes elle deo , lhes entregáram logo todos os navios que tinham , e cada hum em seu navio se foram pera suas fortalezas.

Caracem , Capitão de Surrate , (que era genro de Coge Çofar ,) tanto que soube ser o Capitão mór do mar da India naquella barra , logo o mandou visitar , e fazer muitos cumprimentos , que elle agradeceo ; e em companhia do que lhe levou o recado , enviou hum homem , que elle pera isso elegeo , por quem lhe mandou pedir da parte do Viso-Rey da India » lhe mandasse entregar as » galés , e os Turcos que dentro estavam , » por serem inimigos dos Portuguezes ; por » que pelos contratos das pazes os não podia recolher em nenhum dos seus pórtos ; » e que não quizesse que chegassem as cou- » sas a rompimento , porque o Viso-Rey vi- » nha muito apostado a correr com elle em » muita amizade , por saber quão affeiçoado » fora sempre ás cousas dos Portuguezes. » Caracem recebeu bem este recado , e ao Enviado fez muitas honras , e respondeo » que » quanto ao Turcos , que lhe mandava pe- » dir , eram idos pera Cambayete ; e que ain- » da que alli estiveram , não era licito entre- » gar homens , que com trabalho se recolhê- » ram a seu porto ; e que quanto ás galés » não lhe convinha entregallas , porque ti- » nha suas náos em Meca , e que chegando » lá

» lá as novas se lhas entregasse, lhe lança-
 » riam os Turcos mão dellas. » Com esta re-
 » spolta, e defengano tornou o Capitão mór
 » a fazer grandes requerimentos a Caracem,
 » sobre o que foram, e vieram muitos reca-
 » dos, e por fim do negocio se resumio Ca-
 » racem nisto » que elle desejava de sustentar
 » a amizade dos Portuguezes, e resalvar as
 » náos que tinha em Meca, e sobre tudo
 » sustentar seu credito; e que o melhor meio
 » que pera isso havia era, que se cerrassem
 » as galés em tres, ou quatro partes de fei-
 » ção, que mais não pudessem servir, e que
 » assim ficaria elle cumprindo com sua obri-
 » gação, e o Viso-Rey satisfeito, pois elle
 » deixava as galés em estado, que tanto mon-
 » tava como queimadas. » A esta resolução
 » lhe mandou dizer o Capitão mór » que não
 » podia acceitar aquelles partidos, sem dar
 » conta disto ao Viso-Rey; que elle despe-
 » dia logo hum navio ligeiro, e com o que
 » elle lhe mandasse se resumiria. » E com is-
 » to despedio o navio com cartas pera o Vi-
 » so-Rey, em que lhe relatava tudo o que
 » era passado, deixando-se ficar no porto em
 » que estava até lhe tornar resposta.

Chegado o Catur a Goa, poz o Viso-
 » Rey aquelle negocio em Conselho; e assen-
 » tou-se, que se acceitasse o que Caracem pro-
 » mettia, porque era o mais que elle podia
 » fa-

fazer , pelas razões que dava ; e com isto despedio o mesmo navio , por quem mandou o assento que se tomou , e escreveu a Caracem huma carta de muitos cumprimentos. Chegada a resposta , e dada a carta do Viso Rey a Caracem , assentou com o Capitão mór , que se cerrassem as galés em seis partes cada huma , e que fossem a isso pessoas que o vissem ; ao que mandou o Capitão mór Ruy Freire , hum Fidalgo seu parente , e com elle o Patrão mór da India. Chegados estes homens a Surrate , Caracem os recebeu bem , e aposentou na Cidade , e logo mandou vir muitos officiaes , que começaram aquella obra ; o que fizeram á vontade dos nossos , em que se detiveram sete dias ; e aqui os deixaremos , porque he necessario continuar com D. Fernando de Menezes , que deixámos em Mascate.

Este Fidalgo depois de se prover do necessario , deo á véla pera Goa com toda a Armada que lhe ficou , levando as galés que tomou repartidas pelos Capitães , que no fim da sexta Decada no Cap. XX. do Liv. X. dissemos. E como traziam vento em pôpa , chegaram alguns dias de Novembro a Goa. E logo na barra achou D. Fernando de Menezes recado de seu pai , como seu tio Dom Nuno Alvares era falecido , e lhe mandou dó feito pera desembarcar. D. Fernando o

fentio tanto, que desembarcou em Pangim só, onde seu pai o recebeu com muito amor, e alvoroço; os outros Capitães foram entrando pelo rio dentro com as galés dos Turcos diante; e assim ellas, como a mais Armada, formosamente embandeiradas, salváram a Cidade com toda a artilheria até surgir no caes. Os Capitães todos juntos foram ao Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, que os recebeu com muita honra, e palavras, e sobre tudo com obras, porque a todos fez mercês; e depois disto foram todos a visitar D. Affonso de Noronha, que os recebeu mui honradamente, e com palavras de muitos louvores. Ao outro dia foi D. Fernando de Menezes em huma manchua com poucos parentes, que pera isso escolheo, a visitar o Viso-Rey, que o esperou á porta da sala, onde o abraçou, e lhe disse muitas, e mui avifadas palavras de honra, e louvor seu, e de todos os que o acompanháram. Passada esta visita, que foi breve, recolheo-se D. Fernando pera seu pai, e tratáram logo de sua embarcação.

CAPITULO V.

De como o Turco mandou outro Capitão , chamado Cafár , a buscar as galés que estavam em Baçorá : e de como tomou algumas náos de Ormuz : e de outras cousas que passáram.

DEpois do Turco ter despachado Ale Chelobi pera tomar as galés a Moradobec , (como no fim da sexta Decada no Cap. XX. do X. Liv. fica dito ,) havendo que era homem arriscado , e de não muito negocio , despedio nas suas costas hum Janissaro , chamado Cafár , grande coffairo , esforçado , e de bom conselho , (que foi o que tomou Luiz Figueira , como na outra Decada atrás no Cap. III. do IX. Liv. se disse ,) e lhe deo por regimento , que onde quer que achasse Ale Chelobi lhe tomasse as galés , e as levasse ao porto de Meca. O Cafár se foi a Suez , e negociou duas galés , e dous Bargantins , hum delles a galeota que foi de Luiz Figueira. E sahindo-se do Estreito o Agosto passado , foi correndo a costa da Arabia , e chegando á enceada da Macieira , achou as novas da perdição das galés ; e lançando espias em terra pera saber da nossa Armada , deixou-se alli ficar até lhe tornar recado de como já era partida pera

a India. E como era costeiro, e muito práctico nas cousas daquelle mar, determinou de se ir na esteira da Armada, porque sempre lhe ficaria por ella cousa que preasse. E seguindo sua derrota, antes que chegasse á ponta de Dio, desemasteou, e deixou-se ficar ao mar pera esperar pelas náos que haviam de vir de Ormuz, que forçado haviam de ir demandar aquella paragem. E andando aqui, lhe foram cahir nas mãos por vezes quatro náos; huma de hum foão Salgado, outra de hum Cirieiro de Dio, e as outras duas de Taná, ou Chaul, em que tomou só em dinheiro cento e sincoenta mil cruzados. E porque as náos lhe faziam estorvo, metteo-lhes alguns Turcos, e as despedio pera Meca, e em sua companhia hum dos Bargantins, e os Portuguezes que achou nas náos, deixou ir nellas prezos a ferro. Indo assim estes navios, vieram apparecer a huma galeota de hum Balthazar Lobato, que tambem vinha de Ormuz, que vendo as náos, e reconhecendo-as, as foi demandar, sem saber o que era passado. Os Portuguezes que hiam nellas, em vendo a galeota, e conhecendo-a, parece que inspirou Deos em todos hum mesmo conselho, porque a hum mesmo tempo se soltáram, e tomáram as armas, e remettendo com os Turcos, os mettêram todos á espada. O Bargantim ou-

vin-

48 ASIA DE DIOGO DE COUTO

vindo a revolta , e vendo a galeota , acollheu-se o mais que pode. Balthazar Lobato chegou a huma das náos , e entrou dentro , e dos Portuguezes soube tudo o que era passado , e a paragem em que as galés ficavam ; e acháram antre estes cativos João de Quadros , e tomando parecer sobre o que fariam , assentáram , que se fossem por dezeseete grãos de mar em fóra demandar Chaul , ou Dabul , porque assim se desviariam da paragem em que os Turcos ficavam ; e mudando o rumo , foram seu caminho. O Cáfar ficou naquella parte alguns dous , ou tres dias mais esperando por hum galeão de hum Gomes Farinha , que lhe disseram ficava atrás ; e vendo que tardava , emmaстеou , e deo á véla pera o Estreito de Meca , e foi governando pelos mesmos dezeseete grãos , pera ir demandar os Ilheos de Curia Muria. E quiz a desventura , que aos dous dias désses com as mesmas náos , que hiam em companhia de Balthazar Lobato ; e demandando-as , as alcançou , e as tornou a tomar. Balthazar Lobato vendo as galés , deo á véla toda , e foi-lhe fugindo tudo o que pode , e o Cáfar apôs elle com o bastardo dado ; e como o vento era fresco , foi-o entrando , e a tiro de camello lhe atirou huma bombardada a amainar. Os que hiam na galeota , que seriam perto de trinta pessoas , tomáram antre

tre si conselho sobre o que fariam, e foram todos de parecer; que pois a galé os entrava, e lhe não podiam fugir, que amainassem, já que não podiam pelejar com a galé; que menos mal era serem cativos, que metterem-nos no fundo, porque logo se resgatariam. Só hum Francisco Anes, da obrigação de Fernão de Sousa de Tavora, reque-reo, e brádou » que tal não fizessem, e que » se deixassem ir seu caninho, que Deos os » ajudaria; e que quando lhe não pudessem » fugir, que não sabia cousa mais honrada, » que morrerem todos com as armas nas » mãos; » mas como elle era só, amaináram a véla, e entregáram-se. O que visto pelo Francisco Anes, desprio huma coura de laminas, que tinha armada, e tirou hum morrião, que levava na cabeça, e a espingarda, e a espada, e deo com tudo ao mar, dizendo » que já que suas armas lhe não haviam de valer, que não queria que fossem » a poder dos inimigos. » O Cafár metteo todos a banco; e ao Francisco Anes pelas armas que lançou ao mar (que não faltou quem lho dissesse) tratou mal; e tomando as náos consigo, se foi na volta da costa da Arabia, e entrou em Meca prospero. Depois se resgatáram todos estes homens. O Grão Turco logo soube da destruição de sua Armada, o que sentio muito, por lhe ficar

Conto. Tom. IV. P. I.

D

aquel-

aquelle Estreito sem guarda, além da grande perda que recebeu em quinze galés, que daquella pancada perdeu, com tanta artilheria, e a melhor chusma que tinha no Estreito, o que tudo lhe custou hum poço de ouro; e com aquella mágoa mandou com muita pressa reformar as mais galés que havia ainda em Suez, das da companhia do Baxá Eunuco, que foi cercar a fortaleza de Dio, sendo Capitão Antonio da Silveira.

CAPITULO VI.

De como o Viso-Rey despachou as náos pera irem a Cochim tomar a carga: e do que aconteceu a D. Affonso de Noronha com ElRey do Chembe, e se embarcou pera o Reyno onde chegou: e como a não Santa Cruz desappareceo.

Vendo o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, que de seis náos com que partira do Reyno, não havia mais novas, que da Conceição, e Santa Cruz, que estavam em Cochim, e que a sua se perdêra na barra, determinou negociar alguma não mais pera mandar pimenta ao Reyno, pelas necessidades em que ficava. Pelo que se contratou com hum Antão Martins, casado em Goa, que tinha naquelle porto huma mui formosa não, chamada S. Paulo, que fez

no rio de Ancola, que por ser grande, nova, e estar muito bem negociada, a escolheu D. Affonso de Noronha pera ir nella: o Viso-Rey lhe deo todas as cousas que lhe foram necessarias, e o Antão Martins, senhorio da não, mandou por Capitão della hum genro seu, chamado Antonio Fernandes; e como foi tempo, se embarcou pera Cochim, despedindo-se D. Affonso de Noronha do Viso-Rey, que correo muito pontual com suas cousas, e levou licença sua pera em Cochim acabar de concluir as pazes, que tinham começadas com ElRey do Chembe.

Chegado áquella Cidade, tratou sobre este negocio que desejava de acabar, pera levar as novas disso a ElRey; e corrêram antre elle, e o Rey da Pimenta recados, e vieram assentar, que se vissem pera concluir as pazes; o que D. Affonso de Noronha logo poz por obra; e negociando todos os navios que pode, se partio pera o Chembe, acompanhado do Capitão, Alcaide mór, e dos casados principaes, e foi surgir defronte do Pagode, donde lhe mandou recado, e a pedir-lhe abbreviasse aquelle negocio, porque estava pera se embarcar pera o Reyno, e não se podia deter. Mas como estes Gentios tem grandes superstições, e nada fazem sem eleição de horas, e sem

consultarem com seus Pagodes tudo, foram-lhe seus Bramanes achando tantos inconvenientes, que de dia em dia gastáram-seis, ou sete, sem acharem hum bom. Vendo D. Affonso de Noronha tamanha dilatação, mandou-lhe dizer » que se hia embarcar pera o Reyno, e que se não podia de-
 » ter mais que aquelle dia, e que visse o
 » que determinava. » ElRey lhe mandou pedir » que se detivesse até o outro dia, que
 » sem dúvida lhe viria fallar, e que lhe mandasse Christovão de Azevedo Alcaide mór
 » com o lingua, e alguns piães pera o acompanharem, » o que logo lhe mandou. E ao tempo que esperava por ElRey, ouviram em terra grandes gritas, e apòs ellas víram vir fugindo Christovão de Azevedo, e recolher-se ao seu balão, que estava com a prôa em terra; e chegando a D. Affonso de Noronha muito affrontado, lhe disse:
 » Ah Senhor, que nunca vi tão má gente
 » como esta; chegando ás casas de ElRey,
 » deram em mim, e feriram o lingua, e mataram-me alguns moços, e eu milagrosamente escapei: ide-vos, que aqui não tenho des que fazer. » Vendo D. Affonso de Noronha tamanha maldade, poz os olhos nos Ceos, e levou as mãos ás barbas, dizendo: » Ah Senhor, não se pudéra agora fazer troca, de quatro annos que governei

» a India por hum só, pera me vingar de-
 » te negocio?» e assim fervendo em ira, e
 furor mandou levar ancora, e foi-se com
 aquella magoa pera Cochim. E porque se
 fazia tempo de se embarcar, mandou dar
 pressa ao aviamento das náos, e a carga prin-
 cipalmente da não Santa Cruz, que estava
 aberta, que foi vista pelos Officiaes, que ju-
 raram que estava pera fazer viagem; porque
 a cubiça dos homens he tamanha, que faz
 ter em pouco todos os perigos da vida,
 pondo os Officiaes os olhos, não no risco
 que corria huma não aberta pelo meio, se-
 não no proveito que esperavam daquella via-
 gem, por não haver naquelle anno mais que
 tres náos. D. Affonso de Noronha foi cor-
 rendo com a carga, e despachando muitas
 cousas de Justiça, porque os Viso-Reys, e
 Governadores, que acabavam seu tempo, por
 especial Provisão tinham os mesmos pode-
 res, em quanto estavam em Cochim, na Jus-
 tiça, e carga das náos.

Recolhida a carga, deram á véla até quin-
 ze de Janeiro deste anno de 1555, em que
 com o favor Divino entramos, embarcan-
 do-se nesta Armada muitos Fidalgos, pera
 irem requerer seus serviços; e dos que pu-
 demos saber os nomes, são os seguintes:
 D. Fernando de Menezes, filho do Viso-
 Rey D. Affonso de Noronha; D. Manoel
 Maí-

Mascarenhas, irmão do Conde de Santa Cruz, que faleceu pouco depois de chegar ao Reyno; Gil Fernandes de Carvalho; e D. Jeronymo de Castello-branco, que se embarcaram na náó Santa Cruz com Belchior de Souza; porque a náó de D. Affonso de Noronha hia muito pejada, e desapareceu no caminho, sem nunca se saber como, nem onde; mas presumio-se que se abriu pela próa, por onde já abríra vindo do Reyno, e acabáram alli aquelles dous Fidalgos, e esforçados Cavalleiros, que todos geralmente sentíram, sem chegarem a lograr o galardão de seus feitos, nem pendurarem nos Templos da Europa os pendões de seus troféos, porque a morte invejosa delles os atallhou em flor; mas por muito que ella faça, não o poderá fazer á memoria que nesta nossa escritura lhe temos dado, porque sobre isso não tem ella poder algum. A náó Conceição, e S. Paulo, em que D. Affonso de Noronha hia, chegaram ao Reyno. Foi este D. Affonso de Noronha, filho de Dom Fernando de Menezes, segundo Marquez de Villa-Real, e de Dona Guiomar Freire, Senhora da Villa de Alcoutim, por cujo casamento se ajuntou aquelle Condado á casa de Villa-Real, e ElRey D. João lhe fez mercê, que os primeiros filhos dos Marquizes se intitulassem Condes de Alcoutim. Foi

este D. Affonso de Noronha casado com Dona Maria Deça, irmã de D. Pedro Deça, o de Santos o Novo, teve della D. Fernando de Menezes o Gago, que he este que com elle veio á India, e tomou as galés. Dom Miguel de Noronha, D. Jorge de Noronha, e outro. Teve mais Dona Catharina Deça, que sendo Dama da Rainha Dona Catharina, casou com D. Rodrigo de Mello, Conde de Tentugal: seu filho D. Fernando com tomar as galés na India o não vimos despachado, nem luzirem nelle muitas mercês; ainda que se dizia, que lle sahíam com as fortalezas de Cofala, e Moçambique. Viveo D. Affonso de Noronha pobre; e tanto, que depois de ser de setenta annos, servio a Infante Dona Maria de seu Mordomo mór, e Governador de sua casa. Foi de meã estatura, bem assombrado, homem de verdade, continente, de pouco artificio, pelo que foi havido por de não muito negocio: morreu de mais de setenta e cinco annos, com muitos filhos, e netos honrados. E á elle tambem Deos nosso Senhor o honraria na Gloria, porque era muito bom Christão. Algumas cousas fez na India muito boas, bateo patações de prata, que foi a melhor moeda que na India houve, porque por sua pureza corria em todos os Reynos estrangeiros. Começou a fortaleza, que está no monte

te dos Reys Magos, sobre o banco da barra pera defensão daquelle canal, se viessem galés contra Goa, do que se temia, a que poz nome *Castello-Real*; mas ficou imperfeita, e assim esteve muitos annos, porque não costumavam os Viso-Reys acabar o que os outros começáram, por lhes não approvarem suas cousas. E sendo Governador da India Manoel de Sousa Coutinho, se reformou, e ao sopé mandou fabricar huma forte couraça, que corre até á borda da agua, pera ficar mais senhora da barra, que continuou Mathias de Albuquerque, e o Conde da Vidigueira D. Francisco da Gama a acabou, e mandou alimpar, e perfeição a fortaleza, que D. Affonso de Noronha fez, que estava hum mato bravo, e fazer nella casas pera aposento dos Capitães; e em seu tempo se começou da outra banda da praia defronte hum forte, que se chama S. Francisco; sobre o banco grande, que responde a estoutros; com o que ambas aquellas barras ficam seguras; e se podem cerrar com huma cadeia de maços, que não deixem passar embarcação alguma, por pequena que seja; e com estas obras corre a Cidade de Goa, e faz as despezas do dinheiro de hum por cento, que os moradores concedêram pera a fortificação da Cidade.

CAPITULO VII.

Do que aconteceo a Fernão Martins Freire em Surrate: e da Armada que o Viso Rey ordenou pera o Estreito de Meca: e do recado que mandou ao Imperador da Abassia: e do que aconteceo a Vasco da Cunha com ElRey de Chembe sobre as pazes.

DEpois da chegada de D. Fernando de Menezes a Goa, a poucos dias chegaram ao Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas as novas das náos que tomou o Cafár, o que elle sentio muito, e determinou de mandar huma Armada ao Estreito de Meca, pera ver se se podia encontrar com aquelle cofairo; pera o que mandou preparar alguns navios de alto bordo, e outros de remo, e ajuntar marinheiros pera esta jornada. Dom Pedro Mascarenhas, filho de D. Nuno Mascarenhas, que tinha vindo com o Viso-Rey, (e era hum Fidalgo de grande opinião, e deseioso de servir a ElRey em lugares honrosos,) tanto que teve esta nova se foi ao Viso-Rey, e lhe pedio de mercê aquella Armada, pera começar a servir a ElRey por aquelle lugar, pera delle subir a outros; que elle trabalharia por merecer. O Viso-Rey lhe respondeo por termos, que nem lho

58 ASIA DE DIOGO DE COUTO

lho concedeo , nem lho negou de todo ; e todavia sempre elle esperou que lha dêsse. O Viso-Rey corria com ella em segredo , sem se declarar com alguém ; e porque a costa do Malavar estava só , despedio pera ella a Gomez da Silva , (hum Fidalgo Gallego grande cavalleiro , em quem muitas vezes temos fallado em nossas Decadas ,) e lhe deo huma galé , e cinco navios , que por então lhe pareceo bastavam. Andando occupado nisto , lhe chegáram cartas do Rey da Pimenta , com outras do Capitão de Cochim , em que lhe pedia aquelle Rey lhe mandasse hum Capitão velho , com seus poderes , pera assentar com elle os contratos das pazzes ; porque D. Affonso de Noronha , pela grande pressa que tivera de se embarcar pera o Reyno , não quizera acabar aquelle negocio , pondo-lhe a culpa que elle tinha ; porque como se sentio culpado , quiz dar esta desculpa , (couza muito ordinaria nestes Gentios de todo o Oriente , e ainda de muitos Christãos da nossa Europa , o que se sente mais culpado , acudir primeiro a fazer o queixume , por saberem quão ordinario he no Mundo a primeira informação fazer mais impressão nos animos dos homens.) O Viso-Rey , posto que não faltou quem lhe dissesse a verdade do caso , quiz dissimular , e enfaccar aquelle Rey ; porque como era che-

gado de tão pouco á India, não quiz logo entrar com terror, nem mostrar-se pouco sofrido; porque quando tambem fosse necessario, haviam de achar nelle rigor, e castigo. E dando conta daquelle negocio aos Capitães do conselho, pareceo a todos bem sua determinação, e logo alli elegeo a Vasco da Cunha, que acabára de ser Capitão de Chaul, pera se ir ver com aquelle Rey, por ser hum Fidalgo muito prudente, de grande conselho, e muito resolutos nos negocios da India; e lhe deo todos os seus poderes pera assentar as pazes com aquelle Rey, e se fez á véla com cinco, ou seis navios, quasi no mesmo tempo que Gomez da Silva partio pera o Malavar; e em quanto faz seu caminho, continuaremos com Fernão Martins Freire, que deixámos em Surat no negocio das galés.

Alli estive no poço, em quanto Ruy Freire, e o Patrão mór se detiveram em cercar as galés, que foram sete dias, e em todos elles corrêram antre o Capitão mór, e o Caracem muitos recados, com presentes; e brincos curiosos de hum pera outro. Concluido o negocio, e desfeitas as galés em seis partes cada huma, ordenou o Capitão mór ficar naquella enxada Pero Barreto Rolim com dez navios pera esperar as náos, que haviam de vir do Achém sem Cartazes;

e

e elle se fez á véla pera Baçaim. E porque nesta jornada de Pero Barreto não succedeo cousa notavel, o deixaremos aqui.

Fernão Martins Freire achou em Baçaim muito dinheiro, que o Viso-Rey lhe tinha mandado, com que fez huma paga aos soldados; e depois de fazer alguns negocios, deo á véla pera Goa, aonde chegou em poucos dias, e o Viso-Rey pelo honrar o esperou no rio na sua manchua, e o recolheo nella com muitas honras, e depois lhe fez mercês a elle, e a todos. E porque não esperava mais que por elle pera se declarar na Armada que fazia pera o Estreito, o commetteo com ella; mas sobre mais navios, e cousas que lhe pedio, desfarmáram; o que visto pelo Viso-Rey, mandou chamar Dom Pedro Mascarenhas, que lha tinha pedido, e o commetteo com ella; e como elle tinha já sabido que Fernão Martins Freire lha engeitára, tomou-se tanto disso pelas cousas que ambos tinham passado, que em se sahindo do Viso-Rey, fretou hum navio, em que logo se embarcou pera Dio, onde invernou com D. Diogo de Noronha, Capitão daquella fortaleza, e o anno seguinte se embarcou pera o Reyno sem querer ver o rio. Vendo-se o Viso-Rey desfarmado de Fernão Martins, e de D. Pedro, deo a Armada a Manoel de Vasconcellos,

los , que foi correndo com ella com muita pressa.

E porque trazia muito encommendado de ElRey mandar visitar o Imperador da Abassia , e mandar-lhe as cartas que lhe escrevia sobre o Patriarca , e Bispos , que o Papa lhe tinha concedido , ajuntou a conselho o Bispo D. João de Albuquerque , e os Prelados das Religiões , e lhes deo conta daquelle negocio , e a todos pareceo bem que se mandasse hum Religioso da Companhia , e com elle Diogo Dias do Preste , que se achou presente naquelle conselho , por ser hum dos que lá andáram em tempo de Dom Christovão da Gama , e que a voltas da visitação apalpassse o animo com que aquelle Imperador estava na mudança dos costumes , e recebimento do Patriarca Catholico ; e que achando-o facil , como ElRey desejava , ficasse o Religioso com elle instruindo-o nos costumes Romanos , e preparando-o pera quando chegasse o Patriarca ; porque se não havia de abalar de Goa senão depois que soubesse se estava capaz do que se pertendia.

Concluidos nisto , nomeou o Provincial da Companhia , o Padre Mestre Gonçalo , por ser hum Varão douto , e de vida exemplar ; e por companheiro ao irmão Fulgencio Freire , que fora Feitor de Baçaim ;

e pera o levar, mandou o Viso-Rey negociar humia galeota, de que fez Capitão Fernão Farto, (por ser o mais antigo homem daquelle Estreito, e ter entrado nelle sete, ou oito vezes,) que partio de Goa em Fevereiro, em que tambem Manoel de Vasconcellos se fez á véla com a sua Armada, que era de tres navios d'alto bordo, e cinco fustas, de cujos Capitães não achámos os nomes, que foram seguindo sua viagem, em que os deixaremos, porque he necessario continuarmos com Vasco da Cunha, que deixámos partido pera Cochim.

Chegando este Fidalgo áquella Cidade, despedio Christovão de Azevedo, Alcaide mór, com recado ao Rey da Pimenta » de » como era chegado com poderes do Viso- » Rey, pera acabar de concluir as pazes com » elle, por lhas elle mandar pedir por suas » cartas; que elle estava prestes pera tudo, » que visse o modo que nisso queria ter; e » por lhe elle mandar dizer, que estava mui » alvoroçado pera cumprir tudo o que es- » crevéra ao Viso-Rey, que se fosse ver com » elle, o fez; » e foi surgir com humia somma de embarcações, que em Cochim se ajuntáram defronte do Pagode de Vaigeta, onde logo teve recado de ElRey de visitaçãõ, e lhe pedio » que aquelle dia descan- » çasse, que ao outro pela manhã se viriam; »

no que o enganou , porque gastou quatro em recados , e entretimentos , e ao quinto lhe mandou dizer » que se queria que se vissem , havia de ser á borda da agua , com » só cinco Portuguezes de espadas , e rode-las , e que elle havia de ter dez dos seus » Naires. » Nisto não reparou Vasco da Cunha , e lhe mandou dizer » que era disso muito contente ; » e assim se ficou preparando pera as vistas do dia seguinte. Estando já prestes , esperando que ElRey chegasse , havendo que não haveria d'úvida nas vistas , chegou hum Naire , que servia de lingua de ElRey , e disse a Vasco da Cunha » que ElRey lhe mandava pedir , que se não enfastasse , que lhe succedêra hum negocio de » muita importancia , porque o não podia » ver ; que lhe rogava muito , que ficasse pera o outro dia , que sem d'úvida se viria » ver com elle. » Vasco da Cunha muito enfadado daquelles enganos , levou o Naire pelos cabellos , e apunhando da espada , disse ao lingua : » Dizei a este Naire que lhe não » córto a cabeça , porque leve a ElRey este » te recado ; que lhe vá dizer , que a mim » me chamam Vasco da Cunha , que sou » muito conhecido por toda a India , e que » melhores escravos tenho na minha estrebalaria pera servirem os meus cavallo , do que » elle he. » Q lingua disse » que não se cof-

» tu-

N IMPRENSA
NACIONAL

» tumava a fallar assim aos Reys; » do que Vasco da Cunha se irou tanto, que arrancou da espada, e disse ao lingua » que se » lhe não dava aquelle recado, lhe havia de » cortar a cabeça. » O lingua muito medroso lho deo; mas como era em lingua Malavar, que Vasco da Cunha não entendia, sería qual elle quizesse. Vasco da Cunha soltou o Naire, que se tornou muito assombrado pera a terra, e lá contou a ElRey o que lhe succedêra. Tanto que se elle detembarcou, mandou Vasco da Cunha levar ancora, e tomar o remo pera se ir pera Cochim; e sendo hum tiro de espingarda afastado da terra, lhe capeáram da praia: o que visto por Christovão de Azevedo, cheggou-se ao navio de Vasco da Cunha, e lhe disse » que o bom sería tornar a voltar » ver o que aquelle Rey queria; » ao que elle muito apaixonado lhe respondeo » que » se tirasse dediante delle, porque mais me » recia elle que lhe cortassem a cabeça, que » ao Rey da Pimenta; » e passando por diante, se foi pera Cochim, ficando assim estas cousas, sem se tomar nellas conclusão. Era isto na semana Santa, e logo dia de Pascoa pela manhã entrou Gomez da Silva, Capitão mór do Malavar, pela barra dentro com quatro, ou sinco parós de Malavares, que tomou com todo seu recheio. E reco-

lhen-

lhendo alli as náos de Malaca, China, Bengala, e mais partes, se partio pera Goa, aonde chegou com huma formosa frota de navios, carregados de muitas fazendas. Quasi no mesmo tempo surgio tambem na barra de Goa a não Espadarte da companhia do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, que foi invernar a Ormuz, como dissemos. E porque Fernão Gomez de Sousa, que nella vinha por Capitão, trazia a Capitania de Cochim, o despachou logo o Viso-Rey pera ir entrar nella; e o mesmo fez a Affonso Pereira de Lacerda, Capitão que lá estava, pera de lá ir servir a Capitania de Columbo em Ceilão; e despachou tambem Dom Duarte Deça, pera ir entrar na Capitania de Maluco, que foi embarcado na não Conceição, de que era Capitão D. Jorge Deça, que estava despachado com aquellas viagens. Despedidos estes Capitães, e recolhidas as Armadas, se cerrou o inverno.

Do que aconteceu a Manoel de Vasconcellos no Estreito: e de como Fernão Farto lançou os Padres em Arquico: e do que aconteceu ao Padre Mestre Gonçalo até ao Corte daquelle Imperador: e de todos os Reys que houve desde a Rainha Sabá até este Claudio: e do que o mesmo Padre passou com o Imperador.

PArtido Manoel de Vasconcellos de Goa, como dissemos atrás no Cap. VII., e em sua companhia Fernão Farto, que levava os Padres pera irem a Abassia, foram seguindo sua derrota até haverem vista da costa da Arabia, e Manoel de Vasconcellos se foi lançar com toda a sua Armada a Monte de Felix, como levava por regimento, pera alli esperar as náos que haviam de vir do Achem; e alli esteve até se lhe gastar a monção, sem lhe vir cahir alguma nas mãos. E sendo tempo de se recolher a invernar em Mascate, pera recolher as náos de Ormuz, e lhe ir dando guarda até Goa, por se recearem do cossairo Cafár, se fez á véla, e foi surgir naquelle porto, onde desapparelhou, e esteve até Setembro, e entrada de Outubro, em que recolheu a si todos os navios. E por que esta jornada não foi de mais effeito, concluimos aqui com ella.

Tanto que Fernão Farto houve vista da costa de Arabia, foi demandar a boca do Estreito da banda do Achém, por onde entrou, e foi dalli tomar Maçuá. E no porto de Arquico lançou os Padres, e Diogo Dias do Prêste, e elle se foi pelo Estreito pera tomar falla das galés; e achando certeza que não se bullia com ellas, e que só as de Cafár estavam varadas, voltou pera Goa, e deo relação ao Viso-Rey do que passava. Os Padres depois que desembarcáram em Arquico, com algum apparelho que alli acháram, foram ter ás terras do Barnagais, que os recebeo bem, e lhes deo todo o necessario pera passarem á Corte do Imperador Claudio, a que os ajudáram alguns Portuguezes que alli estavam, que os recebêram, e agazalháram muito bem, e se negociáram pera os acompanhar, como fizeram, e partíram de Baroá muito bem providos de tudo, e foram na derrota da Provincia de Gorajé, onde o Imperador estava, que he toda de Gentios, e jactão-se de procederem dos Romanos, que alli ficáram, de quando aquellas Provincias foram suas; e em poucos dias chegáram á Corte, onde foram muito bem recebidos de noventa e tres Portuguezes, homens muito limpos, e honrados, que ficáram da companhia de D. Christovão da Gama. Estava neste tempo aquelle Impe-

rio muito attribulado, e quasi perdido com guerras, que lhe faziam dous crueis inimigos: huns, eram os Mouros de Adel favorecidos dos Turcos de Zebit, que já des do tempo de D. Christovão da Gama continuavam; como no Cap. XIII. do VIII. Liv. da nossa quinta Decada démos larga conta; e os outros, huns Cafres crueis, e barbaros, chamados os Gallas, que confinão pelo certão com as terras daquelle Imperio, que faziam muitas, e mui continuas entradas por ellas com grandes damnos, e cruezas, com o que aquelle Imperador andava inquieto, e attribulado. Os Portuguezes, que dissemos, cujo Capitão era Gaspar de Sousa, agazalharam na Corte os Padres muito honradamente, e fizeram saber ao Imperador de sua chegada, que os mandou visitar, e prover.

E primeiro que passemos daqui, será bem que demos relação de todos os Reys, que reináram nesta parte da Ethiopia, des da Rainha Sabá até hoje; porque no Cap. X. do VII. Liv. da nossa quinta Decada não démos de mais, que daquelles Imperadores, que succedêram depois que descobrimos a India, pela não termos tão perfeitamente como hoje, que no-la mandou delá o Padre Belchior da Silva, Sacerdote Theologo Prégador, Canarim de nação, nasci-

cido em Goa, que no anno de noventa e oito, sendo Viso-Rey da India o Conde da Vidigueira, o mandou por administrador da Christandade daquelle Imperio até prover de Religiosos em quantidade, havendo commo- didade pera se embarcarem. E como este ho- mem era curioso, tirou de huns livros an- tigos, que achou em huma daquellas Igre- jas, o catalogo de todos os Reys, que reiná- ram na Ethiopia sobre o Egypto, depois da Rainha Sabá, a quem se deve dar mais credito que a outros escritores; porque sempre os Chronistas proprios tem mais au- thoridade no fundamento de seus Reynos, e origem de seus Reys, que os alheios.

E porque entre alguns escritores ha gran- de controversia sobre esta Rainha Sabá, que alguns cuidaram mal, que he a mesma que Candasses, diremos agora o que sobre isto escrevem, e se he esta a que chamam Ni- tochris, Nicaula, ou Candasses, e a diffe- rença que ha de huma a outra. Josefo, e Herodoto conformam ambos no tempo do reinado desta Sabá, ou Nitochris (como lhe elles chamam.) Dizem estes, que depois que em Egypto reinou Mene, que fundou Mem- fis, (posto que Apolodoro diz, que a fun- dou Ephapho,) reinaram trezentos e trin- ta Reys, de que os dezoito foram Ethio- pes. E depois destes reinou Nitochris, que

Josefo diz, que foi Rainha do Egypto sobre a Ethiopia, e que fora visitar a ElRey Salamão.

As historias Abexins dizem, que a Rainha Candasses, por outro nome Guindich, era da Cidade de Acuxuma, e que em seu tempo entrára a Christandade naquella terra, pelo modo que se conta nos Actos dos Apostolos; onde diz que apparecêra hum Anjo a S. Filippe, e lhe dissera, que se alevantasse, e se fosse pera o meio dia, e seguir-se aquella estrada deserta, que vai de Jerusalem a Gaza; o que S. Filippe fizera, e naquelle caminho encontrára hum Eunuco da Rainha Candasses, que vinha de visitar o Templo de Jerusalem, e hia sobre huma carreta lendo huma profecia de Isaias; e que S. Filippe lhe perguntára se a entendia: e respondendo-lhe que não, lha declarára, e por ella se converteo logo alli, e S. Filippe o bautizára. E que chegando este Eunuco á Rainha, lhe contára tudo o que passára com o Santo, e ella se converteo logo, e o seu Reyno com ella. Pelo que se verá a grande differença que há da Rainha Candasses á Rainha Sabá; porque esta concorreo em tempo de ElRey Salamão, que foi antes da vinda de Christo; e a outra no de S. Filippe, que ha muitos annos de differença. E segundo parece a alguns doutos,

não era muito que nesta Rainha Sabá se acabasse a Dinastia 21. e ElRey Sefac. Dizem mais Josefo, Naucloero, e Cedreno, que antre as cousas que a Rainha Nicaula levou, e offereceo a Salamão, foi a arvore, ou parra de Balsamo, e que dalli por diante ficou plantada em Judéa; posto que Solmo diz, que esta preciosa parra, depois que os Romanos se senhoreáram do Egypto, a plantáram em muitas partes. Era esta Rainha tamanha Senhora, que se estendia seu Imperio des do mar do Egypto até o de Çofala.

Já que estamos com estas cousas entre mãos, será bom que mostremos que Provincias são as de Ophir, e Tharsis, onde Salamão Rey de Jerusalem mandava buscar as cousas preciosas pera o Templo, pelas varias opiniões que há sobre isso antre os escriptores. E trataremos primeiro da de Ophir, que todos tem por Çofala; porque parece que assim chamavam então a toda aquella Cafraria, donde hia o ouro pera o Templo de Salamão; e que o Rey de Çofala, que todos tem por Ophir, devia de ser naquelle tempo Senhor de tudo o que hoje possui o Manamotapa; e como se nomeava por Rey de Çofala, comprehendia debaixo deste titulo todas as terras que possuia. Mas a verdade he, que Ophir he huma Provi-

cia

cia de Manamotapa, que se chama Mascapa, onde está huma grande, e formosissima serra, que se chama Afura, ou Aufur, que tem muita semelhança no nome com Ophir. Esta serra se vê de muito longe por ser muito alta, e não deixam subir a ella nenhum Portuguez, porque he mui rica de ouro; e alguns que lá foram ás escondidas, acháram ruinas de grandes edificios que alli estiveram, que os Mouros muito antigos affirmáram, pelo ouvirem assim a seus antepassados, que já alli estivera a Rainha Sabá. Mas o mais certo he, que teve alli fortaleza, e feitoria, como tambem o foi aquelle grande edificio, chamado Zimbae, que está no Reyno de Búrua. E estas fortalezas, ou feitorias mandou aquella Rainha fazer pera senhorear aquellas minas de ouro, por serem as mais prosperas de toda aquella Cafraria, de que ella (conforme as escrituras Abexins) foi senhora, e depois della seu filho Salamão, e daqui se tirou o ouro, que ella levou a oferecer ao Templo de Jerusaleem.

Pelo que se enganam os que dizem, que Ophir era huma Ilha posta no mar do Sul, que foi descuberta por Christovão Colon, que devem de dizer pola Hespanhola. E alguns fazem Çamatra a Ophir, e outros a põe por outras partes, não sei com que fundamento. E prova mais esta minha opinião

a tradição dos livros Caldeos dos Christãos das serras de S. Thomé, que dizem Ophir, e Aufur, e que esta he Çofala, conforme ao que me escreveo o Bispo da mesma serra D. Francisco Roz.

A Provincia Tarsis, onde Salamão tambem mandava suas Armadas a buscar coufas pera o Templo, por sem dúvida tenho ser todo aquelle seio de Pegú, e Tanaçarim, que em alguma cousa parece este nome. E em Onesecrito author Grego achámos, que fallando na Tapobrana, diz, que era de sinco mil estadios, e que estava apartada dos pòvos Prasis sobre o Gange espaço de vinte jornadas. E deixando se falla aqui de Çamatra, se de Ceilão, porque isso tenho averiguado no Cap. V. do I. Liv. da minha quinta Decada, onde se isto verá muito bem, vamos á Provincia Tarsis, que tenho pola de Pegú, e Tanaçarim, que Onesecrito chama Parsijs, que diz estar sobre o Gange, em que differe tão pouco, que não he mais que na primeira letra ser T, ou P. Esta Provincia he riquissima de ouro, e pedraria, e infinidade de marfim, pela grande cópia, e número de Elefantes que nella ha. E as Armadas de que a Divina Escritura falla, que Salamão mandava a Ophir, e Tarsis, sendo tão distante como he o de Çofala a Pegú, não ha pera que pôr dúvida a

isso, porque as cousas hiam-se buscar aonde as havia. E ainda não duvido que as náos que hiam a Pegú buscar as cousas que disse, que passassem diante a Malaca, e a Çamatra, e a Manancabo, e ainda a Timor a buscar o outo, e a rica, e formosa madeira de Aguila, e de Sandalo branco, e vermelho, e todas as mais cousas preciosas que ha por aquellas partes. E como faziam tão differentes viagens donde se haviam de esperar monções, de força, e necessidade se haviam de deter o tempo de tres annos, que a Escriitura Divina diz.

E quanto ao que diz Rabano, author que se tem por grave, que Ophir era huma Ilha deserta no mar da India, onde havia muitas feras, e muito ouro, não lhe acho fundamento; porque se era deserta, e cheia de bichos peçonhentos, quem a penetrou, e vio o seu ouro pera dar razão delle? E hoje temos descoberto tudo o que ha neste mar do Oriente, a que chamamos India, assim intra, como extra Ganges, e não sabemos Ilha alguma que tenha ouro, nem ainda terra firme, senão os Reynos de Pegú, e Sião, e Manancabo, e Çamatra. Se não se estas Armadas passáram adiante ás Ilhas de Salamão, que estam junto á terra firme da nova Guinéa, onde diz haver muito ouro, que ha poucos annos que são sa-

bi-

bidas de nós. E pela ventura que destas Armadas se ficassem chamando as Ilhas de Salamão, porque não acho donde pudessem ter este nome. Tornemos agora á Rainha Sabá.

Alguns escritores duvidam que ella fosse Rainha herdeira directamente daquelle Reyno, e allegam pera isso Lei feita por Salamão, em que defende, que na herança daquelle Reyno nunca succeda femea, como o affirma o Bispo Zagazabo, de que démos relação no Cap. V. do I. Liv. da nossa quarta Decada, de quando foi por Embaixador a Portugal em companhia de D. Rodrigo de Lima, que era douto, assim nas letras Divinas, como humanas; e trata isto muito bem em hum livro, que compoz das cousas da Ethiopia, muito diligentemente. Ao que alguns escritores dão suas razões, e vem as mais a concordar, que se chamaria Rainha por ser mulher de Rey, como he costume antre os Reys Christãos, principalmente no nosso Reyno de Portugal, onde as mulheres dos Reys, depois de viúvas, em quanto vivem, não perdem o tal nome, nem a veneração que se lhes deve. Mas a mim me parece que foi verdadeira herdeira daquelle Reyno, e que succedeo nelle a seu pai por não ter filho, assim como succedeo no de Castella a Catholica Rainha Dona Isabel.

E

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E posto que o Bispo Zagazabo allegue aquella Lei, póde ser não seja feita por Salamão Rey de Jerusalem, senão por seu filho Salamão, que houve nesta Rainha Sabá, como logo diremos; porque o Rey de Jerusalem não era Senhor dos Reynos da Ethiopia pera lhes dar Leis. E que seja verdade que esta Rainha Sabá viera prenhe de ElRey Salamão, quando o foi visitar a Jerusalem, se verá muito claro no Tratado do Padre Francisco Alvares, que quando foi áquelle Império com D. Rodrigo de Lima, diz que achára huma Chronica em lingua Abexim, em cujo principio dizia, que fora feita em Hebraico, e depois em Caldeo, que começava desta maneira:

Sabendo a Rainha Maqueda os grandes e admiraveis edificios que ElRey Salamão fazia em Jerusalem, determinou de os ir ver, e carregou alguns camellos de ouro pera as despezas daquella obra. E indo seu caminho, sendo perto da Cidade de Jerusalem, estando pera passar hum ribeiro, que se servia com huma ponte de páo, ou por dous formosos madeiros, arrebatada de hum espirito profetico, descavalgou, e posta de gólios adorou aquelles madeiros, dizendo: » Que nunca Deos permittisse que seus pés tocassem aquellas traves sobre que havia de padecer ainda o Salvador do Mundo; »

e foi rodeando o rio, e buscando váo. E chegando a Jerusalem, se apresentou a Salamão, e lhe offereceo os dões que levava, e lhe pedio » que mandasse tirar dalli aquelles madeiros, » dizendo a razão porque. E vendo os edificios, disse: » Que não lhe souberam dizer da grandeza daquella obra; » e que verdadeiramente era muito maior do que lhe disseram; e que se soubera a magnificencia della, não trouxera tão pequenos dões; mas que tornaria a seus Reynos, e que de lá lhe offereceria outros maiores; » e nos dias que esteve em Jerusalem, houve Salamão nella hum filho, que se ficou creando na Corte até idade de dezeseis annos, que era tão feroz, e soberbo, que por se queixarem os póvos delle ao pai, o mandou pera Ethiopia, onde a mãe reinava, e lhe nomeou o Reyno de Gazé; e que viera a ser tamanho Senhor, que senhoreára de mar a mar, e que no da India trazia de continuo setenta náos grossas pera defensão de seu Estado. Tudo até aqui he da Chronica Abexim, que o Padre Francisco Alvares refere no livro que compoz daquella viagem. Donde inferimos o que dissemos, que não ficou ao marido desta Rainha Sabá herdeiro algum por sua morte, e que o filho que houve de Salamão veio a herdar tudo; e que antes de vir a ser Rey se cha-

mava Mihilecha, e a mãe mandou que se chamasse Salamão como o pai, e nelle se começa o catalogo dos Reys que depois della houve, como o nós aqui fazemos.

Salamão, Amna Sahacan, Baren Gabo, Sabacio, Thoasca, Adona, Aufayo, Omacio, Choá, Luvo, Autata, Bahaca, Savarda, Adina, Gotolea, Safalca, Elgabul, Bautaul, Bavares I. Bavares II. Mahafe, Nalque, Balzol.

No oitavo anno deste Balzol, dizem suas escrituras que nasceo Christo, e depois de seu Nascimento reináram os Reys seguintes.

Chempas Gad, ou Bhur Sagad, Grima Cafár, Sarado, Cucu Bacheon, Sargay, Zeray, Sana Afgad, Cheona Gaya, Macugna, Safarad, Agdar.

Abraha, e Cabalia, ambos irmãos, que reináram juntos, e conformes, em cujo tempo foi á Ethiopia hum Patriarca, chamado Minatos, e por outro nome Pantaleão, que prérgou a Lei de Christo; e posto que no principio fugíram d'elle, depois que entenderam sua doutrina, a tornáram a ouvir, e muitos se convertêram á Fé de Christo, e lhe puzeram nome Abasalão, que quer dizer, pai da paz. A elles succêderam os seguintes.

Haspha, Arfid, Anci, todos tres irmãos, que governáram successivamente, Arada, Aladadova, Amamid.

No reinado deste Amamid foram ter a Abassia muitos Frades santos a prégar a Lei de Christo, e dous Reys Christãos com grandes exercitos por via do mar Roxo, e os naturaes se recolhêram pera os matos, e os Reys ficáram senhoreando a terra; mas suas escripturas os não nomeam, nem dizem se reináram juntos, mas dizem que depois delles houve os Reys seguintes.

Thazena, Caleb, Gabra Mascal, Constantinus, Basgar, Zansagad, Frey Senay, Adoraza, Aidar, Madai, Calaudamo, Grima Asfar, Zergaza, Digna Michael, Bud Gaza, Arma, Asbanani, Digna Zana, Ambasa o dem o Delnaad.

Todos estes Reys dizem que vem por linha direita da Rainha Sabá, ou de Salamão seu filho, e que estoutros que se seguem são de outro Tribu; por onde parece que aquelles dous Reys, que entráram a conquistar aquelle Reyno, se acabáram nelle.

Hicu Namale, Agba Acheon, Bhar Sagad, Hesba Sarad, Cama Afsad, Udamo Arad, Anda Cheon, Ccifa Arad, Ud Doma, David, Theadros, Isac, Andreas, Asbina, Anda Jesus, Bad Linavi, Jarai acob, Beda Mariad, por outro nome Zeriaco.

Hescander, por outro nome Alexandre, que faleceo no tempo que Vasco da Gama descubrio a India, que foi o com

que

que fallou Pero de Covilhã, que foy por terra.

Anda Cheon, por outro nome Naut, que reinou doze annos.

David seu filho, que ficou menino de baixo da tutoria de sua mãe Helena, que he o que mandou o Imperador Mattheus ao Reyno, e a quem ElRey D. Manoel mandou D. Rodrigo de Lima.

Oena Saged, filho de David, em cujo tempo foi D. Christovão da Gama áquelle Imperio.

Claudio, ou Athana Saged, filho de Beana Saged, que he este que reina neste tempo, e este foi morto pelos Mouros, e succedeo-lhe elle.

E tornando a continuar com o Padre Mestre Gonçalo, depois de descansar alguns dias, muito bem servido, e agazalhado de todos os Portuguezes, foi levado ao Imperador Claudio, que o recebeu muito bem, e elle lhe deo as cartas de ElRey, e do Viffo-Rey, eferitas em lingua Portuguez, e Abexim, que elle recebeu com muito alvoroço, e por ellas entendeu a tenção de ElRey; e despedindo o Padre, mandou que o provessem de todo o necessario; e dali a alguns dias o ouvio, presentes os seus Grandes, e elle lhe deo a embaixada que levava, que continha o seguinte.

» Que ElRey de Portugal seu irmão lhe
 » mandava pedir, que a exemplo de seu pai,
 » e avô, seguisse o verdadeiro caminho de
 » sua salvação, e communicasse com os Ca-
 » tholicos, dando a obediencia á Santa Sé
 » Apostolica, e Igreja Romana, como ca-
 » beça de toda a Christandade; que elle ti-
 » nha significado ao Summo Pontifice seu de-
 » sejo, conforme ás cartas que elle sobre
 » aquelle negocio lhe escrevêra. Que movi-
 » do de seu santo zelo, lhe tinha concedido
 » hum Patriarca, e dous Bispos, que fica-
 » vam em Lisboa, pera virem na primeira
 » Armada; que havia elle de estimar muito
 » o amor com que o Vigario de Christo se
 » movia a acudir a seus rogos, e a lhe man-
 » dar os mais escolhidos Varões que pode,
 » pera o instruirem a elle, e aos seus nos-
 » costumes Romanos, pera poderem digna-
 » mente ser chamados irmãos dos Fieis, e
 » filhos da Igreja.» ElRey ouviu mui bem
 » tudo o que lhe o Padre disse; mas como es-
 » tava trastornado de seus primeiros intentos,
 » e tinha determinado de não mudar os cos-
 » tumes antigos de seus antepassados, ficou tur-
 » bado, e confusamente respondeo com pala-
 » vras duvidosas, ou por ser inconstante de
 » natureza, ou por estar persuadido, e acon-
 » selhado dos seus, mostrando-se logo muito
 » arrependido do que sobre isso tinha escrito

a ElRey ; e respondeo ao Padre » que elle
 » não sabia de carta alguma que escrevellesse
 » a ElRey de Portugal seu irinão sobre a
 » quella materia , porque nunca tivera ten-
 » ção de mudar as ceremonias , que havia
 » tantas centenas de annos se usavam naquelles
 » Reynos ; que se alguma cousa fallava
 » a carta, o seu Secretario a escreveria , sem
 » lho elle mandar. Mas que por cima de tudo
 » do elle era grande servidor de ElRey de
 » Portugal, e não deixava de lhe agradecer
 » a boa vontade, zelo, e trabalho, que nas
 » aquellas cousas tinha mostrado.» O Padre
 Mestre Gonçalo vendo a tenção de ElRey,
 não tratou de apertar logo com elle , mas
 deixou-se ficar alli , administrando os Sacra-
 mentos aos Catholicos , e visitando o Im-
 perador algumas vezes , tornando-o a pale-
 par pera ver se achava nelle alguma mudan-
 ça , declarando-se com elle , e mostrando-
 lhe pela Escritura quão necessario era pera
 se salvarem , deixarem o Bautifino da Cir-
 cumcisão , e tomarem o da agua , e darem
 com isso a obediencia á Igreja Romana ; mas
 como elle estava obstinado , e resolutos com
 os seus Grandes de não consentir mudança
 na lei, desenganou o Padre de todo. E por
 fim de razões disse » que bem podia ir o Pa-
 » triarca , porque folgaria de o ver , e que
 » em Maçuá acharia todo o apparelho neces-
 » sa-

» fario pera seu caminho ; e que depois de
 » ser lá , Deos nosso Senhor tinha poder pe-
 » ra o encaminhar a seguir o que fosse me-
 » lhor pera sua salvação. » Com este desen-
 » gano se deixou o Padre ficar até á monção ,
 em que o haviam de ir buscar , exercitando
 com os Catholicos o officio da caridade ; e
 assim o deixaremos até seu tempo.

CAPITULO IX.

De como D. Diogo de Noronha , Capitão de Dio , persuadio a Tartacan , que lançasse a Biscan fóra das terras de Dio , como fez : e de como D. Diogo de Noronha lançou mão de todo o rendimento daquella Alfandega : e de outras cousas que passáram.

NO fim da sexta Decada no Cap. XIX. do X. Liv. démos conta de como D. Diogo de Noronha , Capitão de Dio , tomou a fortaleza , que os Mouros tinham na Cidade , e de como deitou fóra da Ilha os Abexins ; e com tudo isto nunca quiz bulir na Alfandega , que se arrecadava a metade pera o Abiscan , (por humia Provisão de ElRey de Cambaya , por não romper com elle ;) mas como o Abiscan era homem inquieto , e muito soberbo , não deixou de buscar todos os modos pera tornar a met-

ter pé na Ilha de Dio , até determinar de o fazer por força , e commetteo a entrada por alguns passos , que lhe D. Diogo de Noronha mandou defender com as manchuas pelo rio , e com soldados ; com o que teve este verão grandes trabalhos , e inquietações. E vendo D. Diogo de Noronha que nunca teria bom vizinho no Abexim , tratou de o lançar fóra de todo daquellas terras , porque antes queria vizinhar com qualquer outro Mouro , que com elle ; e pera isto teve este modo.

Na sexta Decada no Cap. XVI. do X. Liv. démos conta , como os Senhores da Provincia de Cambaya se levantáram cada hum com o que governava , quando víram ElRey morto. Destes foi hum delles Tartarcan , Turco de nação , (que governava aquella parte de Junager até o Pagode de Jaquette ,) e era valoroso , de boa natureza , e muito bem inclinado. A este despedio Dom Diogo de Noronha hum homem seu em hum navio ligeiro , por quem o mandou visitar , e a pedir-lhe mandasse hum homem de confiança , porque tinha que tratar com elle cousas , que importavam muito a elles ambos. Este homem recebeu elle muito bem , e estimou a visitação ; e logo mandou embarcar no mesmo navio hum Mouro , chamado Melique Xeque , Guzarate de nação , ho-

mem de que elle fiava muito, a quem Dom Diogo de Noronha recebeu honradamente; e recolhendo-se com elle a huma camera, lhe disse estas palavras:

» Mandeí pedir a Tartacan hum homem
 » de confiança pera saber delle, qual era a
 » razão, que pois o tempo lhe offerencia ta-
 » manhas occasiões pera se fazer grande Se-
 » nhor, e ainda Rey de todo Cambaya,
 » porque se descuidava naquelle negocio,
 » sendo elle hum Capitão dos maiores, e
 » mais benemeritos que havia em todo aquel-
 » le Reyno, e em quem melhor estava tu-
 » do; que pois isto assim era, porque con-
 » sentia alli tão seu vizinho Abiscan, que era
 » hum Abexim fraco, falso, e sem mereci-
 » mento algum, e de quatro dias naquelle
 » Reyno, e vir elle a ter tanto bico, pelo
 » descuido delle Tartacan, que lançára mão
 » de hum Estado tamanho, como aquelle que
 » possuia? Que convinha a seu credito, e
 » authoridade lançallo fóra daquellas terras,
 » e apossar-se dellas, com o que ficaria o mór
 » Senhor de todos os de Cambaya; e que
 » elle o ajudaria por mar, e por terra, pe-
 » lo grande gosto, e proveito que tinha de
 » o ter a elle por vizinho.» Com isso lhe dis-
 » se outras muitas cousas, e o metteo em tan-
 » tas vaidades, que o fez cuidar poder ser ain-
 » da Rey de Cambaya. O Melique Xeque lhe

agradeceo aquellas lembranças, e lhe disse;
 » que elle as faria a Tartacan, a quem si-
 » gnificaria as obrigações em que lhe ficava
 » por aquella vontade.» E despedindo-o Dom
 Diogo de Noronha, o tornou a enviar no
 mesmo navio. Chegado elle a Junager, deo
 conta a Tartacan de tudo o que tratára com
 elle D. Diogo de Noronha, e lhe fez tam-
 bem sobre aquellas cousas muitas admoesta-
 ções, com o que levado Tartacan de vai-
 dade, e de ambição, quiz logo pôr mãos
 áquella obra, e começou a ajuntar suas gen-
 tes, e poz em campo passante de vinte mil
 homens, e despedio recado a D. Diogo de
 Noronha de sua determinação, e pedir-lhe
 » que o favorecesse com huma Armada pe-
 » la costa de Madre Faval, porque elle co-
 » meçava a marchar.» E assim neste mez de
 Abril, em que andamos, partio de Junager;
 e entrando pelas terras do Abiscan, tomou
 logo as Cidades de Por, Mangalor, Pate,
 e outras; e D. Diogo de Noronha, tanto
 que teve seu recado, despedio alguns na-
 vios pela costa até Gogá, que não fizeram
 mais, que andarem á vista da terra por cum-
 primento. Abiscan tanto que soube que o ou-
 tro lhe entrava por suas terras, e os damnos
 que por ellas hia fazendo, ajuntando suas
 gentes, o foi buscar, e encontrando-se vie-
 ram a batalha, em que o Abexim foi des-

baratado de todo , e o Tartacan o foi se-
 guindo até o lançar fóra das terras , e o
 metter pelas de Cambaya , onde se acollheo ;
 e desta vez ficou o Tartacan senhor de to-
 do aquelle Estado , deixando-se ficar na Vil-
 la de Nova Nager alguns dias , até concer-
 tar , e assegurar as cousas da terra. Alli o
 mandou D. Diogo de Noronha visitar , e
 antre ambos corrêram todo aquelle tempo
 grandes cumprimentos ; e ficáram correndo
 em tanta amizade todo o tempo que andou
 por aquellas terras , que vinham os do seu
 exercito á Ilha , e a ver a fortaleza com li-
 cença de D. Diogo , que foi nisto tão libe-
 ral , que entráram de huma vez perto de quin-
 hentos Mouros na fortaleza ; e quando lhe
 deram rebate , já as suas casas estavam che-
 ias delles ; e acudindo D. Diogo de Noro-
 nha com a gente que havia , os lançou fóra
 sem escandalo. Este descuido , ou confiança
 deste Capitão lhe estranhou ElRey tanto ,
 que dizem que por elle (e por aquella pa-
 lavra que disse , quando tomou a fortaleza
 da Cidade aos Abexins , como na sexta De-
 cada no Cap. XIX. do X. Liv. dissemos)
 o não poz nas successões da governança da
 India. Apossado o Tartacan do Estado do
 Abiscan , se recolheo pera Junager , e deixou
 por Governador naquellas partes a Melique
 Xequé , que veio a Dio a fallar com Dom

Diogo de Noronha, e ficou fazendo seu assento na Villa de Nova Nager. Tanto que D. Diogo vio recolhido o Tartacan, logo deitou mão de toda a Alfandega, que era o que elle pretendia, e lançou fóra os officiaes Mouros, que alli estavam da mão do Abiscan, e começou a arrecadar os rendimentos pera ElRey, e daqui lhe ficou a posse que até hoje dura.

C A P I T U L O X.

De como se levantáram contra o Idalcan alguns Capitães seus: e dos tratos que houve antre Anel Maluco, e o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas.

NO Cap. VIII. do IX. Liv. da quinta Decada démos larga conta de como por morte de Maluco Rey de Visapôr, e do Decan, succedeo Abrahemo seu irmão, que foi o que se concertou com o Governador Martim Affonso de Sousa, pera que lhe entregasse Mealecan seu tio, que o Acedecan Senhor de Bilgão, e de todo o Concan tratava de metter de posse do Reyno, concertando-se o Idalcan com o Governador, que mandasse a Mealecan pera o Reyno, ou pera Maluco, e por isso lhe largou as terras firmes de Salfete, e Bardes, o que o Governador não fez. Succedeo este ve-
rão

rão em que andamos alevantar-se contra El-Rey Abrahamo hum grande Capitão seu ; chamado Anel Maluco , Governador de todo o Concan , e em authoridade , e poder outro Acedecan. Este sentindo-se offendido , e aggravado de ElRey , como tinha muita gente , posse , e poder , e sobre tudo a maldade , e tyrannia , que em todos estes Mouros de continuo reina , solicitou outros Capitães principaes do Reyno , que tambem sentio desgostosos , e fizeram todos antre si huma conjuração contra ElRey , e tratáram de o delapossar do Reyno. E para esta maldade ter alguma côr de desculpa , affirmáram pertencer o Reyno mais a Mealecan , que estava em Goa , que ao sobrinho Abrahamo.

Assentados nisto , quizeram-se valer de Rama Rajo Rey do Canará , e do Viso-Rey da India , pera quem logo despedíram seus Embaixadores em muito segredo. O que enviáram ao Viso-Rey , entrou na Ilha de Goa muito encubertamente , e vio-se com elle em segredo ; e da parte de Anel Maluco lhe deo conta de tudo o que estava antre elles ordenado , pedindo-lhe » que lhe quizesse dar Mealecan pera o fazerem Rey , » e favorecellos pera isso ; e que pera o fazer com mór gosto , e vontade , elles offereciam pera ElRey de Portugal todas as terras do Concan com suas Alfandegas , e

» Ta-

» Tanadarias , que montavam todos os an-
 » nos de vantagem de hum milhão de ouro. »
 O Vifo-Rey deo orelhas áquelle negocio , e
 informou-se bem da posse daquelles Capi-
 táes , e achou que eram os principaes do
 Reyno , e que sem dúvida levariam ávance
 o que pertendiam ; e certificado bem deste
 negocio , o poz em conselho dos Fidalgos
 velhos , e de alguns moradores , e Cidadãos
 principaes ; e debatida a materia , assentá-
 ram todos » que se deviam de acceitar os
 » partidos que commettiam , porque se se a-
 » juntassem ao Estado as terras do Cancan ,
 » ficaria prosperissimo ; e que segundo as cou-
 » sas estavam dispostas , se arriscava pouco
 » entrar na liga ; quanto mais , que elles não
 » queriam mais que entregarem-lhe o Mea-
 » lecan ; porque pera o metterem lá de pos-
 » se do Reyno , elles bastavam , e o Rey de
 » Bisnagá , que era o mais poderoso de to-
 » dos os vizinhos , a quem sempre se havia
 » de favorecer pera tornar a cobrar aquelle
 » Reyno que fora seu , pelo grande provei-
 » to , e segurança que disso resultava ao Es-
 » tado da India ; porque nunca elle fora prof-
 » pero , senão no tempo em que o Reyno
 » de Bisnagá estava inteiro , o que não teve
 » depois que o Idalcan lhe tomou algumas
 » Cidades , que vizinhavam com Goa ; por-
 » que o commercio dos Canarás fora sem-
 » pre

» pre mais proveitoso em commum, que to-
 » dos. » Depois de todos votarem nisto lar-
 » gamente, o fez o Vifo-Rey por derradeiro,
 » e disse » que lhe parecia bem dar-se-lhe o
 » Mealecan, e todo o favor que fosse neces-
 » sario pera sua passagem; mas não que se
 » mettesse na liga o Rey de Bisnagá, porque
 » como era muito poderoso, logo havia de
 » querer lançar mão dos Reynos do Decan;
 » e que pela ventura lhe cresceria a cubiça
 » de se tornar a fazer senhor da Ilha de Goa,
 » (que era a mais estimada, e religiosa cou-
 » sa, que os Canarás sempre tiveram.) Que
 » o poder dos conjurados era tamanho, que
 » bastava pera tudo sem mais ajuda. E que
 » se se achasse naquelle jogo o Rey de Bis-
 » nagá, toda a honra havia de ficar sua, pe-
 » lo poder que trazia; e que não vinha bem
 » aos Portuguezes, pelo credito em que es-
 » tavam, que lhes era necessario sustentar. »
 Tantas cousas disse sobre isto, que conven-
 ceo a todos, e assentáram, que se déssem al-
 guns Portuguezes aos Capitães da liga pera
 os ajudarem. Esta resolução foi a total per-
 dição daquella jornada; porque tanto que o
 Idalcan foi avisado de todo aquelle nego-
 cio, e que El Rey de Bisnagá ficava fóra da
 liga, logo lhe mandou Embaixadores a lhe
 pedir soccorro contra os alevantados, com-
 mettendo-lhe grandes partidos, que elle ac-
 cei-

ceitou, quando se vio engeitado da outra parte. Assentado aquelle negocio, despedio o Viso-Rey o Embaixador com os apontamentos do que se lhe havia de conceder, que eram os seguintes.

» Que tanto que os Capitães tomassent
 » em Pondá posse de Mealecan, logo lhe entregariam as Tanadarias do Concan para
 » prover de Capitães, e que começariam logo
 » as terras a render pera El Rey de Portugal.

» Que todas as cousas que estavam assentadas nas pazes passadas ficassem no estado em que estavam, sem se innovar coisa alguma nellas.

Chegado este Enviado a Bilgão, onde estava Anel Maluco com os conjurados, assignáram os contratos, e os tornáram a mandar ao Viso-Rey, com outros que continham o seguinte.

» Que o Viso-Rey alevantaria na Cidade de de Goa a Mealecan por Rey de Viso-Rey, e que em pessoa o iria entregar a Calabatecan dentro em Pondá, porque allí o havia de esperar com dez mil homens, e que dalli o havia de levar a Anel Maluco, e aos conjurados onde estivessem.

Despedido este Embaixador, ficáram elles ajuntando suas gentes; e o Viso-Rey tambem como teve este recado, fez seus preparamentos pera aquella jornada.

CAPITULO XI.

De como o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas levantou Mealecan por Rey de Visapôr : e dos contratos que com elle fez : e de como passou a Pondá, e o entregou a Calabatecan.

TENDO o Viso-Rey prestes , e negociadas as cousas que pertendia pera aquella jornada , que determinava fazer com grande magestade , porque era muito vão , e grandioso , ordenou hum dia pera o auto do levantamento do Mealecan em Rey , e deo recado aos Vereadores , pera que com todos os moradores se achassem presentes , o mais custosamente que pudessem ; e que ordenassem todas as festas possiveis pera obrigarem muito áquelle Rey , com que haviam de ficar tendo tanta vizinhança , e amizade. E o mesmo pedio a todos os Capitães , e Fidalgos. Tinha o Viso-Rey mandado ordenar no terreiro do Paço hum formoso cadafalso , toldado todo por cima , e elle todo alcatifado , e guarnecido de pannos de ouro , e sedas , e o terreiro todo enramado , e embandeirado , e pelas janellas muitos instrumentos alegres , e guerreiros ; e elle pera sua pessoa tinha mandado fazer grandes opas de borcados ricos , e todos os seus criados ,

e

eguarda vestidos muito custosamente. E por
 ra ElRey Mealecan tinha mandado fazer mui-
 tas Cabayas de borcado a seu modo, e de
 veludos de cores, de escarlatas finas, e qua-
 tro cavallos formosissimos guarnecidos á gi-
 neta de jaezes de prata dourados, com ca-
 parações riquissimamente broslados. Ao dia
 aprazado abalou o Viso-Rey de sua casa a
 acompanhado de todos os Fidalgos, e Cida-
 dãos a cavallo, todos tão ricamente traje-
 dos, que foi cousa muito pera ver. E em
 sua companhia muita somma de trombetas,
 charaniellas, e atabales; e com esta pompa
 chegou ás casas do Mealecan, que já estava
 esperando por elle a cavallo com dous filhos
 seus, e muitos criados; e tomando-o o Vi-
 so-Rey á sua mão direita, o levou consigo
 até o cadafalso, onde se subíram, e assen-
 taram cada hum em sua cadeira, debaixo de
 hum muito rico, e formoso docel de bor-
 cado, e alli o alevantou por Rey de Vifa-
 pôr, e de todo o Decan, conforme a seu
 costume; o que se fez com muitos instrumen-
 tos, e salvas de artilheria, e muitas festas,
 momos, e invenções, que a Cidade lhe ti-
 nha ordenado. Foi este auto feito com a
 mór magestade, e solemnidade que podia ser;
 e com tão grande concurso de gente, Mou-
 ros, e Gentios, que não cabiam pela Cida-
 de. Acabado este auto, fez o Viso-Rey com

aquelle Rey novos contratos, que o Secretario do Estado apresentou, que ElRey com seus filhos assignou, cuja substancia era o seguinte.

» Que elle dava, e doava a ElRey de Portugal, e a todos seus successores, daquelle dia pera todo sempre, as terras firmes de Salfete, e Bardes, e todo o Concan com suas Alfandegas, Tanadarias, e jurdições.

» Que as fortalezas de Pondá, Banda, e Curale se entregariam logo a Capitães Portuguezes, tanto que elle fosse entregue a Calabatecan.

» Que ficariam em Goa sua mulher, e filhos em refens, até se segurarem as cousas do Balagate.

» Que todos os mais concertos, que estavam feitos com Anel Maluco, se guardariam muito inteiramente.

» E que elle Mealecan depois de estar no Reyno, poderia mandar levar de Goa vinte cavalloos forros dos direitos, e dous mil pardãos de fazendas, e brincos, sem pagarem direitos, nem lagimas.»

Assignados estes contratos, tornou o Viso-Rey a levar ElRey pera sua casa, e começou a preparar as cousas pera a passagem, mandando ajuntar toda a gente de armas que havia na Ilha de Goa, e nas mais circumvizinhas, e deo recado aos Capitães pera ajun-

ta-

tarem a soldadesca toda de Goa, e ao Capitão da Cidade, pera que estivesse prestes, e aparelhado com todos os moradores de cavallo. Ordenado isto tudo, mandou o Viso-Rey ao Tanadar mór Antonio Ferrão, que com todos os piães Gentios, e Christãos se passasse da outra banda do passo de Santo Iago, porque ao outro dia se havia de abalar, como fez, e partio de Goa nesta ordem.

Os Capitães das bandeiras da soldadesca, que eram cinco, (Martim Affonso de Miranda, D. Fernando de Mouroy, Dom Antão de Noronha, Bastião de Sá, e Fernão Martins Freire,) foram diante com sua soldadesca, que seriam perto de tres mil homens; e logo apòs elles abalou o Viso-Rey de Goa, e tomou Mealecan, novo Rey, a sua mão direita. Hia o Viso-Rey vestido de huma opa rossagante de borcado alto com muitas pontas de pedraria, e sobre os hombros hum muito rico, e formoso colar de pedraria, huma espada, e adaga de ouro emaltada. Levava diante de si a sua guarda com sua libré de cores, e no meio o seu Capitão da guarda, e mais atrás doze formosos ginetes ajaezados de ouro, e prata, com telizes de damasco de cores, franjados de ouro, e detrás delles o seu Estribeiro ricamente vestido; mais atrás seis Porteiros de

massas de prata , e quatro de canas ; e detrás de todos o seu Veador ; e detrás d'elle hum Rey de Armas de Portugal , com hum opa rica , e no peito as armas Reaes em hum lamina de ouro grande ; e diante de tudo isto hiam atabales , trombetas , e charamelas , e outros instrumentos. Detrás do Viso-Rey hia Gaspar de Mello Capitão da Cidade , com duzentos moradores de formosos ginetes , e armados de fortes , e galantes armas.

Com esta magestade chegou ao Passo de Sant-Iago , onde se aposentou aquella noite , e a outro dia despedio os Capitães das bandeiras , e Gaspar de Mello Capitão da Cidade , com todos os moradores , por Capitão geral de todo aquelle exercito , e com elles hum Capitão do Rey novo , pera irem tomar posse da fortaleza de Pondá , e esperarem alli até elle chegar. Estes Capitães passaram á outra banda , e foram marchando pera Pondá ; e antes de chegarem á fortaleza , lhes sahio hum Capitão , chamado Meale , que estava nella da mão do Idalcan , que não quiz entrar na liga ; e com duzentos de cavallo escolhidos veio commetter a nossa dianteira , e traváram hum arzeoada escaramuça , em que os nossos lhes derribáram dezesete , e feríram muitos , e com este toque se foram recolhendo ; e não se fiando

Couto. Tom. IV. P. I.

G

da
N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

da fortaleza , desviando-se della , se foram pera o certão : os nossos chegaram á fortaleza , que acháram despejada , e fóra della assentáram suas tendas , e se valáram á roda ; e o Capitão Gaspar de Mello partio a gente toda em quatro quartos pera vigiarem de noite.

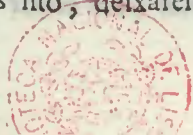
Aqui aconteceu hum caso de muito enfadamento , e que houvera de dar grande trabalho ao Estado ; e foi este. Hia na companhia Francisco Barreto , que não quiz levar bandeira , porque esperou que Gaspar de Mello (que era seu tio) lhe largasse o governo de toda a gente de pé , e que ficasse elle com a de cavallo , e elle assim lho pediu ; mas não lho quiz conceder , porque entendeu que os Capitães das companhias o não haviam de consentir. E como este Fidalgo era homem naturalmente arrogante , amigo de honra , e de mandar , aquella noite sahio a roldar os quartos , e acabava-se o primeiro que vigiava D. Fernando de Monroy , (que me contou isto ,) e perguntou aos soldados , quem lhe succedia , que lhe disseram , que Martim Affonso de Miranda ; e despedindo hum pagem , lhe mandou por elle dizer , que viesse vigiar. Martim Affonso estava-se já armando pera se ir vigiar , quando este pagem chegou , e em lhe dando o recado de Francisco Barreto , tomou-se tar-

to disso, que se tornou a desfamar, e lançar na cana, e deo recado aos seus » que » se outra vez tornasse alguém com outro recado, o não acordassem; » e assim o fizeram, porque Francisco Barreto tornou a segundar; e foi a cousa de feição, que ficou D. Fernando de Monroy vigiando ambos os quartos.

Ao outro dia pela manhã, estando os Capitães assentados ao soalheiro em conversação, chegou o Martim Affonso de Miranda, armado em huma coura de laminas, huma gineta na mão, e fallou a todos. Francisco Barreto, que estava alli, quiz galantear sobre elle fazer vigiar dous quartos a D. Fernando de Monroy; mas como Martim Affonso hia enfadado, e tomado, soffreo-lhe mal as galanterias; e assim de palavra em palavra chegaram a se descompor, e a levar mãos ás armas, ao que acudio todo o exercito, e se repartio em dous bandos. Gaspar de Mello, Capitão geral, acudio áquelle negocio; e mettendo-se no meio d'ambos, liou-se com elles; e como era á porta da fortaleza, e elle homem muito grande, e forçoso, aos impuxões os foi mettendo dentro, e fechou sobre si as portas, e despedio hum correio com huma carta ao Viso-Rey, em que lhe dava conta do negocio. Esta carta lhe deram já de noite; e ven-

do a importancia do caso, se passou logo a Gaçaim, onde estava por Tanadar André Gorjão, e com elle, e com poucos de sua guarda, e criados se foi pelo rio affirma a Derubate; e dahi em huma faca andeira partio pera Pondá, onde chegou á meia noite; e entrando na fortaleza, mandou vir perante si aquelles Fidalgos, e os reprendeo. E fallando primeiro com Francisco Barreto, lhe disse: » Se quer vós, Senhor, que sois » hum Fidalgo, de quem ElRey confia a In- » dia, em tal tempo, e em terra de infieis » fazerdes esta união? Que conta haveis de » dar a ElRey de cousa tão mal feita, co- » mo foi pordes hoje a India em balanço? » E fallando com Martim Affonso de Miranda, o reprendeo tambem asperamente, mas com palavras graves, e muito honradas, (porque de todas aquellas tres partes, que o grão Capitão Gonçalo Fernandes de Cordova punha ao que havia de governar, que são, ser clemente, ter mão larga, e boca prudente; esta he a mais necessaria que todas, porque com taes palavras me póde hum Viso-Rey reprender, ou negar huma cousa, que lho agradeça tanto, como se ma dera.) O Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas os fez logo amigos, ficando o resto da noite na fortaleza, e pela manhã se partio pera o Passo de Sant-Iago, onde ficava o Rey novo.

Alli se deteve tres dias até lhe vir recado, que era chegado Calabatecan, a quem havia de entregar ElRey; pelo que logo passou da outra banda, onde os nossos Capitães o esperavam com tendas armadas. Alli se assentou o Viso-Rey debaixo de humas arvores, e com elle ElRey, cada hum em sua cadeira rica, em cima de formosas alcatifas; e assim da Cidade, como dos passos todos da Ilha, houve todo aquelle dia grandes salvas de artilheria, e o mesmo se fez no exercito. Estando assim, chegou hum Capitão de dous mil cavallos, que o Calabatecan mandava pera acompanhar ElRey até Pondá; e descendo-se, chegou ao Viso-Rey com as mãos cruzadas, e lhe fez seu acatamento, e depois se poz de joelhos diante de ElRey, e com as mãos no chão lhe metteo a cabeça antre as pernas, em sinal de sua sujeição, como antre elles se costuma. Levava este Capitão as mangas da Cabaya, que eram largas, com humia somma de pagodes de ouro, moeda do Balagate, que cada huma valerá quinhentos reis; e ao abai-xar que fez, se lhe espalharam todos pelas alcatifas; e depois de alevantado, foram recolhidos pelos pagens do Viso-Rey, sobre o que houve algumas rebatinhas, que tambem deram gosto. Costumavam os Mouros nestes Reynos isto, deixarem aquelle di-
nhei-



nheiro aos pés de seu Rey em final de vafallagem.

Feito isto, abalou o Viso-Rey com toda aquella magestade Real pera Pondá, e fóra da fortaleza acháram Calabatecan, que assim a cavallo fez sua cortezia a ElRey, e o Viso-Rey se agazalhou com ElRey, e Calabatecan, ficando fóra o mais exercito: o nosso com as costas na porta da fortaleza, e o dos Mouros hum pouco desviado, tendo aquella noite muito grande vigia. Ao outro dia fez o Viso-Rey entrega do Mealecan a Calabatecan, do que mandou fazer hum auto pelo Secretario, em que elles, e os Capitães Mouros se assignáram; e depois deram todos a menagem nas mãos de ElRey, conforme a seu costume, e fizeram seus juramentos, e solemnidades. Ao outro dia se despedio ElRey do Viso-Rey, e elle lhe deo hum Capitão com cem soldados pera o irem servindo, e acompanhando até Vissapôr. O Calabatecan levou ElRey a huma aldêa, que estava adiante, pera alli esperar recado do Anel Maluco, a quem despedio logo correio com cartas de tudo o que era passado. O Viso-Rey deixou na fortaleza de Pondá a D. Antão de Noronha com seiscentos soldados com seus Capitães, pera lhes darem mezas; e Coge Cemaçadim, com gente de cavallo pera andar quietando as al-

dêas , e povoações. E por se achar abalado do trabalho daquelle caminho , se recolheu pera Goa , sem acabar de concluir nas cousas do Concan.

CAPITULO XII.

De como faleceo o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas : e das partes , e qualidades de sua pessoa.

CHegado o Viso-Rey a Goa , se deitou logo em cama , por vir muito mal disposto ; e como era de setenta annos , idade mais pera o repouso , que pera o trabalho , foi-se logo achando mal , e a declarar-se-lhe huma febrezinha lenta ; e affirmava-se , que lhe nascêra do trabalho daquella noite , que acudio a Pondá ás differenças daquelles dous Fidalgos. Em fim , a febre apertou com elle de feição , que começaram os Medicos a desconfiar , e disseram ao seu Confessor , que fizesse com elle , que tratasse das cousas de sua alma ; o que lhe elle disse com palavras muito prudentes , e de muita consolação , que lhe elle agradeceo , dando logo de mão a todas as cousas , e se recolheu com elle , fazendo seu testamento muito de vagar , ordenando todas suas cousas muito bem ; depois tomou os Divinos Sacramentos da Eucaristia , e Extrema-Unção , e fez

to-

todos os mais antos de Catholico Christão, e bom penitente.

Depois de tudo isto feito, e elle muito consolado, e conforme com a vontade de Deos, sentindo-se no cabo, mandou chamar Francisco Barreto; e chegado elle, lhe disse, que se assentasse em huma cadeira de estado, que tinha ao longo da cama; o que elle não quiz fazer; e depois de porfiar hum pouco, lhe disse: » Assentai-vos, Senhor, » nessa cadeira, que o quer assim S. A., e » vós lho mereceis, » e então se assentou; e o Viso-Rey praticou com elle só algumas cousas, e lhe pediu » que tanto que nosso » Senhor o levasse pera si, recolhesse seus » criados, que ficavam desfagalhados, por- » que não tivera tempo de lhes fazer bem. » Francisco Barreto lhe respondeo » que Deos » nosso Senhor lhe daria saude pera os go- » verner a todos, o que elle estimaria mais » que todas as governanças; e que quando » elle disso fosse servido, elle faria o que lhe » devia; » e com isto lhe disse outras pala- » vras muito graves, mostrando muito gran- » de sentimento de o ver naquelle estado. Era isto aos quinze dias do mez de Junho de quinhentos e sincoenta e sinco annos, e aos dezeseis faleceo com muitas mostras de verdadeiro Christão, e de arrependido peccador, e com grande mágoa, e dor de ro- dos,

dos, tendo governado nove mezes. Abriu-se seu testamento, e achou-se mandar, que o enterrassem na Sé de Goa; e que seus ossos fossem depois levados pera o Reyno; e assim o leváram a sepultar com a mór pompa funeral que podia ser, e se lhe fizeram seus Officios, e sahimentos com grande solemnidade, e tristeza de todos. Neste auto assistíram todos os Fidalgos, e Vereadores, vestidos de dó.

Era D. Pedro Mascarenhas filho do Capitão dos ginetes D. Fernão Martins Mascarenhas. Foi Estribeiro mór de ElRey Dom João, e depois vendeo este cargo ao segundo Conde da Vidigueira; e conta-se d'elle huma cousa que lhe disse, que se lhe notou a grande vaidade, e foi, que perguntando-lhe o Conde, quando lhe comprou o cargo, pelas obrigações d'elle, lhe respondêra, que pelas não querer saber lho vendia. Foi depois General das galés do Reyno: neste cargo cobrou nome de muito bom Capitão. Depois o mandou ElRey por Embaixador a Alemanha a cousas muito importantes, onde esteve alguns annos com a mór casa, e apparatus que todos os Embaixadores, que até então houve, e ficou por sua prudencia, authoridade, liberalidade, e todas as mais partes, muito querido do Imperador Carlos Quinto, e muito acredita-

do

do com todos os Potentados de Alemanha.

Depois foi por Embaixador a Roma, e de lá trouxe os Padres da Companhia ao Reyno, (como na quinta Decada no Cap. I. do VIII. Liv. temos dito,) e cobrou em todas estas cousas tanto credito com ElRey, que quando ordenou casa ao Principe Dom João seu filho, lho deo por Mordomo mór, e lhe entregou todo o governo de sua casa; porque quiz ElRey que tivesse seu filho muito grande respeito á sua idade, e muita authority. Foi casado duas vezes, e de nenhuma teve filhos: a primeira com Dona Filippa Henriques, filha de Simão de Miranda, Camareiro mór do Cardeal D. Henrique; e a segunda com Dona Helena, filha de Pero Mascarenhas, o das differenças com Lopo Vaz de Sampaio, que era seu sobrinho, filho de seu primo com irmão João Mascarenhas, e neto de D. Nuno Mascarenhas, irmão do Capitão dos ginetes Dom Fernando Martins Mascarenhas, pai deste D. Pedro; e por não haver filhos de nenhuma destas mulheres, perfilharam elle, e sua mulher Dona Helena Mascarenhas a Dom João Mascarenhas, (o que foi Capitão de Dio, quando foi o segundo cerco,) e a Dona Helena sua mulher, filha de D. João de Castello-branco, que era sobrinha dambos;

bos ; porque D. João Mascarenhas era filho de seu irmão D. Nuno Mascarenhas , e D. Helena filha de D. Catharina , filha de Pero Mascarenhas , que foi casada com este D. João de Castello-branco , filho de Dom Martinho de Castello-branco , Conde de Villa-Nova.

Foi este Viso-Rey homem mui inteiro na justiça ; e tanto que chegou á India , mandou fazer hum rol de todos os cargos que estavam vagos , e que hiam vagando ; e mandou lançar pregões , que todos os criados de ElRey , que na India andavam servindo , acudissem com seus papeis pera os despacharem , o que todos fizeram , e elle os foi despachando conforme a seus serviços , sem dar cargo algum a criado seu ; porque dizia , que os cargos que eram de ElRey , não se haviam de dar senão a seus criados que o serviam , e não aos dos Viso-Reys , a quem não tinha obrigação alguma.

Aqui se conta delle huma cousa igual a todas as suas , e foi , que andando elle despachando estes homens , lhe apresentou seus papeis hum criado de hum válido do Reyno , que havia tres annos que andava na India : este tardando-lhe o despacho , appareceo muitas vezes diante do Viso-Rey , (por lhe vir muito encomendado do amo ,) e lhe fez suas lembranças , e de huma lhe disse :

» V.

» V. S. não me despacha, sendo eu hum ho-
 » mem, que ha tres annos que ando nestas
 » partes servindo, e que mereço me façam
 » mercê? » O Viso-Rey mui severo lhe re-
 spondeo: » Ando agora despachando os de
 » vinte, e quinze annos; como chegar aos
 » de tres, então terei lembrança de vós. »

Estando hum dia no tronco fazendo au-
 diencia aos prezos, e vindo diante delle hum
 que trazia hum grilhão nos pés por dividas
 de ElRey, lhe disse » que havia muito que
 » alli estava prezo daquella maneira, por-
 » que devia a ElRey huma quantia de di-
 » nheiro, e que ElRey lhe devia muito mais,
 » mas que lho não queriam descontar, e le-
 » var em conta. » Perguntando o Viso-Rey
 pelo caso, e sabendo ser verdade, mandou
 chamar logo o Veador da Fazenda, e lhe
 disse: » Aquelle grilhão que aquelle homem
 » tem, tirai-lho, e lancem-no a mim, e a
 » vós, já que somos Officiaes de ElRey, e
 » não queremos pagar suas dividas; » e logo
 mandou soltar o homem, e que se lhe
 abatesse a divida da que se lhe devia. Fol-
 gou muito de ouvir os homens, e de lhes
 fazer justiça. Todos os dias tinha certas ho-
 ras limitadas pera ouvir partes, o que fa-
 zia deitado em huma camilha.

Tanto que entrou na India, quiz tirar
 alguns costumes, sobre o que fez algumas
 leis,

leis, que não foi possível guardarem-se. Hum
ma dellas era, defender os sombreiros altos
de tomar a chuva, e Sol, por escusar aos
homens os gastos dos que lhos traziam; e
elle tambem os não trouxe, e ufou de huns
sombreiros de lã com seus cordões, a que
se chamáram muito tempo delle os Mascarenhas.
Depois vendo que o Sol era intoleravel, e as chuvas descompassadas, tornou
a largar os sombreiros altos, com condição,
que os trouxessem escravos proprios, cativos,
por forrarem as despezas dos que os trazem,
que são Genticos, a que communmente
chamam bois de sombreiro. Quiz defender os
cavallos aos Fidalgos, pelas despezas que
lhes faziam; o que lhe mandava ElRey
tambem em seu regimento, e que só os
casados os tivessem; mas atalhou-o a
morte.

Defendeo que nenhuma mulher pública
andasse em Palanquim, senão descuberta. Ordenou
na fortaleza de Ormuz seiscentos soldados,
com obrigação de dormirem dentro na
fortaleza (isto no inverno;) mas que no
verão não pagariam mais de quatrocentos.
Em Baçaim ordenou outros seiscentos
pera segurança daquella fortaleza pelas
alterações de Cambaya. Em Chaul cento. E
fez regimento, que os Capitães das fortalezas
não tivessem outras vigias, senão os soldados

110 ASIA DE DIOGO DE COÛTO

da obrigação dellas , porque costumavam
pagar muitas vigias fantasticas ; e que no ni-
mero dos da obrigação das fortalezas etc
traassem os homens que lhe davam a elles
a fóra outras cousas muito bem ordenadas
E em tudo viveo tão puro , e morreo com
tantas mostras de contrição , que se póde cre-
que estará no Ceo gozando do galardão de
suas obras.





DECADA SETIMA.

LIVRO II.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como por morte do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas succedeo na governança da India Francisco Barreto : e da Armada que se queimou na ribeira de ElRey com hum foguete.

ESTANDO o corpo do Viso-Rey Dom Pedro Mascarenhas em seu ataude , posto na Capella mór da Sé de Goa , mandou o Chanceller trazer o cofre das successões , que estavam em S. Francisco ; e abrindo-o , tirou a primeira , e a entregou ao Secretario , que a amostrou em alto ao povo , pera que visse que estava cerrada , e sellada com o sello pendente das Armas Reaes , e a deu ao Capitão da Cidade , que naquelle

auto presidia, pera que com o Ouvidor geral a examinassem bem, se estava inteira, e sem se nella tocar. Feito isto, a abriu o Secretario, e a foi lendo alto, e achou-se nella Francisco Barreto, que estava presente vestido de dó; e em o nomeando, foi logo levado nos braços de todos, e na Capella mordeo a menagem do Estado da India nas mãos do Capitão da Cidade Gaspar de Mello, na fórma costumada naquelles Estados.

Feito este auto, que foi aos dezeseis de Junho deste anno de sincoenta e sinco, entráram o corpo de D. Pedro Mascarenhas, e o Governador Francisco Barreto se recolheu a S. Francisco, até lhe despejarem os Paços; e a primeira cousa que fez, foi mandar chamar todos os criados, que foram do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, e os recolheu, e recolheu em sua casa, e se servio delles nos mesmos cargos, que o Viso-Rey lhes tinha dados. E todos os officios, de que tinha providas algumas pessoas, os confirmou, e nada revogou do que o Viso-Rey tinha feito.

E não havendo mais que oito dias, que o Governador estava de posse, succedeo a mór perda, e desaventura, que nunca a India teve, e foi, que vespera de S. João, já de noite, lançou hum homem hum foguete de humas casas, junto a nossa Senhora do

fario , que o demonio encaminhou pera a ribeira das Armadas , e foi cahir sobre o galeão S. Mattheus , que estava varado , cuberto de palha , que tomou logo fogo com tanta braveza , que foi espanto ; e como estava a balravento dos mais galeões , que estavam varados tambem junto d'elle , e o vento era rijo , foi-se pegando o fogo de galeão em galeão com tamanho estrondo , e terremoto , que parecia que se assolava toda a Cidade. O Governador vendo aquelle incendio , acudio á ribeira com todos os Fidalgos , moradores , e soldadesca que havia , e arremettêram a descubrir todos os galeões que estavam varados , e aos mais que estavam no mar , que dos que o fogo tinha tomado posse , não houve remedio algum. O Governador andava como doudo , mettido pela agua , e pela lama , e ainda antre os galeões que ardiam , arriscado ás labaredas , e traves que cahiam , por remediar que a mais Armada se não perdesse. E neste trabalho o seguiram todos ; e houve soldados , que commettêram neste negocio grandes temeridades , mettendo-se nos galeões que ardiam , por verem se lhe podiam valer ; mas nada aproveitou , e muitos se recolhêram muito queimados , e abrazados , a quem o Governador abraçou , e a hum lançou a cadeia que trazia ao pescoço , e a outro deo o seu

Couto. Tom. IV. P. I.

H

an-

annel de finete , e a outros outras peças , que depois mandou resgatar ; e assim andava animando a todos por acudirem ao trabalho , promettendo mercês , que depois fez ; e fo esta diligencia que poz , tal , que foi parte pera se salvar toda a mais Armada. Durou este incendio toda aquella noite , e o dia seguinte , em que se queimáram , e consumiram seis galeões Reaes , quatro caravelas , e duas formosas galés , cousa que todos sentiram muito , porque era a mór força que o Estado tinha. O Governador o sentio em extremo , e houve aquella desaventura em principio de seu governo , por grande moftina sua , e mandou tirar grandes devassas , e inquirições sobre aquelle negocio , e deitar grandes pregões , em que perdoava gravissimos casos a quem lhe descubrisse quem queimára a Armada , sem nunca se poder saber cousa alguma ; pelo que houve muitas suspeitas , e juizos temerarios , mas a verdade foi , que hum João Rodrigues , de alcunha o Calandar (que he o mesmo que peregrino) foi o que lançou o foguete que dissemos , sem ter tal tenção , e depois que vio o incendio se passou pera o Balagate , e dahi pera Cambaya , onde andou muitos annos como peregrino , e dalli cobrou a alcunha Calandar. Foi este homem depois casado em Ormuz , onde viveo muitos annos. O Go-

vernador sempre suspeitou que aquelle damno fora mandado fazer por ordem do Idalcán, pelo favor que se deo a Mealecan; e recendo-se da mais Armada, armou muitas manchuas pera andarem de longo da Armada, e da ribeira, vigiando; e ordenou, que os Capitães da soldadesca vigiassem de noite aos quartos na ribeira, pera acudir em aonde fosse necessario: estes Capitães vigiavam huns na varanda da Igreja das Chagas, e outros nas terecenas dos mastos. Em todo este inverno houve muitos banquetes, jogos, e passatempos, e aos soldados se deram mezas muito abastadas.

Como o Governador Francisco Barreto era homem de grande animo, determinou de em seu tempo tornar a renovar aquella perda, e fazer outros tantos navios, como os que se queimáram, e logo mandou armar algumas quilhas, e trazer dos rios vizinhos muita madeira pera começar a pôr as mãos á obra, como fez, pedindo á Cidade ajuda pera isso, que lhe ella deo, e acudio com o que pode; e os Bramanes de Goa tomáram á sua conta fazerem huma galé, que foi huma das mais formosas peças que vi, e delles tomou o nome, e se chamou a galé Bramana; e os mais Gentios ou rives, e mercadores deram de serviço pera ajuda de outra galé dous mil e quinhentos

pardãos. O Governador por não perder tempo, despedio correios pera as fortalezas do Norte, Chaul, e Baçaim, e escreveu áquelles Vereadores, e povo, que o quizessem ajudar com alguma cousa pera a reformação da Armada;» o que lhe elles concederam com muito gosto; e passou Provisões pera os Capitães, e Feitores daquellas fortalezas, pera que dos rendimentos dellas armassem logo em cada huma dellas dous galões, e duas caravellas: e escreveu aos Officiaes de Dio, que mandassem pera isso áquelles Feitores todo o dinheiro que as náos de Meca rendessem em Agosto; e tal pressa deo em seu tempo, que quando chegou Dom Conitantino (que lhe succedeo) lhe tornou a entregar outras tantas vasilhas novas, como adiante melhor diremos. E de se querer poupar a fazenda de ElRey, succede muitas vezes mór perda della; porque de se não determinarem os Viso-Reys, e Governadores a fazerem humas terecenas, ao menos pera galés, e navios de remo, ficam todos os invernos arriscados a outra semelhante desventura, gastando-se pelo miudo muito mais do que esta obra poderia custar; porque todos os annos se despendem, só em cubrir toda a Armada de palha, dous mil pardãos; e em tantos annos com estas despezas se poderiam ter feitas dez terecenas.

E posto que os galeões não caibão nellas , por tão barato havemos cubrirem-se de telha , como de palha ; porque ainda que se quebrem muitas , não deve de montar a metade do que cada anno se gasta na palha , a fóra o risco que correm , que val tanto , quanto o seguro de toda a Armada : mas estes descuidos , e desordens (que assim lhe podemos chamar) nascem de alguns Viso-Reys , e Governadores estarem com olho em seus respeitos particulares , e tambem de outros , quando succedem , não quererem acabar as obras , que os que acabáram tinham começadas ; porque a poucos vimos parecer bem as cousas daquelles , e muitas , em que tinham feito grandes despezas , se perdêram por esse respeito , que não apontamos por não infamarmos a alguem.

C A P I T U L O II.

De como o Governador Francisco Barreto passou a Pondá a se ver com o Mealecan : e de como proveo as Tanadarias daquellas partes , e mandou D. Antão de Noronha a tomar posse de todo Concan.

DEpois de Mealecan ficar entregue a Calabatecan , (como atrás temos dito no Cap. X. do I. Liv. ,) se recolheu pera aquella aldeia a esperar o recado de Anel Malu-

co; e em quanto alli esteve, lhe acudiram todos os moradores das povoações ao redor ao verem, e darem sua obediencia como a feu Rey. O Governador Francisco Barreto, tendo por novas estar ainda alli, despedia hum correio com huma carta, em que lhe pedia » se não abalasse, porque lhe importava muito verem-se; a que elle respondeo, » que o faria, e que visse onde queria que o esperasse; » com o que se começou a preparar, e ordenar sua passagem, que quiz fosse com tamanha magestade, como a do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, por não diminuir na authoridade do Estado. E mandou logo ajuntar toda a soldadesca em seis bandeiras, cujos Capitães eram, Martim Affonso de Miranda, (de quem o Governador depois de succeder na governança se mostrou mais amigo, que de todos os Fidalgos, porque não cuidasse que pelos desgostos passados lhe ficára tendo má vontade) Alvaro Paes de Soto-Maior, D. Fernando de Monroy, Jeronymo Barreto Rolim, Pantaleão de Sá, e D. Alvaro da Silveira. E deo recado ao Capitão da Cidade, que já era Jorge de Mendouça, (porque Gaspar de Mello estava prezo, por huma affronta que dentro na Camara fez a hum Vereador,) pera que ajuntasse toda a gente de cavallo que na terra havia; e ao Tanadar mór, pera que tam-

bem o fizesse á gente das Ilhas , e aldeias de sua obrigação.

Prestes tudo , passou o Governador a Gagam , e dalli mandou recado a Mealecan , e ao Accedecan , que o esperassem no campo de Pondá , porque ahi o iria ver , e visitar ; e mandou logo passar toda a gente a Salfete , e elle se passou por derradeiro , e de lá passou á terra firme pelo lugar de Durubate , (por onde D. Pedro Mascarenhas passou aquella noite ,) e foi marchando pera Pondá , com o mesmo apparatus , e na mesma ordem , que o Viso-Rey tinha passado. Nesta ordem chegaram a Pondá , onde estava D. Antão de Noronha , que o sahio a receber com toda a gente que tinha , posta em armas , e lhe deo grandes faltas de arcabuzaria , e fez outras muitas festas ; e aquelle dia se aposentou o Governador na fortaleza. Ao outro dia chegou Mealecan com o Calabatecan , e mais Capitães que com elle estavam. O Governador o sahio a receber fóra ; e depois de passadas as cortezias ordinarias , se recolhêram em tendas , que pera isso estavam armadas , e tornáram de novo a confirmar os contratos , que estavam assentados com o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas , e lhe passou El Rey Provisões pera logo lhe entregarem as fortalezas de Bandá , Curale , e outras daquellas par-

partes ; porque das sujeitas á jurdição de Pondá , logo mandou tomar posse , e as proveo de Tanadares , e recebedores , Mouros , e Gentios.

Passadas estas cousas , se despedio Mealecan do Governador , e se tornou pera a mesma aldeia a esperar o recado de Anel Marluco , pera começar a subir o Gate. O Governador ficou dando ordem ao recebimento das Tanadarias da jurdição de Pondá , que eram doze , Austrúos , Pernás , Batigação , Ajuré , Soppá , Orubá , Daúr , Atigará , Chandovari , Sanguiffer , Armarbarca , e Dobati. Todas estas arrendou a Gentios naturaes , assim , e da mesma maneira que corriam em tempo dos Mouros , sem innovar cousa alguma nos Foraes , antes lhes fez muitos favores , e deo muitas liberdades ; e deixou hum Jorge Manhãs , de sua obrigação , por recebedor de todas , com poderes de Veador da Fazenda , e lhe ordenou mil piães da terra , com seus Naiques , repartidos por todas as Tanadarias pera sua segurança , e pera o favor da arrecadação de suas rendas.

Feito isto , em que gastou alguns dias , deixou na fortaleza D. Fernando de Monroy com quinhentos homens , e recolheu D. Antão de Noronha pera o mandar tomar posse das Tanadarias de Bandá , Cura-

le, e das mais daquellas partes, e de todo o mais Concan, que era o mais importante, e partio-se pera Goa.

Chegado áquella Cidade, despedio logo D. Antão de Noronha pera o Concan com quinhentos soldados Portuguezes, de baixo de tres bandeiras, cujos Capitães eram, Jorge de Moura, João Lopes Leitão, e hum João Pereira, que, segundo nos parece, era Christovão Pereira Homem, e lhe deo mais oitenta moradores de cavallo, muito bem concertados, e por Capitão do campo hum D. João, que foi Mouro, e em Goa se fez Christão, (hum dos principaes Capitães do Reyno do Idalcan, bom Cavalleiro, e muito fiel,) e lhe deo mil e quinhentos piães com seus Naiques. Nesta jornada passáram com D. Antão de Noronha por aventureiros muitos Fidalgos, e Cavalleiros; e dos que pude saber os nomes, são os seguintes.

D. Luiz de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, Alexandre de Sousa, que foi Capitão de Chaul, Alvaro Pereira, Ruy Barreto, João de Mello da Cunha, Jeronymo de Sousa, Diogo de Vasconcellos, Luiz Pinto Pimentel, Garcia Queimado, Vasco Correa, e outros. E pera Tanadar da fortaleza de Bandá hia Antonio Ferrão, Tanadar mór de Goa, e pera Juiz da Alfandega Antonio do Valle. Prestes D. Antão de

No-

Noronha, passou-se a Bardés, e dalli tomou o caminho de Bandá, onde o deixaremos, porque he necessario continuarmos com outras cousas, que neste tempo succedêram.

C A P I T U L O III.

Dos recados que passãram antre D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, e Melique Xequé sobre a Alfandega: e de outras muitas cousas que succedêram.

A Trás no Cap. IX. do I. Liv. démos conta de como Tartacan deitou fóra das terras de Dio ao Abiscan, e de como deixára por Governador naquellas partes que elle possuia, a Melique Xequé Guzarate. Este como se vio alli com o poder, e mando, começou logo a querer puxar por amedade do rendimento da Alfandega de Dio, assim como a arrecadava o Abiscan; e assim o mandou tratar com D. Diogo de Noronha, de quem se tinha mostrado grande servidor, e amigo, apresentando-lhe o direito que nifso tinha. D. Diogo de Noronha vendo sua tenção, e requerimento, o mandou desenganar, affirmando-lhe » que na Ilha de Dio » ninguem havia de ter quinhão, porque tora » da era de ElRey de Portugal: que se con- » tentasse Tartacan de possuir as terras, que foram do Abiscan. » Sobre isto corrêram mui-

muitos recados, sem D. Diogo de Noronha deferir a elles; antes mandou fortificar os passos da Ilha, e proveo os rios de manchuas, porque lhe não pudesse entrar na Ilha. Vendo o Melique Xequé quão duro o achava naquelle negocio, o mandou commetter em segredo com cem mil Madrafaris, que cada hum tem dous larins de prata, que vinham a montar sincoenta mil patações, pera que lhe largasse ametade da Alfandega; e que quando não quizesse, que lhe fazia a saber, que havia de mandar carregar as náos de Cambaya na Cidade de Gogá, e que lhe havia de impedir todas as fazendas, que por terra costumavam ir a Dio, com o que aquella Alfandega sentisse maior perda, que se lhe largára ametade do seu rendimento.

Este ponto poz D. Diogo de Noronha em conselho das pessoas principaes que alli estavam, e quasi todos foram de parecer

- » que se havia de largar a ametade da Alfandega, antes que perdella toda; porque
- » se Melique Xequé fazia o que dizia, ficaria aquella Alfandega deserta, e que o tempo podia depois offerecer outra occasião, em que se lançasse mão da Alfandega.»

Depois de votarem todos sobre isto largo, o fez D. Diogo de Noronha, e disse: » Que elle era de contrario parecer de todos; » porque quanto aos inconvenientes que a-

» pontavam , eram de feição , que se podiam
 » atalhar. E que irem as náos de Cambaya
 » carregar a Gogá , isso se lhe poderia de-
 » fender com a Armada , que elle logo lar-
 » çaria ao mar. E que quanto ás fazendas
 » que vinham por terra , era o que impor-
 » tava menos , que só as náos de Meca era
 » o substancial , e que essas forçado haviam
 » de vir a Dio , sem lho ninguem poder de-
 » fender. E que quando isso não tivera re-
 » medio , ainda era de parecer , que antes
 » ElRey de Portugal perdesse tres , ou qua-
 » tro annos todo o rendimento daquella Al-
 » fandega , que dar nella quinhão a ElRey
 » de Cambaya ; porque tendo-se este nego-
 » cio assim em tezo , se enfadariam os Mou-
 » ros da guerra , e os mercadores chamariam
 » pelos proveitos , que todos os de Cambaya
 » tinham de trazerem suas fazendas áquella
 » Ilha , e que forçado se haviam de tornar
 » a largar , e que assim ficaria toda aquella
 » Alfandega livre pera o Estado. » Isto pa-
 » receo tão bem a todos , que se tornáram a
 retratar , e seguiram o parecer do Capitão
 D. Diogo de Noronha.

Com esta resolução mandou D. Diogo
 de Noronha dizer ao Melique Xequé » que
 » quanto ao dinheiro com que o commettia ,
 » não era elle homem que por nenhum the-
 » souro da vida fosse contra o serviço de seu

» Rey : que dos ameaços que lhe fazia lhe
 » dava pouco , porque elle iria em pessoa a
 » Gogá , e traria as náos que lá carregassem ,
 » e as tomaria por perdidas. E que a lhe de-
 » fender a passagem por terra ás fazendas ,
 » folgaria muito , porque então o obrigaria
 » ao ir buscar a Nova Nager , onde estava ,
 » e lançallo fóra daquellas terras , que elle
 » tinha tyrannizadas a ElRey de Cambaya ,
 » e tornar-lhas a entregar. » Com esta respof-
 ta começou Melique Xequé a lançar gente
 de guerra da outra banda , e a defender a
 passagem aos mercadores ; o que sabido por
 D. Diogo de Noronha , despedio hum Lou-
 renço Pereira por Embaixador a ElRey de
 Cambaya a pedir-lhe que houvesse por bem
 ficar aquella Alfandega toda a ElRey de
 Portugal , porque assim lhe vinha melhor ,
 que comer ametade della aquelle alevanta-
 do , porque era bem enfraquecello no cabe-
 dal , pera se não poder sustentar em sua ty-
 rannia ; porque quando ElRey se quizesse
 restituir em seu Estado , o pudesse fazer com
 mais facilidade. Este homem chegou a Cam-
 bayete , e achou o Rey moço em poder do
 Ithimitican , porque havia pouco tinha fu-
 gido de Madre Maluco pera elle , por ar-
 rufos que teve ; mas cumprio-se nisto aquel-
 le adajo Italiano , que diz , fugio da certã ,
 e foi dar nas brazas ; assim este fugio do que

o fez Rey, e o trazia na liberdade que queria, pera outro tyranno que logo o fechou, e encerrou de feição, que ninguem o via, e elle ficou governando tudo, ficando o moço como humna estatua, sem eleição de querer em nada; porque como o tinha debaixo de sua chave, fazia tudo o que queria, e mandava soberanamente, com capa de dizer, que ElRey o mandava assim; e por derradeiro lhe veio a tirar o Reyno, e entregallo aos Magores, como adiante na nona Decada se verá.

Chegado Lourenço Pereira ao Ithimitican, deo-lhe o recado de D. Diogo de Noronha, que elle logo ouviu bem, e mandou que se detivesse até saber a vontade de ElRey; e assim ficou muitos dias sem lhe darem resposta, porque era homem de pouco negocio, e tacanho; e os homens que hão de negociar com Mouros, o hão de fazer com a mão aberta. E não fó o não ouvíram sem isso, mas ainda o tratáram mal, como fizeram a este. Do que D. Diogo de Noronha foi logo informado, e despedio Diogo Pereira, (hum Cavalleiro honrado de sua obrigação, homem prudente, liberal, e grãdiolo no trato de sua pessoa, e casa,) que chegando á Corte, achou o Lourenço Pereira muito mal tratado do Ithimitican, por que lhe fez muitas, e públicas descortezias;

e estava como reteudo, e encurralado. Diogo Pereira se vio com o Ithimitican, e trouxe com elle o negocio que levava a cargo, sobre o que levou differente modo, e com tudo isso não lhe respondeo a proposito, de que avisou a D. Diogo de Noronha pelo mesmo Lourenço Pereira, que se foi pera Dio; e sabendo das avexações que lhe lá fizeram, tomou-se disso tanto, que logo determinou de se vingar do Ithimitican. E tendo noticia certa, que tinha hum a não sua em Meca com cartaz, que lhe passou o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, pera ir descarregar em Gogá, e que se esperava por ella na entrada de Agosto, determinou de se satisfazer nella; pera o que armou quatro navios, de que deo a Capitanía a Duarte Paim de Mello, e lhe deo por regimento, que se fosse pôr na enxada dos Rabãos; e que como aquella não apparecesse, a fizesse arribar a Dio, sem tocar nella, nem fazer força alguma, nem affronta aos mercadores. Duarte Paim de Mello se foi pera aquella enxada, onde esteve poucos dias, porque logo houve vista da não, que era muito formosa, e vinha a mais rica que nunca partio do porto de Judá; porque como era forra, embarcáram-se nella todos os mercadores grossos com todo o ouro, prata, corral, e outras fazendas ricas, da

mór

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

mór parte das outras náos, que eram obrigadas a ir a Dio a pagar os direitos. O Duarte Paim vendo a náos, a foi demandar, e a fez amainar, e recolheo dentro o Capitão, e Officiaes, sem haver alteração alguma da sua parte; porque como vinham com seguro, não houve recusar. E como os teve no seu navio, os quietou, e segurou, affirmando-lhes, que o Capitão de Dio não queria mais, que fazer com elles certa diligencia; e indo seu caminho, foram surgir na bahia de Dio, e todos os navios á roda della. D. Diogo de Noronha mandou recado a Duarte Paim de Mello, que não deixasse entrar, nem sahir della pessoa alguma até seu recado, porque não fosse a Cambaya algum primeiro que o seu. E no mesmo dia despedito hum correio muito apressado, com humma carta pera Diogo Pereira, em que mandava, que tanto que aquella visse, logo de noite se partisse desconhecido pera Cambayete, onde acharia hum navio, e que se embarcasse logo nelle, e se viesse pera Dio. Este correio chegou á Cidade de Amadaba em poucos dias, e deo a carta a Diogo Pereira, que tanto que a vio, dissimulou com o negocio; e em anoitecendo, se vestio em trajos de Mouro, e posto em hum formoso cavallo se partio pera Cambayete, onde chegou ao outro dia; e achando o navio que

que lhe D. Diogo de Noronha tinha mandado, se embarcou nelle, e se veio pera Dio. D. Diogo de Noronha, tanto que o teve lá, mandou descarregar a náó em muitas embarcações, sem dar pelos requerimentos que os mercadores lhe fizeram; e que se mettessem todas as fazendas na Alfandega pera pagarem os direitos, o que lhe mandou fazer com favor, dizendo aos mercadores, que affás de amizade lhes fazia em lhes não tomar a náó com todo o recheio. Vendendo os mercadores que não tinham remedio, antes de se lhes bullir nas fazendas, mandaram commetter a D. Diogo de Noronha com dez mil Venezianos de serviço, e que os deixasse ir pera Gogá; mas como Dom Diogo de Noronha o não vencia interesse algum, pelejou com quem lhe levou o recado. Pagos os direitos, lhes tornaram suas fazendas, e lhes deo licença pera se irem pera Gogá, dizendo aos mercadores » que dissestem ao Ithimitican, que foubesse tratar bem os homens, que lhe lá mandavam os Capitães de Dio. » Isto sentio elle muito, mas soffreo; porque como tinha tyrannizado o Reyno, não quiz bullir em couza alguma por não perder tudo. Este anno rendeo a Alfandega de Dio com esta grande pancada, cento e vinte mil pardáos, de que se fizeram as despezas da fortaleza; e

Conto. Tom. IV. P. I.

I

man-
N IMPRENSA
NACIONAL

mandou depois ao Governador Francisco Barreto sessenta mil pardãos.

Pouco depois disto na entrada de Setembro, entrou pela barra de Dio dentro de uma fusta muito embandeirada, atirando muitas bombardadas. A este tempo andava Dom Diogo de Noronha passando em huma varanda sobre o mar; e vendo entrar o navio com tanto alvoroço, (como tinha por cartas do inverno, que o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas ficava mal,) houve que era morto, e que elle succedia na governança, porque a merecia a ElRey. O Capitão do navio entrou na fortaleza, e lhe pediu alviças, que Francisco Barreto era Governador da India, por morte do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, e lhe deo cartas do mesmo Governador. D. Diogo de Noronha ouvindo aquillo que não esperava, ficou sobrefaltado; e chamando pelos criados, mandou que lhe levassem o Capitão do navio ao tronco, porque fora com tamanho alvoroço dar-lhe novas da morte de hum tão honrado Fidalgo, como o Viso-Rey Dom Pedro Mascarenhas; e assim foi levado o pobre homem nos ares, e mettido no tronco. D. Diogo de Noronha deitou as cartas do Governador por esse chão, e começou a passear, e a dizer: » D. Diogo na India, e Francisco Barreto Governador della ? ora » if

» isto he acabado: faze-te D. Diogo Cleri-
 » go, já que não prestas pera nada.» Depois
 que se andou desaffogando hum espaço, cha-
 mou o Alcaide mór, e lhe mandou, que
 soltasse o Capitão do navio, e que emban-
 deirasse a fortaleza, e desparasse a artilheria,
 e que festejasse aquelle doudo de Francisco
 Barreto, porque não queria que dissessem,
 que de inveja o deixára de fazer; e que El-
 Rey podia dar a sua governança a quem
 quizesse. E tomando o dinheiro que tinha
 junto, (que era os sessenta mil pardãos que
 dissemos,) o mandou embarcar no mesmo
 navio, em companhia de outros, e respon-
 deo ao Governador ás suas cartas. Este di-
 nheiro chegou a Goa depois das náos do
 Reyno, que o Governador festejou muito,
 porque lhe foi a muito bom tempo; e ef-
 creveo a D. Diogo de Noronha cartas che-
 ias de obrigações, e agradecimentos, dos
 muitos serviços que tinha feitos a ElRey na
 quella fortaleza. Agora deixaremos hum pou-
 co estas cousas, porque he necessario con-
 tinuemos com as que succedêram neste tem-
 po em Ceilão, primeiro que entremos na
 do verão.

CAPITULO IV.

Das cousas que succedêram em Ceilão : dos ardís de que o Madune usou pera intimidar Tribuli Pandar com os Portuguezes : e de como depois se concertou com elles pera o destruirem , como fizeram.

FUGIDO Tribuli Pandar da prizão , em que D. Duarte o tinha , (como já na sexta Decada no Cap. XII. do Liv. X. fica dito ,) foi-se elle pôr no lugar de Bandale (depois que fez os damnos que dissemos.) O Madune como era manhoso , e aquellas desavenças todas lhe ficavam cortadas á medida do que desejava , despedio logo pessoas de recado a Tribuli Pandar , por quem o mandou persuadir a se vingar das affrontas , que os Portuguezes lhe tinham feito , offerecendo-lhe pera isso toda ajuda que quizesse , de gente , e dinheiro ; o que lhe o Tribuli Pandar acceitou , e elle lhe mandou seiscentos Chingalás com seus Modeliares ; e com a gente que mais ajuntou , começou a fazer muito grande guerra aos nossos , e destruiu os lugares de Paneturé , Caleturé , Macil , Berberi , Galé , e Beligão , e derribou por elles todos os nossos Templos , que os Frades de S. Francisco em todos estes lugares tinham , e nelles feitos muitos Christãos por

grande edificação, e exemplo de vida, recebendo alguns delles desta vez glorioso martyrio por mãos deste Barbaro, que a nenhuma cousa perdoava; e a muitos dos Chri-
stãos cativou, tratou mal, e ainda metteo a tormentos. Nesta conjunção chegou Affonso Pereira de Lacerda (que atrás deixámos partido de Cochim) pera ir succeder naquella Capitania; e depois de tomar posse della, sabendo os grandes damnos, que o Tribuli Pandar tinha feitos, tratou de lhe fazer toda a guerra que pudesse, pera o que fez suas preparações. O Madune, que não perdia occasião, tanto que vio o Tribuli Pandar bem homiziado com os Portuguezes, despedio embaixadores a Affonso Pereira de Lacerda, por quem o mandou visitar, e offerecer-lhe contra o Tribuli Pandar tudo o que lhe fosse necessario; o que Affonso Pereira de Lacerda lhe accitou, e agradeceo, fazendo antre ambos concertos, que cada hum por sua parte fizesse guerra ao Tribuli Pandar, e não levassem mão della, até de todo o não destruirem; porque em quanto fosse vivo, havia de dar trabalhos áquella Ilha. Estes concertos se fizeram com condição, que se arrecadariam pera ElRey de Portugal os direitos da terra, e pórtos, que antigamente lhe pagavam, que o Madune lhe trazia usurpados, e eram os seguintes:

» Dos

» Dos pórtos de Licão mil fanões , de
 » Belicote trezentos , as terras da Rainha tres
 » mil e trezentos , as de Mapano setecentos ,
 » as de Muliara dous mil , o Regir dous mil
 » e quinhentos , o porto do Matual tres mil
 » e trezentos e vinte , o de Columbo dous
 » mil , Paneturé quinhentos e sessenta , o por-
 » to de Maçú , Beligão , e Galé , e Chuc-
 » ri nove mil e setecentos.» E assentáram mais,
 que o Capitão prendesse o Camareiro mór
 do Rey da Cota , e seu cunhado Alaca , Mo-
 deliar , e hum filho do Capitão preto , (que
 eram as tres pessoas de que mais o Madu-
 ne se temia ,) fazendo os Embaixadores crer
 ao Capitão , que estes eram os induzidores
 das cousas do Tribuli Pandar , que o favor-
 recêram nos damnos que tinha feito ; por-
 que havia o Madune , que como não tivef-
 se estes contra si , logo lhe fería muito fá-
 cil fazer-se senhor de toda a Ilha.

Feitos todos estes contratos á vontade do
 Madune , sem Affonso Pereira de Lacerda
 entender suas invenções , logo se preparáram
 pera profeguiem a guerra ; e o Capitão pren-
 deo as pessoas que o Madune pertendia , e
 o Camareiro mór mandou no começo do ve-
 rão pera Goa , a quem o Governador Frar-
 cisco Barreto recebeu bem , e o mandou en-
 tregar aos Frades de S. Francisco , onde es-
 teve , e lhe mandou dar todo o necessario ;
 e

e o tratáram com tantos mimos, que o vieram a fazer Christão, e o bautizáram com grandes festas, sendo o Governador Francisco Barreto seu Padrinho, e lhe poz o seu nome; e depois o tornou a mandar pera Ceilão com mimos, e honras.

Assentados os contratos ante o Madune, e Affonso Pereira de Lacerda; despedio o Madune hum filho seu bastardo, chamado Rajú, (que foi o mór inimigo, e que mór trabalho deo áquella fortaleza que todos, e que lhe poz dous muito apertados cercos, hum sendo Capitão Manoel de Sousa Coutinho, e outro João Correa de Brito, como na nona, e decima Decada se dirá.) Este Rajú com grande exercito foi contra o Tribuli Pandar pela parte de Caleturê. Affonso Pereira de Lacerda mandou Ruy Dias Pereira com duzentos homens, e Antonio de Espindola com cento, pera irem cada hum por sua parte accommetter a Cidade de Palanda, onde o Tribuli Pandar estava, porque o Rajú havia de ir por outra parte, porque assim lhe não pudesse escapar. Chegados todos a ella, assentados seus exercitos, commettêram os nossos a Cidade com muita determinação; e posto que o Tribuli Pandar se defendeo muito valerosamente, todavia ella foi entrada com morte de muitos de dentro; e o Tribuli Pandar

vendo-se perdido, teve modo com que escapou, e fugio pera Tanavaré, e os nossos lhe entráram as casas, e cativáram sua mulher, que era filha do Madune, e havia pouco tinha recebido; e lhe tomáram todo o serviço de sua casa, e pessoa, e com isso se recolhêram pera Columbo, e o Rajú pera Ceitavaca. O Tribuli Pandar não se havendo por seguro em Tanavaré, se passou ás sete Corlas, até onde o Rajú depois o seguiu, e lhe ficou pondo cerco muito devagar, como adiante se verá.

CAPITULO V.

De como hum Capitão Pegú, chamado Ximidisatão, matou ElRey Bramá, e se apoderou do Reyno, e mandou matar Diogo Soares de Mello: e de outras muitas cousas que succedêram.

DEixámos as cousas de Pegú no Cap. IX. do VII. Liv. da sexta Decada, em se recolher o Bramá de sobre a Cidade de Camambé, sem a poder tomar. E porque em todos estes annos, que se mettêram em meio atégora, succedêram muitas cousas novas, que deixámos de contar, porque foram espalhadas, nos pareceo bem recopilarmos todas neste Capitulo, e neste lugar, porque entram nellas alguns feitos famosos de

Portuguezes , que não he bem se percão , nem nós o fazamos á ordem que levamos nesta historia , que he contar as cousas alheias no tempo do inverno , em que fomos entrados.

Pelo que se ha de saber , que em quanto o Bramá andou conquistando a Cidade de Sião , e de Camambé , se levantou cá em Pegú hum grande Capitão , chamado Ximindo , e começou em segredo a convocar gente , e a se cartear com algumas Cidades principaes , pera em quanto o Bramá andasse ausente (cuidando que fosse devagar) se levantar com o Reyno. Antre estas Cidades entrava tambem a de Pegú , que era a cabeça do Reyno , cujos moradores folgáram de elle tomar aquella empreza , por ser Pegú , e se livrarem da sujeição dos Bramás ; e vindo ElRey daquella jornada , em que o deixámos , chegou a Pegú , sem saber ainda cousa alguma da conjuração , e se foi metter na Cidade , e despedio Diogo Soares de Mello pera se ir a Cosmim , que era o Bandal , onde o navio do trato já era chegado pera lhe fazer os direitos ; e com isso despedio seus Capitães , pera que fossem descansar. E ficando só ; e bem descuidado ; lhe deram novas , que o Ximindo ficava na Cidade de Cevadi , (que era poucas leguas ,) e que na de Pegú havia alguma alteração , por-

que ElRey estava na fortaleza, a huma parte da Cidade, onde se provêo, e fortificou muito bem; e despedio recado a Diogo Soares de Mello, pera que se tornasse logo perra elle, e fez chamamento de alguns Capitães de mais perto.

Este recado tomou a Diogo Soares de Mello no Bandel, e logo com muita pressa ajuntou todos os Portuguezes que alli havia, e por todas as povoações daquelles rios, que seriam perto de duzentos, e se foi pelo rio assima pera Pegú, achando já os caminhos quasi impedidos por ordem do allevantado, de que escapou por sua industria, e esforço; e chegado á Cidade, se foi pela banda de fóra demandar os Paços de ElRey, e entrou pelos pateos, a tempo que elle estava em huma varanda; e em o vendo entrar, que o conheceo, se alevantou com grande alvoroço, e lhe disse de sima: » Ah irmão, (porque assim lhe chamava elle sempre,) eu no meu Elfante, e tu no teu cavallo, venha todo o Mundo; » e sahindo pera fóra, o recebeu com muitas honras, e o mandou agazalhar com todos os Portuguezes dentro na fortaleza por sua guarda. E assim todas as noites vigiavam cada quarto vinte e cinco Portuguezes na sua antecâmara, onde ElRey todos os quartos os havia visitar, e lhe dava grandes banquetes,

e dinheiro pera jogarem, e elle estava muitas vezes vendo o jogo, e aos que perdiam mandava dar mais dinheiro.

E chegando-lhe os Capitães que tinha mandado chamar, foi buscar o alevantado, dando a dianteira a Diogo Soares de Mello com os Portuguezes todos. O Ximindo, que estava na Cidade de Cevadi, em lhe dando o recado que o Bramá o hia buscar, se sahio com todo o poder, e furtando-lhe a volta, deo sobre a Cidade de Pegú tão de supito, que a entrou logo, porque os conjurados lhe deram lugar pera isso, e a Rainha se fechou no castello com os seus ordinarios, e com alguns vinte Portuguezes que alli ficáram, e se defendêram muito valorosamente do Ximindo, que bateo o castello mui furiosamente; e affirmavam, que hum Fidalgo Capitão do navio da viagem provêra o alevantado de polvora, e munições pera isso. O Bramá teve recado disto pela posta; e voltando a grande pressa, chegou á Cidade de Pegú, e sabendo-o o Ximindo, se acolheo logo della, e foi fugindo pera os matos, já sem poder, porque todo se lhe foi. ElRey se deixou ficar fóra sem querer entrar na Cidade, e mandou alguns Capitães que fossem dentro, e mataassem á espada todos os moradores della, mulheres, meninos, e ainda todos brutos animaés, por-

que na Cidade traidora nem a elles se havia de perdoar; e que só os que se acolhessem ás casas de Diogo Soares de Mello, (porque tinha alli seu fato, e criados,) se lhes perdoasse: o que os Capitães fizeram com tamanha crueza, e carnicaria, que foi espanto. O Capitão Portuguez, que alli estava com todos os que tinha em sua companhia, parece que tiveram aviso de Diogo Soares de Mello, e naquella revolta tiveram tempo de se acolherem ás suas casas, (que se entulharam de gente, casas, pateos, e até por cima dos telhados, e ainda por derredor das paredes da banda de fóra,) aonde os Bramás não chegaram, porque lhe tinham tanto respeito, que chegando á vista das casas de longe, todos os que hiam a cavallo, ou em Palanquim, logo se apeavam por obediencia; escapando mais de dōze mil almas, que áquelle circuito se acolhêram, e tudo o mais até os cães, e gatos foram mettidos á espada.

Acabado este cruel sacco, chamou o Bramá Diogo Soares de Mello, e lhe disse, que fosse com todos os Portuguezes, e que tomassem na Cidade tudo o que quizessem, porque a fazenda dos traidores razão era que se dêsse aos leaes; e mandou a hum Capitão Bramá, que lhe prendesse aquelle Capitão Portuguez, que alli estava fazendo as

sup

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

viagens, pelo favor que dera a seus inimigos, cujo nome calamos por razões que a isso nos movêram, por não affrontarmos filhos, e netos, que tem no Reyno bem honrados. Diogo Soares de Mello com os companheiros entráram pelas casas, e tomáram o que pudéram, e elle foi levado por pessoas, que sabiam as casas dos ricos; e affirmase, que só em pedraria tomára pera si perto de tres milhões de ouro, e que os seus tambem houveram bom quinhão. Abastados elles, e satisfeitos, mandou o Bramá a todo seu exercito, que fosse saquear a Cidade, o que os Bramás fizeram, sem nella deixarem cousa alguma. Passado isto, mandou ElRey queimar todos aquelles corpos mortos no campo em fogueiras mui grandes, que pera isso se fizeram; e depois da Cidade limpa, e despejada, entrou ElRey nella, e foi ver a Rainha ao castello, e fez muitas mercês, e honras aos Portuguezes que a defendéram. Diogo Soares de Mello naquelle alvoroço pedio de mercê a ElRey, que mandasse soltar o Capitão Portuguez, que tinha prezo, o que lhe elle concedeo, ainda que contra sua vontade. Todas estas cousas succedêram desde a era de quarenta e oito até a de sincoenta, em que ElRey ficou pacifico, e quieto.

E na entrada da primavera se foi recrear,

e descansar dos trabalhos passados a huma Cidade muito fresca, chamada Satão, que está sobre aquelle formoso rio, de que era Senhor hum Pegú, que se chamava Ximi de Satão, que he tanto como dizer Duque de Satão; que por aggravos que tinha de El-Rey, e com a ambição que lhe entrou de se fazer Rey, determinou de o matar. Estando El-Rey mui descansado no campo, onde andava á caça, entrou de noite por huma janella, (com consentimento de sua guarda, que pera isso tinha peitado,) e ás adagadas o matou, tendo reinado dezeseite annos. E como elle tinha negociado aquillo de boa feição, com alguns Capitães da sua banda, logo se apoderou das casas de El-Rey; e de tal manha usou, que lhe acudiram os Pegús todos, por suas liberdades, e o appellidaram por Rey, e sahio dos Paços a dar nos Bramás, que estavam no exercito pera os matar a todos. Neste tempo estava tambem no arraial Diogo Soares de Mello com alguns Portuguezes, que El-Rey nunca largava de si; e ouvindo nas suas tendas a revolta, acudio com os companheiros ás casas de El-Rey. Os da conjuração, que andavam já soltos, deram nelle, e lhe mataram tres companheiros, e a elle feriram muito mal em hum braço; e vendo a cousa tão mal parada, puzeram-se em cavallos,

e se foram pera a Cidade de Ová , onde estava hum cunhado de ElRey , chamado Mandaragri.

Era este Mandaragri filho de huma Ama de ElRey Bramá , que lhe creára hum filho , que já era morto ; e como andava das portas a dentro , sem se lhe fechar cousa alguma , e elle era mancebo muito nobre , e gentil-homem , tratou amores com huma irmã de ElRey , tambem moça , e muito formosa ; e concertando-se ambos , vieram a effectuar seus desejos. Mas receando o mancebo que o viesse ElRey a saber , desappareceu hum dia , e foi-se pera outros Reynos dellas nunca dura muito , chegando aos ouvidos de ElRey o máo recado da irmã , mandou-a prender , e que se buscasse o Mandaragri pelo Mundo todo , promettendo muito a quem lhe descubrisse aonde estava : e assim mandou muitos Capitães , que se espalhassem por todos aquelles Reynos após elle. E como a paixão sempre tem termo , alguns grandes privados de ElRey , em o sentindo hum pouco brando , lhe pediram , e aconselháram , que já que o máo recado era feito , devia de perdoar a sua irmã , e remediar aquillo com a casar com o Mandaragri , e fazello grande Senhor em seus Reynos. Tantas cousas lhe differam neste ca-

fo; que o abrandáram de todo, e mandou vir o Mandaragri, (que logo se descubrio,) e os casou, e lhe deo titulo de Xemim, que he de Duque, e o trazia comsigo no exercito, muito mimoso, e em lugar de filho, porque os não tinha.

O Xemim de Satão, que matou ElRey, depois que se apoderou do exercito, abalou contra a Cidade de Pegú, e Diogo Soares de Mello com os Portuguezes o fahíram a receber, e a reconhecer por Rey; e elle lhe fez honras, e gazalhados, e o despedio que se fosse pera Pegú, onde elle todos os dias que alli esteve, depois que fugio do exercito, sempre governou absolutamente como esse. O tyranno do Xemim de Satão não quiz entrar na Cidade, porque lhe deram novas, que o outro Xemindo (de que atrás fallámos) depois de saber da morte de ElRey, ajuntára grandes exercitos, e que vinha muito poderoso em busca d'elle, apellidando-se Rey de Pegú; pelo que com muita pressa ajuntou estoutro Xemim de Satão todo o poder que tinha, e o foi esperar; e antes que se partisse, mandou chamar Diogo Soares de Mello, que com todos os Portuguezes o fosse acompanhar, o que elle logo fez. E antes de chegar aonde estava o Xemim de Satão, o leváram alguns

Capitães no meio, e entráram com elle em huma varella, e alli o retiveram, dizendo-lhe, que mandasse buscar seu filho, que ficava em Pegú, pera tambem ir naquella jornada. Diogo Soares de Mello, como era prudente, logo se receou, e houve aquillo por ruim negocio, e despedio hum Fernão Rodrigues, que hoje vive na Cidade de Goa, e serve o officio de Modacação dos Farazes, pera que fosse chamar o filho, e dissesse aos Portuguezes, que estavam em Pegú, que se puzessem em cobro, porque havia ruins sinaes; e áquelle Fidalgo Capitão da viagem lhe dissesse, que já víra o que tanto desejava; porque imaginou Diogo Soares de Mello, que elle o mexericára com o Xenim de Satão. Fernão Rodrigues trouxe o filho de Diogo Soares de Mello; e chegando com elle á escada da varella, onde o pai estava, lhe tomáram os Pegús o cavallo, e o prendêram, e despíram: o pai tanto que vio fazer aquella offensa ao filho, dando-lhe a paixão, lançou mão de huma cana mocissa (a que na India chamam bambuz) que alli estava cheia de boninas, que offerecêram ao Pagode, e arremettendo com os Pegús, os levou ás pancadas diante de si; e lançando a todos fóra da varella, arremetteo pera se sahir por outra porta; e sendo em baixo, foi cercado, e atado com as

Conto. Tom. IV. P. I.

K N INTERNACIONAL

mãos detrás ; e hum daquelles algozes levantou hum luzente traçado pera lhe cortar a cabeça ; e vendo-o elle , disse a hum Capitão , chamado Xemim da guedelha , grande seu amigo » que pois o queriam matar , » que fizesse esperar hum pouco , e lhe soltasse a mão direita , porque queria pedir a Deos perdão de seus peccados ; » e Xemim da guedelha o fez assim , mandando-lhe desatar a mão direita ; e abaixando-se elle em giolhos , tomou hum tijolo , (que havia alli muitos ,) e com os olhos no Ceo deo elle muitas pancadas nos peitos , com tanta força , que logo lhe arrebentou o sangue , dizendo : *Senhor , tibi soli peccavi* ; e allí naquelle breve tempo fez muito alto humana confissão de seus peccados em particular , dizendo : *Offendi-vos , Senhor , em tal , e em tal* ; e assim foi discorrendo por todos aquelles que lhe lembráram , com tantas lagrimas ; e pancadas nos peitos , que moveo a todos a compaixão ; e naquelle acto lhe deo hum verdugo por detrás hum tamanho golpe , que lhe deitou a cabeça fóra dos hombros. E segundo aquelles exteriores , podemos crer da misericordia de Deos. nosso Senhor que a haveria com elle.

O filho , que atrás dissemos , foi tão ditoso ; que naquella revolta (quando o pai lançou ás pancadas a todos da varella) tornou

nou a cavalgar, no cavallo; e sem terem tento nelle, deo consigo em Pegú, onde se soube logo a morte de Diogo Soares de Mello. Passados poucos dias depois disto, foi o Xemim de Satão buscar o Xemindo; e chegando á vista hum do outro, vieram a batalha, onde o Xemim de Satão foi desbaratado, e prezo, e o Xemindo passou adiante, e entrou pela Cidade de Pegú triunfando; e mandou levar por toda ella o Xemim de Satão, assim atado, com pregões que diziam, que aquelle era o traidor, que matára ElRey Bramá. E indo elle naquelle transe, passando pelas casas que foram de Diogo Soares de Mello, pondo os olhos nellas, disse alto: » Eu mereço esta morte, e deshonra, porque mandei matar Diogo Soares de Mello sem razão, e por más informações. » E depois de todas estas affrontas, lhe cortáram tambem a cabeça.

CAPITULO VI.

De como Mandaragri, cunhado de ElRey Bramá, veio com grandes exercitos sobre Pegú, e tornou a conquistar aquelle Reyno: e das façanhas que os Portuguezes fizeram em defensão da fortaleza, onde a Rainha estava: e do que fez o Mandaragri Rey de Pegú, quando os veio soccorrer.

DEsta vez ficou Xemindo Rey de Pegú até este anno de sincoenta e sinco em que andamos, que o Mandaragri, cunhado de ElRey Bramá, (que, como dissemos, foi fugindo pera a Cidade de Ová,) tornou sobre elle; porque os Regedores daquelle Reyno o alevantaram por Rey, por ser casado com a irmã de ElRey Bramá, a quem de direito pertencia o Reyno. E vendo-se elle potente, e sabendo das revoltas que em Pegú havia, e como o Xemindo matára a Xemim de Satão, e se intitulára Rey, ajuntando grandes exercitos, entrou pelo Reyno de Pegú; e depois de ter muitos recontros com a gente do tyranno, vieram ambos a batalha, que foi muito cruel, e por fim della ficou o Xemindo desbaratado de todo, e foi fugindo em trajos disfarçados pera os mais apartados matos dos fins do Reyno. O

Mandaragri, vencida a batalha, se apoderou de todo o Reyno; e como se vio quieto, mandou lançar grandes pregões, que toda a pessoa que lhe dissesse onde estava o Xemindo, e lhe dêsse ordem pera o haver ás mãos, o faria grande Senhor em seus Reynos, e Estados; e tanta diligencia poz nisso, que o houve ás mãos por esta maneira.

Fugindo o Xemindo, (como affirma difemos,) se foi pôr nos matos mais escondidos, que havia nos fins do Reyno, e alli em trajos de lavrador se casou com huma filha de hum, que nestes matos vivia pobremente, onde começou a grangear a vida roçando, e semeando a terra, vivendo neste estado mais de dous annos. E parece que devia de ser mui affeçoado a sua mulher, porque se lhe descobrio de todo. E usando ella da natureza das mulheres, (que he não poderem acabar consigo guardar segredo em cousa alguma,) deo conta a seu pai de quem elle era, que vencido logo do interesse que ElRey promettia a quem o descubrisse, dissimulando se foi a Pegú, e deo conta daquelle negocio a ElRey, e se lhe offereceo ao entregar, como fez. ElRey o mandou trazer diante de si pera o conhecer; e vendo ser o proprio, o mandou alli logo matar; e sobre sua vida, e morte fizeram os

Pegús muitos Romances, que hoje em dia cantão em suas festas.

E tornando a continuar com a ordem de nossa historia: tanto que o Mandaragri se vio fenhor do Reyno de Pegú, quiz obrigar aos naturaes ao amarem, com beneficios, amor, e mercês; e logo repartio os titulos todos, e estados com os filhos dos que os possuiram, se eram já mortos; e se vivos, confirmava-os nelles: e deo outros muitos de novo, e provêo nelles todos os officios, sem dar hum só, nem terras, rendas, nem outra cousa alguma a nenhum dos Bramás, que consigo trouxe. Mas como a malicia dos Pegús he mui grande, e sua natureza alterada, não se quietáram com tudo isto, antes começou logo a haver antre elles muitos tumultos, a que o Bramá acudio com o castigo, abrazando Cidades, destruindo povos, e mandando matar infinitos Pegús, e a todos os mais fez tirar as armas, e os inhabilitou de todo; e pera mais os domar, ordenou de fazer huma formosa Cidade para sua Corte, pegada á velha, a que poz logo as mãos, e começou a levantar os muros de adobes em fórma quadrada, e tão grande, que he esta Cidade huma das notaveis cousas do Mundo; de quina a quina tinha sinco portas, e sobre cada huma hum formoso baluarte, e de hum a outro sinco

guaritas, e a mandou cercar de huma muyto formosa cava, de largura de hum bom tiro de pedra, e de cinco braças de fundo; e no meio da Cidade fez aposento pera si de tanta magestade, de casas, salas, varandas, guaritas, pateos, e jardins, que era cousa espantosa, e todos cercados á roda de hum grosso muro, e de outra funda, e formosa cava, cheias ambas da agua dos rios, que fez entrar, e sahir por ellas; tudo isto por ordem de Architectos Chins, que lhe fizeram os Paços pela fórma dos do Rey da China, que elle mandou trazer daquelle Reyno com grandes dadivas. Nesta obra trabalharam os Pegús, e em outra de muita magestade, que mandou logo fazer pera os ter sopeados, como Faraó ao povo de Israel; mas nem isto bastava pera os quietar, porque cada dia havia antre elles muitas alterações, a que elle acudia com rigor.

Em fim, depois de ter quieto tudo, o melhor que pode, ajuntou grandes exercitos de hum milhão e seiscentos mil homens de armas, pera ir conquistar alguns Reynos comarcãos, e deixou a mulher, e filhos na Cidade, e fortaleza velha, porque a nova ainda estava imperfeita, e se hia fazendo. Mettendo-se por esse certão, foi conquistando, e senhoreando todos os Reynos que havia, até chegar aos estremos do de

Cauchi China , em que não quiz bullir , nem tocar ; e o Aitão da Cidade , que era o Governador , o mandou visitar , e prover de mantimentos , e refresco mui abundantemente. Dalli voltou , levando consigo muitos Chins , que se quizeram vir com elle ; e desta vez ficou aquelle caminho aberto até hoje. E assim daquellas Provincias todas vem todos os annos á Cidade de Pegú muitos mercadores grossos com fazendas , almiscar , peças de sedas de diferentes cores , e labores , louça , e outras muitas cousas. E assim se lhe affeiçoou o Brainá , que tomou os Chins , que com elle quizeram ficar , por seus criados , e os fez muito honrados nos seus Reynos , que deixou naquelles que conquistou os mesmos Reys , sem querer delles mais , que o reconhecimento de vassallagem : só o Reyno de Camboja , que fica antre Sião , e Cauchi China , não pode senharear por ser cousa grande , e o Rey muito poderoso.

Em quanto elle andou nestas conquistas , se alevantou outro tyranno , e foi com hum poderoso exercito sobre a Cidade de Pegú , e a Rainha com os Regedores se recolheram á fortaleza , e mettêram dentro os Portuguezes que alli havia , e alguns Mouros das náos de Meca pera sua defensão ; e aos Portuguezes , que seriam trinta , de que era Capitão hum Francisco Trigo , que elles an-

tre si elegêram , entregáram as portas por homens de mais confiança , assim na lealdade , como no esforço.

O tyranno tanto que chegou a Pegú , logo se senhoreou da Cidade , e começou a bater a fortaleza em que a Rainha estava , que sempre fora entrada , senão houvera entre elles huma muito antiga abusão , que nunca se poderia entrar aquella fortaleza , se não fosse por huma certa porta daquellas , em que a Rainha tinha póstos os Portuguezes , e lhes tinha entregue as chaves de todas as mais , pera que elles as vigiassem , e roldassem , como faziam todas as noites. O inimigo foi combatendo a fortaleza , e poz todo seu poder sobre aquella porta das abusões , e a combateo , e commetteo por muitas vezes com grande determinação ; mas os valerosos Portuguezes lha defendêram com muito grande estrago seu ; e assim a Rainha os favorecia , e provia de tudo , como quem tinha nelles só todo seu remedio.

Disto foi ElRey lá por onde andava avisado por correios apressados ; pelo que logo com muita pressa despedio alguns Capitães diante , e elle se desembaraçou de tudo , e partio apôs elles. E para o fazer mais desembaraçadamente , mandou pôr o fogo a toda a fazenda , e fato , que havia no exercito , pera os seus não terem que levar , que

os impedisse; e foi caminhando tão apressado, que andando mais de dous mezes de caminho afastado de Pegú, em menos de hum chegou áquelle Cidade, que já achou descercada; porque os Capitães, que chegaram diante, deram nos inimigos, e os derrotaram, e houveram o tyranno ás mãos, que logo foi espedaçado.

Chegado o Bramá a Pegú, assentou fóra o seu exercito; e como já tinha novas de tudo o que era passado, mandou Adchanchas, que era hum capado, Veador da fazenda; que fosse á Cidade, e lhe trouxesse os homens, e o capado lhe levou os Mouros, que tambem estiveram na fortaleza; e vendo-os ElRey, se agastou muito, e disse ao capado: » Eu mando-te chamar homens, » e tu trazes-me gallinhas? Ora vai, e traze-me só os que tem nome de homens. » Tornou o capado á Cidade, e levou todos os Portuguezes, que se vestiram muito galantes: ElRey lhes fez muitas honras, e lhes disse: » Vós outros me fizestes á vontade, » agora vos quero eu fazer a vossa, pedi o que quizerdes. » Elles ficaram embaraçados, olhando huns pera os outros, sem se saberem determinar no que pedissem, e assim ficaram sem lhe responder. Vendo ElRey que lhe não respondiam, lhes mandou dar muitas peças de ouro, e lhes disse pa-

lavras muito honradas , e de muito louvor da nação Portugueza. Feito isto , entrou na Cidade , e foi ver a Rainha , que lhe disse , que só os Portuguezes a livraram de a achar cativa , contando-lhe muitas façanhas que lhes vira fazer , e ella fez tambem mercês a todos.

Reinou este Rey sincoenta annos com tanta justiça , e inteireza , que se póde metter no conto dos famosos do Mundo. Por sua morte lhe succedeo naquella Monarquia seu filho Para Mandará , que tambem foi muito valoroso , e governou seus Reynos em muita paz , e justiça , como em seu lugar diremos.

C A P I T U L O VII.

Da Armada que este anno de sincoenta e sinco partio do Reyno , de que era Capitão mór D. Leonardo de Sousa : e da perdição da não Algaravia nova : e de como o Governador Francisco Barreto mandou D. Alvaro da Silveira per Capitão mór ao Malavar : e do que aconteceu a Mealecan até Bilgão : e dos tratos que o Idalcan teve com Anel Maluco sobre lho entregar.

PRestes a Armada , que ElRey determinava de mandar este anno á Índia , que era de sinco náos muito formosas , deram

todas á vèla até vinte de Março. Era o Capitão mór dellas D. Leonardo de Sousa, que vinha na náó nossa Senhora da Barca; e os mais Capitães eram, Francisco Figueira de Azevedo em S. Philippe, Vasco Lourenço de Barbuda Carracão em S. Pedro, Jacome de Mello na Algaravia velha, e Francisco Nobre na Algaravia nova. Nesta Armada hia embarcado o Bispo Carneiro, e o Padre Antonio de Quadros, (que havia de ser Reitor do Collegio de Goa,) muito bom Theologo; e o Padre Francisco Rodrigues o Manquinho, mui douto em Canones, e muito acceito Prégador, de quem em Lisboa ouvimos a Rhetorica, e a Esfera no Collegio de Santo Antão, e outros Padres, que haviam de passar a Abassia; e por Provincial da India (que então se fez Provincia) hia o Padre D. Gonçalo da Silveira, irmão do Conde da Sortelha, Varão douto, de vida approvada, e que depois morreo martyr na Cafraria, como em seu lugar diremos. Levavam estes Padres muitos, e mui ricos ornamentos pera a Abassia, porque visse aquella Christandade a grande riqueza, e apparato com que a Igreja Romana celebrava o culto Divino, e folgassem de seguir seus costumes, e ceremonias.

Destas náos, as quatro chegaram a salvamento á India; só a náó Algaravia nova,

dê que era Capitão Francisco Nobre , tomou a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço ; e indo demandar Cochim , foi varar nos baixos de Pero dos Banhos , que estam em altura de sete grãos do Sul. Vendose Francisco Nobre varado em terra , se meteo no batel com alguns Officiaes ; e recolhendo algum mantimento , e agua , com grande deshumanidade se foi pera Cochim , deixando toda a gente na Ilha , (que eram perto de quatrocentos homens ,) e elle no batel foi ter a Cochim , e dahi se passou a Goa. Os da perdição , que estavam na Ilha , vendo que o Capitão os desamparára , e deixára sem remedio , e que lhes convinha tratar em d'elle , e de sua salvação , puzeram em conselho ordenarem algumas jangadas da madeira da náó , a que começaram pôr as mãos.

Mas D. Alvaro de Taide , filho legitimo de D. Alvaro de Taide , irmão bastardo do Conde da Castanheira , vendo que aquella determinação sería total perdição de todos , ajuntando-se com tres Padres da Companhia , que alli hiam , começaram a persuadir aos Officiaes , e a todos os mais , que não fizessem huma naveta , e a não fizessem em que todos se salvassem ; porque a náó ficou de feição que se podia desfazer , e assim a mór parte da fazenda , e mantimentos que levava , tinham posto em terra , e a

bom recado pera seu provimento ; posto que na Ilha havia muita agua , cocos , e muito peixe , e marisco , de que se podiam sustentar muito tempo. Tanto trabalharam nisto , e tantas cousas disseram , que fizeram deslizar das jangadas , e começaram a pôr em terra toda a cordoalha , maçame , poleame , antenas , vergas , leme , e toda a mais madeira , e pregadura ; e assim foram desfazendo a não com muita facilidade , e recolhêram tudo em terecenas , e ordenâram armazens , em que recolhêram as fazendas , e mantimentos da não pera a viagem , e assim armâram logo a quilha , e começaram a lavar a madeira , e a forjar a pregadura , fazendo-se todos carpinteiros , ferreiros , ferradores , cordoeiros , calafates , e todos os mais officiaes que lhe foram necessarios. E porque faltavam serras grandes , as fizeram de montantes ; e assim com muito grande confiança em nossa Senhora , a quem ofereceram a não , foram continuando na obra com tanta alegria , e confiança , que já não sentiam a perdição , nem os trabalhos , ajudando os Padres de continuo consolando , confortando , e animando a todos , e a obra foi crescendo a olho , e tão bem feita , e primária ; como se fora feita na ribeira de Lisboa , onde tudo está á mão ; e assim os deixaremos até seu tempo.

Chegado Francisco Nobre a Goa, e dando conta de sua perdição ao Governador, e de como aquella gente ficava nos baixos, fez logo negociar dous fustarrões grandes, e mandou Francisco Nobre em hum, e o Patrão mór em outro, pera que fossem aos baixos, e recolhessem a gente que lá ficou; o que elles não fizeram, nem acharam os baixos, e se tornáram. O Governador tanto que as náos chegáram, logo tratou da Armada, que havia de mandar ao Malavar, de que nomeou por Capitão mór Dom Alvaro da Silveira, com huma galé pera sua pessoa, e vinte navios de remo, cujos Capitães eram, Diogo Lopes de Lima Pereira, Gomes da Silva, Lopo de Brito, Christovão de Mello, Vicente Carneiro, Luiz Mendes de Vasconcellos, João Rodrigues de Sousa, João Ferreira, Jorge Gomes, Pedralvares de Cananor, Gonçalo Sanches; Belchior Godinho, Pero de Figueiredo, Baltazar Pimentel, Bastião Figueira, Luiz Castanho, Francisco Sanches, Ruy Fernandes, e outros, e fizeram-se á véla por fim de Setembro; e do que lhe succedeo este verão; daremos razão adiante, porque agora he necessario continuarmos com Mealecan, Rey novo do Balagate, que deixámos esperando por recado de Anel Maluco.

Este como teve todos os Capitães do feir

bando juntos , o mandou buscar , e o Accedecan o levou até Bilgão , e dalli passou até á Cidade de Cheri , tres leguas adiante , já em cima do Gate , onde Anel Maluco o estava esperando com todos os conjurados ; e tendo recado de sua chegada , o sahiram a receber , e lhe fizeram sua veneração como a Rey , e o tornáram a levantar por tal , conforme a seus costumes , com grandes festas , e publicos alvoroços. Alli se deixáram ficar , ordenando as cousas necessarias para irem pôr cerco a ElRey Abrahamo , que estava na Cidade de Visapôr , que já tinha avistado da chegada do Mealecan a Cheri , e tinha recolhido consigo seus Capitães , muitos mantimentos , e munições , e estava muito bem fortificado ; e com tudo isto se quiz valer de dous ardís. O primeiro , despedir correios a Rania Rayo , Rey do Canará , por quem lhe mandou pedir o fosse soccorrer , e que lhe faria todas as despezas do exercito , e outros partidos favoraveis. O outro ardil foi , despedir pessoas de muita confiança , e segredo a Anel Maluco , por quem o mandou persuadir a que desistisse da empreza , e lhe entregasse Mealecan , e que lhe daria logo na mão setecentos mil pagodes de ouro , e o titulo de Accedecan com muitas rendas , e que a todos os Capitães da conjuração perdoava livremente , e

logo lhe passou hum seguro Rcal pera elle, e todos os mais. Estas pessoas tratáram este negocio com Anel Maluco por modos que o rendêram, e quiz acceitar os partidos, e entregar Mealecan, depois de lhe ter feito as ceremonias de Rey.

Estando já de todo pera se concluir esta entrega, em muito segredo, chegou o caso á noticia de Calabatecan, que o levou, que como Mouro de mór fé, e verdade que todos, se foi logo a Anel Maluco, e lhe fez huma falla muito grave sobre aquelle negocio, em que lhe dizia:

» Que se tal fizesse, ficava o mais infamado homem de todos os da vida, porque acabava de confirmar que era o traidor, e que ordíra aquellas cousas todas contra justiça, além da deshumanidade que tratava em entregar á morte hum homem, que debaixo de sua palavra se fora metter em seu poder, e mais tendo-o alevantado por Rey, e dada menagem de vassallo; e que ainda aquelle ajuntamento que fizera contra El Rey Abrahemo, poderia ter alguma pequena de côr pera se poder livrar da infamia de traidor; mas que aquella, se entregasse Mealecan, nenhuma podia ter com Mafamede, nem com os homens. Que elle recbêra Mealecan das mãos do Viso-Rey da India, e que assignára hum

Couto. Tom. IV. P. I.

» assento que disso se fizera , e que em
 » nenhuma maneira havia de quebrar sua par-
 » lavra , nem consentir que se entregasse
 » sacrificio hum homem innocente , que es-
 » tava na Cidade de Goa muito seguro , e
 » quieto com sua mulher , e filhos ; e que
 » soubesse de certo , que sobre isso havia
 » le Calabatecan de perder a vida , e a al-
 » ma . E que se estava arrependido do que
 » tinha feito , que lhe tornasse a entregar
 » Mealecan pera o pôr em Goa , donde o
 » trouxera ; e que depois d'elle posto em sal-
 » vo , fizesse todos os partidos que quizesse
 » com o Idalcan . Que ponderasse muito de
 » vagar aquellas cousas , e que se não deixasse
 » se vencer de peitas , porque por derradei-
 » ro sempre haviam todos de ficar odiados
 » com o Idalcan , que nunca já mais se ha-
 » via de fiar delles , antes estava muito cer-
 » to solicitar-lhes a morte , por não virem
 » a tentar outra maldade semelhante . »

Tantas cousas lhe disse sobre este caso ,
 que o envergonhou , e tornou a desistir dos
 partidos , e de novo fez juramento de seguir
 Mealecan até o metter de posse do Reyno .
 Com esta resolução se preparáram pera isso .

CAPITULO VIII.

De como Rama Rayo Rey de Bisnagá mandou seu irmão Vingata Rayo em favor do Idalcan : e de como os Capitães da conjuração foram desbaratados , e o Mealecan com Anel Maluco fugiram pera o Izamaluco , e do que lá lhes succedeo.

CHegados os Embaixadores do Idalcan a Bisnagá , dando sua Embaixada áquelle Rey , e representando-lhe a necessidade em que o Idalcan estava , moveo-se a lhe acudir , e soccorrer , mandando com muita pressa fazer prestes seu irmão Vingata Rayo pera aquella jornada , que em breves dias poz em campo cento e sincoenta mil homens , e começou a marchar pera Visapôr. O Idalcan teve logo aviso do soccorro que se ordenava , pelo que foi detendo o Anel Maluco com huns partidos , e outros , e cada vez mais favoraveis , não se mostrando avaro , no que depois (se lhos acceitasse) não havia de cumprir. E assim foi dilatando o tempo até chegar Vingata Rayo , a quem logo o Idalcan avisou do estado em que os conjurados estavam , e onde ficáram , pedindo-lhe que logo os fosse buscar. Com este recado se apressou o Canará quanto pode , até chegar perto donde os inimigos estayam.

Mealecan, e Anel Maluco, que já estavam avisados do poder do Vingata Rayo, e que estava duas jornadas delles, tomando ante si conselho, assentáram de o não esperar, porque não tinham mais de trinta mil homens; e alevantando o campo, se foram recolhendo, derramando-se todos por onde melhor pudéram. Mealecan, Anel Maluco, Calabatecan, Camalcan, e outros Capitães com a gente de suas cevadeiras, com mulheres, e filhos, se foram recolhendo pera o Zamaluco, e da arraia delle mandáram pedir seguro áquelle Rey pera se recolherem nelle, que logo lhe mandou, e elles foram entrando pelo Reyno até chegarem a hum lugar affastado da Cidade de Amadanager, onde ElRey estava, e alli se detiveram aquelle dia. Ao outro seguinte mandou ElRey que lhe levassem Anel Maluco, e Calabatecan, e que Mealecan ficasse alli até seu recado.

Isto fez ElRey aconselhado de hum Capitão seu, chamado Cacem Beque, que o persuadio mandasse matar Anel Maluco, fazendo-lhe crer que por sua ordem, e conselho lhe fizera o Idalcan muitas vezes guerra. Anel Maluco tanto que vio, que o mandava ElRey levar, logo se temeo; e disse a Camalcan, que hia muito pejado naquelle negocio; que lhe pedia, recolhesse sua mu-

mulher, e filhos, e se puzesse em cima de hum outeiro; e que se elle fizesse hum sinal com a touca, fugisse com elles, e se fosse pera o Reyno de Madre Maluco, que era seu amigo. Os que vieram chamar Anel Maluco, e Calabatecan, puzeram-nos em cima de hum Elefante, e o que o governava de cima levou de hum terçado, e foi pera matar Anel Maluco; mas elle se desviou, e lançou do Elefante abaixo, e o mesmo fez Calabatecan; e tirando a touca da cabeça, a lançou pera o ar; e em sendo no chão, foram ambos logo despedaçados. O Camalcan que teve tento no Anel Maluco, em lhe vendo lançar a touca pera o ar, tomando a mulher, e filhos em camelos mui andadores, e elle com sua gente em cavalloos ligeiros, foi fugindo; e desviando-se do Reyno do Idalcan, e por cima delle, foi na derrota do Reyno de Madre Maluco, aonde chegou, e aquelle Rey o agazalhou; e honrou a mulher, e filhos de Anel Maluco, mostrando grande mágoa, e sentimento de seus trabalhos. Mortos Anel Maluco, e Calabatecan, mandou Cacem Beque levar o Mealecan pera outra aldeia mais desviada, e deo recado aos Capitães, que a isto mandou, que o matassem a elle, e a hum filho bastardo que comtigo levava; o que não pode ser em tanto segredo, que o não viesse a saber Bibia-

maná, mãe do Zamaluco, que era huma se-
nhora muito bem inclinada; e indo-te ao fi-
lho, lhe deo conta daquillo, e lhe pediu não
consentisse tal, porque Mealecan era filho
de Cufocan, com quem elles tinham muito
parentesco. ElRey que não sabia cousa ar-
gumá d'isto, (porque o Cacem Beque man-
dava fazer aquella execução sem lhe dar con-
ta d'isso,) mandou com muita pressa hum
Capitão capado, pera que tomasse o Mea-
lecan, e o levasse á serra de Baulá, que era
muito forte, e que alli ficasse em sua guar-
da, e se lhe desse todo o necessario. O ca-
pado fez tudo assim como lhe ElRey man-
dou, e se foi metter com elle naquella ser-
ra, onde o deixaremos até tornar a elle.

O Vingata Rayo vendo os inimigos des-
baratados, mandou avisar ao Idalcan, e
fazer delle o que mais quera que fizesse: e
le lhe mandou as graças, e hum milhão de
ouro pera as despezas daquelle exercito, e al-
guns cavallo formosissimos, ricamente guar-
necidos; e não se quiz ver com elle, por-
que estes Reys nunca se fião huns dos ou-
tros. Recebida a moeda, e o presente, se foi
recolhendô o Vingata Rayo pera Bisnaga;
e o Idalcan ficou desalivado, e sahio da Ci-
dade a ver as cousas do Reyno, e pera que
seus vassallos o vissem; e despedio alguns
Capitães em busca dos que escaparam, e ou-
tros

tros pera irem tomar posse da Cidade de Bilgão, e das mais terras que foram de Anel Maluco.

CAPITULO IX.

Do que aconteceu a D. Antão de Noronha no Concan: e dos recontros que teve com alguns Capitães do Idalcan: e da grande vitoria que alcançou do Xacoli.

Partido D. Antão de Noronha de Goa, como atrás temos dito no II. Cap. do Liv. II., logo o Governador despedio hum foão de Lima, Fidalgo Gallego, por Capitão mór de oito navios, com regimento, que se fosse de longo da costa, favorecendo D. Antão de Noronha, e pera o prover de munições, de que mandou metter nos navios huma boa quantidade. Partida esta Armada, chegou ao rio de Banda, onde soube estar D. Antão de Noronha, e foi por elle affirma até á Cidade, onde o achou, provendo nas cousas daquella Tanadaria, e na arrecadação de suas terras. E depois que fez tudo o que era necessario, se partio pera Curale, que era dalli a tres leguas, onde tambem a Armada entrou; e commettendo a fortaleza, a acháram despejada, porque o Capitão que alli estava pelo Idalcan (que não quiz obedecer a Mealecan) fugio, e

não quiz esperar os nossos. D. Antão de Noronha se metteo nella , e a proveo de Tz nadar ; e mandou apregoar seguros Reaes , pera que todos os moradores , e lavradores a fossem povoar , e lavrar suas terras , e que lhes fariam todos os favores possiveis , e que corresse[m] pelos Foraes antigos , assim nos fóros , como nas liberdades. Com isto começaram acudir todos , e D. Antão de Noronha os animava , honrava , e favorecia em tudo.

E havendo quatro dias que aqui estava , teve aviso que hum Capitão do Idalcan , chamado Xacoli Agá , andava recebendo as terras do Idalcan dabanda do Concan , que pertenciam a ElRey de Portugal , pela Doação que dellas lhe tinha feito Mealecan , e que determinava de o vir buscar , e dar-lhe batalha , e que trazia sete mil homens. Informado D. Antão de Noronha do seu poder , e de tudo o mais que lhe foi necessário , determinou de o esperar em campo , como fez , ordenando sua gente muito bem pera isso , lançando espias pera o avisarem do caminho , e ordem que o inimigo trazia ; e soube que ficava em huma aldeia chamada da Anuá , pelo rio de Carlím dentro , que he junto dos Ilheos queimados , doze leguas de Goa. E tomando parecer com seus Capitães sobre o que faria , assentáram , que

fossem buscar os inimigos, e lhes dêssem batalha, pelo que logo começaram a marchar em muito boa ordem, e com muitas espias diante, que a cada hora os avisavam de tudo; e a Armada se foi até o rio de Achará, legua e meia de Curale, donde tinham partido, onde estava assentado de irem dormir aquella noite. E antes da Armada chegar áquelle rio, deo com duas cotias, que tinham sahido de dentro, que foram logo tomadas, e nellas acháram a mulher, e filhos, e recamara do Xacoli, que elle mandava pera Cambaya; porque se receava que o Anel Maluco mettesse o Mealecan no Reyno, por não ter ainda novas do que lá passava, e queria segurar aquellas cousas, e ficar esperando recado pera ver em que o negocio parava, porque sua pessoa a todo tempo se podia recolher pera onde quizesse.

O Capitão mór da Armada, vendo a boa preza que tinha feita, metteo em huma fusta a mulher, e filhos do Xacoli, e os mandou ao Governador, que a estimou muito. D. Antão de Noronha chegou a Achará, e fóra da povoação assentou seu arraial, e o fortificou mui bem, porque haviam alli de passar aquella noite. Disto foi logo o Xacoli avisado; e entendendo que haviam os nossos de chegar cansados, despedio hum Capitão com mil homens, pe-

ra que de noite lhe fosse dar hum assalto, que esperava ser de muito effeito, e assim o fez; porque estando os nossos na mór quietação da noite, deram os inimigos de sobressalto nelles, e os commettêram por onde estava D. João o Mourisco, Capitão do campo, que ficava a huma parte do exercito, hum pouco afastado; e como era muito vigilante, e tinha lançadas suas espias, por quem teve recado de sua vinda, quando já deram sobre elle, o acháram com as armas nas mãos. Os inimigos cuidando que os tomassem descuidados, arremettêram com aquelle ímpeto, dando-lhes humia surriada de bombas de fogo, e de arcabuzaria, com que fizeram algum damno; mas o D. João como estava sobre aviso, sahio a elles, e da primeira pancada que lhes deo, derribou setenta, e ferio muitos; e mettendo-se no meio delles, fez taes cousas, que os poz em desbarato; e mandando recado a D. Antão de Noronha, os foi seguindo até quasi pela manhã. E como os levava em desbarato, e derramados, foi fazendo nelles grandes crueldades, tomando-lhes muitos cavallos, e armas, que elles hiam largando pe-ra se salvarem, cativando muitos, que de cançados cahiam.

D. Antão de Noronha em lhe dando recado, se poz logo a cavallo, e foi seguindo do

do a D. João , despedindo a gente de cavallo toda , pera que o fosse favorecendo , e elle se foi apressando com todo o mais poder até chegar a elle , que já se vinha recolhendo carregado de despojos , e de cativos. D. Antão de Noronha abraçou a Dom João , e lhe disse palavras muito honradas ; e a todo o pião de sua companhia , que lhe apresentou cabeça de Mouro , lhe deo dous pagodes. E tanto que amanheceo , que buscaram o campo , acháram antre os seus mortos hum já sem cabeça , cujo tronco tinha oito palmos , e os braços , e pernas tão fanchosas , que parecia Gigante. Era homem alvo , e nos trajos parecia estrangeiro , e nome. D. Antão de Noronha vendo a vitoria , que lhe Deos tinha dado , porque o inimigo se não reformasse , o foi seguindo , e ás oito horas do dia chegou ao rio de Carlin , e vio da outra banda o Xacoli com todo o seu exercito posto em armas em hum campo muito grande , e largo , e tinha todos os passos , e vãos do rio tomados com espingardeiros , e bombeiros pera defenderem a passagem.

D. Antão de Noronha parou de estoura banda , e esteve notando a ordem em que os inimigos estavam , e os passos que lhe tinham tomado ; e depois de tudo bem notado , mandou a Jorge de Moura , que com a gente de sua bandeira se passasse a hum Ilheo ,

que ficava no meio do rio, e que dalli vazejasse com a espingardaria á outra banda, porque elle queria commetter a passagem. E mandou estender os mais Capitães das bandeiras de pé ao longo do rio, mettidos na agua pera tambem o favorecerem na passagem, porque determinava de com a gente de cavallo ser o primeiro que passasse; e assim commetteo o rio, mandando diante Dom Diogo Pereira o moço seu tio, que com a agua pelas filhas foi passando á outra banda, favorecido da nossa arcabuzaria.

O Xacoli vendo passar os nossos, acudio com a gente de cavallo áquella parte pera lhes defender a passagem, e a sua arcabuzaria, e bombaria começou a descarregar sobre os nossos de feição, que primeiro que chegassem á outra banda derribáram o oito, em que entrou D. Diogo Pereira; mas de todos estes hum só perigou, e os mais passando por aquellas nuvens de pelouros, e fréchas, e pelas chammas das bombas, que eram tantas, que parecia que todo o Ceo relampadejava,) chegaram á outra banda, e dos primeiros foi D. Antão de Noronha, que (ou fosse acaso, ou que o Xacoli o conhecesse por alguns sinaes que nelle visse) em poudo os pés em terra, arremetteo a elle com a lança no reste, e rompeo nelle hum façanhoso encontro; e D. Antão de No-

ronha, que era muito esforçado, e mui bom cavalleiro, tambem lhe poz a lança, mas nenhum delles recebeo damno; e os nossos de cavallo ficáram logo baralhados com os Mouros em huma muito aspera batalha.

D. Antão de Noronha se metteo no meio pelejando mui valorosamente, e esforçando os seus a fazerem o mesmo; trabalhando muito por se tornar a encontrar com o Xacoli, que andava capitaneando os seus. Os Capitães das bandeiras tanto que víram os de cavallo da outra banda, commettêram a passagem, e se puzeram da outra parte, ainda que com trabalho, e começaram outra muito aspera batalha com a gente de pé dos inimigos, andando D. João o Mourisco sempre diante com a sua gente pelejando com muito esforço. A batalha andava toda muito arriscada, porque todos andavam mui baralhados, trabalhando huns por vencer os outros, fazendo os nossos tantas cousas, que não se podem particularizar. Muitos dos moradores de cavallo fizeram grandes sortes, e entre todos se assinalou André de Villalobos, tio de D. Antão de Noronha, irmão de sua mãe, que era hum Cavalleiro muito determinado, robusto, e barbaçudo, que tinha já derribado quatro de cavallo; e remettendo a outro, que era hum Mouro, que elle via assinalar-se entre os outros, o cir-

controu de meio a meio, e o Mouro o fez a elle tambem; mas o seu encontro foi hum pouco a huma ilharga, e passou a lança por debaixo do braço esquerdo a André de Villa-lobos, que como era muito acordado, e homem de grandes forças, apertou a lança do Mouro comfigo de feição, que a não pode o Mouro arrancar; e remettendo com André de Villa-lobos, liou-se com elle, e lançando-lhe huma mão ás barbas (que eram muito compridas) lhe deo huma volta, e que o teve sopeado. André de Villa-lobos vendo-se assim, liou-se com o Mouro, e aos tombos foram ambos ao chão; mas levantando-se logo com muita pressa, levou do terçado, e matou o Mouro. E ao mesmo tempo lançou mão das redeas do cavallo do Mouro, e fez subir nelle hum criado seu, que alli então chegou, e subindo-se elle no seu, tornou á batalha, que andava muito aspera, e cruel; e como a nossa arcabuzaria era muita, fez nos inimigos tal estrago, que começaram a perder o campo, e a se desbaratarem.

Vendo isto D. Antão de Noronha, deo Sant-Iago, bradando *Vitoria, vitoria*; e de tal maneira apertou com os inimigos, que os arrancou do campo, ficando-lhes nelle estirados perto de quinhentos Mouros. D. João o Mourisco, Capitão do campo, (que

(que este dia fez cousas notaveis,) vendo os inimigos desbaratados, foi-lhes leguindo o alcance duas leguas, favorecido das bandeiras de pé; e foram todos matando nelles á sua vontade, derribando-lhes ainda neste alcance mais de seiscentos Mouros, tomando-lhes muitos cavallo, armas, e outras cousas. D. Antão de Noronha ficou senhor do campo, e do exercito do inimigo, em que achou muitos despojos, e cavallo formosos, que repartio por alguns moradores a que tinham mortos os seus; e com esta victoria se recolheu a Curale, onde se curaram os feridos. Dos mortos nossos não achámos o número certo, mas sabemos que não chegaram a trinta.

CAPITULO X.

De como o Governador Francisco Barreto teve novas do desbarato de Mealecan: e da vinda de alguns Capitães do Idalcan: e de como mandou recolher D. Fernando de Monroy, e D. Antão de Noronha.

O Governador Francisco Barreto teve logo aviso do desbarato do Mealecan, e de sua fugida, e de como o Idalcan despedira alguns Capitães com muita gente para tornarem a tomar as fortalezas de Bandá,

Curale, Pondá, e outras, que estavam já por de ElRey de Portugal; e receando-se de algum desastre, praticou em conselho dos Capitães velhos aquelle negocio; e foram de parecer, que se largassem aquellas Tanadarias, e se recolhessem os Capitães que nelas estavam, primeiro que fossem cercados dos inimigos, porque depois dariam muito trabalho, e arriscar-se-hia todo o Estado pera os descercar, e recolher.

Com esta resolução se foi o Governador logo pôr no Paço de Benastarim, com toda a gente que em Goa havia; e mandou passar á outra banda o Capitão da Cidade com algumas companhias de soldados, e moradores de cavallo, pera irem recolher Dom Fernando de Monroy, e esperallo ao caminho, porque havia já recado que os inimigos eram entrados nas terras; porque lhe tinha escrito, que tanto que visse aquella carta, logo largasse a fortaleza, e se recolhesse com muito tento, porque os inimigos estavam já perto d'elle; e o mesmo creveo a D. Antão de Noronha.

Dada esta carta a D. Fernando de Monroy, esteve duvidoso se a cumpriria, e foi se detendo até o segundo recado, que lhe chegou logo, e apressado. Com elle começaram a despejar a fortaleza muito devagar, e mandou diante toda a bagagem, sem lhe

ficar cousa alguma; e apòs isso se sahio com toda a gente posta em armas, por lhe vir recado, que já os inimigos chegavam á vista da fortaleza; e repartindo a gente em duas partes, tomou elle pera si a retaguarda com os Fidalgos, e Cavalleiros principaes que havia, que se foram pera elle; e assim foi marchando muito devagar, porque vissem os inimigos que lhes não fugia, o que foi quasi á sua vista, sem elles ousarem de o commetter; e assim chegou aonde Jorge de Mendouça, Capitão de Goa, o esperava, e juntos se recolhêram a Goa.

O Governador apressou os correios a D. Antão de Noronha, que estava em Curale, que já tinha aviso dos inimigos, que eram descidos abaixo pera o buscarem; pelo que se tinha fortificado em Curale, e provido de tudo abastadamente, porque determinava de os esperar alli, e se defender delles, tendo a Armada no rio pera tudo o que lhe fosse necessario. E nesta determinação estava, quando lhe deram a primeira carta do Governador, em que lhe mandava largasse tudo, e se recolhesse, porque estava assim assentado em conselho, por não ser possível defender-se a tanta gente, quanta tinha por novas, que vinha descendo o Gate.

E vendo elle a pressa que o Governador lhe dava, respondeo-lhe » que estava Cu-

» rale muito seguro , e que esperava em
 » Deos de não perder cousa alguma do ga-
 » nhado. » O Governador tomou isto mal ,
 e despedio logo outra carta por duas vias ,
 em que lhe mandava » que sobpena do ca-
 » so maior , tanto que visse aquella , largaf-
 » se logo tudo , e se recolhesse , porque os
 » inimigos eram muitos , e que não queria
 » lhe acontecesse hum desastre , e que se re-
 » colhesse á vista do mar pera ter favor na
 » Armada. E sendo caso que os inimigos lhe
 » tivessem atalhados os caminhos , e fosse o
 » poder tanto , que visse o perigo certo , em
 » tal caso cortasse as pernas aos cavallos ,
 » e se recolhesse aos navios , porque pera
 » isso lhe mandava mais outros , porque
 » do mal sempre se havia de escolher o me-
 » nor. »

Dadas estas cartas a D. Antão de Noro-
 nha , chamou os Capitães a conselho , e lhas
 leo , e pedio seus pareceres , e todos vota-
 ram , que pois o Governador o mandava re-
 colher , o devia fazer , porque aquelle ne-
 gocio carregava sobre elle ; e com isto se de-
 terminou D. Antão de Noronha a partir , e
 lhes disse : » Affirmo-vos , Senhores , que
 » mais honra fora do Estado morreremos aqui
 » todos , que recolhermo-nos desta maneira ,
 » e largarmos a fortaleza de ElRey ; mas
 » já que não possa mais , recolher-me-hei. »
 E

E sahindo-se da fortaleza, poz-se no campo tão triste, e melancolizado, que lho enxergáram todos.

E concertando sua gente, deo a dianteira a D. João o Mourisco, e as bandeiras de pé com toda a bagagem no meio, e elle com toda a gente de cavallo ficou na retaguarda, e mandou ao Capitão mór da Armada, que o fosse esperar em Bardés; e elle foi marchando com muitas espias sobre os inimigos; e chegando a Bandá, recolheo Antonio Ferrão, e mais Officiaes, e aquella noite dormio no campo muito bem fortificado; ao outro dia chegou a Bardés, onde o Governador o esperava com toda a gente que havia em Goa, pera o ir soccorrer, se fosse necessario. E chegando D. Antão de Noronha ao Governador, muito triste, lhe disse: » Muito melhor fora, Senhor, » não me mandardes ao Concan, que fazedes-me vir fugindo sem ver de que. » O Governador teve com elle palavras muito honradas, dizendo-lhe » que elle tinha » cumprido de sua parte com a obrigação » de muito grande Capitão; que aquellas » affrontas elle as tomava sobre si, porque » elle não era mais obrigado, que a cumprir os mandados de seu Governador; » e com isto se recolhêram pera Goa. Em se D. Antão de Noronha sahindo de Curale,

chegáram os inimigos, que pela ventura esperáram que se sahisse elle, porque o não oufáram a commetter.

C A P I T U L O X I.

De como o Governador Francisco Barreto despachou as náos do Reyno: e do que aconteceu a D. Alvaro da Silveira no Malavar: e das pazes que o Çamorim pedio, e se lhe concedêram.

NO mesmo tempo que o Governador Francisco Barreto tratou de mandar recolher os Capitães, que andavam no Concan, deo tambem despacho ás náos do Reyno pera irem tomar a carga a Cochim; e escreveu a ElRey o Estado em que a India ficava, e da morte do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, e de sua successão. Nesta Armada foi tambem a náó Espadarte, de que veio por Capitão Fernão Gomes de Soula, da companhia do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, que tinha invernado em Ormuz, (como atrás dissemos no Cap. III. do I. Liv.) Estas náos tiveram boa viagem até o Reyno, e ElRey sentio muito a morte de Dom Pedro Mascarenhas.

Agora continuaremos com D. Alvaro da Silveira, Capitão mór do Malavar, que chegando áquella costa, começou a fazer grande

de guerra ao Camorim; e a mór que se lhe podia fazer, foi tomar-lhes todos os pórtos, porque lhe não entrasse arroz, nem anfião, (porque todos os Reynos do Malavar se provêm destas cousas dos rios do Canará, e do Reyno de Cambaya, porque elles em si não tem mais que palmares,) e elle ficou com a Armada solta, correndo toda a costa; e dando nos lugares della, que queimou, abrazou, e destruiu, e lhe cortou muitos palmares, e desfez, e tomou muitas embarcações; e os palmares sentíram elles mais que tudo, porque elles lhe dam todos os mantimentos de que tem necessidade, e de que se sustentam a mór parte do anno, que são cocos, assucar, azeite, vinho, vinagre, e todas as cousas pera os aparelhos de seus navios, e fabrica de suas casas. E assim costumava a dizer o Viso-Rey D. João de Castro, quando via algum soldado cortar alguma palmeira: » Ah soldado, agora mataste hum Mouro. »

E porque dos rios da pedra, e Canharoto sahíram alguns parós a roubar, determinou de os castigar; e hum dia no quarto d'alva desembarcou nelles, e os destruiu, e assolou de todo, sendo elle sempre dos dianteiros que sahiam em terra, com calções de cotonia a meia perna, saia de malha, e montante nas mãos, e pelejava co-

mo qualquer soldado. Em ambos estes rios achou grande resistencia, e se vio em affronta ao recolher; porque carregáram os Mouros sobre elle pera o embarçarem, e se satisfazerem, o que não pudéram fazer pela boa ordem que tinha ao recolher; porque costumava naquelles assaltos ao embarcar, deixar duas companhias de arcabuzeiros, de cento cada huma, que ficavam franqueando a embarcação de huma, e outra parte, e desta maneira lhe não aconteceu desastre algum nunca; porque os desarranjos, que são acontecidos antre nós, não succedéram senão pela pouca ordem que alguns Capitães tiveram no recolher; porque mór governo, e prudencia ha de mostrar o Capitão nelle negocio, que no commetter, pelas desordens, e pouca disciplina dos soldados da India, que assim como no commetter precedem a outras muitas nações, assim no desarranjo do recolher são inferiores a todas. Em fim, foram tantos os damnos, que D. Alvaro da Silveira fez por toda aquella costa, e poz a todos em tanto aperto de fome, que chegou a valer o fardo de arroz a tres pagodes, de que os mesquinhos, que são os que mais sentem a guerra, foram chorar ao Camorim; e os Naires, que sempre são contrarios dos Mouros, os favoreceram nisso, e fizeram aos Regedores muitos requerimentos.

O Çamorim vendo o pranto dos seus , enfadado da guerra , que sempre se alevanta contra sua vontade , (porque os Mouros a poder de peitas fazem tudo o que querem ,) mandou Embaixadores a D. Alvaro da Silveira a pedir-lhe pazes ; dando por satisfação , que nunca soubera da guerra , nem por sua ordem se quebráram os contratos que estavam feitos. D. Alvaro da Silveira ouviu estes Embaixadores na sua galé , e lhes respondeo » que não tinha licença do Governador se não pera fazer guerra ; que mandasse elle a Goa , e que o Governador lhe responderia como lhe parecesse. » Com esta resposta mandou o Çamorim negociar dous Naires de sua casa pera irem a Goa , e D. Alvaro da Silveira lhes deo alguns navios pera os acompanharem , concedendo ao Çamorim tregoas até vir recado do Governador.

E vendo D. Alvaro da Silveira que ficava de vago , determinou de ir castigar a Rainha de Olala , Senhora da Cidade de Mangalor na costa Canará , que estava rebelde , e havia annos que não pagava pareas ; e voltando pera lá , chegou áquelle porto huma madrugada , e desembarcando em terra , commetteo a Cidade com grande determinação ; e posto que achou grande resistencia , a entrou com morte de muitos

Mouros; e sendo dentro, lhe mandou pôr o fogo por algumas partes, porque os soldados se não desmandassem nas prezas della; e ateando-se, ardeo a mór parte della, e hum formoso pagode de muita devoção sua.

Feito isto, recolheo-se aos navios pelejando com os inimigos, de que se juntou hum grande esquadrão pera á embarcação darem sobre os nossos; mas D. Alvaro da Silveira com as duas mangas de arcabuzeiros os deteve, e se embarcou muito a seu salvo, deixando no campo muitos dos inimigos estirados. E depois de embarcado se passou da outra banda, onde hoje temos a nossa fortaleza; e mandou queimar outro pagode muito formoso, e algumas povoações pelo rio assima, em que lhe fez muitos damnos, e deo muitas perdas; e com isto se recolheo pera o Malavar a esperar o recado do Governador.

Os Embaixadores do Camorim chegaram a Goa, e foram ouvidos; e pondo-se aquelle negocio em conselho, se assentou, que ainda que se entendia que o Camorim nunca guardava fé, nem palavra, e que cada vez que os Mouros o peitavam, quebrava as pazes, que todavia se lhe concedessem, porque sempre nesta parte era bem fazer do ladrão fiel, por escusar os gastos das Armadas grandes daquella costa. E que o

Veador da Fazenda Antonio Pessoa (que
 estava pera ir a Cochim fazer a carga das
 náos) levasse consigo os Embaixadores, e
 lá com o Capitão mór D. Alvaro da Silveira,
 assentasse as pazes com as mesmas con-
 dições, com que já o Viso-Rey D. Affonso
 de Noronha lhas fizera. E assim se em-
 barcou o Veador da Fazenda, e levou com-
 sigo os Embaixadores. E chegando ao Ma-
 lavar, se vio com o Capitão mór, e lhe
 deo conta daquelle negocio; e lançando os
 Embaixadores em terra, logo se tratáram as
 pazes, que se concluíram, e juráram-na
 praia de Caleçut, estando o Çamorim pre-
 sente, o Capitão mór, e o Veador da Fa-
 zenda, o que se fez com grande solemni-
 dade; e logo se apregoáram pela Cidade,
 e pela Armada. Concluido isto, (que era na
 entrada de Janeiro deste anno de sincoenta
 e seis, em que com o favor Divino entra-
 mos,) se foi o Veador da Fazenda pera Co-
 chim, e despachou as náos do Reyno, e a
 Armada se foi pera Goa, por não haver
 mais que fazer, deixando alguns navios na
 quella costa pera acompanharem as náos da
 China, e Malaca.



DECADA SETIMA.

Da Historia da India.

LIVRO III.

CAPITULO I.

Da embaixada que o Governador Francisco Barreto mandou a Cambaya por Tristão de Paiva, e sobre que: e dos navios que mandou a recolher o Padre Mestre Gonçalo, que estava na Abassia: e da Armada que despedio pera o Estreito, de que foi por Capitão mór D. Alvaro da Silveira: e das coulas que Miguel Rodrigues, Fios secos, fez pela costa do Idalcan.

HUMA das cousas que o Governador Francisco Barreto desejava muito, era haver ás mãos a Cidade de Damão, por entender que convinha ao Estado da India, assim pera segurança das terras

ras de Baçaim, como pera aposentar naquella Cidade, e suas terras muitos Cavalleiros honrados, e casados pobres, porque se esperava que suas aldeias fossem de mais importancia. Sobre este negocio teve alguns tratos secretos com certos Capitães de Cambaya seus amigos, pera que o avisassem do modo que teria naquelle negocio, e do estado em que as cousas daquelle Reyno estavam; e todos se resumiram em que havia de mandar tratar aquillo com o Ithimican, que governava tudo; porque o Rey era menino, e não fazia por si cousa alguma, e que peitasse ao tutor, e Governador, porque bem podia ser que lhe concedesse o que tanto desejava. Sobre isto tornou a mandar algumas pessoas, que foram, e vieram, por quem mandou saber o estado de Damão, e o poder que dentro estava; e foi certificado, que Cide Bofatá, e Cide Raná, Capitães Abexins, que comiam aquellas terras, tinham sete, ou oito mil homens de cavallo, em que entravam muitos Magores, e que tinham aquella Cidade muito bem provida de mantimentos, artilheria, e munições, e que custaria muito, se a quizessem tomar por armas.

Informado o Governador de tudo muito bem, assentou de mandar hum Embaixador com hum arrezoado presente, pera ver se o

podia render ao que pertendia; e pera esse negocio elegeo a Tristão de Paiva, homem de muito bom entendimento, e que se lhe podiam encarregar todas as cousas de muita importancia; e lhe mandou armar alguns navios pera o pôrem em Cambayete, e lhe deo largo regimento sobre as cousas que havia de tratar com o Ithimitican; e que quando pelas cousas que levava, e por outras muitas promessas o não pudesse levar a lhe entregar a Cidade de Damão, com suas terras, e Tanadarias, que então lhe offerecesse ametade do rendimento da Alfandega de Dio pera ElRey de Cambaya, assim como d'antes os Reys seus antecessores a possuíram.

Prestes, e negociado, Tristão de Paiva se embarcou em os navios que estavam já providos de tudo, com grandes apparatus de sua pessoa, e seis homens de cavallo, e outros muitos servidores; e o presente que levava, era de dez formosos ginetes Arabios, com seus telizes de damascos de cores, e duas duzias de coelhos machos, e femeas pera ElRey lançar em suas tapadas, pelos não haver em Cambaya. Embarcado Tristão de Paiva, foi seguindo sua jornada, a que logo tornaremos.

Os Padres da Companhia, vendo que era necessario mandar-se saber do que o Padre Mestre Gonçalo passára com o Imperador

dor da Ethiopia, porque pelo regimento que levára do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, havia de estar esperando, ou elle, ou seu recado por navios, fizeram disso lembrança ao Governador Francisco Barreto, que vendo que tinha obrigação de acudir áquelle negocio, mandou negociar dous navios de remo, e elegco pera esta jornada a João Peixoto, hum Cavalleiro muito honrado, e bem entendido nas cousas da guerra, e daquelle Estreito; e lhe deo por regimento, que entrasse as portas do Estreito de Meca, e soubesse novas de galés, (porque corria huma fama, que se armavam em Meca quinze,) e que se passasse a Maçuá a recolher o Padre Mestre Gonçalo, ou cartas suas, que forçado havia de achar. Estes navios partiram de Goa entrada de Fevereiro deste anno de 1556, e de sua jornada adiante daremos razão.

Neste mesmo tempo chegaram novas de Ormuz ao Governador, que as galés que estavam em Baçorá (que eram sete) se negociavam pera se tornarem pera o Estreito de Meca; e juntamente com isso lhe deram cartas do Rey que fora de Baçorá, e dos Senhores das Ilhas Gizares, em que lhe pediam os soccorresse com huma Armada, porque tinham os Turcos de cerco em Baçorá, e postos em estrema necessidade, e

lhes tinham queimado duas galés, e que estava a cousa em estado, que com qualquer Armada que pelo mar os favorecisse, os acabariam de destruir; e que tornando a tomar aquella Cidade, offereciam pera ElRey de Portugal a fortaleza sobre o mar, e a metade do rendimento da Alfandega, como já offerecêram, quando D. Antão de Noronha lá fora, como na sexta Decada no Cap. IV. do IX. Liv. fica dito.

Este negocio poz o Governador Francisco Barreto em conselho; e assentou-se, que se lhe mandasse huma boa Armada, por que convinha ao Estado lançar dalli os Turcos, que eram muito ruins vizinhos pera a fortaleza de Ormuz. Com este acordo mandou o Governador negociar hum galeão, quatro caravelas, e dez fustas; e elegeo pera esta jornada a D. Alvaro da Silveira, que começou a correr com a Armada; e o Governador lhe passou todas as Provisões que lhe pedio, com poderes soberanos na Justiça, e Fazenda.

D. Alvaro da Silveira deo tanta pressa á sua Armada, que em Março se fez á vela, elle no galeão, e nas caravelas D. Pedro de Menezes, Tristão Vaz da Veiga, Ayres Gomes da Silva, filho de Braz Telles, e irmão de Fernão Telles, que foi Governador da India, e Jeronymo de Mesquita.

ta. Os Capitães das fustas eram, Antonio de Sampaio, Pero da Cruz, Vasco Correa, João Gallego, Cifal Pinheiro, Gaspar Vaz de Mesquita, Manoel de Magalhães, João Falcão, Jorge Barreto, e Francisco Gonçalves, que hia por Feitor da Armada.

Despedida esta frota, com que depois continuaremos, ficou o Governador despachando as cousas de Malaca, pera onde despedio D. João Pereira, filho de D. Manoel Pereira, segundo Conde da Feira, pera ir entrar na Capitania de Malaca, por ser falecido D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que lá estava. E porque os Capitães do Idalcan, depois de se recolherem D. Antão de Noronha, e D. Fernando de Monroy, andáram fazendo alguns damnos nas terras de Salsete, e Bardés, quiz o Governador satisfazer-se, e mandou Miguel Rodrigues Coutinho, Fios secos, por Capitão mór de dez navios, pera andar de Goa até Dabúl, fazendo por aquella costa do Idalcan toda a guerra que pudesse.

CAPITULO II.

Do que aconteceu a Tristão de Paiva em Cambaya: e de como os que ficaram nos baixos de Pero dos Banhos acabáram a naveta, e nella vieram a Cochim.

DEixámos no Capitulo atrás partido Tristão de Paiva pera Cambaya, que chegou em poucos dias a Cambayete, e dali foi por terra á Corte de Amadabá, onde chegou com grande apparato, e muito serviço de cavallos, carretas, camelos, e outras cousas de serviço. E antes de entrar na Cidade, o sahiram a receber muitos Capitães, e o leváram aquelle dia a huma quinta, onde ficou, e a outro dia fez sua entrada, acompanhado de todos os Capitães que estavam na Corte, e foi levado a ElRey, que o estava esperando com grande magestade, acompanhado de Madre Maluco, (em cujo poder estava outra vez o Rey,) e outros Regedores. Tristão de Paiva lhe deo a carta do Governador, e offerecco o presente; que ElRey estimou muito, e sobre tudo os coelhos, que logo mandou lançar em suas defezas, onde fizeram grande creação, e o mandou agazalhar bem, e dar todo o necessario. Passados alguns dias, entrou em negocios com os Regedores, a quem estava re-

mettido, em que gastou mais de hum mez, e por fim lhe respondêram » que ElRey era » muito contente de dar a ElRey de Portu- » gal a Cidade de Damão com a sua fortaleza sómente, com tanto que elle lhe largasse ametade do rendimento da Alfandega de Dio, assim como já o tiveram os Reys seus antepassados; e que as terras, e Tanadarias da jurisdicção de Damão não era licito largar-lhas, por serem da Coroa de Cambaya. » Tristão de Paiva respondeu aos Regedores » que elle não levava commissão do Governador pera acceitar Damão sómente; que mandasse ElRey em sua companhia hum Embaixador ao Governador Francisco Barreto, pera tratar aquelle negocio com elle; e que sendo contentes, fariam lá seus papeis. » Isto pareceo bem aos Regedores, e mandáram logo negociar hum Turco, chamado Xeque Estabolim, da obrigação de Madre Maluco (que era o que governava tudo) por quem ElRey, e elle escrevêram ao Governador, e lhe mandáram tambem seus presentes de peças, e brincos curiosos.

Este Turco se embarcou em companhia de Tristão de Paiva em outro navio, com grande casa, e acompanhamento, e chegaram em breves dias a Goa, onde foi muito bem recebido, e agazalhado; e entran-

do em negócios com o Governador, declarando a tenção de ElRey, que era largar-lhe só a Cidade de Damão, lha não quiz acceitar, porque não servia de mais, que de fazer despezas ao Estado, sem proveito algum, e que ficava sendo de mais importancia a ElRey ametade do rendimento da Alfandega de Dio; e mais escusava pendengas, e enfadamentos dos Officiaes della com outros Mouros, que ElRey de Cambaya logo havia de metter nella; e que tambem não convinha ao Estado ter naquella Ilha nunca já mais o Rey de Cambaya cousa alguma, por acabar de lhe perder as saudades.

Consideradas estas cousas, despedio o Governador o Xequé Estabolim, e em sua companhia mandou Christovão de Couto, lingua do Estado, pera tornar a tratar de novo aquelle negocio com o Madre Maluco, e escreveo-lhe por elle » que muito me-
 » lhor vinha a ElRey de Cambaya ter segu-
 » ro ametade do rendimento da Alfandega
 » de Dio, que a Cidade, e terras da jurisdicção de Damão, porque sempre lhas haviam de comer Capitães alevantados. » Estes homens chegaram a Cambayete por fim de Março, e acháram alli por novas, que ElRey tornára a fugir do Madre Maluco pera Ithimitican, e que o Madre Maluco era recolhido pera a Cidade de Baroche, que

era sua , (porque andavam estes tyrannos com o pobre Rey moço , dando-lhe xaque de hum pera outro , porque o que o tinha em seu poder , esse governava tudo ,) pelo que o Xequê Estabolim se foi logo pera elle , deixando alli Christovão do Couto , que sabendo do negocio , se foi á Cidade de Amadabá , e deo as cartas do Governador a Ithimican , que lhe respondeo » que ElRey era » menino , que como tivesse idade pera go- » verner , lhe mandasse o Governador seus » Embaixadores sobre aquelle negocio , que » elle lhe responderia. » Com isto se tornou Christovão do Couto pera Goa , e deo relação ao Governador Francisco Barreto de tudo o que passára.

Destas cousas foi logo D. Diogo de Noronha , Capitão de Dio , avisado , e tomou-se muito de o Governador mandar tratar huma cousa de tanta importancia sem lho fazer a saber , estando elle tão perto de Cambaya ; pelo que despedio hum catur com cartas pera o Governador , em que lhe dizia » que se espantava muito d'elle , e dos » Fidalgos do Conselho , commetter huma » troca tão desigual , e offerecer ametade do » rendimento daquella Alfandega , que elle » cavára pera ElRey de Portugal , á custa » de tanto sangue , e trabalho seu ; que lhe » não quizessem roubar sua honra , e fazer

» pouco caso de cousa que lhe custára tan-
 » to, e que elle tinha pela de maior servi-
 » ço de ElRey, que todos os da India. Que
 » se desejava a Cidade de Damão, pouco ha-
 » via que fazer em a tornar; porque segun-
 » do o Reyno de Cambaya estava diviso, el-
 » le se offerecia a lha entregar, porque com
 » dous mil homens que lhe dêsse, iria até
 » á Corte de Amadabá sem resistencia. » E
 com isto escreveu a todos os Fidalgos do
 Conselho, pedindo-lhes não consentissem ao
 Governador huma tamanha semrazão, e tan-
 to contra o serviço de ElRey, dando-lhes
 pera isso muitas razões.

Estas cartas foram dadas ao Governador,
 e a elles; e como os mais eram parentes de
 D. Diogo de Noronha, e lhe tinham mui-
 to grande respeito, parecêram-lhes bem suas
 razões, e fizeram lembranças ao Governador,
 que desistio do negocio, e respondeo
 a D. Diogo de Noronha » que estimava mui-
 » to aquelle zelo do serviço de ElRey, e os
 » offercimentos que lhe fazia, e que no ve-
 » rão seguinte se veria com elle em Baçaim. »
 Com estas cartas se quietou D. Diogo de No-
 ronha, e as cousas paráram. E nós o fare-
 mos tambem nestas, por contarmos o que
 aconteceu aos que ficáram nos baixos de Pe-
 ro dos Banhos.

Deixámos toda aquella gente traballian-
do

do na naveta com tanta diligencia, vontade, e gosto, que no fim de Março a puzeram no mar muito bem aparelhada; e embarcaram nella os mantimentos que tinham guardados, e fizeram aguada da muita que na Ilha havia, e ultimamente se embarcaram com grandes promessas, e romarias a nossa Senhora de Guadalupe de Cochim, a quem offerecêram a náó, e foram fazendo sua viagem muito bem, e com tempo profuro; e a Virgem Senhora nossa, que he a verdadeira guia, os encaminhou de feição, que os poz em Coéhim no fim de Abril, sem passarem trabalhos, nem tormentas. Chegados ao porto, acudíram embarcações, em que todos se desembarcaram; e pôstos na praia, se ordenáram em procissão, indo os Padres da Companhia diante cantando as Laldainhas; e por esta ordem foram até á Casa de nossa Senhora com grande devoção, e muitas lagrimas, levando apôs si toda a Cidade, que sahio a ver aquelle devoto espectáculo; e a naveta foi mettida dentro no rio, e descarregada do cabedal de ElRey, e de muita fazenda que nella mettêram; e a náó foi offerecida a nossa Senhora. E segundo nos parece, ella se vendeo, e o dinheiro se deo á Confraria: basta que ella foi feita em seu nome, e acabou bem.

CAPITULO III.

Do que Miguel Rodrigues Coutinho fez pela costa do Idalcan: e do que aconteceu a João Peixoto na jornada do Estreito: e de como deo em Suaquem, e matou aquele Rey, e cativou alguma gente, e roubou os Paços.

PArtido Miguel Rodrigues Coutinho de Goa, como atrás dissemos no Cap. I. deste III. Liv., foi correndo toda a costa do Idalcan até á Cidade de Dabul; e desembarcou em todos os lugares maritimos delles, e os metteo a ferro, e a fogo, cativando, e matando muita gente, cortando os palmares, e assolando as fazendas, queimando navios grandes, e pequenos, e fazendo outros muitos damnos, com que a terra ficou destruida, e despovoada; e deixando tudo feito pó, e cinza, se passou a Dabul pera esperar as náos que haviam de vir de Meca. E estando surto no mar, lhe foi calir nas mãos huma do Idalcan, que vinha de Meca carregada de muitas fazendas, e dinheiro; e pondo-se os navios em armas, a foram commetter com muita determinação, e a rodeáram, e batêram por todas as partes muitas horas, defendendo-se ella muito valorosamente, sem querer amainar, indo

do sempre com todas as vélas demandar a terra, onde se ouviam as bombardadas muito claramente. E como o vento era fresco, e os mares pequenos, determinou-se Miguel Rodrigues Coutinho a investilla, como fez, com todos os navios, repartidos em duas partes. E posto que acháram em os Mouros (que eram mais de duzentos) mui grande resistencia, todavia a poder de golpes se puzeram em cima, e dentro nella tiveram humma muito aspera, e arriscada batalha, e de muito sangue de ambas as partes, em que os nossos mostráram tanto seu esforço, que com morte da nór parte dos Mouros renderam a náo, custando tambem aos nossos a vida de oito, ou dez homens, a fóra muitos feridos; e voltando com ella pera Goa, surgíram na sua barra, onde as fazendas foram desembarcadas, e a náo mettida dentro, e repartidas as prezas pelos Capitães, e soldados. Couberam só á parte de ElRey mais de trinta mil cruzados.

O Idalcan com os damnos que lhe fizeram por sua costa, e com a perda desta náo, ficou tão quebrantado, e affrontado, que determinou de profeguir na guerra de Goa; e mandou descer abaixo mais alguns Capitães, do que o Governador Francisco Barreto foi logo avisado, e mandou prover os rios todos de guarda, de navios, e manchuas, e

os passos de Capitães , e soldados , e despachou os proviimentos pera todas as fortalezas ; e pera a de Maluco foi hum formoso galeão carregado de fazendas , munições , e outras cousas pera aquella fortaleza , de quem foi por Capitão Francisco de Barros , que era provído daquellas viagens.

Agora he necessario que continuemos com João Peixoto , que deixámos no I. Cap. deste III. Liv. partido pera o Estreito de Meca ; que seguindo sua derrota com os levantados que cursavam , foi haver vista da costa da Arabia , e de longo della foi embocar as portas do Estreito , que entrou de dia , por suspeitar que nellas estavam as galés do Cafár , o que não era ; e entrando dentro , tomáram algumas gelvas , em que cativáram alguns Mouros , de quem souberam não haver em Meca mais que as galés do Cafár , que estavam varadas. Com estas novas atravessáram a costa da Abassia , e foram haver vista da Ilha Cuaquem , já de noite. E entendendo João Peixoto que haviam de estar descuidados de poder haver embarcações de Portuguezes , determinou de ver se podia fazer huma boa preza ; e parecendo bem aos companheiros , foram no quarto dante alva demandar a Ilha , onde desembarcáram sem serem sentidos. E como os Paços de El-Rey ficavam sobre o mar , os demandáram em

em muito silencio; e sentindo tudo quieros, os entráram, e foram mettendo á espada alguns, que acháram dormindo nas primeiras casas. E chegando á porta da camara, em que ElRey dormia, a abalroáram com grande determinação, e presteza; e tomando o Rey de sobressalto, sem cuidar que lhe estava aquelle damno aparelhado, o matáram, e com elle algumas pessoas, que acudíram aos gritos, e algumas mulheres, e outras pessoas foram cativas, e saqueáram o que na camara havia; e com este prospero feito se recolhêram aos navios, sem lhes acontecer desastre algum; e affastando-se da Ilha, foram surgir de longo da costa, onde descanzáram a mór parte da noite; e tanto que entrou o dia, foram correndo de longo della, abrazando, queimando, e destruindo alguns lugares, saqueando, e roubando muitas couzas, com que os soldados houveram o trabalho por bem empregado; e assim foram ter ao porto de Arquicó, pera recolherem o Padre Mestre Gonçalo, onde ficáram esperando por elle; que como foi tempo, em que lhe pareceo que era bem que fosse pera o mar, (porque conforme ao regimento que levava, bem sabia que haviam de ir navios da India em busca d'elle, ou de seu recado,) se foi despedir do Imperador, e lhe pedio licença pera se vir, e elle lha deo,

e mandou escrever a ElRey, e ao Governador cartas de grandes agradecimentos, do amor, e vontade que mostravam pera suas cousas, e do trabalho que tinham levado em haver do Summo Pontifice, Patriarca, e Bispos pera aquelle Imperio; que elle lhe ficava por isso em grande obrigação de o servir, e de o ter a elle Rey de Portugal em conta de pai; e que elle ficava preites pera receber o Patriarca como elle merecia; mas não se penhorou em palavras na mudança dos costumes.

Recebidas as cartas, se despedio o Padre do Imperador, que o mandou acompanhar, e prover de todo o necessario em abastança; e no fim de Março chegou ao porto de Arquicó, onde João Peixoto o estava esperando; e recolhidos nas galeotas, deram á véla, e chegaram a Goa na entrada de Maio. E o Padre Mestre Gonçalo deo ao Governador relação de tudo o que passou com aquelle Imperador, e lhe affirmou, que se não mudaria de sua tenção; o que elle, e os Padres sentiram muito, pelo pouco fructo que se esperava tirar do grande trabalho, e despezas que ElRey tinha feito naquelle negocio; e do que nisso mais passou, adiante em seu lugar daremos larga conta. Com a chegada destes navios se cerrou o inverno, e o Governador ordenou sinco Capitães pera

ra darem mezas a todos os soldados ; e estes foram Pero Barreto Rolim , Martim Afonso de Miranda , Jorge da Silva , Panteão de Sá , e Ruy Barreto Mascarenhas. E todo o inverno gastou o Governador na re-
 formação da Armada , que de novo fazia , cujo trabalho , e meneio repartio pelos Fidalgos , e todos os dias visitava a ribeira , e lá jantava ; e assim se corria com a obra com muita presteza , e alegria , porque todos andavam satisfeitos , e contentes.

C A P I T U L O IV.

Do que succedeo a D. Alvaro da Silveira na viagem : e das desavenças que teve com Bernaldim de Sousa , Capitão da fortaleza de Ormuz : e do que lhe acontceo no Estreito de Baçorá.

DE todas as cousas deste verão nos fica só por continuarmos com D. Alvaro da Silveira , que deixámos partido pera Ormuz no Cap. I. deste III. Liv. , e agora o faremos , porque cabe aqui melhor. Este Capitão foi seguindo sua derrota até haver vista da costa da Arabia ; e dobrando o cabo Rogate , tomou aguada em Teive , onde se apercebeo de agua , e dalli se passou a Ormuz , e surgio defronte daquella fortaleza , onde foi logo visitado da parte de Bernal-

dim de Sousa, Capitão della, que era mui grande seu amigo, e lhe mandou pedir que quizesse ser seu hospede. D. Alvaro, que já vinha em outro bordo, por mexericos que tocavam em ciumes de huns amores, (com ser hum dos mōres amigos que Bernaldim de Sousa tinha, e que já em Goa tomára bandos por elle, até contra o Governador, com quem teve paixões sobre cousas suas,) em lhe dando o recado de Bernaldim de Sousa, respondeo » que não vinha pera des- » embarcar aquelle dia, e que ao outro o » faria, » e assim o fez; porque tanto que amanheceo, se metteo no batel do seu ga- leão, acompanhado de alguns Fidalgos, que com elle hiam embarcados, e foi de- mandar a terra. Bernaldim de Sousa sendo avisado que desembarcava, o foi esperar á praia muito alvoroçado pera o ver; mas D. Alvaro, que levava diferente pensamen- to, sendo já perto da terra, que vio Ber- naldim de Sousa, voltou com o batel, e fol correndo a ribeira pera a banda da Alfam- dega, e foi desembarcar á porta do Mos- teiro de S. Domingos, que estava huma ca- sinha pobre, (que hoje he Hospital pelos Pa- dres já não estarem nesta terra,) deixando Ber- naldim de Sousa na praia, porque de pro- posito lhe quiz fazer este tiro, pera que en- tendesse que não vinha seu servidor. Ber- nal-

Bernaldim de Sousa tanto que o viu voltar de tão perto, logo o entendeu, e dissimulou com o negocio, e abalou com toda a gente pera S. Domingos, onde achou D. Alvaro da Silveira á Missa, e foi-se pera elle, e falláram-se, achando a D. Alvaro secco, e diferente do que dantes mostrava.

Acabada a Missa, se sahiram pera fóra, e Bernaldim de Sousa o convidou pera o jantar, que lhe elle acceitou; e indo pera a fortaleza, chegando á Feitoria de ElRey, lhe disse D. Alvaro da Silveira, que tinha hum negocio com o Feitor, que lhe desse licença pera se deter, que logo seria com elle. Bernaldim de Sousa se foi, e disse pera os que hiam com elle: » Não ha de vir, » porque se nós tivermos a vacca preza, » o novilhinho entrára no curral. » D. Alvaro ficou negociando com o Feitor algumas couzas pera o provimento de sua Armada, e deu ordem pera se armarem mais alguns navios, por Provisões que para isso levava, porque determinava de passar logo a Baçorá; e acabando de fazer aquelle negocio, se foi embarcar, mandando da praia dizer a Bernaldim de Sousa, que não esperasse por elle, porque se lhe offerecêra hum negocio, que lhe era forçado ir-se pera o galeão. Bernaldim de Sousa nem então lhe quiz dar a entender que o entendia, (porque na verda-

de estava sem culpa na materia, por que elle vinha escandalizado,) e lhe mandou de janttar ao galeão muito bem. D. Alvaro da Silveira foi dando pressa ao aviamento de sua Armada, desembarcando todos os dias em terra, e sempre Bernaldim de Sousa o esperou, mas nunca quiz entrar na fortaleza; e armou mais seis navios de remo, e os proveo de Capitães, que foram, Henrique Soares, Francisco Jorge, Gaspar do Amaral, Antonio Nunes, e Antonio Gonçalves; e outro, a que não achámos o nome.

Prestes tudo, se partio D. Alvaro da Silveira pera Baçorá em Junho; e antes de chegar á fortaleza de Reixel do Estado da Perzia, que fica sobre a boca do rio Eufrates, encontráram huma terrada, que levava cartaz de Bernaldim de Sousa; e sendo levada ao Capitão mór, mandou recolher no seu galeão todos os mercadores, e fazendas com huma boa cópia de dinheiro, sem lhe querer guardar o cartaz, com os mercadores lhe fazerem sobre isto muitos protestos, e requerimentos. E estando furto hum pouco fóra do rio Eufrates, esperancio por recado dos Gizares, e do Rey, que foi de Baçorá, lhe deo huma tormenta tamanha, que a não pudéram aguardar sobre a amarra, e foi-lhes forçado darem á véla, e correrem com os traquetes á vontade dos ventos pera Ormuz; e

e de feição, que se dividiram todos os navios, e os mais delles chegaram destroçados, e alagados a Ormuz; como tambem fez D. Alvaro da Silveira no seu galeão, que surgio no porto sem querer desembarcar, porque logo foi avisado, que Bernaldim de Sousa estava muito tomado de lhe não guardar o seu seguro á terrada que tomára, do que se havia por tão affrontado, e offendido, que esbravejava de ira de feição, que a paixão lhe não dava lugar algum ao soffrimento. E affirmáram algumas pessoas, que desejava de se encontrar com D. Alvaro da Silveira, e que o fora esperar de noite, cuidando que desembarcasse, e fosse a parte onde o encontrasse; mas D. Alvaro da Silveira não desembarcou. E depois de tomar alguns provimentos, e reformar a Armada, se partio pera Mascate, onde esteve até ser tempo de se partir pera Goa, e recolher as náos de Ormuz pera lhe ir dando guarda. Bernaldim de Sousa ficou tão apaixonado, e desgostoso, que cahio em cama, e de feição, que desta feita veio a fallecer, como adiante diremos.

CAPITULO V.

Das cousas que este anno acontecêram em Ceilão: e da guerra que se profeguiu contra o Tribuli Pandar: e de como elle fugio pera Jafanapatão, onde foi morto: e da guerra que o Madune tornou a fazer a ElRey da Cota.

DEixámos o inverno passado recolhido o Tribuli Pandar nas sete Corlas, depois de desbaratado; e vendo-se alli tão perseguido, se foi metter com o Principe de Urunguré, que he huma das Corlas, por ser muito seu parente, e elle o agazalhou bem, e o favoreceo contra o Madune, e lhe deo todas as cousas necessarias pera a guerra; mas como o Tribuli Pandar era máo, e perverso, em pago deste grande beneficio, matou huma noite o Principe, apoderando-se da Cidade, em que se fortificou com os seus, fazendo-se Senhor dos Paços, casa, e thesouro do Principe. Vendo-se este tyranno com posse, e senhor de Urunguré, determinou senhorear todas as sete Corlas, que era hum Estado grande, e em que os Portuguezes, nem o Madune lhe podiam fazer damno, por ser todo de serras altas, e de passos estreitos, e difficultosos. Determinado nisto, ajuntou gente, e começou a entrar pelas ou-

tras Corlas com mão armada a tomar-lhes, e destruir-lhes seus lugares.

Vendo os naturaes tamanha maldade em hum homem, como foi matar hum Principe, que o agazalhou em seus trabalhos, e perseguições, e tanto seu parente, se cartearam todos, e fizeram huma liga geral contra elle, jurando com suas ceremonias de morrerem todos assim na defensão de suas Cidades, como na vingança da morte daquelle Principe; e ajuntando todo o poder, occupáram, e fortificáram os passos por onde este tyranno os podia entrar; e pera mór segurança, mandáram Embaixadores a Affonso Pereira de Lacerda, Capitão de Ceilão, a pedir-lhe soccorro de soldados, promettendo que a todos os que lá fossem, pagariam a quinze pardãos de ouro por mez a cada hum.

Vendo Affonso Pereira de Lacerda seu requerimento, e razão, havendo que era serviço de ElRey favorecerem aquelles póvos, porque se não viesse aquelle tyranno a fazer senhor daquellas Cidades, (porque daria muito grande oppressão, e trabalho a toda aquella Ilha,) despedito logo hum João Fernandes Columbrina, soldado velho, e bom Cavalleiro, com sessenta Portuguezes, que folgaram de ir áquelle negocio, pelas grossas pagas que lhes promettêram; e foram-se ajuntar

tar com os naturaes daquellas Corlas, e começaram a fazer guerra ao Tribuli Pandar pela parte de cima, e o Rajú, filho do Madune (de quem se tambem valêram) pela parte debaixo; e assim perseguíram aquelle tyranno, que de se ver perdido, tratou de salvar sua pessoa, como fez huma noite, levando sua sogra, e a mulher, filha do Madune, com os thesouros que pode; e por caminhos escusos se foi pera Jafanapatão a pedir socorro áquelle Rey, pera tornar a voltar com mór poder; e elle o recebeu humanamente. E praticando depois em seu negocio, e dando-lhe conta de suas cousas, a voltas dellas lhe disse a obrigação que tinham todos os Reys daquella Ilha, de lançarem fóra della os Portuguezes, fazendo-lho tão facil, que o moveo a lhe dar socorro contra elles, e a solicitar todos os Reys amigos, e parentes. E para mór segurança disto, ajuntáram-se em hum Pagode, pera nelle jurarem aquella liga com as ceremonias antre elles costumadas. Mas como a cousa, que mais aborrece a Deos, são homens falsos, e tyrannos, quiz logo castigar este Tribuli Pandar, quando elle estava mais embebido na vingança do seu odio; e foi desta maneira.

Estando estes Principes diante de seus Idolos pera fazerem seus juramentos com grandes

des festas, e regozijos, acertou de cahir a hum soldado huma pouca de polvora do frasco da espingarda, e outro travesso, que estava junto delle, a lhe pôr o fogo, o que succedeo pegado com ambos aquelles Principes. E como o Tribuli Pandar andava receoso, e de todas as cousas se temia, (que he o pezo que os máos trazem sempre sobre o coração, em pena de sua maldade,) tanto que vio a labareda da polvora, cuidando que era traição, arrancou da espada contra ElRey; e antre todos se ateou huma grande briga, em que o Tribuli Pandar foi morto, ficando desta feita a Rainha velha, o neto, sua nora, e thesouros em poder daquelle Rey; e por aqui se acabáram todas suas guerras, e trabalhos, (que os Capitães de Columbo perseguíram, tendo pela ventura no principio pequenas culpas; porque se chegou a morder, foi porque o acossárão.) E depois que elle acabou, começaram os grandes trabalhos daquella Ilha, e se perdeu o Reyno da Cota; e houve tantos cercos sobre aquella fortaleza, e sobre a de Columbo, como pelo decurso das Decadas oitava, nona, e decima se veram; porque nunca o Madune se desavergonhára tanto, se o Tribuli Pandar vivêra, por ser o que lhe quebrava, e abatia sua soberba, e tyrannia.

Vendo o Madune morto o Tribuli Pan-

dar, e o Camereiro mór de ElRey da Cota, e seu cunhado Alança Modeliar, e o filho do Capitão preto prezos, e homizia-dos com os Portuguezes, (tudo ordenado por sua industria a este fim,) ordenou logo de proseguir na guerra da Cota, e não levar mão della, até se fazer Senhor daquelle Reyno, pera se coroar por Imperador livremente. E ajuntando seus exercitos, mandou seu filho o Rajú, que elle foi creando, e dando azas, e brio pera depois o matar a elle, e a seus irmãos legitimos, e a se fazer Rey, (como na undecima Decada diremos, pagando o Madune sua tyrannia por mãos de seu proprio filho,) que fosse proseguir na guerra, e puzesse cerco a Cota; o que elle fez, sahindo de Ceitavaca com hum grosso exercito; e entrando pelas terras daquelle Rey, foi fazendo grandes danos, e estragos.

Estava neste tempo na Cidade da Cota com aquelle Rey Affonso Pereira de Lacerda com pouca gente, e com essa que tinha provêo os passos da Cidade, e os fortificou o melhor que pode, e pelos rios espalhou dez, ou doze navios, de que eram Capitães Fernão de Castro, Domingos Raposo, João Rodrigues Correa, Antonio de Espindola, Diogo Juzarte, Christovão das Neves, Gaspar Lopes, Vicente Bello, Antonio

nio Fernandes, Gonçalo de Chaves, Antonio de Araujo, Antonio Jorge, Domingos Dias; e por Capitão mór de todos Fernão Peres de Andrade. Estes navios andáram defendendo a passagem ás gentes do Rajú, dando-lhe tambem em alguns lugares do pai, que destruíram, e abrazáram. ElRey da Costa, posto que estava desbaratado, ajuntou tambem suas gentes, e lançou no campo alguns Modeliares, que tiveram muitos recontros com os inimigos, em que houve damno de parte a parte. E porque estes assaltos foram muitos, e miudos, e não achámos lembrança de cousa notavel, passaremos por elles; basta que ficáram parte do veram, e todo este inverno, fazendo-se toda a guerra que puderam, e assim os deixaremos até tornar a elles.

C A P I T U L O VI.

Da Armada que este anno de sincoenta e seis partio do Reyno, de que era Capitão mór D. João de Menezes de Siqueira: e do que lhe succedeo na viagem: e do em que o Governador Francisco Barreto proveo sobre as cousas do Patriarca: e da viagem que fizeram as ndos até o Reyno.

PEla Armada do anno de sincoenta e quatro, que chegou em Agosto de sincoenta e sinco, soube ElRey ficar na India o

Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, que nella foi, o que estimou muito; e na entrada de Janeiro de sincoenta e seis mandou dar pressa á Armada que havia de ir pera a India, de que era Capitão mór D. João de Menezes de Siqueira. E porque desejava de despedir estas náos cedo, (porque as da Armada do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas por partirem tarde arribáram humas, e outras tiveram muito ruim viagem,) entrou logo no despacho das cousas da India, e na embarcação do Patriarca da Abassia, e Bispos, que haviam de ir aquelle anno. E pera mais authoridade, e obrigar com isso muito áquelle Imperador, ordenou de lhe mandar hum Embaixador, e dizem que comettêra pera isso D. Antonio de Noronha o Catarraz, que havia de ir pera a India nesta Armada, e que por pedir muitas cousas se desaviera, e elegeo ElRey pera isso a Fernão de Sousa de Castello-branco, e o despachou com a Capitania de Chaul, e com mil pardãos de tença, em quanto não entrasse nella; e mandou escrever áquelle Imperador cartas de muita obrigação, em que lhe pedia quizesse dar a obediencia á Santa Sé Apostolica, e receber o Patriarca, como huma tamanha dignidade merecia. E passou Provisões ao Governador pera dar a Fernão de Sousa de Castello-branco quinhentos

tos homens, e Armada bastante pera elles, pera pór o Patriarca, e Bispos na Abassia.

Estas náos deram á véla a quinze de Março, o Capitão mór D. João de Menezes de Siqueira na Garça, Jorge de Brito em Flor de la mar, Pero de Goes no galeão S. Vicente, Martim Affonso de Sousa, filho do Veador do Cardeal D. Henrique, e que depois foi Governador de Angola, em São Gião, e Antonio Fernandes em S. Paulo, cujo senhorio elle era. Nesta náo se embarcou D. Antonio de Noronha o Catarraz, que tinha arribado na náo Flamenga, de que era Capitão D. Manoel Tello, como atrás dissemos.

Tanto que D. Antonio de Noronha chegou ao Reyno, se foi recolher em S. Francisco; e sendo ElRey disso avisado, mandou saber delle, se aquillo era fazer mudança na vida, ou se por outro alguma respeito; ao que lhe respondeo » que se recolhêra com os Frades por pobre; porque antes » queria acceitar delles huma ração, que pe- » jar, nem enfadar parente algum seu. » Ven- do ElRey aquillo, o mandou chamar, e lhe fez mercê da Capitanía de Dio, por lhe caber logo apòs D. Diogo de Noronha, que nella estava, e lhe mandou dar dinheiro pera suas despezas, em quanto se não embarcava; e agora pera sua embarcação lhe man-

dou emprestar dous mil cruzados do cofre do cabedal, que hia pera a pimenta, pera na India os tornar; porque os Reys de Portugal sempre andáram espreitando as necessidades de seus vassallos, pera as remediarem como pais; porque sabiam muito bem, que elles como filhos no amor, e como vassallos leaes na obrigação, arriscavam as vidas, todas as vezes que era necessario por seu serviço, a todos os perigos que se offerciam.

Nestas náos provêo ElRey em muitas cousas, que lhe parecêram necessarias ao bom governo do Estado da India, e encomendou inuito ao Viso-Rey, que mandasse huma pessoa de confiança a correr os pórtos da Ilha de S. Lourenço, pera ver se achavam por elles algum rasto da gente das náos Burgaleza, e Santa Cruz, que desapparecêram, vindo pera o Reyno, o anno de sincoenta e tres, porque se presumia que deram por aquella costa; e que notassem em todos aquellos pórtos o que fosse mais accommodado pera neile se fazer huma fortaleza; e que assentassem pazes, e commercio com os Senhores dos pórtos de mar, e vissem se aquella gente era capaz de receber a Ley de Christo.

Estas náos foram seguindo sua derrota, ora com bonanças, ora com contrastes, até passarem o cabo de Santo Agostinho, que

que foram em demanda do de Boa Esperança; sómente a náó S. Paulo, depois de passar o Cabo de Santo Agostinho, (que foi já muito tarde,) começou a haver antre os homens do mar alterações, e requerimentos ao Capitão, que arribassem, porque a náó não levava agua; e chegou a cousa a estado, que não quizeram acudir, nem obedecer ao Mestre. A isto acudio D. Antonio de Noronha, e ajuntando-se com o Capitão, elegêram alguns homens honrados, e de verdade pera darem busca á náó, e saberem a agua que havia; e descendo ao porão, e ás cubertas, em que se metteo a agua de ElRey, acháram tão pouca, que nos affirmáram não chegar a vinte pipas; pelo que lhes foi necessario arribarem ao Brazil, e foram tomar a Bahia de Todos os Santos, onde estava por Governador D. Duarte da Costa, que mandou recolher os doentes no Hospital, e aos sãos ordenou darem-lhes mezas; e Dom Antonio de Noronha recolheo consigo perto de trinta soldados, criados de ElRey, e lhes deo de comer á sua custa todo o tempo que alli esteve, e depois até os pôr na India. As mais náós passáram á India, e tomáram Goa, e nellas vieram as novas da morte do Infante D. Luiz, que todos geralmente sentíram, porque perdêram nelle os Fidalgos tamanho terceiro pera seus despachos,

ehos, que depois de declarados lhe hiam beijar a mão por elles, porque sempre foi requerente de todos. E as cousas da India, por ella ser descuberta por ElRey D. Manoel seu pai, favoreceo sempre, e amou sobre todas; e assim dizem que desejou summamente ir a ella, mas que tivera a isso grandes inconvenientes.

Foi este Principe por sua boa, e real natureza muito amado de todos, não só dos naturaes, que o tinham em conta de pai, mas ainda dos estrangeiros; e assim todos o sentiram, e choráram. E eu tambem o fiz ao escrever disto, porque toda a honra, ser, e creação que tenho, me veio d'elle; porque de idade de dez annos o comecei a servir, e me achei na casa em que faleceo com huma tocha nas mãos; e por ficar desamparado por sua morte, me passei á India, onde atégora sempre servi, e militei. Tambem vieram nestas náos novas de como o Imperador Carlos V. de gloriosa memoria, se recolhêra á Religião no Convento de S. Jeronymo de Juste, por ser lugar sadio, e accommodado a quem larga governo, e inquietações do Mundo, e deixára o governo de seus Reynos ao muito Catholico Principe D. Filippe seu filho.

Chegadas as náos a Goa, logo o Governador se começou a fazer prestes pera ir ao

Norte, pera o que escreveo a ElRey de Cochim, e áquella Cidade, que lhe mandasse alguns Naires, navios, e gente pera o acompanharem; e o mesmo escreveo a Cananor, e que esperava de partir na entrada de Novembro; e começou logo a entender no despacho das náos, que haviam de ir pera o Reyno. E porque faltava a náo S. Paulo, que ficou invernando no Brazil, não querendo que fossem menos náos, e carga, o seu primeiro anno, em que pertendia ficar acreditado com ElRey, comprou huma muito formosa, e nova do estaleiro, que estava no porto de Goa, a Estevão Perestrello, Capitão de Carania, e deo a Capitanía della a Francisco Nobre, que ficou em Goa, por se perder nos baixos de Pero dos Banhos, (como atrás dissemos no Cap. VII. do II. Liv.) por ser da obrigação do Conde da Castanheira; e despedio com muita pressa as náos pera irem tomar a carga a Cochim, pera ficar desembaraçado, e entender só na sua Armada, em que pertendia ir ao Norte. Estas náos tiveram muito ruim viagem, e só a Capitânia chegou ao Reyno; Flor de la mar, S. Gião, e o galeão S. Vicente invernaram em Moçambique, e depois em Novembro partíram pera o Reyno, aonde chegaram; e a náo S. Gião, em que hia por Capitão Martim Affonso de Sousa, pelejou

na costa do Algarve com quatro galés de Turcos muitas horas, e se apartáram quasi desharatados, ficando tambem a não bem destrojada, e assim entrou pela barra de Lisboa dentro.

C A P I T U L O VII.

De como o Patriarca, e o Embaixador do Preste tratáram com o Governador Francisco Barrêto sobre sua ida: e dos entretimentos, e escusas de que usou, e do conselho que sobre isso tomou, em que se assentou fosse o Bispo D. André de Oviedo: e de como mandou á Ilha de S. Lourenço Balthazar Lobo de Sousa.

VEndo o Patriarca, e Fernão de Sousa de Castello-branco, Embaixador da Ethiopia, que o Governador Francisco Barrêto se fazia prestes pera ir ao Norte, sem tratar das cousas da Ethiopia, que ElRey tanto lhe encommendava, foram-se a elle, e lhe apresentáram as instrucções, e Provisões de ElRey, e lhe requerêram que as cumprisse, e lhe dêsse a Armada, gente, e todas as mais cousas que ElRey mandava, pera passarem á Ethiopia, cousa, em que elle levava tamanho gosto, e tinha mettido tão grande cabedal. O Governador vendo-se apertado delles, respondeo » que aquelle » re-

» negocio era de muito grande consideração,
 » e que o Estado não estava pera poder ti-
 » rar de si seiscentos homens, e Armada bas-
 » tante pera elles, tantos marinheiros, ar-
 » tilheria, munições, e outros petrechos, de
 » que os Armazens estavam faltos; que pri-
 » meiro havia de dar relação a ElRey do que
 » o Padre Mestre Gonçalo passára com aquel-
 » le Imperador, e de como o achára duro
 » na mudança de seus costumes; e que não
 » era licito, nem honra da Sé Apostolica,
 » que huma tamanha dignidade, como era
 » a do Patriarca, se abalasse a cousas duvi-
 » dosas, e se arriscasse a ser desprezado, e
 » maltratado de homens, que professavam
 » serem Christãos; e que escrever elle que
 » lhe mandassem o Patriarca, e Bispos, fo-
 » ra mais por cumprimento, que por vanta-
 » de; » e com isto se concluiu.

Os Prelados, e Padres da Companhia,
 que se acháram presentes, ficáram muito des-
 contentes da pouca vontade que víram no
 Governador, e fizeram queixas aos princi-
 paes Fidalgos da India, como D. Alvaro da
 Silveira, D. Antão de Noronha, Fernão
 Martins Freire, Martim Affonso de Miran-
 da, e outros, que fizeram suas lembranças ao
 Governador sobre aquellas cousas, que sem-
 pre insistio em não ser bem ir o Patriarca,
 nem o Estado lhe poder dar a gente, e Ar-

mada que ElRey mandava, resumindo-se, que todavia se o Patriarca quizesse passar á Ethiopia, que faria huma Armada conforme ao tempo; mas que havia de ir nella Fernão Martins Freire por Capitão mór, (não tratando cousa alguma de Fernão de Sousa,) que o poria em Arquicó, e lhe daria sessenta soldados pera o acompanharem até á Corte do Imperador, que isso lhe bastava. Disto ficáram o Patriarca, e Fernão de Sousa aggravados do Governador, e respondendo o Patriarca » que se não havia de abalar » de Goa, senão na fórma que ElRey mandava, e em companhia do Embaixador que com elle viera; » e o Padre D. Gonçalo da Silveira, Provincial da Companhia, desgostoso disto, se embarcou logo pera Cochim, sem querer mais ver o Governador, que cuidando devagar naquellas cousas, e vendo as instrucções, e Alvarás de ElRey, e o muito que lhe encommendava aquelle negocio, e as diligencias que o Embaixador, e Patriarca sobre isso tinham feito, não quiz que escrevessem a ElRey, o pouco que naquelle caso fizera.

Pelo que mandou chamar a conselho geral todos os Prelados Theologos, e Fidaigos velhos, e lhes disse » que elle estava prestes pera fazer nas cousas do Patriarca, o » que lhe ElRey mandava; mas que bem

»viam, que o Estado não estava pera tirar
 »de si tanta gente, e Armada, porque nem
 »soldados, nem dinheiro havia; que se tor-
 »nasse a ouvir alli o Padre Mestre Gonça-
 »lo, e que com a informação que tornasse
 »a dar das cousas do Preste, assim votassem,
 »porque elle estava prestes pera pôr em or-
 »dem tudo o que se assentasse.» Sobre isto
 tornou o Padre Mestre Gonçalo a dar rela-
 ção das cousas daquelle Imperador, e de co-
 mo o achára frio nas cousas da Fé, e das
 inquietações que aquelle Imperio padecia com
 os inimigos; mas que tambem era lá mui-
 to necassaria a presença do Patriarca, por-
 que podia ser que com aquelle Imperador
 se movesse ao que ElRey pertendia.
 Sobre isto tornáram a votar todos; e os mais
 foram de parecer, que se não arriscasse a
 pessoa do Patriarca por então, porque o Es-
 tado não estava pera o mandar com o ca-
 bedal que ElRey mandava. E que se fizes-
 se primeiro a saber; mas que tambem se não
 delamparasse aquella Christandade, porque
 de huma hora pera a outra podia Deos mo-
 ver o coração daquelle Imperador, e que
 pera isso se mandasse o Bispo D. André de
 Oviedo, com alguns companheiros, e Pa-
 dres da Companhia, pera verem, e conso-
 larem aquella Christandade, porque de to-
 do se não apagasse. E que achando

disposição pera se fazer algum fruto no Imperador , e nos naturaes , então poderia ir o Patriarca , como ElRey mandava.

Com esta resolução mandou o Governador Francisco Barreto negociar quatro navios , de que deo a Capitania a Manoel Travassos , e deo ao Bispo todas as cousas necessarias pera a jornada ; e ordenou que fosse em sua companhia a modo de Embaixador Gaspar Nunes , que de lá tinha vindo com o Padre Mestre Gonçalo , que foi dos que ficáram da companhia de D. Christovão da Gama ; e como o Governador estava apressado pera ir ao Norte , deixou ordem pera partirem em Janeiro.

E porque ElRey lhe encommendava muito , que mandasse á Ilha de S. Lourenço a saber se havia por seus pórtos novas algumas da gente daquellas náos perdidas , de que atrás fizemos menção no Cap. VI. deste III. Liv. , e pera outras cousas , que mandava por suas instrucções , elegeo pera esta jornada Balthazar Lobo de Sousa com huma caravela , e duas fustas de remo , de que eram Capitães João Gallego , e Pero Rodrigues Barriga , e lhes deo o traslado do regimento de ElRey , e outro seu sobre as mesmas cousas , e com ordem que partisse no mesmo tempo que Manoel Travassos.

CAPITULO VIII.

Da Armada que o Governador Francisco Barreto mandou ao Malavar: e de como elle partio pera o Norte, e Dom Diogo de Noronha se foi ver com elle a Baçaim.

Despedidas as náos pera Cochim, proveo o Governador Francisco Barreto a costa do Malavar com só sete navios, por não haver por então necessidade de mais Armada, de que fez Capitão mór Miguel Carneiro, irmão de Pero de Alcaçova Carneiro, Secretario de ElRey; e os mais Capitães eram, Belchior Carvalho, João Rodrigues de Sousa, Antonio Pimenta, Luiz Mendes de Vasconcellos, Jorge Gonçalves, e Pero de Figueiredo. E porque a Armada não fez cousa notavel, mais que enxotar alguns ladrões formigueiros, acabaremos aqui com ella, por não tomarmos o tempo a outras cousas. E logo apòs esta Armada despedio Pero de Ataíde Inferno com hum galeota Latina, e cinco navios pera ir ás Ilhas de Maldiva esperar as náos de Meca, onde lhe não aconteceu cousa notavel.

Partidas estas Armadas, se embarcou o Governador em Novembro, e deo á véla com hum frota de cento e sincoenta navios,

em que entravam treze galés, e oito galeões, e tudo o mais galeotas, fustas, e catures. Os Capitães das galés eram, Fernão Martins Freire, D. Fernando de Monroy, Martim Affonso de Miranda, Pero Barreto Rolim, Bastião de Sá, Pantaleão de Sá seu irmão, D. Pedro de Soufa, Ruy Barreto Mascarenhas, e o Governador na galé Reliquias, que era a mais formosa peça que havia, D. Francisco Mascarenhas, Alvaro Paes de Soto-maior, e D. Philippe de Castro. Em galeotas Latinas D. Martinho da Cunha, D. Alvaro da Silveira, que tinha chegado de Ormuz, D. Pedro de Menezes, Ayres Gomes da Silva, e Tristão Vaz da Veiga em galeões. Os Capitães das fustas eram; D. João de Ataíde, que este anno veio despachado com a Capitania de Ormuz pera logo, D. João Coutinho, D. Pedro de Noronha, D. João Tello, D. Pedro Deça, Ayres Telles de Menezes, D. Diniz, Gonzalo Falcão, Garcia de Sá, Antonio de Soufa Coutinho, D. Francisco de Moura, André Pereira, Alvaro Pires de Tavora, Jorge Pereira Coutinho, Christovão de Soufa, Manoel de Mello, Martim Affonso de Mello Hombrinhos, Alvaro de Castro, Jeronymo de Soufa, Luiz Cabral, André de Soufa, João de Mello de Brito, Antonio de Noronha, D. Luiz de Almeida, Antonio de

Ferrão, Fernão Peres de Andrade, que tinha vindo de Ceilão, Pero Mascarenhas, Luiz Freire de Andrade, Lopo de Brito, Alvaro Reinell, Tristão de Paiva, Antonio de Sampaio, Cifal Pinheiro, Nuno Vaz de Villa-lobos, Ruy de Mello da Camara, Pedro Fernandes de Carvalho, Ayres Falcão, Cosmo de Castro, Antonio Gomes da Silva, Jorge Toscano, Fernão de Sá, Jeronymo de Mesquita, Ruy Dias Pereira, João Alvares Pereira, Vasco da Silva, Gonçalo Guedes de Sousa, Diogo de Miranda de Azevedo, Martin Lopes da Fonseca, Belchior Correa; o Ouvidor Geral, o Secretario Antonio Coelho, Antonio Borges, João Peixoto, João Freire, Manoel Boto, Fernão Paes, Aleixos Malho, Simão da Cunha, André Coelho, Anadel mór dos espingardeiros, Antonio de Siqueira, Capitão da guarda do Governador, Balthazar Monteiro, Manoel Mouro, Antonio de Arzila, Manoel Pinto, André de Villa-lobos, Manoel Affonso, Francisco Dias, Belchior Godinho, Miguel Rodrigues Coutinho Fios secos, Pedro Alvares de Cananor, Antonio de Almeida, Gonçalo Sanches, Jorge Gomes, Ruy Godinho de Cananor, Vasco Martins, Capitão de tres navios, que El Rey de Cochim mandou com Naires, Braz Frago-

fo de Coulão, João Freire, Francisco Rodrigues em huma galeota sua, Francisco de Albuquerque, Estribeiro do Governador com os seus cavallos, Diogo Banha, Christovão Fernandes, Capitão de duas fustas, que a Cidade de Cochim mandou; e outros muitos Capitães, a que não achámos os nomes. O Governador foi tomar Chaul com toda esta Armada, e de passagem deo ordem a algumas cousas; e despachou Bastião de Sá pera ir entrar na Capitania de Çofala, e Moçambique, que lhe cabia entrar naquelle Fervreiro, por acabar seu tempo D. Diogo de Sousa, neto do Conde do Prado, que depois foi General da Armada de El Rey Dom Sebastião na defaistrada passada de Africa.

Despachadas estas cousas, passou o Governador a Baçaim, onde desembarcou, e se lhe fez o mór recebimento que podia ser, porque fora alli Capitão, e estava muito bem quisto nella. Poucos dias depois chegou á quella Cidade D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, em quatro, ou sinco navios, (porque do caminho lhe mandou o Governador recado pera que se fosse ver com elle a Baçaim,) que foi bem recebido delle; e depois pediu ao Governador, que o ouvisse, presentes os Fidalgos do conselho. E sendo todos juntos, fallou muito largamente sobre a troca, que o Governador queria fa-

fazer da ametade do rendimento da Alfandega de Dio com a Cidade de Damão, apontando grandes inconvenientes, e deserviços, que nisso se faziam a ElRey; porque naquella Ilha não era razão tornasse ElRey de Cambaya a ter quinhão, porque perdesse de todo as saudades della. E que se parecesse que cumpria ao Estado accrescentar-se a elle a Cidade de Damão com toda sua jurdição, e terras, que alli a tinha á mão; porque pelas differenças que havia entre os Governadores de Cambaya, ser-lhe-hia muito facil tomalla, porque a possuia hum alevantado, que tinha muito pouca posse; e que ainda dizia mais: Que pelo estado em que as cousas de Cambaya estavam, elle se obrigava chegar até á Corte de Amadabá com só dous mil homens de pé, e trezentos de cavallo; e sobre isso disse muitas cousas, com que venceo a todos, e votáram, que se desistisse daquelle negocio; e que pois as cousas estavam tão dispostas, que pera o anno tornasse o Governador sobre Damão, e que entre tanto trabalhasse por haver as fortalezas de Assari, e Manorá, que eram da jurdição de Damão, pera segurarem as terras de Baçaim; porque os alevantados que as possuíam, faziam dellas muitas entradas nas terras, e aldeias de Baçaim. E que além disso lançariam mão de muitas aldeias da jur-

dição daquellas fortalezas, que eram muito grossas, e muito importantes a ElRey, e dariam de comer a muitos homens. Assentado isto, despedio o Governador a D. Diogo de Noronha pera Dio, e elle ficou entendendo em outras muitas cousas.

C A P I T U L O IX.

De hum Embaixador de ElRey do Cinde, que veio ao Governador Francisco Barreto: e do tempo, em que os Magores conquistaram aquelle Reyno da mão dos antigos Gentios.

PArtido o Governador Francisco Barreto de Goa, ficou-se negociando Manoel Travallos pera levar o Bispo á Abassia, que se embarcou com elle no seu navio, e levou consigo seis Padres da Companhia de Jesus, e todas as cousas necessarias pera naquelle Reyno celebrar o culto Divino com a magestade necessaria á sua dignidade, pera que vissem aquelles Christãos a differença que havia dos costumes, e ceremonias Romanas das suas. Estes navios se fizeram á vela em Dezembro, e de sua jornada adiante daremos razão.

No mesmo tempo chegou a Baçaim hum navio, em que vinha hum Embaixador do Rey do Cinde a tratar certas cousas com o

Governador , que elle mandou deter na aguada , em quanto se lhe negociava seu recebimento , que foi com grande magestade ; porque o Governador era hum Fidalgo muito apparatuso. Depois o ouvio , e elle lhe deo huma carta de ElRey do Cinde , em que lhe mandava pedir soccorro de huma Armada pera contra hum tyranno alevantado , e que pagaria todas as despezas de gente , e navios que lá fossem ; e que sempre em seu porto achariam os Portuguezes favor , e recolhimento , e ficaria antre elles commercio , e amizade perpétua. O Governador Francisco Barreto poz aquelle negocio em conselho ; e assentou-se , que pois os gastos da Armada estavam feitos , e elle se havia de deter alli todo o verão , que devia satisfazer áquelle Rey , porque era amigo do Estado ; e de seu commercio resultavam a todos grandes proveitos , além dos que se esperavam da jornada , que seriam bons , pera forrar parte das despezas , que naquella jornada estavam feitas.

Assentado isto , começou o Governador a dar ordem á Armada , que havia de mandar , e elegeo pera Capitão mór della a Pedro Barreto Rolim , e lhe nomeou vinte e oito navios , e setecentos homens ; pera o que não foi necessario rogar algum , porque os soldados se offerecêram pelos proveitos que

esperavam ; e antes do Natal se fez Pero Barreto Rolim á véla , levando comfigo o Embaixador.

Os Capitães que nesta jornada o acompanháram , são os seguintes : D. Francisco de Noronha , Diogo de Miranda de Azevedo , Jorge Pereira Coutinho , Ayres Telles de Menezes , Jeronymo de Sousa , Manoel de Mello , André de Sousa , Diogo Juzarte Tição , Christovão de Sousa , D. João Tello , João de Mello de Brito , D. Luiz de Almeida , Antonio de Noronha , D. Pedro de Noronha , Gil de Goes de Lacerda , Martim Lopes de Faria , Pero Mascarenhas , Luiz Freire de Andrade , Gonçalo Sanches , Alvaro Affonso , Sebastião da Costa , João Rodrigues de Sousa , Christovão Cordeiro , Jorge Gomes , Belchior Godinho , Cifal Pigneiro , Antonio Godinho , Antonio de Sampaio , Gaspar Luiz , Pero Fernandes de Carvalho , e o Feitor da Armada.

Partidos estes navios , foram seguindo sua viagem , a que logo tornaremos , porque he necessario dar razão desta embaixada , e para que mandava aquelle Rey pedir este soccorro. Pelo que se ha de saber , que estando por Governador da Cidade Cahandar , e suas terras , que partem com o Reyno Coraçone , hum Magor , chamado Xabec , filho de Janubec , muito parente dos Reys

Magores, que ElRey Babur Paxá, pai de Hamaú Paxá, e avô de Heubar, que hoje reina entre os Magores, tinha posto naquelle Estado, que era seu. Este Xabec era homem prudente, grande Capitão, e desejava de subir a mais, e de se fazer Rey de algum grande Reyno. E querendo-o a fortuna favorecer nisto, offereceo-lhe huma occasião, de que logo lançou mão, que foi saber que havia divisões no Reyno do Cinde entre ElRey, e os Capitães. E ajuntando hum grande exercito, foi descendo de longo do rio, indo abaixo, quasi nos annos de 1525, sendo Governador da India D. Duarte de Menezes, senhor da casa de Tarouca, e foi ter ao Reyno do Cinde, que então era cousa muito grande, e o começou a conquistar. Reinava então nelle Jaraços, Casta Camal, dos antigos Reys Gentesios, em cujo poder havia muitas centenas de annos aquelle Reyno andava, e tinha seu assento, e Corte na Cidade Tantá, principal do Reyno, e das maiores, e mais ricas do Oriente, assim pela grossidão de seus mercadores, como pelas louçainhas, e subtilidade de suas mecanicas, em que precediam, e faziam vantagem a todos, tirando os Chins.

E sabendo elle que Xabec lhe entrava por seus Reynos, ajuntando suas gentes, o foi buscar; e depois de ter muitos recon-

tros, e batalhas, em que os Magores receberam bem de damno, ficou elle roto, e desbaratado de todo, e com alguns poucos se recolheu pera o certão do Reyno de Cambaya, onde foi recolhido de alguns Reys Resbutos seus parentes, que reinavam em terras asperas, e fragosas. O Xabec vendo-se vitorioso, foi entrando pelo Reyno, e sujeitou tudo até a Cidade de Tantá, onde se fez alevantar por Rey; e como era prudente, socegou, e quietou os naturaes de feição, que já o amavam não como estrangeiro, senão como natural. Viveo este Rey dous annos, e deixou o Reyno pacifico, e quieto a seu filho Mirzachan o Hocen, em cujo tempo morreo Babur Paxá Rey dos Magores, e lhe succedeo Hamaú Paxá seu filho, de quem na quarta, e quinta Decada demos larga relação, quando conquistou os Reynos de Cambaya.

Este Hamaú Paxá como era cubiçoso de grande Monarquia, e desejava de ser outro Tamorlão, (cujo quarto neto era,) determinou conquistar os Reynos vizinhos todos, e depois os do Decan. E sabendo no principio de seu reinado, como o Xabec, sendo vassallo de seu pai, e Governador do Candahar, conquistára o Reyno do Cinde; e que pelas obrigações ditas ficava seu vassallo, enviou-lhe a dizer por seus Embaixado-

res « que aquelle Reyno fora conquistado por
 » seu pai Xabec, que era vassallo de Babur
 » Paxá seu pai, com gente, e cabedal seu;
 » que ficava tambem obrigado a ser seu vas-
 » sallo, e a lhe reconhecer superioridade; e
 » que só com isso o deixaria ficar no Rey-
 » no. » O Mirzachan ouvindo a embaixada,
 lhe respondeo com escusas, e entretimentos,
 que entendidos pelo Hamaú Paxá, ajuntou
 grossos exercitos, e entrou pelas comarcas
 do Cinde (no principio das differenças de
 Pero Mascarenhas com Lopo Vaz de Sam-
 paio) nos annos do Senhor de 1527. O Rey
 do Cinde sabendo como lhe entrava por suas
 terras, como estava muito prospero, e bem
 quisto de todos, o foi esperar, e lhe deo
 batalha, onde o desbaratou, e o fez fugir
 a unhas de cavallo, ficando com isto paci-
 fico, e temido até á entrada deste anno de
 cincoenta e seis, em que andamos, que fa-
 leceo, depois de reinar trinta e tres annos;
 e dizem alguns que de peçonha.

Morto este Mirzachan Hocen, por lhe
 não ficarem filhos, alevantáram os naturaes
 por Rey hum parente seu, chamado Mir-
 zamhisá Magor, Argú de nação, que era
 Capitão geral de todo o Reyno, a quem
 obedecêram todos os Governadores das Pro-
 vincias; sómente Soltão Mahamude, que es-
 tava por Governador na Provincia Bachar,

que tanto que teve novas da morte do Rey, e da successão de Mirzambisá, grangeou os grandes, e levantou-se por Rey daquella parte. O Mirzambisá tanto que teve aviso d'isto, mandou-lhe Embaixadores, que desistisse do titulo de Rey, e ficasse naquella parte por Governador, como estava, reconhecendo-lhe obediencia. Ao que Solião Mahamede respondeo, que assim como elle se levantára com o Estado do Cinde, que governava, assim elle o fizera com aquelle do Bachar por vontade de todos; e que o mesmo direito que elle tinha no Cinde, o tinha elle tambem naquelle em que era Rey. Vendo Mirzambisá aquella resposta, tratou de ir sobre elle, e de o destruir de todo; e pera isso se quiz valer do braço Portuguez, e mandou ao Governador aquelle Embaixador, que atrás temos dito.

CAPITULO X.

Da famosa Ilha de Salsete de Baçaim: e do seu espantoso Pagode, chamado do Canari: e do grande labyrintho que a Ilha tem.

Esta Cidade de Baçaim tem o môr termo, e jurdição de todas as da India; porque pera o Levante se estende até ás fortalezas de Assarim, e Manora, que seram

oito leguas, em que ha fertilissimas aldeias, e de grandes rendimentos. Pera o Norte se estende até o rio de Agaçaim, e para o Sul até o rio Bombaim, ou ainda mais abaixo até outro braço seu, que se chama de Caranjá, por se fazer antre hum, e outro huma Ilheta, em que temos hum castello deste nome. O rio que faz esta Ilha de Salsete, faz duas bocas; a do Norte he o rio que entra ao longo da Cidade de Baçaim, e vai correndo ao Sul em muitas voltas; e a meio caminho, que será perto de tres leguas, se faz huma colonia, que os Portuguezes alli fundáram, que se chama Taná, em que haverá quasi sessenta Portuguezes, que naquella Ilha tem suas aldeias, que são muito rendosas. Aqui faz o rio dous passos muito estreitos, e que se podem passar a váo á outra banda de maré vasia da terra dos Mouros até esta Ilha de Salsete. Nestes passos ha dous castellos roqueiros fundados sobre a agua, pera defenderem aquella passagem. Continuando o rio ao Ponente outras tres leguas, vai fazer a formosa barra de Bombaim, que sahe ao mar mais de meia legua de largura, onde se recolhem náos do Reyno, e de outras partes, por ser de bom fundo, sem banco, e impedimento algum. E antes de chegar ao mar, lança hum braço ao Sul, que faz a Ilha de Caranjá,

e outra ao Norte, que se chama Bandorá. Desta boca de Bombaim vai correndo a costa pera o Norte perto de quatro leguas até tornar a entrar pela barra de Baçaim, ficando-lhe esta Ilha de Salfete pela banda de fóra, que será de quinze leguas em roda, e duas de largura.

No meio desta Ilha está aquelle admiravel Pagode do Canari, que se presume ser obra dos Canarás, e por isso se chama assim, que está feito ao pé de hum arrezoado monte, todo de pedra de côr pardo claro, e á entrada delle se faz hum a formosa sala, e no pateo de fóra da porta de humma, e da outra banda della, estam duas figuras de vulto entalhadas na mesma pedra, tamanhas como duas vezes os gigantes que vam nas procissões da festa do Corpo de Deos de Lisboa, tão formosas, tão primas, e tão bem lavradas, que nem em prata se podiam entalhar melhor, nem mais perfectas. A porta da banda de fóra tem algumas cisternas feitas na mesma rocha, que recebem a agua do inverno, que no verão está tão fria, que não ha mão que a soffra. Pela serra assima até o cume della, a modo de caracol, se fazem mais de tres mil camarinhas pequenas, a modo de cubiculos, cortadas na mesma rocha, e cada humma dellas tem á porta humma cisterna da mesma agua.

Éo que he mais pera admirar, he, que ha hum cano feito por tal artificio, que corre por todas estas tres mil camarinhas; este cano recolhe todas as aguas vertentes daquelle serra, e a reparte por todas as cisternas, que estam ás portas das camarinhas.

Aqui neste Pagode habitavam muitos Jogues, que se sustentavam de muitas esmolas, que lhes davam em todas aquellas aldeias; cuja cabeça era hum de cento e sincoenta annos de idade, que os Padres de S. Francisco, que primeiro foram habitar na Cidade de Baçaim, fizeram Christão, e se chamou Paulo Raposo; e assim bautizáram outro, chamado Calete, de mais fama que o Paulo Raposo, a quem puzeram por nome Francisco de Santa Maria, e viveo depois muito christãmente, e com muita satisfação dos Padres, e ainda ficou sendo Prégador Evangelico, e converteo muitos daquelles Jogues, e outros Gentios. Viveo este homem depois de bautizado sinco annos, ou póde dizer como Similo, que não viveo mais que aquelles sinco. O Padre que andou por esta Ilha naquelle principio convertendo aquelles Jogues, chamava-se Fr. Antonio do Porto, da Ordem dos Menores, Varão Apostolico, e de vida exemplar, que penetrou todos os segredos daquelle Ilha, que eram muitos. E neste Pagode que digo, chama-

do do Canari , se assentou , e o consagrou em Templo da invocação do Anjo S. Miguel ; e no tempo que alli esteve , foi informado do mais novo , admiravel , e intrincado labyrintho de todo o Mundo , que por esparto se póde relatar , como o farei aqui brevemente.

Estando o Padre Fr. Antonio do Porto nesta Igreja de S. Miguel , foi informado dos Christãos , que alli converteo , que naquella ferra havia hum labyrintho , a que nunca puderam achar fim , e que se affirmava , que hia correndo até o Reyno de Cambaya. E deseioso o Padre de o enfacar , e penetrar por ver as maravilhas , e grandezas que delle se diziam , tomou consigo hum companheiro , e negociou vinte homens com armas , e espingardas pera defensão das bellas feras , e outros servidores , que levavam as cousas necessarias pera a jornada , como agua , arroz , biscouto , legumes , manteiga , e outros mantimentos , e alguns almudes de azeite pera tochas que levavam pera se alumiar , e verem por onde hiam , e tres pe-soas carregadas de novelos de cordeis grossos , que pera isso se fizeram pera irem largando pelo caminho , como fizeram os que entráram no labyrintho de Creta.

Prestes tudo , foram entrando por aquellas grutas , cuja boca sería de quatro braças

ças de largura, onde deixáram a ponta do fio atado a huma grande pedra; e por aquelle labyrintho caminháram sete dias continuos por caminhos huns largos, e outros mais estreitos, tudo cortado em viva rócha; hiam vendo de huma, e de outra parte camarinhas pequenas, como as do Pagode que já disse, e á porta suas cisternas, sem me saberem dizer se tinham agua, e como a podiam recolher, pois por todo aquelle caminho não havia buraco, agulheiro, nem outra alguma cousa, que pudesse dar alguma claridade. Tudo por cima era huma abobada de pedra viva da mesma rócha, e as paredes de huma, e da outra parte de todo este caminho era da mesma sorte. Vendo o Padre que tinham gastados sete dias sem acharem sahida alguma, e os mantimentos, e agua que levavam quasi acabados, foi-lhe necessario tornarem a voltar pera fóra, guiando-se pelo fio, sem saberem por todo este caminho se subiam, ou desciam, ou a que rumos navegáram, por não levarem agulha por onde se governassem.

E praticando eu com Gentios muito antigos sobre isto, me affirmáram, que por aquelle caminho podiam ir até Cambaya, e ainda até ás terras do Magor, e Cidade de Agará, e que fora este caminho antigamente muito usado, e continuado; e que assim

o affirmavam as escrituras dos antigos Genticos ; e que outros muitos caminhos como estes por baixo da terra havia em muitas partes de Cambaya , e no Decan , e que sem dúvida fora isto mandado fazer por hum potentissimo Rey Genticio , chamado Bimelamenta , que havia mais de mil e trezentos annos reinára em todos os Reynos deste Oriente , desde Bisnaga , ou Bengala até o Magor , e ainda até Ormuz ; e este tem suas escrituras , que viveo trezentos annos , e que destes reinou cento e tantos.

E como em todas suas cousas mettem muitas fabulas , e patranhas , pera darem principios honrosos a seus Reys , como muitas vezes temos dito , affirmam que este Bimelamenta era hum Genticio , homem prudente , e de muita boa razão , natural das terras do Magor , Cidepur , e Patan , por onde andava fazendo vida religiosa , a quem apparecêra hum idolo da antiga Gentilidade , chamado Ambani , e lhe revelára muitos thesouros , e lhe dera muitas leis pera fazer guardar áquelles Genticos que viviam sem ellas , e pera que os governasse em policia , e trouxesse , e ajuntasse em lugares communicaveis , porque andavam espalhados pelos matos , vivendo como brutos ; o que elle fizera , e os ordenára , e mettêra em razão , fundando Cidades , Villas , e povoações , e

que fora por todos alevantado por seu Rey. Deste homem contam suas historias tantas grandezas, que causam espanto. Affirmam, que fez estes labyrinthos, e que mandára fabricar infinitos Pagodes de admiravel artificio, e que este do Canari, e do Elefante era obra sua.

Estando eu escrevendo actualmente isto, vieram ter comigo huns Baneanes de Cambaya, mercadores ricos, que continuam esta Cidade de Goa; e praticando com elles sobre isto, me affirmáram ser tudo verdade, e que elles víram as escrituras que disso tratam, e que com seus olhos víram tambem alguns Pagodes famosissimos por estes Reynos do Decan, Cambaya, e Magoré feitos por este Rey, e que sobre suas portas tinham hum letreiro, que dizia assim: » Este Pagode mandou fazer ElRey Bimelamenta » e que elles o lêram muitas vezes. E se assim he, a pedra que estava sobre a porta do Pagode do Elefante, que tinha aquellas letras, que se mandou a ElRey Dom João o III., que nunca se achou quem as pudesse ler, devia de ter este mesmo letreiro de Bimelamenta. Escreve-se tambem delte, que mandára fazer muitos, e formosos tanques, e alguns tamanhos, que mais se podiam chamar grandes alagôas, de que todos estes Reynos estam cheios. E em alguns

põem algumas virtudes, como em hum que está a meio caminho de Baçaim pera Agaçaim, onde hoje está a casa de nossa Senhora dos Remedios, em que residem Padres Dominicos, huma Senhora, que tem obra do tantas maravilhas, e milagres, que estão todas as paredes do Templo cubertas de paineis delles. Defronte fica este tanque, em que elles põem tanta virtude, que affirmam, que toda a pessoa que se metteo nelle, farará de toda a enfermidade que tiver, sobre quem tem os Padres tanta vigia, que não deixam chegar a elle nenhum Gentio, por não fazerem suas superstições.

Ora deixando isto, e tornando ao labyrintho, vendo que andáram estes Padres por elle dentro sete dias continuos, sem repousarem mais que a hora de comer, e dormir; e quero que não andassem mais cada dia que seis leguas, que vem a ser nos sete dias quarenta e duas leguas, me faz parecer que pudéra ser verdade o que os Genticos dizem d'elle, que vai até Cambaya; porque a Ilha de Sallète, quando muito, tem quatro leguas de comprido, e o labyrintho está no meio della. E pera dizermos que poderiam aquelles caminhos ir em tantas voltas, e ser tão intrincados, que lhes fizesse gastar aquelles dias, nem isso pôde ser, por (como disse) a Ilha ser muito pequena, e

estreita. Em fim, como quer que seja, a culpa de se isto não enfiar he da muita miseria, e pouca curiosidade desta nossa nação Portugueza, que até hoje não houve Viso-Rey, nem Capitão de Baçaim, nem outra alguma pessoa, que mandasse saber, e enfiar estes segredos, que são muito pera se saberem. O que não houvera de acontecer aos estrangeiros, que são tanto mais politicos, e curiosos que nós, que não digo eu cousas desta qualidade, mas ainda outras muito mais pequenas não deixam de ver, e levallas ao cabo até as enfiar, e saber. Certo, que esta obra se póde ter por huma das maravilhas do Mundo, e ainda pela maior dele.

Havia tambem nesta Ilha de Salfete outro Pagode, chamado Manazaper, que tambem era tallado na rócha viva, em que vivia hum Jogue muito affamado antre elles, chamado Ratemnar, que tinha comfigo outros sincoenta Jogues, que os moradores daquellas aldeias os sustentavam. E sabendo o Padre Fr. Antonio do Porto deste Pagode, foi-se a elle; e como era muito temido de todos os Jogues daquela Ilha, tanto que aquelles o víram, largáram o Pagode, e foram-se pera a terra firme; o que devia de ser pela força Divina, que víram que Deos tinha posto em seu servo, que outra huma-

na não a havia pera a poderem temer cincoenta homens, vendo sós dous Frades vestidos nuns saccoes, sem arma alguma com que os pudessem offender. O Padre se meteo no Pagode, e logo o consagrou em Templo da invocação de nossa Senhora da Piedade; e depois se fez nelle o Collegio Real de toda a Ilha de Salfete, onde se recolhem, e ensinão os filhos de todos os Christãos convertidos á Fé, a quem ElRey D. João concedeo as rendas, e cousas que o Pagode dantes tinha, de que os Jogues se sustentavam, que he hoje administrado pelos Religiosos do glorioso, e Sercifico Padre S. Francisco.

Tendo eu algumas práticas com alguns Christãos muito velhos, e daquelles primeiros, que alli converteo o Padre Fr. Antonio do Porto, indo ver esta casa de Manapazer, hum delles, que affirmava ser de mais de cento e vinte annos, que fallava muito bem Portuguez, e o lia, e escrevia, e continuava a lição do Flos Sanctorum, e as Vidas dos Santos, me affirmou, que sem dúvida a obra do Pagode Canari fora mandado fazer pelo pai do Principe, e Santo Josafat, que Barlaão converteo á Fé de Christo pera nelle o recolher, e encerrar, por lhe dizerem seus Astrologos, que aquelle Principe havia de receber a Fé dos Christãos. E assim sua nascença, e vida, segundo suas escrituras,

e ainda hoje cantão em suas cantigas estes Genticos, he tão semelhante á do Santo Josafat, segundo temos em sua lenda, que fiquei admirado quando ma contáram; e porque não será desáprazivel, a trarei aquí o mais brevemente que puder.

Dizem suas Escrituras, que hum Rey, que reinava sobre todo este Oriente, (que cuido deve de ser o Binelamenta, de que atrás fallei, que affirmam mandar fazer o Pagode do Canari,) nascendo-lhe hum filho muito formoso, lhe tiráram seus Astrologos seu nascimento, e acháram que aquelle menino seria santo, e desprezaria os Reynos do pai; e que se faria Jogue; de que o pai posto em cuidados, querendo atalhar aquillo, tanto que sahio do leite das amas; o mandou recolher em huns Paços, que mandou fazer pera isso, de obra maravilhosa, mui fechados, e guardados, pera que não fallasse senão com as pessoas que lhe ordenasse, nem visse cousa que lhe dêsse pena, e lhe causasse tristeza, e paixão. Alli esteve até idade de dezoito annos, em que mandou pedir ao pai o deixasse ir ver as Cidades, e povoações, que lhe elle concedeo. E indo cercado dos que o creáram, vio hum homem manco sobre huma muleta; e perguntando o que aquillo era, lhe disseram, que eram cousas mui ordinarias no Mundo haver man-

cos, coxos, e cegos, e outros defeitos desta qualidade. Outra vez que sahio fóra encontrou hum homem muito velho decrepito encostado a hum bordão todo tremendo; e espantado o Principe daquella visão, perguntando o que era, lhe disseram, que aquillo procedia dos muitos annos que aquelle homem tinha vivido. Outro dia encontrou com hum morto, que levavam a enterrar com grandes prantos dos filhos; e dizendo-lhe os seus o que aquillo era, lhe perguntou elle: Como? eu, e todos havemos de morrer assim? e dizendo-lhe que aquillo era muito ordinario nos homens, porque todos nascêram pera morrer, ficou muito melancolizado. E andando com esta imaginação, dizem que lhe appareceo hum Jogue; e tendo praticas com elle, o persuadio ao desprezo do Mundo, e á vida solitaria. E como elle andava abalado, e tinha já mais largueza na vida, teve modo com que desapareceo, e se fora pelo Mundo. Sobre este desaparecimento contam muitas cousas no modo del- le, e mettem muitas fabulas, como fazem em todas suas escrituras.

Este Principe dizem elles que fora ter á Ilha de Ceilão, levando já consigo grande número, e concurso de Jogues seus discipulos, e que se aposentára naquella serra, onde está o pico de Adão, onde vivêra mu-
tos

tos annos, fazendo vida santa. E querendo-se partir dalli, pediram-lhe os discipulos, que alli ficáram, que lhes deixasse alguma memoria sua: ao que fixando o pé em huma lagca, imprimio nella aquella pégada, como se a fizera em huma pouca de cêra molle, que veneram, e reverenceam por de nosso pai Adão; e he tida de todos em tanta veneração, como tenho dito no Cap. XX. do VI. Liv. da minha V. Decada, onde conto este negocio desta pégada muito particularmente, e mostro como esta Ilha de Ceilão he a Tapobrana de Ptholomeu, em que trato muitas curiosidades, que nenhum escriptor escreveu. A este Principe nomeam suas escrituras por muitos nomes; mas o principal he Drama Rayo; e depois que o tiveram por santo, lhe chamavam Budon, que quer dizer Sabio, a quem toda esta gentildade tem alevantado por toda a India muitos, e mui custosos, e sumptuosos Pagodes; e contam em sua lenda grandes maravilhas, que por não enfastiar, e cançar aos leitores, deixo de trazer.

CAPITULO XI.

Do muito notavel , e espantoso Pagode do Elefante.

E Ste notavel , e sobre todos espantoso Pagode do Elefante está em huma Ilha pequena , que terá menos de meia legua em roda , que faz o rio de Bombaim já quando quer sahir ao mar da parte do Sul. Chama-se assim , por hum Elefante de pedra grande , que se vê entrando pelo rio dentro. Dizem que foi mandado fazer por hum Rey Gentio , chamado Banasur , que senhoreára tudo o que havia do Gange pera dentro. Neste Pagode se affirma , (e assim o mostra ,) que se despendêram mui grandes thesouros , e que andáram na fabrica delle muitos milhares de obreiros , e que gastáram muitos annos. O sitio deste Pagode se estende de Norte a Sul , he quasi aberto por todas as partes , principalmente da parte do Norte , Nascente , e Ponente , porque as costas deste grande templo ficam pera o Sul. Será o corpo delle de oitenta passos de comprido , e de sessenta de largura. He todo talhado em viva rócha ; e todo o tecto de cima , que he o cume da rócha , se sustenta sobre setenta e cinco columnas lavradas do mesmo monte , que estão por tal ordem , e compasso ,

que fazem o corpo deste templo de sete na-
ves. E cada huma destas columnas até o meio
he quadrada de vinte e dous palmos de qua-
dro, e do meio pera cima são roliças, e de
dezoito palmos em roda. A pedra deste mon-
te, em que se entalliou este Pagode, tem a côr
parda; mas todo o corpo de dentro, co-
lumnas, vultos de Pagodes, e tudo o mais
era antigamente cuberto de huma fina tea de
cal com certo betume, e confeições, que fa-
zia o Pagode de todo tão claro, que era
couza formosa, e muito pera ver; e não só
fazia as figuras muito formosas, mas fazia
divisar mui distintamente as perfeições dos
vultos, e subtilezas da obra: de maneira, que
nem em prata, nem em cera se podia fazer,
nem esculpir com mais primor, nem com
mais lindeza, e perfeição.

Entrando por este Pagode, á mão direi-
ta d'elle está huma Capella, cuja porta he
de dezeseis palmos e meio de largura, e
quinze e meio de alto; dentro no corpo del-
la estam muitos idolos, e no meio da Ca-
pella se vê hum de altura de dezeseite pal-
mos, com huma grande, e formosa tiara na
cabeça, lavrada de tantas laçarias, lavores,
e subtilezas, que mais parecem debuxadas,
que entalhadas em pedra com escopro. Tem
esta figura oito braços, e só duas pernas. Em
huma das mãos direitas tem hum sceptro ale-

vantado , e nelle enroscada huma cobra de capello , assim como pintam o de Mercurio ; sobre a ponta do sceptro estam tres idolos pequenos de covado cada hum ; e em huma das mãos esquerdas , que tem alevantadas , sustenta com os dedos tres idolos do tamanho dos outros. Ao lado esquerdo deste idolo grande está outro com hum cutelo na mão , e assima deste outro muito grande com o corpo de homem , e a cabeça de Elefante , de quem eu cuido que a Ilha tomou o nome. Neste veneram a memoria de hum Elefante , a que os Gentios chamam Gaves , de quem contam muitas fabulas. Apar deste idolo sahe da rocha hum assento de pedra , em que está assentado hum idolo de hum só corpo com tres cabeças , e em cada huma dellas tem hum só braço , salvo a do meio , que tem dous , e na esquerda tem hum livro. E ao lado esquerdo deste idolo está huma figura de mulher de tres palmos arri-mada com o braço esquerdo sobre o hombro de outro idolo mais pequeno tambem de figura de mulher , e com a mão direita travado de outro mais pequeno. Logo assima deste idolo está outro cavalgado sobre a cabeça de hum Elefante , e apar deste outro cavalgado sobre o pescoço de outro idolo.

Destá Capella a sinco passos pera a parte do meio dia vai este Pagode alargando pe-
ra

ra o Ponente onze passos , e no fim delles torna a proseguir pera o Sul outros onze passos ; e daqui voltando outra vez pera o Ponente onze passos á mão direita , está huma Capella aberta na rócha , cuja porta tem vinte e seis palmos de alto , e de vão ao comprimento sete pés e meio , e de largura dez e seis. No meio desta Capella está assentado hum idolo , que da cinta pera cima tem doze palmos , e sobre a cabeça tem outra tiara lavrada com muitas perfeições , e lindezas. Tem oito braços , e duas pernas , com huma das mãos direitas , e com outra das esquerdas estende por cima da cabeça hum manto , ou sobreceo da mesma pedra muito subtil , e fica estendido por cima delle no ar hum esparavel , e sobre este esparavel estão hums muitos idolos de covado , machos , e femeas. Na segunda mão direita tem huma grande espada de dous gumes , e na terceira hum idolo pequeno pendurado pelos pés. A quarta mão direita com a parte do braço está quebrada pela travessura dos soldados que alli vam das Armadas , como o está quasi tudo. Na segunda mão esquerda tem hum chocalho , e a tiracolo hum colar muito grande de muitas cabecinhas humanas enfiadas humas com outras , e todas cortadas na mesma pedra , e lavradas ao buril no mesmo pescoço. E na terceira mão tem hu-

ma caldeira, e sobre ella hum idolozinho. A quarta mão esquerda com o braço está toda quebrada. Dum lado, e do outro deste idolo, e por toda a Capella em roda estão trinta idolos pequenos em pé. Desta Capella a nove passos á mão esquerda, que he pera a parte do Sul, está huma casa quadrada de dez passos em comprido, e outros tantos de largo, toda aberta na rocha, e de tal feição, que toda se anda á roda, e tem quatro portas, huma em cada lanço do quadro, e entra-se nesta casa por cada huma destas portas, subindo por cinco degrãos, e no meio da Capella está hum poial quadrado de vinte e quatro palmos de quadro: sobre elle está alevantada huma figura de hum idolo, que por deshonestia se deixa de nomear, a que os Gentios chamam Linga, e adoram aquillo com grandes superstições; e assim a estimam tanto, que os Gentios Canarás as trazem bem afiguradas ao pescoço. Este torpe costume tirou hum Rey Canará, homem de razão, e justiça.

E tornando ás quatro portas desta casa, cujas couceiras ainda hoje apparecem, não se abriam pera mór veneração, senão huma vez no anno no dia da sua mór festa. A' entrada de cada huma dellas estão dous grandes Gigantes de vinte e quatro palmos de altos, feitos com muito primor, e perfeição.

ção. Desta casa a dez passos, proseguindo pela o meio dia, está outra Capella com hum formoso portal de obra Mosaica de vinte e quatro pés de largo, e vinte e seis de alto; no meio della está hum idolo de dezeseis palmos de alto, com quatro braços, e duas pernas, travado pela mão com outro idolo de figura de mulher. A' mão esquerda deste idolo está assentado outro de igual grandeza, e feitio, e abaixo outro pequeno com tres cabeças, quatro braços, e duas pernas; e por toda esta Capella em roda outros muitos idolos. Desta Capella ao Ponente está hum cisterna de agua excellentissima, a que nunca se acha fundo, de que vulgarmente corre esta fama, e assim fica sendo semelhante ao que se conta das fontes de Alfeo, e Areusa.

Aqui acabou o lanço Occidental, que he o da mão direita do corpo deste Pagode: voltando daqui pera o Ponente, vam dar em hum Capella muito curiosamente lavrada de quatorze pés de largo, e diezito de comprimento; no meio della está hum idolo agigantado com pernas cruzadas com hum tizara na cabeça lavrada subtilissimamente, e de ambas as partes tem muitos Pagodes de homens, e mulheres, e alguns a cavallo. Daqui vai o Pagode alargando pera o Nascente, onde está outra Capella como as mais,

e debaixo della fabe hum idolo da cinta pera cima agigantado com cinco rostos proporcionados ao corpo, com suas tiaras nas cabeças, e com doze braços, e com as mãos sustenta hum assento de pedra sobre quem está outro idolo Gigante de hum só rosto com seis braços, e duas pernas, e huma das mãos direitas tem sobre o pescoço de huma mulher tambem agigantada, que está assentada junto a elle; e a cada lado deste idolo tem outros quasi do seu tamanho assentados no mesmo assento; e pelo mais corpo desta Capella ha outros cem idolos de homens, e mulheres. Caminhando daqui ao meio dia, dam em outra Capella, em cujo meio está assentado outro Gigante com sua tiara na cabeça com quatro braços, e duas pernas, e a cada illarga tem hum idolo tambem agigantado, hum de figura de mulher, e outro de homem; e ao lado da mulher está outro idolo Gigante, a fóra outros muitos idolos que ha por toda a Capella.

Aqui se acaba o lanço Oriental da mão esquerda deste Pagode. No fim destes dous lanços Oriental, e Occidental estam tres grandes Capellas; e a do meio, que he mais interior, tem trinta pés de largo, e dezseis de comprido. Do pavimento desta Capella se alevanta hum corpo da cinta pera cima de tão disforme grandeza, que só elle en-

the o vão, e largura da Capella: tem tres
 muito grandes rostos, o do meio olha pe-
 ra o Norte; o segundo pera o Ponente, e
 outro pera o Nascente; cada hum destes ros-
 tos tem dous braços, e ao pescoço dous gran-
 des collares lavrados com admiravel subtile-
 za. Sobre estas tres cabeças tem tres formo-
 sissimas tiaras; e este rosto do meio, que he
 o maior, tem na mão hum grande Globo,
 e o que quer que tinha na direita não se en-
 xerga por estar desfeito. O rosto da parte di-
 reita tem na mão direita huma grande co-
 bra de capello, e na esquerda huma rosa, a
 que chamam Golfo, que nasce nas alagôas
 grandes. A' entrada da porta desta Capella
 estam dous Gigantes a pé de cada lado, e
 encostados cada hum em seu idolo de dez
 palmos de alto. A segunda Capella, que es-
 tá ao lado direito, tem dezenove pés de lar-
 go, e onze de comprido, e trinta de alto;
 no meio della está hum idolo agigantado de
 quatro braços, e duas pernas, como todas
 as mais, com huma formosa tiara na cabeça,
 e sobre ella está outro idolo mulher de vin-
 te palmos de altura; e por toda a Capella
 de huma, e de outra parte estam outros mui-
 tos Pagodes pequenos. Ao lado direito des-
 ta Capella está huma porta de sete palmos
 de alto, e cinco e meio de largo, por onde
 se entra em huma camara quadrada escura

Conto. Tom. IV. P. I.

R

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

de dez palmos de largo, e outros tantos de comprido, em que não ha cousa alguma. Voltando ao lado desta Capella do meio, está a terceira, que tem vinte e tres pés de comprido, e trinta de largo; e no meio della está outro idolo de vinte e dous palmos de alto de quatro braços, e está sobre hum só pé, e a cabeça com huma formosa tiara, reclinado sobre a de hum touro. Este idolo tinham os antigos por meio homem, e meia mulher, porque tem huma só teta á maneira das antigas Amazonas, e tem em huma das mãos huma cobra de capello, e na outra hum espelho, e ao redor mais de cincoenta idolos. Ao lado esquerdo desta Capella está huma porta de seis palmos de alto, e cinco de largo, por onde se entra em huma camara quasi quadrada, e muito escura, onde não ha que ver: com esta se acaba a fabrica deste grande Pagode, que está desfeita em muitas partes; e isso que deixáram os soldados, tão mal tratado, que he mágoa ver assim destruida huma das cousas admiraveis do Mundo. Agora faz cincoenta annos que fui ver este estranho Pagode; e como não entrei nelle com a curiosidade com que hoje o podia fazer, não notei muitas cousas, que se acabáram já; mas lembra-me todavia, que achei huma Capella, que hoje se não vê; aberta pela fronteira toda, que

teria mais de quarenta pés de comprido, e ao longo da rocha se fazia hum taboleiro do comprimento da casa á maneira dos nossos Altares, assim de largura, como de altura; e neste taboleiro havia muitas cousas notaveis pera ver. E entre ellas me lembra, que notei a historia da Rainha Pacifae com o touro, e o Anjo com huma espada nua lançar fóra de debaixo de huma arvore duas figuras mui formosas de homem, e de mulher, que estavam nuas, como no-lo pinta a Sagrada Escritura em nossos primeiros pais Adão, e Eva.

Quando logo os Portuguezes tomáram estas terras de Baçaim, e de sua jurdicção, que foram ver este Pagode, lhe tiráram huma formosa pedra, que estava sobre a porta, que tinha hum letreiro de letras mui bem abertas, e talhadas, e foi mandada a El Rey, depois do Governador da India, que então era, a mandar ver por todos os Gentes, e Mouros deste Oriente, que já não conhecêram aquelles caracteres; e El Rey D. João o III. trabalhou muito por saber o que estas letras diziam, mas não se achou quem as lesse, e assim ficou a pedra por ahi, e hoje não ha já memoria della.

Na lombada da serra, em que está este Pagode do Elefante pera o Nascente a dous tiros de pedra, está outro Pagode aberto por

diante, e o tecto de cima se sustenta sobre muitas columnas formosissimamente lavradas, de que já não ha mais de duas, que são de dezenove palmos de alto, e doze de grossura. Tem o Templo quarenta e tres passos de comprido, e treze de largo, e a hum parte tem hum camarinha muito bem lavrada. Nella adoram a sua Deosa Paramisori. Foi este Pagode, que está hoje todo desfeito, de obra espantosa naquelle seu tamanho.

Noutro monte desta Ilheta pera o Nascente, a respeito do Pagode grande na lombada delle quasi no meio, está outro Pagode, em que antigamente se entrava por hum formosa porta, que tinha hum portal de marmore curiosissimamente lavrado. Tem este Pagode hum casa grande, e tres camaras: na primeira da mão direita não ha já eoufa alguma; na segunda havia dous idolos sobre hum grande poial quadrado. Hum destes idolos se chamava Vithalá Chendai, tem seis braços, e hum só cabeça, e está arrimado a dous idolos pequenos, que tem a cada parte.

Este Pagode grande, e os outros pequenos, se sabe por suas escrituras dos Gentios, que os mandou fazer hum Rey Canará, chamado Banasur, e que os mandára fabricar, e junto a elle huns formosos Paços; em que

se aposentava quando alli hia, de que ainda em meu tempo se achavam alguns vestigios, e muitas ruinas de pedra de cantaria, e adobes mui grandes. Chamavam-se estes Paços, ou Cidade, que dizem que foi mui formosa, Sirbali; e a ferra, em que está o Pagode do Elefante, se chamou Simpdeo. Aqui viveo alguns annos huma filha deste Rey, que se dedicou a este Pagode a perpetua virgindade, que se chamava Uquá. Dizem os antigos, que nesta Ilha do Elefante em tempo de ElRey Banasur, choveo ouro por espaço de tres horas, e por isso lhe puzeram nome Santupori, que na sua lingua quer dizer Ilha do ouro. Não relato todas as cousas deste grande Pagode particularmente, porque são tantas, que se não podem particularizar, e porque não enfastiem aos que as lerem.

C A P I T U L O XII.

De como o Governador Francisco Barreto houve ds mãos as fortalezas de Assari, e Manorá: e de como Antonio Moniz Barreto foi tomar posse dellas por mandado do Governador: e de outras cousas, em que proveo até se partir pera Goa.

Afentado em conselho que se tomasse a fortaleza de Assari, que era tão inexpugnavel por natureza, que se havia por cou-

fa impossivel tomar-se por força, quiz o Governador Francisco Barreto ver se por dadas, e peitas a podia haver. Communicou este negocio com hum Coge Mahamede, Mouro antigo do tempo de Soltão Badur, que já no do Governador Nuno da Cunha andara na entrega da Cidade de Baçaim, e ficou nella vivendo rico, e honrado. Este Mouro, que era prudente, astuto, e muito conhecido do Capitão, que estava em Assari, foi-se ter com elle; e primeiro que tratemos do em que isto parou, nos pareceo bem darmos razão do sitio desta serra, e de quem estava nella por Capitão.

Está esta serra de Assari quasi tanta distancia de Baçaim, como de Damão, e estará do mar pera o certão perto de quatro leguas: tem a mesma fórmula, e feição da serra de Damá na Abassia, de quem no Cap. X. do VII. Liv. da V. Decada demos razão, na jornada de D. Christovão da Gama, que he a em que aquelles Imperadores encerram todos os filhos, tirando o herdeiro, por não haver antre elles alguma alteração; e assim os tem alli tão fechados, que em sua vida não podem sahir fóra. Da mesma maneira está a serra de Assari.

Sóbe ingreme pera cima quasi huma legua, e tão direita de todas as partes, que parece que a foram talhando ao picão até hum

hum pouco antes do cume, onde faz hum releixo á roda, e delle pera subir ao plano não tem mais que dous passos; hum tão ingreme, que não póde subir por elle mais que huma pessoa, com tanto trabalho, e risco, que parece desatino querer hum homem trepar por alli, ao menos por curiosidade, porque de ambas as partes fica tão ingreme, que se vai o lume dos olhos a huma pessoa, se olha pera baixo. O outro passo se chama das Vacas, porque por elle as levam assima, pera mantimento da gente que alli reside. Este passo, tanto que chegam áquelle releixo, ficam como debaixo da aba de hum sombreiro, com huma abertura em cima, por onde lançam cordas pera levarem assima o que querem, como fazem de huma escotilha de huma náó ás pipas, que estam em baixo das cubertas. Neste releixo debaixo, que corre á roda, e que fica como huma lapa; tem os soldados das vigias suas estancias; que são doze; porque em tantas partes tenh as aguas do inverno feito algumas quebra-das, por que se póde subir, ainda que com muito risco; porque em todas estas estancias tem os soldados grandes galgas de pedras; com huns espeques amarrados por humas cordas, e prezas nas suas camas; e se de noite sentem rumor, assim deitados, não fazem mais que soltar as cordas com os pés,

e dando nas galgas, vam pelo caminho abai-
xo com tamanho estrondo, e terremoto, que
mettem medo, e tudo o que acham diante
de si levam, e não tem necessidade de ou-
tras armas pera sua defensão.

Em cima no cume faz esta serra hum pla-
no redondo, onde estam os gazalhados, e
apósito do Capitão, armazens, cisterna de
agua, e a Igreja; e no tempo da guerra se
recolhem aqui mantimentos pera hum anno,
e na paz se provém das aldeias á roda, que
são fertilissimas, e de continuo residem em
cima sessenta soldados, a que pagam seus
quarteis, e mantimentos, que lhe o Feitor
de Baçaim leva, como se lhe acaba o tem-
po.

Vigia-se esta serra de noite com grande
cuidado, e os dos quartos são obrigados cor-
rella por cima toda em roda, com rochas
acezas de hum pão, como preto, que se
dá naquelles matos, que arde como tochas
de cera, e não se apagam nem com vento,
nem com agua. Ao pé da serra tem huma
tranqueira de madeira em fórma quadrada
com seus cubellos, onde reside hum Naique
com cem peães, e hum Capitão do campo
Portuguez com alguns soldados.

Estava neste tempo por Capitão da ser-
ra hum Gentio, chamado Condixá, e em
Manorá hum Turco por nome Agader, e
por

por Veador da Fazenda de todas aquellas terras hum Gentio, chamado Calegi, e todos póstos da mão de Cide Bofatá, que se tinha alevantado com a Cidade, e terras de Damão no alevantamento geral, (como na VI. Decada no Cap. XVI. do X. Livro fica dito.) O Coge Mahamede, de quem hiamos tratando, chegou á serra de Assari, como que hia visitar o Condixá, de quem era grande amigo; e detendo-se com elle alguns dias, o veio a apalpar com dissimulação; e achando-o disposto, lhe commetteo, que entregasse a serra ao Governador, que lhe daria o que fosse razão logo em dinheiro, e que lhe faria outras honras, e mercês. O Gentio vencido das muitas razões do Coge Mahamede, e mais do interesse, (que he o que faz render tudo,) abrio-se-lhe todo, afirmando que o faria; mas que não poderia ser sem o Calegi, Veador da Fazenda, que se visse com elle, e tratassem sobre aquelle negocio, e que querendo, elle estava prestés pera servir o Governador; e com isto se víram ambos com elle, e praticáram aquelle negocio, sobre que o Coge Mahamede não foi avaro nas promessas; e por tal modo os levou, que os rendeo, e assentáram que dando-lhes o Governador seis mil e quinhentos pardáos logo em dinheiro, lhe entregariam aquella fortaleza, e se passariam

a viver a Baçaim. E como tiveram rendido o Calegi, lhe pedio o Coge Mahamede, que tratasse com Agader, Capitão de Manorá, se queria entrar naquella liga, e que lhe dariam o que elle pedisse, porque pera segurança das terras de Baçaim era necessario ficarem aquellas forças ambas pera o Estado da India.

Sobre isto se foi o Calegi ver com Agader; e apalpando-o sem se lhe declarar, o achou duro, e de tão roim digestão, que não apertou com elle, e o deixou, e deo conta de tudo aos outros, que disseram ao Coge Mahamede, que depois de elles entregarem a ferra, poderia o Governador mandar tomar por força Manorá, porque Agader tinha pouca posse pera se defender. Com esta resolução voltou o Coge Mahamede pera Baçaim, e deo conta ao Governador de tudo o que tinha passado com o Condxá, e Calegi, dizendo-lhe quão facil elles lhe fizeram a tomada de Manorá; porque tanto que Assari estivesse em seu poder, (que era o mais duvidoso, e importante,) logo Manorá ficava sendo mais fraco, e o Agader não teria remedio pera se defender.

Vendo o Governador quão barato lhe offerciam o que elle tanto desejava, poz logo em obra aquelle negocio; e porque El-Rey não tinha dinheiro, mandou vender a

foa prata, e ajuntou a quantia dos seis mil e quinhentos pardãos, que se carregáram por emprestimo sobre o Feitor de Baçaim Duarte do Soveral, em cuja arrecadação achámos esta receita, com a declaração do pera que aquelle dinheiro foi emprestado; e despedio o Coge Mahamede com recado a Calegi, e Condixá, pera saber o modo que queriam ter na entrega da serra, e no recebimento do dinheiro. O Coge Mahamede negociou isto de feição, que veio o Calegi tomar o dinheiro a Baçaim, e ficou em refens até Condixá entregar a fortaleza de Assari.

Como o Governador teve consigo o Calegi, e lhe deo o dinheiro, despedio logo Antonio Moniz Barreto pera ir tomar entrega da serra, levando cartas do Calegi de como já tinha o dinheiro em si; e chegando ao pé da serra, se foi o Condixá ver com elle, e lhe fez entrega della, mandando tirar de dentro todas as cousas que nella tinha. Entregue Antonio Moniz Barreto da serra, deixou nella hum Capitão com sessenta soldados, e a provêo de mantimentos, lenha, e vaccas em abastança, e ordenou guarda pera as terras, que foi hum Naique com duzentos peães, e mandou lançar pregões pelas aldeias » que todos os lavradores cultiva-
» vassem, e lavrassem suas aldeias, e que re-
» spondessem com os fóros a ElRey de Por-

» tugal , como faziam ao de Cambaya pe-
 » los mesmos foraes , e costumes , sem lhes
 » innovar cousa alguma , senão em seu fa-
 » vor : » com o que começaram acudir ás
 aldeias , e lhes ordenáram recebedores , pe-
 ra correrem com a arrecadação de seus fô-
 ros.

Negociadas estas cousas muito bem , vol-
 tou pera Baçaim , e o Governador o tornou
 a despedir com seiscentos homens pera ir to-
 mar a fortaleza de Manorá , e mandou D.
 Anão de Noronha com dez navios pera ir
 pelo rio affima favorecendo-o , e Antonio
 Moniz Barreto foi entrando pelas terras de
 Manorá sem achar resistencia ; e indo de-
 mandar a fortaleza , a achou despejada , por-
 que o Agader o não ousou a esperar ; mas
 não foi isto tão secco , que os nossos da di-
 anteira não tivessem algumas escaramuças
 com os inimigos , em que lhes derribáram
 alguns. Despejado o forte , tomou Antonio
 Moniz Barreto posse delle , e poz nelle por
 Capitão hum Jorge Manhãas, Cavalleiro hon-
 rado , da obrigação do Governador , com
 cento e vinte soldados , e alguns Naiques ,
 e peães da terra , e deo ordem á arrecada-
 ção das terras , como fez a Assari.

Acabado este negocio , se tornáram pe-
 ra Baçaim , onde o Governador já estava
 prestes pera se partir pera Goa , por lhe te-
 rem

tem chegado cartas , em que o chamavam com muita pressa , por serem entrados nas terras vizinhas a Goa alguns Capitães do Idalcão com muita gente , e que estavam arriscados Salfete , e Bardés a se perderem. E dando despacho a algumas cousas , (principalmente ás de Ormuz , por lhe terem vindo novas ser falecido Bernaldim de Sousa , que lá estava por Capitão , pera onde despachou D. João de Ataíde ,) se embarcou , deixando setecentos homens em Baçaim com ordem pera lhes darem mezas , de que deixou Capitães nomeados pera isso. Antonio Moniz Barreto , Capitão da fortaleza , a trezentos e sincoenta. D. Martinho da Cunha , irmão de D. Pedro da Cunha , Capitão geral das galés do Reino , a duzentos. E Duarte do Soveral , Feitor , e Alcaide mór de Baçaim , a cento e sincoenta ; e em breves dias chegou o Governador a Goa ; e passando pelo rio affima com todos os navios de remo , sem querer desembarcar na Cidade , foi visitar os passos da Ilha , que provêo de Capitães , e soldados pera sua guarda , e de navios ligeiros pera correrem os rios ; e nas Ilhas de João Chorão , Divar , e nas mais metteo gente de guarnição , e na fortaleza de Racol poz D. Jorge de Menezes Baroche , e D. Pedro de Menezes o Ruivo , com quatrocentos homens pera guarda daquellas ter-

ras; e depois de prover tudo isto mui bem, se foi pera Goa, e despedio Antonio Pereira Brandão com seis navios ligeiros pera andar por aquella costa até Dabul, fazendo toda a guerra que pudesse ao Idalcan; e elle se foi aposentar em humas casas, que estão adiante de Santa Luzia pera dalli correr os passos, e entender nas cousas da guerra, que de proposito determinava fazer ao Idalcan.

C A P I T U L O XIII.

Do que aconteceu na jornada a Pero Barreto: e do engano que com elle usou o Principe do Cinde: e de huma façanbosa serpiente, que hum soldado chamado Gaspar de Montarroio matou.

PArtido Pero Barreto Rolim de Baçaim, (como atrás dissemos no Capitulo IX. deste III. Livro,) foi atravessando a enceada de Cambaya até Dio, onde chegou vespera de Natal. E depois de passada a festa, tornou á sua viagem, e foi de longo da costa até a ponta de Jaquete, onde se acabam os limites do antigo Reino Guzarate, e dalli foi atravessando aquella enceada, e foi tomar a barra do Cinde, que communmente se chama a de Cambaya, por entrarem por ella todos os navios, que vam áquellas partes; porque a outra boca, que tem mais ao

Norte, se chama de Ormuz, por sahirem por ella todos os navios que navegam por aquelle Estreito; e chegada a Armada, foi entrando pelo rio ás toas, pelas grandes correntes de suas aguas, e puzeram oito dias até a Cidade de Tatá, não sendo mais de trinta leguas. Estava na Cidade o Principe Mirahan Baba, moço de doze annos, que o pai alli tinha deixado com alguns tutores pera governar o Reino, porque havia pouco tinha partido com seus exercitos em busca do inimigo. E sabendo o Principe ser aquella Armada, que seu pai mandára pedir, mandou visitar o Capitão mór, e a fazer-lhe a saber, como seu pai lhe deixára ordem, pera que como chegasse aquella Armada a fizesse esperar até seu recado. Pero Barreto recebeo este Enviado, e mandou a terra o Embaixador, que o fora buscar, e com elle hum homem honrado, por quem mandou dizer ao Principe que elle vinha com aquella Armada em serviço de ElRey seu pai, e que estava prestes pera tudo o que lhe mandasse, e que desse ordem pera ir hum homem a ElRey, que elle queria mandar; o que o Principe fez, e lhe mandou dar aviamento de tudo pera o caminho. Este homem, que Pero Barreto mandou, tomou a ElRei sobre a Cidade de Tiguir, que he no extremo daquelles Reinos, e fi-

cava da parte do Soltão Mahamede Bachari, que a tinha muito fortificada, e alli o ouvio, e o tornou a despedir logo com recado a Pero Barreto « em que lhe pedia que » se entretivesse alguns dias, e que nelles » lhe mandaria resolução do que havia de » fazer, com o que se deixou Pero Barreto » to ficar no rio da outra banda defronte da » Cidade. »

ElRei Mirzanhisá foi continuando o cerco de Tiguir, em que teve muitos recontros com os inimigos, de que houve damno em ambas as partes; e Bachari, que era valente cavalleiro, sempre lhe teve o encontro, e proveo os de dentro da Cidade, sem o inimigo lho poder defender. Vendo o Rei do Cinde que por força não podia tomar aquella Cidade, e que o inimigo estava poderoso, veio a entrar com elle em partidos, por meio de Capitães, que se mettêram entre elles, e por fim se vieram a concertar, que o Bachari lhe largasse a fortaleza de Tiguir, por ficar, como dissemos, nos extremos de ambos os senhórios, e que ficasse com o que mais possuia; e com isto se lhe entregou a fortaleza, que elle proveo de Capitão, e soldados, e voltou pera o Cinde.

Todo este tempo esteve Pero Barreto no rio esperando o recado de ElRei; e porque não lhe razão que passemos por hum caso ei-

espantoso, que aqui aconteceo, daremos conta delle. Costumavam os nossos soldados ir a terra á caça; e desviando-se hum delles; chamado Gaspar de Montarroio, natural da Cidade de Farão, com só sua espada, e rodella, foi-se affastando por hum mato; e encontrando com huns Gentios, lhe disseram que não passasse ávante, porque estava alli hum serpente, que acabára de comer hum bezerro. O Gaspar de Montarroio deseioso de a ver, lhes pediu lhe fossem mostrar o lugar onde estava, o que elles fizeram; e chegando perto, a vio estar deitada no mato com a cabeça sobre o caminho; e estava farta, e pejada, e pela cabeça entendeu que devia ser coufa façanhosa, porque o corpo ficava escondido no mato; e deseioso de a ver bem, se foi chegando tanto a ella, que lhe pode chegar com a espada com ser curta: ella em o sentindo alevantou a cabeça, e tempo que elle hia com hum golpe, e quiz sua boa ventura que a romasse pelo degolladouro, onde não tinha fortaleza; e como a espada era larga, e cortadora, a degollou toda, e ella com a dor da morte deo com o corpo tamanhas pancadas, que puzna espanto, e medo, até que acabou de morrer. Os Gentios, que estavam de longe vendo aquillo, ficaram pasmados, e forão fugindo; e o Gaspar de Montarroio voltou

pera a praia ; e tomando alguns marinheiros da fusta , em que hia embarcado com remos , e cordas , se foi com elles aonde estava a serpente, e a fez amarrar , e ás costas de todos a levou á praia , onde Pero Barreto sahio pela ver , que foi cousa , que admirou a todos , por sua grossura , e grandeza ; porque era tão grossa como hum homem ordinario , e de comprido teria trinta pés , e dizião os naturaes que era ainda criança. Pero Barreto mandou fazer huma forca na praia , e a mandou dependurar por espanto : e por este feito ficou o Gaspar de Montarroião tão nomeado dos Gentios do Reino do Cinde , e Cambaya , que o buscavam , e lhe levavam presentes , e peças. Viveo este homem até os annos de noventa e quatro , que se foi pera o Reino , e no caminho nos parece que desapareceo a não em que hia.

Vendo Pero Barreto Rolim que o recado de ElRey tardava muito , e que todo o mez de Fevereiro era passado , mandou requerer ao Principe , que pois ElRey seu pai não lhe mandava o que havia de fazer , e que se hia o tempo gastando , que lhe mandasse cumprir os contratos sobre que viera aquella Armada , pois debaixo da fé , e palavra de ElRey seu pai fizera o Governador com ella tamanhas despezas. O Principe depois de alguns recados , e requerimen-

tos destes, a que sempre respondeo com escusas, lhe mandou dizer « que se se quizesse ir o podia fazer, porque elle não tinha ordem de ElRey seu pai pera mais, que pera prover a Armada de mantimentos, que se os quizesse, lhos mandaria dar. » Deste desengano ficou Pero Barreto enfadado, e começou logo a haver união por toda a Armada, porque quizeram os soldados que logo se lhe dera o castigo; mas Pero Barreto dissimulou com aquillo, porque desejava de não chegar a rotura, até ver o que ElRey mandava. E como os soldados da India são muito soltos, e livres, davam de noite grandes matracas ao Capitão mór; e a voltas de muitas palavras desordenadas lhe chamavam fraco, pusillanime, e que de medo não vingava tamanha offensa; e tantas vezes lhe disseram estas cousas, e outras, que lhe deo a desconfiança de maneira, mandou sem tomar conselho com alguém, mandou dizer pelas fustas que fizessem pelouros. Com este recado se alvoroçaram os soldados, e começaram a guarnecer seus arcabuzes, e alimpar suas armas; e entre tanto mandou o Capitão mór com muita dissimulação comprar mantimentos á Cidade, de que proveo a Armada bastantemente.

CAPITULO XIV.

De como Pero Barreto Rolim destruiu a Cidade de Tatá, e todas as Villas, e Lugares de huma, e outra banda do Rio: e donde nasceo o erro aos Geografos modernos chamarem á Provincia do Cinde Dulcinda.

EM quanto se os nossos preparavam com dissimulação, succedeo daquella banda donde estava a armada, este caso. Costumavam os da Cidade ir á outra banda a vender suas mecanicas aos soldados; e como elles já sabiam que se havia de dar na Cidade, hum delles mal soffrido tomou huns couros do Cinde a hum mercador sem lhos querer pagar, e ainda sobre isso o esbofetou; e a noite seguinte, estando os navios furtos, bem cozidos com a terra, ajuntáram-se huns poucos de Diulis, (que são huns Gentios, que vivem daquella banda,) e de cima das barranceiras, que ficavam altas, descarregáram sobre os nossos navios grande somma de arcabuzadas, e frêchadas, com que encraváram muitos soldados; e foi a coufa tal, que se levantáram os navios, e foram surgir no meio do rio, e dalli esbombardeáram bem os que lhes fizeram aquelle damno. Ao outro dia pela ma-

manhã mandou Pero Barreto chamar os Capitães a conselho, e lhes disse « que era necessário castigarem aquella affronta, e destruirem por ella a Cidade, e que pera isso se fossem logo a tomar as armas, — o que todos fizeram com grande alvoroço. »

Tomando o remo em punho, foram desembarcar na face da Cidade, e puzeram suas bandeiras em terra, onde se ordenáram; e com grande determinação commettêram a Cidade, por onde foram entrando, e mettendo á espada a toda a pessoa viva que achavam, levando diante de si alguns magotes de inimigos, que acudíram a lhe defender a entrada, com quem apertáram tanto, que de todo os puzeram em desbarato. E hum esquadrão de cavallo de mais de duzentos se foram com a pressa recolher a hum formosa Mesquita, que hum soldado nosso vio; e vendo que o Capitão mór hia passando ávante, lhe disse « que voltasse, » porque lhe ficava aquella gente nas costas, » e que o seguisse, porque elle o levaria » aonde se recolhêram. » Pero Barreto voltou logo, e disse ao soldado que o guiasse; e chegando á Mesquita, a commettêram com grande furia, sendo Pero Barreto o primeiro que quiz entrar; mas atravessou-se-lhe diante Cifal Pinheiro, dizendo-lhe, « que se detivesse, que aquelle não era o seu lugar,

» nem officio , que soldados levava , que
 » fariam aquillo muito bem feito. » E af-
 sim o deteve , e foi commettendo a entra-
 da com alguns companheiros. A Mesquita
 era muito grande , e da feição de nossos Tem-
 plos , e tinha tres portas , huma principal ,
 e duas travessas , e na fronteira havia tres
 Capellas grandes todas de abobada , como
 tambem o era o corpo da Mesquita , que se
 sustentava sobre mais de trinta formosas co-
 lumnas de pedra. Os nossos trabalháram tan-
 to , que entráram da porta pera dentro , e
 começaram a laborar com a arcabuzaria ,
 que fez nos Mouros grande estrago , e se
 foram recolhendo pera as Capellas. E como
 o corpo daquelle Templo era todo de abo-
 bada , e arcabuzaria , fazia hum estrondo es-
 pantoso , andavam os cavallo de huma pera
 outra parte , sem darem pelos freios , e co-
 mo desatinados faziam tamanho estrepito , e
 terremoto , que parecia huma confusão , e
 assim a nossa arcabuzaria não fazia senão
 derribar nelles á vontade ; e o que foi mais
 cruel que tudo , foi chegarem alguns solda-
 dos com panellas de polvora , lançando an-
 tre os Mouros huma somma dellas ; e des-
 fazendo-se em labaredas , foram dar em hun-
 eallões de polvora , (que são tamanhos co-
 mo grandes cantaros ,) que elles tinham den-
 tro ; e tomando fogo , rebentáram com tan-
 ta

ta braveza, que parecia arder algum grande forno de cal. Os cavallos com aquelle estrondo, e espanto davam com os donos pelos esteios, e pelas paredes; outros se impinavam, e cahião sobre elles; e alguns, que quizeram commetter as portas, se foram espetar nas agudas alabardas, e lanças, de que os nossos tinham feito grandes bastidas; de maneira, que todos os que dentro estavam acabáram no mais cruel, e miseravel genero de morte, que se podia imaginar.

Concluido este negocio, foram os nossos entrando a Cidade, e mettendo á espada toda a cousa viva que achavam, até os brutos animaes; e como não tiveram em que executar sua furia, mandou o Capitão mór que saqueassem a Cidade; como logo fizeram, tomando todos tantas fazendas, que se carregáram os navios, não roubando nem a quarta parte do que havia nella; e a tudo o mais se deo fogo, que se apossou de toda a Cidade em tanta maneira, e com tão grande braveza, que parecia abraçar-se o mundo; porque além de ella ser das maiores da India, estava recheada de fazendas grossas, e ricas, de drogas, manteigas, azeite, cifas, e outros materiaes, que faziam subir as chammas aos Ceos, tão escuras, negras, espessas, e fedorentas, que se na terra havia cousa, que representasse a seme-

lhança do inferno, era esta montaria. O que se roubou, e queimou em fazenda, era passante de dous milhões de ouro, e morreram perto de oito mil pessoas, a mór parte della gente inutil, sem custar da nossa parte mais que alguns feridos.

Feito este negocio, se tornáram a embarcar, e foram pelo rio abaixo queimando, e destruindo todos os lugares que havia de huma, e outra parte daquelle famoso rio Indo, achando em alguns passos estreitos muita gente, que ao passar lhes deram grande trabalho com a multidão de tiros, que descarregavam sobre elles, e em hum mais estreito de todos os mettêram em grande confusão, por lhes ficarem os navios debaixo das barranceiras, donde elles de cima empregavam seus tiros bem á sua vontade, com que derribáram alguns dos nossos, largando os marinheiros os remos, e escondendo-se debaixo, porque as frechas caíam sobre elles tão espessas, que parecia que choviam, ficando os navios todos anhotos, e embarçados huns com os outros. Vendo Pero Barreto que ficava desta maneira arriscado a lhematarem muita gente, brádou aos Capitães que puzessem as proas em terra, e que com a artilheria franqueassem a desembarcação, e caminhassem de longo da ribeira; porque ainda que fossem sempre pelejando com os

inimigos , não poderiam receber tanto dano como por mar ; e virando todos as proas á terra , fizeram affastar os inimigos com os falcões ; e saltando todos fóra , puzeram suas bandeiras em cima das barranceiras á vista dos inimigos ; e alli ordenou Pedro Barreto dous esquadrões , hum de trezentos homens , de que fez Capitão hum daquelles Fidalgos , a que não pudémos saber o nome , e lhe mandou se passasse da outra banda , e fosse caminhando por terra , e de longo della ametade dos navios pera os favorecerem , e elle com o outro esquadrão de quatrocentos homens foi marchando de longo da agua muito á sua vontade , tendo sempre muitas escaramuças com os inimigos , que os hiam seguindo de longe , por se satisfazerem em parte de tantos danos , como eram os que se lhes tinham feito. E os nossos a todas as povoações á que chegavam lhes punham logo o fogo , e as abraçavam ; e tanto que anoitecia , assentavam seus exercitos nos lugares mais accommodados , e com as costas no mar , e os navios com as proas na terra , e com as poppas de huns nos outros , e em terra de cada banda dous berços , que a cada quarto se desparavam , e apôs elles toda a espingardaria dos soldados da vigia , e desta maneira caminháram muito seguramente. Os Mouros

vendo a boa ordem que os nossos levavam, adiantaram-se, e foram até o Bandel, que era perto da barra, e deram em dous navios de alto bordo, que os Portuguezes alli tinham abicados, matando alguns, e cativando todos os mais, e aos navios tiráram as escoras, e deram com elles em baixo, onde se quebráram, roubando toda a fazenda que nelles acháram. Os nossos foram caminhando por terra na ordem que dissemos, cinco dias, até chegarem ao Bandel, onde os Mouros tinham huma arrezoadá fortaleza. Pero Barreto se ajuntou com a outra companhia, e acommetteo á escala vista, arrombando-lhes as portas com vaivens, por onde entráram os nossos com grande determinação, fazendo recolher pera dentro os Mouros que nella estavam; e entrando todo o poder, mettêram á espada toda a couza viva que se achou, sem escapar hum ló.

Rendida, e despejada a fortaleza, foi escalada, e saqueada dos soldados, em que acháram muitas fazendas, e alguns dos Portuguezes das náos prezos, que logo foram soltos; e não tendo mais que fazer, deram fogo á fortaleza, em que toda se consunio, e se embarcáram. Neste caminho gastáram os nossos oito dias, em que fizeram pelo rio abaixo os móres damnos, e perdas, que nunca aquelle Reyno recebeu, porque lhes não

não ficou Villa, nem lugar em pé. Pero Barreto vendo que já não havia que fazer, fahio-se do rio, mandando primeiro pôr fogo aos navios dos Portuguezes, que estavam quebrados, porque se não servissem os da terra da sua madeira, e pregadura; e deo á vela pera Goa. E assim o deixaremos nesta viagem, até tornarmos a elles, pera darmos razão donde nasceo a confusão dos Geographos modernos chamarem a esta Provincia Dulcinda, como nos penhorámos no principio do Capitulo.

Pelo que se ha de saber, que os mercadores Italianos, e outros da nossa Europa, que passáram á India por terra, muito antes que ella se descubrisse por mar, navegando de Ormuz, e de outros portos pera o Cinde, que sempre foi huma das mais celebradas feiras do Oriente, como chegavam á boca do rio Indo, achavam da outra banda do Ponente aquelles póvos Diulis, chamados assim da sua principal Cidade chamada Diul, onde elles faziam sua habitação, e dalli passavam ao Cinde, e hiam fazer suas mercadorias á Cidade de Tatá; e como eram homens idiotas naquellas partes, e não sabiam fazer differença dos nomes daquella Provincia, dando lá na Europa razão das terras por onde andáram, diziam que foram ter a Dulcinda, confundindo hu-

ma coufa com a outra , sendo Diul nome da Cidade , e Cinde de todo o Reyno ; e daqui ficáram os Geografos modernos chamando a todo este Reyno Dulcinda. Desta mesma maneira confundio Marco Polo Veneto , ou feus trasladadores , o nome da Provincia da China , fazendo de huma só duas , por esta maneira.

Aquelle Imperio da China se chama entre os naturaes Cin , Macin ; e dividindo elle este nome (que he todo hum) em dous , chamou a huma parte China , e á outra Mangi. E ainda Abrahão Ortelio passou adiante , que deo limites a estas duas Provincias , lançando no seu *Theatrum Orbis* a Provincia Mangi mais ao Norte da da China. E tornando aos povos Diuliz , nelles se começa a Provincia Gedrosa , que Aiton Armenio , e Sabellico chamam Tarse. E Josefo Moletio , e Cadamosto Guzarate , (cujo erro na V. Decada fica declarado ,) e Jeronymo Rusceli , fallando nesta Provincia , diz que todos os della são Christãos , e não sabemos com que fundamento , nem porque informações , porque hoje na India não temos noticia alguma disso , nem por escrituras , nem por memoria de avós , e netos , em que nestas partes se conservam por muitas centenas de annos suas antiguidades.

DECADA SETIMA.

Da Historia da India.

LIVRO IV.

CAPITULO I.

Do que aconteceu á náo S. Paulo até Cóchim: e de como Pero Barreto Rolim destruiu a Cidade de Dabul.

A N A o S. Paulo, que tinha partido do Reino na companhia de D. Leonardo de Sousa, (de que era Capitão, e senhorio Antonio Fernandes,) que deixámos invernando no Brazil, onde esteve cinco mezes; e tomando-se parecer com os Officiaes della, e com os que havia na terra, assentáram todos « que se partissem dalli em » Outubro, poderia muito largamente passar á India, e tomar ainda as náos primeiro que partissem pera o Reino. » Con-

cluidos nisto, deo-lhes D. Duarte da Costa todo o aviamento possível, e se fez á vela na entrada de Outubro passado de cincoenta e cinco. E seguindo sua derrota, depois de passarem o Cabo de Santo Agostinho, assentado de ir por fóra da Ilha de S. Lourenço, foram-se pondo em quarenta, quarenta e hum grãos do Sul, paragem, que por andar o Sol afastado pera a parte do Norte, ficava o dia tão pequeno, que não havia tempo pera mais, que pera fazerem de comer huma vez ao dia, o que deo grande trabalho a todos. E depois de virem a altura do Cabo de Boa Esperança, tomáram a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço, e ainda de todos os baixos, pera irem demandar a ponta de Camatra, e dalli voltarem com as náos de Malaca, o que fizeram sem trabalho, porque os tempos os favoreceram bem. E como estiveram na altura de Camatra sem quererem ver a terra, voltáram com os levantes em outro bordo, e foram na derrota de Ceilão, e houveram vista da ponta de Gale, sem poderem ferrar terra; e atravessando a outra costa, foram tomar as arêas gordas junto ao cabo Çamorim. E de longo daquella costa com os ventos, que eram bonançosos, chegáram a Cóchim aos trinta do mez de Janeiro de mil quinhentos cincoenta e sete, onde ainda

acháram a náó Capitânia, de que era Capitão D. João de Menezes, que deo á véla ao dia seguinte, muito contente por levar novas daquella náó, porque se tinha della muito ruins suspeitas. A náó S. Paulo tanto que surgio, desembarcou D. Antonio de Noronha, e tomou logo alguns navios de remo, em que se embarcou com sessenta soldados, e se foi pera Goa, onde foi bem recebido do Governador Francisco Barreto, e lhe fez mercê de dous mil cruzados, que ElRey lhe tinha mandado emprestar do cofre do cabedal, pelas muitas despezas que naquella jornada tinha feito; e a náó S. Paulo se partio logo pera Goa, onde invernou, e se concertou pera estar prestes pera o anno seguinte.

Agora deixaremos estas cousas, e tornaremos a continuar com Pero Barreto Rolim, que ficou partido do Cinde, por levar assim a historia enfiada. Esta Armada, depois que deo á véla, foi seguindo sua derrota; e antes de chegar a Dio, lhes deo hum tempo tão grosso, que lhes foi necessario alijar ao mar tudo o que traziam do Cinde, porque os comiam os mares; e assim tornáram a perder com muito risco da vida o que com tantas mortes dos inimigos tinham ganhado naquella Cidade, vendo-se muitas vezes alagados, e perdidos. Mas quiz

Deos que cessasse o tempo , com que des-
troçados , e alagados foram tomar Chaul ,
onde se ajuntou toda a Armada , que tomou
differentes portos. Alli achou Pero Barreto
Rolim cartas do Governador , em que lhe
mandava « que de passagem desembarcasse
» em Dabul , onde acharia Antonio Pereira
» Brandão , e que destruisse aquella Cidade
» de todo , porque era do Idalxá , com quem
» ficava de guerra. »

Com estas cartas se refez , e ajuntou
mais alguns navios , e gente , que estava pe-
ra ir pera Goa , e deo á véla com vento
prospero ; e chegando áquella barra de Da-
bul , achou Antonio Pereira Brandão com
os seus navios , que lhe deo hum regimen-
to do Governador sobre o mesmo negocio.
Com isto se negociou , e deo recado a to-
dos os navios , pera que estivessem prestes
pera o outro dia de madrugada : e tanto
que foi meio quarto de alva rendido ; foi
entrando pela barra dentro ; e pondo as proas
na praia da face da Cidade , saltáram em
terra com suas bandeiras , e guiões , e Pero
Barreto por derradeiro com a de Christo ,
e em muito boa ordem foram commetter a
Cidade com grande estrondo de artilheria
dos navios , e dos instrumentos militares. E
Antonio Pereira Brandão , que levava a dian-
teira , achando hum grande esquadrão de

Mouros, que sahíram a lhes defender a desembarcação, tão determinadamente os commetteo, e escandalizou, que os foi levando de arrancada, e mettendo pela Cidade, entrando todos elles de volta. Pero Barreto chegou á entrada; e sabendo que Antonio Pereira Brandão hia vitorioso, receando algum desarranjo, mandou pôr fogo á Cidade por algumas partes, pera que os soldados se não embaraçassem com o roubo, de que hiam já tão cubiçosos. Os moradores tanto que sentíram o fogo, e víram o estrago que os nossos hiam fazendo, tomando as mulheres os filhos ás costas, foram fogindo pera fóra da Cidade, deixando os nossos senhores della; e como já hia amanhecendo, e elles viam tudo, mettêram á espada toda a coufa viva que acháram; e os que mais passáram este transe, foram mulheres, meninos, e gente mesquinha, porque a da guerra soube-se pôr em salvo; e nesta foi tamanha a crueza, que corriam pelas ruas arroyos de sangue.

Tanto se mettêram os nossos pela Cidade, apôs os que hiam fogindo, que foram subindo até o monte, onde estava huma formosa Mesquita de abobada, que derribáram, e puzeram por terra, sem deixarem coufa em pé. Pero Barreto Rolim mandou por alguns Capitães, que dêssem fogo a toda a

Cidade, como se fez, porque os soldados se não mettessem pelas casas a roubar, o que lho não estorvou, porque a mór parte delles se recolhêram carregados de fazendas, por estar esta Cidade muito rica, como aquella, que era a principal escala de toda a costa do Idalxá. Feito este negocio, se embarcou Pero Barreto Rolim, e mandou Antonio Pereira Brandão com os seus navios, pera que fosse pelos rios affirma queimar, e destruir todas as povoações que por elles houvesse: o que elle fez muito bem, deixando tudo tão assolado, e destruido, que não havia em que pôr olhos. Acabado isto, se recolheo Pero Barreto Rolim pera Goa, onde o Governador o recebeo com honras, e assim o merecia, porque deixava assoladas, e destruidas as mores, e mais ricas duas Cidades da India.

C A P I T U L O II.

De como o Governador Francisco Barreto passou à terra firme em busca dos Capitães do Idalxá: e da batalha que lhes deo, em que os desbaratou: e de outras cousas.

VEndo o Idalxá o damno que os nossos lhe fizeram por toda sua costa, e que lhe destruíram, e abrazáram a Cidade de

de Dabul, em que seus vassallos recebêram tamanhas perdas, e elle tanta affronta, determinou de se vingar, e de fazer guerra ao Estado, por ver se podia lançar mão das terras firmes de Salfete, e Bardés. Pera isto fez chamamento de seus Capitães, e lhes fez sobre isto huma grande falla, em que lhes representou a obrigação em que elles, como vassallos tão leaes, estavam de satisfazerem as affrontas, que tinham recebido dos Portuguezes; e como havia tantos annos que lhe comiam as suas terras firmes de Salfete, e Bardés, que lhes deram por mandar Mealecan pera Portugal, o que nunca os Governadores da India lhe quizeram cumprir: e que elle agora, pois lhe tinham dado tamanha occasião, queria lançar mão do que era seu, e que determinava de mandar descer seus exercitos abaixo; e commetteo logo alli aquella empreza a Nacer Maluco, seu Capitão geral, e com elle outros quatro Capitães, Calabatecan o segundo, e hum filho seu esquerdo chamado Calirecan, Miaberu, e outro; e deo por regimento a Nacer Maluco, que se fosse ajuntar com Moratecan Governador do Concan, que tinha descido o Gaste contra D. Antão de Noronha, como já atrás contámos no Cap. X. do II. Liv., pera que ambos com igual mando fizessem guerra a Goa, e ás terras, e Ilhas de sua jurdição.

Estes Capitães chegaram a Pondá na entrada de Abril, e alli fez Nacer Maluco alardo de sua gente, e achou vinte mil homens, em que entravam dous mil de cavalleiro, e escreveu a Moratecan, que estava em Carule, que fizesse elle por aquella banda guerra contra as terras de Bardés, e suas Tanadarias, e que elle ficaria destoutra banda de Salfete, pera assim darem mais que fazer aos Portuguezes. O Governador foi logo avisado da Cidade destes Capitães, e acudio logo a prover todos os passos da Ilha de Goa, e pelos rios espalhou muitos navios, e manchuas pera defenderem a passagem aos inimigos; e o mesmo fez pelos passos das mais Ilhas, e lançou espias sobre aquelles Capitães, pera que o avisassem de como estavam, e do poder que tinham. A primeira cousa que fez o Nacer Maluco, foi despedir Calabatecan, e seu filho com cinco mil homens, pera irem tomar posse das terras de Salfete, e arrecadarem o rendimento daquellas aldeas; o que elles fizeram, mandando diante grandes seguros pera os lavradores, e naturaes se não alterarem, nem affugentarem, mas que grangeassem suas terras pacificamente, e pagassem seus foros ao Idalxá, cujas eram, porque elles vinham pera os favorecer, e defender de quem lhes quizesse fazer injúria. **N**damno, ou affronta. **F**ei-

Feito isto, e quietos os moradores, foram aquelles Capitães dar vista á fortaleza de Rachol, onde estava D. Pedro de Menezes, o Ruivo, por Capitão, que lhes sahio com duzentos soldados, e quinhentos peões da terra, e travou com os da dianteira algumas escaramuças, em que lhe matou alguns Mouros, deixando-se ficar no campo com as costas na fortaleza, e dalli lhes sahio muitas vezes a dar toques, em que sempre os escalavrou; e todavia de algumas o fizeram recolher á fortaleza com trabalho, por carregar sobre elle todo o poder, ficando os Mouros comendo as aldeias, que se lhes não pudéram defender por ser o poder grosso. O Governador teve logo recado de sua entrada nas terras de Salfete, e que as gentes de Moratecan appareciam já pelas de Bardés, pelo que determinou de passar a Salfete em pessoa, e dar-lhes batalha, porque o cançariam muito, se lhe ficassem invernando nas terras; e assim fez logo alarde de toda a gente que havia em Goa, e achou tres mil soldados muito lustrosos, e duzentos de cavallo ginetes, que eram os moradores, debaixo da bandeira de Jorge de Mendoça, Capitão de Goa, e o Tanácar mór fez pelas Ilhas mil peões, que o haviam de acompanhar naquella jornada.

Prestes tudo, passou-se o Governador a

Gaçaim, porque estava assentado que passassem por Dorubate, por chegarem as espias, e affirmarem que o Nacer Maluco estava em Pondá, e que tinha tomado todos os caminhos, que vaim de Benastarim pera lá, e impedidos com muitas tranqueiras, por se recear que o fossem lá buscar. Alli em Gaçaim repartio o Governador toda a soldadesca por seis bandeiras, cujos Capitães eram D. Antão de Noronha, Jeronymo Barreto Ro'im, Martim Affonso de Miranda, Pantalção de Sá, D. Fernando de Monroy, D. Alvaro da Silveira, e Alvaro Paes de Sotomaior. Com o Governador hiam mais de fincoenta aventureiros de cavallo, a fóra a gente de sua obrigação, em que entrava D. Antonio de Noronha o Catarraz, que levava seis homens de cavallo. Toda esta gente passou a Salfete em muitas barcas, e jangadas, que pera isso estavam feitas; e derradeiro de todos passou o Governador, e foi marchando até o passo de Dorubate, por onde passáram á outra banda da terra firme.

Posto lá o Governador, começou a marchar nesta ordem. D. João Bellez, que foi Mouro, que era Capitão do campo diante de todos, com mil e quinhentos lascarins, pera ir descobrindo tudo, e logo os Capitães da Infanteria, e pelas pontas do esquadrao

drão a gente de cavallo, cento de cada banda: no meio toda a bagagem com algumas peças de campo, e na retaguarda o Governador com todos os aventureiros, e a sua guarda, que era de cem espingardas. E porque os nossos peões Gentes costumavam metter nas toucas ramos verdes no tempo da batalha pera serem conhecidos dos Portuguezes, e se desferençarem dos inimigos, (que costumavam, quando se viam perdidos, pôrem nas toucas os mesmos ramos pera passarem por nossos,) mandou o Governador fazer a todos carapuções de berlangil vermelho pera serem diferentes dos outros.

Partidos de Dorubate, chegaram antes do meio dia á fortaleza de Pondá, e acharam em campo a Nacer Maluco com quatorze mil homens, que já o estava esperando pera lhe dar batalha, e estava posto a humilharga da fortaleza, com as costas em humma ferra, e tinha feito humma cava de cinco passos de largo, que tomava humma passagem por onde os nossos haviam de passar pera onde elle estava. O Capitão da Infateria da terra, que era D. João o Mourisco, tanto que deo na cava, foi-se desviando, e tomando o caminho pela banda de cima, pera travar com os inimigos, e o mesmo fizeram os Capitães das bandeiras, **N** que sem-
pre

pre o foram seguindo. Os inimigos, que ficavam daquella parte, tanto que viram que os nossos os hião demandar, lançaram sobre elles muitas bombas de fogo, que fizeram algum damno; e passando por tudo, começaram a travar huns com os outros, disparando a nossa Infanteria aquella primeira carga, com que lhe derribáram muitos. O Governador, que hia detrás com toda a gente de cavallo, foi-se apressando pera ir pegar pela parte, em que via a bandeira de Nacer Maluco, levando hum galope apressado; e como a cava era rasteira, e não se enxergava de fóra, achou-se sobre ella, e não vio outro remedio melhor que apertar as pernas a hum formoso cavallo mellado, em que hia; e achou-o tão prestes, que saltou da outra banda, e o mesmo fizeram alguns que hiam junto delle, como foram D. Antonio de Noronha o Catarrax, e ao saltar alcançou o cavallo com os pés na borda da cava, e esbarrou de feição que cahio; mas quiz Deos que fosse pera huma ilharga já da outra banda, e que não perigasse o D. Antonio de Noronha, antes levando as reas na mão, e levantando-se o cavallo, tornou a saltar nelle. Antonio Soares, irmão de André Soares, que era Procurador de El Rey, ao saltar não vingou o cavallo á outra banda, e cahio dentro na cava debaixo

do cavallo, onde logo morreo; e o mesmo aconteceu a outros dous, a que não sabemos os nomes. Todavia muita parte delles vingáram a outra banda, e os outros foram rodeando a cava. O Governador tanto que se vio da outra banda com os que o seguiram, enrestando a lança, e appellidando *Santiago*, foi romper aquelle encontro em os Mouros com tanta força que cada hum acertou o seu, e derribou aquelle com que pegou, ficando já todos baralhados por todas as partes, fazendo a nossa arcabuzaria nelles arrezoadado damno. Vendo o Nacer Maluco a determinação do Governador, e sentindo medo em os seus, tocou a recolher, e foi-se retirando pera huma ilharga da fortaleza, sem se querer metter nella, por se não haver por seguro, deixando-a ao Governador, que alli logo a mandou derribar por todas as partes por muitos roçadores que levava, o que se fez com muita presteza. O Governador lançou espias aos inimigos, e soube que hiam em desbarato, recolhendo-se por esse Concan dentro; pelo que se deixou alli ficar descançando, e tomando refeição, e das tres horas por diante se foi recolhendo pelo caminho de Benastarim, e de passagem foi desmanchando todas as tranqueiras que achou, e aquella noite foi dormir da outra banda da Ilha, e ao dia

298 ASIA DE DIOGO DE COUTO
seguinte entrou em Goa com grandes festas,
e regozijos.

C A P I T U L O III.

De algumas cousas, em que o Governador Francisco Barreto proveo: e de alguns Capitães que despachou pera fóra: e de huma grande vitoria que João Peixoto houve em Bardés de hum Portuguez arrengado.

R Ecolhido o Governador a Goa, por que era já tarde, entrou no despacho dos provimentos das fortalezas, e de alguns Capitães, que haviam de ir entrar nellas, que foram D. Antonio de Noronha o Catarraz pera a de Dio, por acabar seu tempo D. Diogo de Noronha, que lá estava; e mandou com elle seis Capitães pera darem mezas a mil e duzentos homens, que lá haviam de invernar; e estes foram Aires Telles de Menezes, que hia nomeado por Capitão mór da Armada da enseada de Cambaya, Alvaro Pires de Tavora, Aires de Miranda, João Lopes Leitão, Jeronymo de Sousa, D. Diogo Rolim, Aires da Silva, e Diogo Pereira. E assim despachou Antonio Pereira Brandão pera Maluco, por ser provído daquellas viagens, que levou muitos provimentos, e foi na não Santa Maria dos Anjos; e da mesma ma-

neira proveo Malaca, e as fortalezas das costas do Malavar, e Norte; e com isto se cerrou o inverno, em que o Governador ordenou cinco Capitães pera darem mezas aos soldados, e estes foram D. Alvaro da Silveira, Pantaleão de Sá, Pero Barreto Rollim, Martin Affonso de Miranda, e Alvaro Paes de Sotomaior, e nas Ilhas poz gente de guarnição pera os inimigos lhe não entrarem nellas. Na de João Lopes, que he defronte do Passo Secco, poz Aires Gomes da Silva, filho de Braz Telles, com hum companhia de soldados. Na de Chorão, Gaspar Pacheco, cavalleiro honrado, dos primeiros filhos de Portuguezes que houve na India, com sessenta homens, e em sua companhia hum Gentio valente homem chamado Humbraná Decais, das aldeias de Pondá, vassallo do Idalxá, que se veio pera o Governador. São estes Decais como Juizes, e cabeças das aldeas, e como Almotacés na repartição dellas, e este tinha cento e vinte peães. E pera ficar mais á mão pera tudo, aposentou-se o Governador em humas casas a Santa Luzia, e dalli visitava todos os dias a ribeira das Armadas, onde se faziam os galeões novos, a que dava muito grande pressa, e expediente, e cada semana corria duas, e tres vezes os passos, e via as guardas delles, e das manchuas,

que andavam pelos rios, e isto fazia muitas vezes de noite pera os tomar descuidados, e ver a vigia que tinham. O Nacer Maluco tanto que teve rebate que o Governador era recolhido, tornou-se pera Pondá, e mandou reformar a fortaleza; e porque com as aguas do inverno os não podiam os nossos ir buscar, (por estarem as terras alagadas,) reparatio os seus pelos passos fronteiros aos nossos, donde começáram a fazer toda a guerra que puderam, defendendo as cousas que costumavam a passar da outra banda pera a Cidade, com o que começou de haver carestia de algumas. Mas onde elles mettêram mór cabedal foi nas terras de Salfete, que o Governador Francisco Barreto proveo mui bem, mandando D. Jorge de Menezes Baroche com duzentos homens pera se ir ajuntar com D. Pedro de Menezes seu primo, e ambos juntos tiveram alguns recontros com os inimigos, que por serem miudos deixamos; e posto que os inimigos nelles leváram o peor, todavia elles andavam como senhores da terra, e as arrecadavam sem lho poderem defender, por serem tamanhas que chegavam a vizinhar com as terras do Idalxá. Assim que todo este inverno foi aos nossos muito trabalhoso, porque nunca despíram as armas, passando muitas ribeiras de noite, e terras alagadas pera irem dar nos inimigos, que

que não dormiam em parte alguma seguros; e porque esta guerra foi mais de trabalhos, que de proveitos, não trataremos della mais nesta parte.

O Moratecan, que fazia guerra ás terras de Bardes, tambem as inquietou muito com outros assaltos, a que sempre resistio João Peixoto, que lá estava por Capitão com cincoenta soldados, e muitos peães da terra, com que andou sempre nos passos defendendo as entradas: e o que mais o inquietou, e mais dannos fez por todas aquellas aldeas, foi hum Portuguez arrenegado, que andava com os Mouros, que por cobrar credito com elles, se mostrava muito atrevido. Este fez huma tranqueira forte nos extremos das terras, em que se aposentou com quinhentos peães, e dalli sahia a saltar os lavradores, e a roubar os naturaes, que já com o medo delle não lavravam as terras, e a mór parte delles estavam recolhidos nas Ilhas vizinhas a Goa, com o melhor da substancia que tinham. João Peixoto, que era muito bom cavalleiro, armou-lhe muitas vezes algumas cilladas pera o haver ás mãos; mas nunca pode, porque o arrenegado era mui precatado, e todos os seus saltos fazia de noite, sem dar conta nem aos seus, da parte por onde havia de entrar, nem o que determinava fazer, com o que trazia ao João

Peixoto muito cansado, e quebrantado. E informando-se do modo da sua tranqueira, determinou de o ir commetter nella, e lançallo dalli: pera o que mandou pedir ao Governador alguma gente, que lhe mandou cem Portuguezes de espingardas. Com estes, e com os que mais tinha, e duzentos peães da terra, partio huma madrugada pera a tranqueira, que commetteo com grande determinação: e posto que achou no arrenegado grande resistencia, todavia elle a entrou com grande damno dos inimigos, porque a arcabuzaria fez lugar a tudo, e o arrenegado se foi recolhendo pera os matos, deixando a tranqueira, que foi posta toda a fogo, sem lhe ficar nada em pé. Com este feito se recolhêram os nossos com alguns cativos, e fato, que na tranqueira se achou. O arrenegado, tanto que sahio da tranqueira, foi-se pelos passos das terras, onde os Mouros tinham gente de guarnição, e ajuntou dous mil peães, e duzentos de cavallo, e foi atalhar o caminho a João Peixoto, que ao recolher em hum passo bem perigoso, deo com elle; mas como era cavalleiro, e determinado, não se embaraçou com cousa alguma, antes com muito acordo, e animo repartio os seus em dous esquadrões, e commetteo a passagem, onde teve huma muita aspera batalha com os inimigos, em que se vio per-

dido ; mas a espingardaria fez caminho de
 feição , que foram os nossos passando , ain-
 da que com muito risco , perdendo alguns
 companheiros , porque chegou a cousa a se
 baralharem huns com os outros , e chegarem
 ás mãos , e aos cabellos ; mas como os nos-
 sos víram que o remedio de todos estava em
 seus braços , fizeram muito por se ajudarem
 delles ; e assim quasi todos misturados foram
 caminhando grande espaço , até que quiz
 Deos nosso Senhior déstem huma espingarda
 no Capitão da gente de cavallo , que lo-
 go o derribou morto , e hum soldado lhe
 cortou a cabeça , com o que os seus afracá-
 ram , e os nossos cobráram tanto animo , que
 voltáram sobre os inimigos , e os fizeram fu-
 gir , com morte de mais de cento e sincoen-
 ta , e muitos cavallos. João Peixoto ven-
 do desbaratados os inimigos , se foi reco-
 lhendo até Bardés , e mandou a cabeça do
 Capitão de presente ao Governador , que
 a estimou muito , e lhe mandou os parabens
 do honrado successo que teve. O arrene-
 gado se recolheu ferido , e não fez por en-
 tão mais assaltos , nem houve mais inqui-
 tações naquellas aldeas. Neste estado deixa-
 remos estas cousas , porque nos cabe aqui
 continuarmos com Manoel Travassos , e Bal-
 thazar Lobo de Sousa , que deixámos fa-
 zendo-se prestes , hum pera levar o Bispo

304 ASIA DE DIIGO DE COURO
á Ethiopia , e o outro pera a Ilha de São
Lourenço.

C A P I T U L O IV.

Do que aconteceu na viagem a Manoel Travassos , até lançar o Bispo no Porto de Arquicó : e do que succedeo ao Bispo até Barod.

POr muita pressa que em Goa ficáram dando aos navios , que haviam de levar o Bispo , e os que haviam de ir á Ilha de S. Lourenço , não puderam dar á véla , senão Balthazar Lobo em Janeiro , e Manoel Travassos em Fevereiro. Este levava quatro navios , de que a fóra elle eram Capitães Pero de Siqueira , Vasco Correa , natural de Alcacer do Sal , e Antonio Vaz , com quem hia embarcado o Bispo D. André de Ouvia-do , e hiam com elle dous Padres da Companhia , o Padre Manoel Fernandes pera Reitor , e o Padre Gonçalo Galtamas Cordovez com alguns irmãos. Dadas estas duas Armadas á véla , foi-se Balthazar Lobo seu caminho , a que depois em seu lugar tornaremos , e Manoel Travassos por outra derrota de mandar a costa de Arabia , e aos vinte e seis de Fevereiro (que foi Quarta feira de Cinza) chegáram á Ilha de Sacotorá , onde o Bispo desembarcou com os companheiros , e em hu-

huma Ermida que alli estava , deo Cinza ,
 e se fez o Officio conforme ao tempo , e
 depois foi visitar a Igreja , que fez o Bemaven-
 turado Apostolo S. Thomé , que estava
 dentro na povoação , onde o Bispo disse Mis-
 sa : e acháram alli hum Ermitão dos da ter-
 ra com hum companheiro , que tinha hum
 capello de S. Francisco , que parece lhe deo
 algum Frade , que por alli passou. Alli se
 detiveram até o Domingo seguinte , em que
 depois de ouvirem Missa se embarcáram , e
 ao sabbado dahi a seis dias foram haver vis-
 ta da Cidade de Adém , do que ficáram en-
 fadados , e aquella noite embocáram as por-
 tas do Estreito pela Banda do Abexim ; e
 sendo já dentro , lhes deo hum temporal tão
 rijo , que apartou os navios , e dalli de Ilha
 em Ilha foram tomar a de Maçuá , onde
 Manoel Travassos levava por regimento ,
 que não bullisse , nem alvorocasse a terra ,
 por ser do Turco , e que pacificamente dei-
 tasse o Bispo em Arquicó , sobre o que hou-
 ve antre os soldados grandes motins , por-
 que desejavam de dar naquella Ilha , em que
 esperavam tomar boas prezas , e o Bispo
 com muito trabalho os apasigou. Manoel
 Travassos por não fahir do regimento que
 levava , surgio hum pouco affastado da Ilha ,
 porque quiz primeiro tomar falla do que lá
 hia , e logo foram vistos da terra firme , que

era muito perto, onde acertou de estar hum moço de hum Gonçalo Ferreira, que era Capitão, e Senhor do Porto de Arquicó, por outro nome Decano, que lhe deo o Emperador; e vendo os navios, mandou logo a elles hum moço Abexim de hum Francisco Jacome Monteiro, por quem mandou huma carta de seu amo ao Capitão mór, em que lhe dizia, que estivera alli muitos dias esperando por navios da India, por lhe parecer que viria o Patriarca, e que por ter novas de Turcos se recolhêra. O Bispo a estimou muito, por saber que a terra estava quieta, porque do moço soube que em Maçuá estava Soltão Ismael, que era Senhor daquella Ilha, e da de Dalaca, que estava oito leguas ao mar, e não tinha comfigo mais que vinte e cinco Turcos. Estando nestas perguntas, appareceo huma gelva, que dous dos nossos navios foram demandar, e a fizeram varar na Ilha de Maçuá, e logo acudíram os Turcos com espingardas a defendella; o que visto pelos nossos, se recolhêram por não amotinar a terra. O Soltão Ismael, que tambem desejava de não romper com os nossos, ou pera melhor dizer estava medroso, porque tinha pouca gente, (porque estes nada fazem por virtude, senão por necessidade,) arvorou logo sobre huma guarita duas bandeiras, huma branca em si-

nal de paz , e outra vermelha em final de guerra , como que convidava aos nossos qual daquellas queriam aceitar. O Capitão mór com o parecer do Bispo , e dos mais respondeo-lhe com outra bandeira branca. Nesta mesma conjunção foi o moço de Gonçalo Ferreira , que estava em Arquicó por Feitor , e foi recebido dos Portuguezes com cavalgadas , que vivião perto , porque logo tiveram as novas dos navios , e com sua vinda desembarcou o Bispo no porto de Arquicó , e foi recebido dos Portuguezes com grande alvoroço. Isto foi aos dezoito dias de Março. Manoel Travassos tanto que deitou o Bispo em terra , e a todos os mais , que com elle haviam de ficar , arrecadando suas cartas pera o Governador , tornou a fazer véla pera a India , e no caminho lhe delappareceo a fusta de Vasco Correa , que foi dar á costa por Xael , onde os mais dos Portuguezes foram mortos , e elle com os mais navios chegou a Goa , e deo as cartas ao Governador Francisco Barreto , que estimou muito ficar o Bispo posto em terra tanto a seu salvo.

E tornando a continuar com elle aquelle dia , que foram aos dezoito de Março , em que desembarcou já Sol posto , começou a caminhar com muito regozijo , e alvoroço , levando-o os Portuguezes em meio ; e

por todo o caminho o foram servindo de tudo em muita abastança; e porque não fi- que em esquecimento, diremos os nomes de todos. Antonio Goes de Santarem, Francisco Dias Machado, Pero Martins, Diogo Gonçalves, Jorge Vaz, Francisco Moreira, Diogo Moniz, João Fernandes, que foi de D. Francisco da Gama, segundo Conde da Vidigueira. Gaspar Nunes, Gonçalo Soares Cardim, natural de Cintra, que foi em companhia do Bispo, que ainda ao presente vive, e que de lá nos mandou a relação desta jornada, e de tudo o que succedeo ao Bispo, do dia que entrou na Ethiopia até que morreo. Ao outro dia, que foi festa feira, chegaram a huma aguada, onde dormiram; e ao sabbado vinte do mez encontráram mais alguns Portuguezes, que vinham em busca do Bispo, que eram Francisco Jacome Capitão da guarda de ElRey, Luiz Custodio, Antonio Lopes de Oliveira, e Antonio de Sampaio, que traziam formosas cavalgadas, capas de grã, chapcos de veludo preto, muitos lacaios, e alguns criados do Bar-nagais com cavallos, e mulas pera o Bispo, e seus companheiros, que recebeo a todos muito humanamente, e foram caminhando muito bem providos de tudo. Ao outro dia, que foi Domingo, houve Missa, e pregação com muita devoção, e alegria de todos. Da-

Daqui foram sempre caminhando por aldeas, e povoações prosperas, e abastadas de mantimentos de todas as sortes, e aos vinte e seis dias do mez de Março encontraram o Barnagais, que já vinha buscar o Bispo, e se lhe lançou aos pés com muita humildade, e elle o recebeu mui honradamente, e lhe deitou sua benção, e voltou com elle, dando-lhe pelo caminho todo o necessario a todos até chegarem a Baroá, e o Bispo foi levado a huma Igreja dos Abexins da invocação do *Anjo S. Miguel*, onde fez oração, e deitou a benção a todos, e depois foi aposentado em humas casas mui boas, e os Portuguezes todos ao redor. Aqui se detiveram até a Pascoa, que cahio a onze de Abril, com muito gosto, e alvoroço, que lhes não durou muito, porque logo a primeira Oitava chegaram novas apressadas, que tinha desembarcado em Arquicó hum Baxá do Turco com muita gente, que vinha em soccorro do Rey de Adel, que trazia guerra com o Emperador; o que o Bispo sentio muito, e logo se poz a caminho com todos os Portuguezes pera a Corte, caminhando com muita pressa, e tento. Assim o deixaremos por hum pouco, porque he necessario continuar com Balthazar Lobo de Sousa, que deixámos partido pera a Ilha de S. Lourenço.

CAPITULO V.

Do que succedeo a Balthazar Lobo de Sousa na viagem até á Ilha de S. Lourenço: e da descripção desta Ilha, e das de Comoró: e qual seja a M. nuthias de Ptolomeu.

PArtido Balthazar Lobo de Sousa de Goa, como atrás dissemos no Cap. IV. deste IV. Liv., foi seguindo sua derrota até haver vista da Ilha de S. Lourenço, que foi costeando pela banda de dentro; e mandou pelos navios de remo correr todos aquelles portos pera os notarem, e sondarem, e verem se havia rasto algum da gente Portugueseza, que se por alli perdesse, ficando Balthazar Lobo de Sousa no rio de Manzalage commutando algumas cousas com os da terra até ser tempo de se recolher. Alguns dizem que fizera alli hum Rey Christão com alguma gente sua, de que não temos mais certeza, que ouvillo a seu filho Diogo de Sousa, que lho contára seu pai: e pois desta jornada não temos mais que dizer, concluiremos este Capitulo com a descripção desta Ilha, e das do Comoró, que estão pegadas a ella.

Esta Ilha de S. Lourenço, a que os escritores chamam Madagascar, será de du-

zentas e noventa leguas de comprido, e cento de largo, no mais estreito de sincoenta: começa em onze grãos e meio da banda do Sul, e fenece em vinte e sinco e meio. He toda esta Ilha povoada de humas gentes, nem tão pretos como Cafres, nem tão alvos como os Mouros de toda aquella costa. Trazem os homens cabellos compridos, são muito bem proporcionados, e assim mesmo as mulheres. Presume-se que foi já esta Ilha conquistada dos Jáos, e que são estas gentes mestiços dantre elles, e os antigos naturaes, que deviam de ser Cafres da outra banda da terra firme. He toda esta Ilha senhoreada de muitos Reys, que de continuo tem guerra antre si, de que não temos conhecimento, porque o Sertão nunca foi tratado, nem visto dos nossos, por serem os naturaes todos grandes nossos inimigos, e o mesmo dos Mouros: e daqui vem que por nenhum caso os que alli vão ter desembarção em terra, porque se os acham, logo são mortos. Os Mouros da costa de Melinde, que antigamente alli foram ter, fundaram duas povoações, em que ainda hoje vivem seus descendentes, governados por Xeques: huma em huma Ilha, que está no meio de hum rio chamado Manzalage, de que logo trataremos; e a outra da outra banda de fóra em outro rio chamado Binaro. O nome pro-

prio desta Ilha, por que os naturacs a nomeão, he Ubuque, e por essa a conhecem os Mouros que pera ella navegão; Ptholomeu lhe chama Minuthias, ou presumem os Geografos que he esta a que temos as duvidas que logo diremos. Os modernos lhe chamão Madagafcar, e os Portuguezes a Ilha de S. Lourenço, porque em tal dia foi descuberta por elles.

O rio de Manzalage, que affima dissemos, está em altura de dezeseis grãos e meio, he grande, e formoso, e tem no meio hum Ilha tamanha como a de Moçambique, chamada Sada, onde os Mouros habitam, porque em toda aquella costa desde Melinde até Çofala, e S. Lourenço não se apolentaram senão em Ilhas, por se recearem dos Cafres. He esta parte de redor do rio Manzalage senhoreada de hum Rey, a que chamam Lingi, e estende-se seu Reyno até outro rio, que começa da banda do Levante, a que chamam Duria, que está em quinze grãos, e atravessa pelas terras do outro Rey chamado Tungunaro, que he o mais poderoso de todos os daquella Ilha, e faz continuamente guerra aos Reys comarcãos; e a gente que lhe cativa a manda vender aos Mouros, que vivem na Ilha Sada, e todos vem ás mãos de Portuguezes por resgate. Deste rio Duria pera o Norte está hum en-

ceada, a que chamam Sinamario, ao redor della vive outro Senhor, que se estende pela o Sertão; e adiante pera a cabeça da Ilha da banda do Levante corre outra enceada chamada Tararango, que está em treze grãos e meio, sobre quem senhorea outro Rey: e daqui até á ponta da Ilha, onde ella começa da banda do Levante, ha outros dous Reys, e outras enceadas, e rios. Vestem-se os naturaes de huns pannos feitos de palha muito fina; suas armas são rodellas, azagaias, e arcos; tem muitas mulheres, e são os móres ladrões, e mais crueis que ha por toda a Cafraria. Trazem alguns daquelles rios grandes Crocodilos, e pela costa ha formosas Tartarugas, de que os Mouros fazem grande cópia de suas cascas, que mandam vender aos Portuguezes; e acham-se tambem grandes pedaços de ambar. Dá a terra muito gengivre, infinitas canas de açúcar, muito mel, muito gado vacum, e o mais formoso que no mundo se sabe; porque ha boi tamanho como dous do Alentejo, e com hum mamillo sobre a canga, que he coufa façanhosa. Dá em seus campos muito arroz, milho, mungo, que he hum legume, que não ha no nosso Portugal, e cria muitas minas de ferro, e os matos dão muito Sandalo branco, mas bravo, e algum vermelho, a que os Mouros chamam Mitifaque, e le-

vam a vender hum , e outro a Cambaya pera os Gentios se queimarem quando morrem. Prézão muito o estanho , ou Calaim , e val antre elles tanto como prata , pera joias das mulheres. Fazem hum vinho de mel , e agua , curado ao Sol tres , ou quatro dias , com o que fica tão forte , que logo embebeda ; e chama-se na sua lingua Mopata. Não se criam nella feras , nem bichos peçonhentos , he toda muito viçosa , e bem alfombrada , de bons ares , e aguas excellentes , assim de fontes , como de rios. Tem alguns (como já dissemos) que esta Ilha seja a Minuthias de Ptolomeu , ao que se nos offerecêram duvidas ; porque se elle tivera conhecimento desta Ilha , tambem não deixára de o dar das Ilhas do Comoró tão nomeadas ; porque se os mercadores daquelle tempo , que lhes podiam dar informações por navegarem por toda aquella costa de Melinde , se víram humas , e outras , forçando lhe houveram de dar relação dellas , e não da de S. Lourenço só.

E lançando sobre isso nosso juizo , nos parece que a Ilha Angazijá , que he a mór das do Comoró , (de que logo trataremos ,) he a Minuthias ; porque parece que algum navio dos da costa de Melinde , que hia pera Moçambique , foi com algum desgarrão haver vista desta Ilha ; e vendo-a de fóra

grande, e formosa, daria della relação, e iria de boca em boca a ter a Ptolomeu com aquella fama de ser tão affastada ao mar, e tão grande; e que mettendo-a elle em suas taboas por aquella informação, lhe chamaria Minuthias, por Ilha famosa, e novamente descuberta. E quem quizer ver isto mais claro, o fará na nossa nova Ethiopia, onde tratamos de todas estas Ilhas; e quem bem considerar aquella Ilha que Possidonio escreve, que Eudoxo de Sirico, em tempo da Rainha Cleopatra de Egypto, diz que achou despovoada nesta costa da Ethiopia, verá que não póde ser outra senão esta de S. Lourenço: e pera melhor declaração, faremos hum breve discurso sobre esta viagem.

Escreve Possidonio, que em tempo de ElRey Evergente do Egypto partíra Eudoxo a descobrir a India por mar; e que voltando de lá carregado de fazendas ricas, fora desgarrado tomar a costa da Ethiopia, que havia de ser a de Melinde, porque isso acontece muitas vezes a quem parte de Calcut pera o Estreito do mar Roxo, como este partio, e que o tempo que alli estivera, tomára conhecimento com os naturaes, e ainda aprendêra parte da sua linguagem. E depois indo ter ao Egypto sobre contas com aquella Rainha, em que ella o alcançára,

lhe fora fogindo pera Africa, e de lá se passára a Cales, onde armára duas embarcações pera ir rodeando a costa de Africa a buscar aquellas gentes da costa da Ethiopia, a quem ficára affeioado, e com o olho nos grandes proveitos, que de seu commercio esperava, a que chegára, e passára o Cabo de Boa Esperança; e que tornando de lá, achára huma formosa Ilha naquelle caminho despo- voadada, que lhe parecêra muito fertil, e abas- tada de aguas, e frutas; e que por lhe pa- recer muito fresca, depois de chegar a Hes- panha, partíra em huma não carregada de arados, e sementes, com alguns companhei- ros pera a povoarem, e cultivarem, e que se fora perder na costa da Ethiopia junto do Cabo de Boa Esperança, onde dos pedaços da não ordenára huma embarcação, em que se salváram. E considerando nós toda esta viagem, por sem dúvida temos ser aquella Ilha, que acháram tamanha, e tão fertil, esta de S. Lourenço, porque desda costa de Me- lindre até o Cabo de Boa Esperança não ha outra tamanha, nem tão fertil.

E já que fallámos nas Ilhas do Comoró, daremos dellas huma breve relação. São es- tas Ilhas quatro, e estão em altura de treze até quinze grãos e meio. A maior de todas he a Angarica, que será de quarenta leguas de comprido, dez de largo; he tão alta qua- si

si como a Ilha do Pico, faz por cima hum comoro grande, e vai descendo com huma ponta até o mar. He toda em roda muito limpa de baixos, e restingas, e he senhoreada pela fralda de Mouros Arabios daquelles, que primeiro vieram ter á costa de Melinde, e está toda repartida em vinte senhorios, que continuamente tem antre si guerras: aqui he o principal commercio dos Mouros de Meca, porque vem todos os annos a ella muitas náos a carregar de gengivre, e de outras mercadorias, e os Cafres naturaes daqui são muito pretos, e as mulheres bem assombradas, e tem nas fontes fogos como Abeixins, e são escravos muito estimados de todos. As outras tres Ilhas se chamam Anjoane, e tem hum só Senhor, Molalle outro, e Maoto, que he a maior, he tambem senhoreada de hum Rey, e ha nella trinta Cidades a seu modo, de trezentos até quatrocentos vizinhos: he de grandes terras, tem muitas ribeiras de aguas excellentissimas, são todas de ares mui fádios. Não ha nellas bi-cho algum peçonhento, são mui fertiles de arroz, milho, vaccas, cabras, gallinhas, e de tantas canas de açucar, que são como matos bravos, muito grossas, e formosas; e se se ordenarem nellas engenhos, serão tão prosperas, como a Ilha da Madeira: ha nellas infinito gengivre, e tem disposição

pera tudo o que nellas se quizer semear. Hum Fidalgo honrado andou alguns annos em requerimento com ElRey D. Sebastião, que lhe désse licença pera os conquistar, dando-lhe navios, e artilheria, que elle buscaria gente, e que daria a ElRey huma copia de escravos todos os annos pera as galés; e não soubemos os inconvenientes que se niffo acháram; porque ainda que não fora mais que pera arrancar dellas os Mouros, e desterrar o commercio de Meca, fora coufa de muita importancia; quanto mais tantos proveitos, como se dellas podiam esperar, como era o de se povoarem aquellas Ilhas de Portuguezes, que alli ficariam vivendo ricos, e da grande Christandade que se poderia fazer, e vir por tempo a sobmetter as Ilhas todas debaixo do jugo de Christo. Havia antigamente outras cinco, ou seis Ilhas junto da de Maoto, que por serem baixas as alagou o mar, e ficam como baixos, onde o mar quebra: tem todas formosissimos, e segurissimos portos pera todos os ventos, e capazes de náos grandes.

CAPITULO VI.

Do que aconteceu ao Bispo D. André de Oviedo até chegar a je ver com o Emperador da Ethiopia : e do que com elle passou.

DEIXAMOS o Bispo partido de Baroá com as novas que lhe chegáram do Turco ; e antes de chegarem á Corte , se adiantou Luiz Custodio pera ir negociar seus recebimentos , e por todo aquelle caminho foram comendo muitas gallinhas do Perú , perdizes , vaccas bravas , merus , pombas , rolas , e outras aves , de que por aquella terra ha infinitude , e o vinho que bebiam era serveja , e todos os dias até o Espirito Santo comêram carne , festas , e sabbados , por ser assim costume dos Abexins ; e passada a festa , jejuam todo o mais do tempo tres dias na semana. Ao cabo de dez dias chegáram a huma Igreja do Orago de *N. Senhora de Nazareth* , onde residia o Patriarca , que lhe mandou o de Alexandria , que era Nestoriano , com quem se não quiz ver o Bispo , e passou logo adiante até huma feira real , que se chama Mantadelle ; aonde acháram hum criado de hum Christovão Nunes de Serpa , natural de Arouca , que agazalhou a todos esplendidamente.

He esta feira de hum Mouro grande pe-
 soa, e muito rico, que lhe rende muito, e
 della vai o sal pera todo o Reyno. Daqui
 se partíram huma quinta feira, e atravessá-
 ram huus campos muito formosos, em que
 acháram muitas vaccas, porcos, elefantes,
 renocerotes, e ao sabbado chegáram a huma
 terra, onde estava o Luiz Custodio, que era
 sua, e esperava pelo Bispo com tres tendas
 armadas, e com infinitos refrescos de todas
 as sortes de fruitas, e carnes que na terra
 havia, com que hospedou a elle, e a todos
 os mais mui honradamente. Era este homem
 casado, e tinha alli sua mulher, que não
 quiz apparecer ao Bispo, porque era Nesto-
 riana, e nunca quiz ser Catholica; mas lo-
 go houve o castigo disso, porque passáram
 poucos tempos que não morresse de peste,
 e foi lançada no campo, onde a comêram
 os lobos. Daqui se partio o Bispo á segun-
 da feira, e foram todos caminhando por
 huma formosa estrada, até chegarem a huma
 aldeia de hum primo com irmão do Empe-
 rador, que se chamava Abitichon Acabo;
 e estava alli com outro seu irmão chamado
 Abitichon Anes, (Abitichon he titulo antre
 elles, como antre nós o Dom.) Estes Senho-
 res agazalháram o Bispo, e todos os mais
 mui honradamente. Daqui foram caminhan-
 do por campos fertilissimos, e povoações
 mui

mui grandes, e abastadas de tudo. À festa feira chegou ao Bispo o Feitor de Gonçalo Ferreira, que tinham achado em Arquicó, e lhe apresentou da parte de seu amo huma formosa tenda com sua cerca á roda, e huma rica alcatifa, e hum escravo, e tres mulas, o que elle estimou muito. À segunda feira seguinte chegou o mesmo Gonçalo Ferreira, (que vinha pera acompanhar o Bispo até a Corte,) e trazia huma copia de criados, e offereceo ao Bispo, e a todos os que com elle vieram da India, ouro, e tudo o mais que houvessem mister.

Logo adiante acháram outro Portuguez chamado Jorge de Barros, que vinha da Corte, e trazia sua mulher em huma formosa mula, vestida ao modo da terra, e por cima dos trajos hum rico bedem, e rebuçada com huma fina beatilha, que não appareciam mais que os olhos, e na cabeça hum chapéo de veludo alto, e o Bispo lhes fez honras, e gazalhados; e tornáram a voltar com o Bispo até huma aldeia de Gonçalo Ferreira, que lia com elles, onde foram agazalhados, e banqueteados esplendidamente. Aqui veio ter com o Bispo hum Portuguez, chamado João Gonçalves, que tambem trazia sua mulher, que era Abexim, de casta principal, e rica, e vinha em huma formosa mula, cuberta com hum panno de borbado,

que lhe ficava como gualdrapa, e ella com hum roupa larga de veludo negro, e por cima hum formoso bedem, e na cabeça hum chapeo de veludo alto, e calções até os pés, mouriscos de seda, com muitos botões de ouro, trajo que as senhoras Abexins usão, e nos braços muitas manilhas de ouro maciças; e o marido vinha em hum boa mula, e trazia hum formoso ginete á destra, e elle vestido custosamente, e na cabeça barrete preto com golpes, e pontas de ouro á Portugueza antiga. Com elle vinha outro Portuguez chamado Manoel Gonçalves em hum cavallo, com hum bésta no arção, e trinta lacaios de espadas, rodellas, lanças, e espingardas. Esta gente recebeu o Bispo honradamente, e á mulher de João Gonçalves fez particulares gazalhados, e todos voltáram com elle, que hia louvando a Deos por ver naquella terra tão distante, e apartada Portuguezes casados, tão ricos, contentes, e tão zelosos de agazalharem, e servirem seu Prelado.

Indo assim, chegarão a hum Igreja da invocação da Santissima Trindade, rica, e em bom sitio, rodeada toda de formosos aciprestes com muitos Conegos, que tem arrezoada renda. E antes della hum espaço sahíram hum golpe de Portuguezes vizinhos, e moradores daquellas aldeas, e povoações, e fo-

e foram beijar a mão ao Bispo, e se lhe offerecêram pera o acompanhar. E dia da Ascensão pela manhã chegáram a huma Provincia muito fresca chamada Guimite Jorge, onde fizeram a festa, e todos aquelles Portuguezes se confessáram, e commungáram. Aqui passáram aquelle dia, e outro, e tornáram a caminhar, e ao sabbado seguinte encontráram Gaspar de Sousa de Lima, Capitão de todos os Portuguezes, e com elle hum Azaguereito do conselho do Emperador, que da sua parte hia visitar o Bispo, que estavam em hum formoso campo em tendas armadas passando a fésta. O Bispo, que já sabia delles, mandou tambem armar suas tendas hum pouco afastado, onde Gaspar de Sousa de Lima com o Abexim logo o foram visitar da parte do Emperador, e lhe apresentáram vinte mulas, que elle mandou repartir pelos que vieram com elle da India, e fez muitas honras ao Abexim, e o assentou apar de si, e esteve sabendo da saude do Emperador, do lugar em que estava.

Estando aqui, ao outro dia foram ter com o Bispo Affonso de França Moniz, Diogo de Alvelos da Azinhaga, Simão do Soveral, Alvaro da Costa da Covilhã, Portuguezes da companhia de D. Christoyão da Gama, e eram grandes privados do Emperador, e todos beijáram a mão ao Bispo,

e elle os recebeo com muito amor, e caricias, e todos lhe deram a obediencia como a seu Prelado. Daqui se abalou o Bispo acompanhado de todos aquelles Portuguezes, que era cousa formosa de ver, porque antre os Abexins lustravam tanto (pela diversidade, e riqueza dos trajos, mulas, cavallos, criados, tendas, serviço, e tudo o mais) que pareciam elles os senhores da terra. E indo assim caminhando, foram dar em huma formosa ribeira, e de longo della tinham os mais daquelles Portuguezes quintas, e casas de prazer muito frescas, principalmente Gonzalo Ferreira, que o mais do tempo residia alli, e elle levou o Bispo, e todos os que o acompanhavam pera sua casa, e os banqueteu esplendidamente.

O Emperador, que tinha correios postos por paragens, foi logo avisado, que o Bispo era chegado á ribeira, e mandou por hum correio chamar Francisco Jacome pera se informar do caminho do Bispo, e de suas cousas, e o tornou logo a despedir com recado de como já esperava por elle muito alvoroçado, com o que elle se apressou mais, até chegar a hum formoso rio chamado Axé, que traz infinito peixe de diferentes fortes, onde armáram tendas, e descansaram. Alli chegaram todos os mais Portuguezes, que andavam com o Emperador, que eram

eram da sua guarda, e estavam de continuo á porta da sua tenda, e beijáram a mão ao Bispo, que folgou de os ver. Naquelle rio estiveram até o Domingo do Espirito Santo, em que chegáram todos os Senhores, e Grandes da Corte pera acompanharem o Bispo por mandado do Emperador, que estava da outra banda do rio, a quem elle fez muitos gazalhados, e todos lhe beijáram a mão com grande humildade, e no meio dos mais honrados foi levado ao Emperador, que estava em huma tenda branca redonda, toda alcatifada de alcatifas grandes, e formosas, e elle deitado em huma camilha, vestido em hum bedem em cima de huma camisa mourisca, e na cabeça hum chapeo de veludo preto, e huns calções de taficira da Persia calçados. Era homem largo, preto, de olhos grandes, e de presença veneranda. O Bispo entrou com os Padres junto comsigo, e se apresentou ao Emperador, e lhe beijáram a mão, e elle os recebeu com gazalhado, mandando assentar o Bispo junto á camilha em hum coxim de cordovão, que estava sobre huma muito rica alcatifa de seda; e logo abaixo os Padres, e Gaspar Nunes, que hia por Embaixador, que ao beijar da mão ao Emperador lhe apresentou as cartas de ElRey, e do Governador da India Francisco Barreto, e hum rico roupão de escarlata

com muitos botões de pedraria, e algumas cousas outras curiosas, que elle não festejou muito. O Emperador depois de saber do Bispo da saude de ElRey, do Governador, e da sua viagem, o despedio, e elle se foi a suas tendas, que estavam a huma parte do campo; e os soldados, que da India tinham vindo com o Bispo, os leváram os da terra por hospedes, mandando o Emperador prover a todos de tudo em muita abundancia.

CAPITULO VII.

De como D. Duarte Deça Capitão de Maluco prendeo ElRey de Ternate em huma asperissima prizão: e das grandes guerras que por isso se levantáram em todas aquellas Ilhas contra os nossos Portuguezes.

Não pareça que nos temos descuidado nas cousas de Maluco, com que imos continuando todos os invernos, porque não foi senão por estes dous annos atrás não succederem cousas dignas de lembrar, e de se pejar o tempo com ellas. E porque houve muitas outras em diferentes partes, em que o houvemos mister, o despendemos, e gattámos nellas; mas agora que succedêram muitas, e que foram causa de se vir a perder aquel-

aquella fortaleza, continuaremos com ellas por sua ordem

Deixámos D. Duarte Deça o Abril passado de sincoenta e sinco partido pera Maluco, onde chegou o Novembro seguinte, e tomou posse da fortaleza, começando logo a correr com sua obrigação, e a tratar de sua fazenda, como os mais dos Capitães hoje fazem, pera o que já partem de Goa com regimentos, e ordens pera isso, que não faltão curiosos que lhas dão, porque também nisso tratam de seus proveitos, ainda que seja á custa das almas dos mesmos Capitães, de que lhe a elles dá bem pouco. Assim este Capitão começou a querer tomar todo o cravo da Ilha Maquiem, que aquelle Rey tinha separado pera as despezas de sua casa, como já dissemos na V. Decada; e como elle vio que lhe queria D. Duarte Deça tomar o seu, foi-lhe á mão, sobre o que se começaram os desgostos, que foram o principio da perdição daquella fortaleza, como na XI. Decada se verá. D. Duarte que era teimoso, forte, e trabalhoso de condição, e estava cego com sua cubiça, (e com isso não faltaram mãos homens, que accendêram mais este fogo) tratou logo de se vingar de ElRey, e de o prender; e não dando conta do que determinava a pessoa alguma, mandou hum dia chamar ElRey,

e Cachil Guzarate seu irmão; e como os teve na fortaleza, os prendeo, e mandou metter em huma logea da torre, que servia de celleiro do cravo, que estava fedorentissima, e chea de baratas, e largatixas, e outros bichos peçonhentos: e ainda aqui lhes mandou lançar grossissimos adobes, e fechados em correntes pelas azas de cameras de falcões, com o que ficáram tão inhabilitados, que se não podiam mover de huma pera outra parte, clamando, e gritando, e dizendo lastimas, que puderam fazer compadecer peitos de feras. E não contente ainda D. Duarte Deça com isto, mandou tambem trazer a velha mãe, que era huma Senhora muito honrada, e a metteo com elles, lançando fama, que se carteavam com a Rainha de Japorá na costa da Jaoá, pera lhes entregarem aquella fortaleza, (estando todos bem innocentes daquelle crime, de que os accusava.) E como sua tenção era matallos alli á fome, defendeo que ninguem lhes desse de comer, nem de beber; o que elles sentíram sobre tudo, porque estavam na casa do cravo, de que comiam por necessidade, que lhes assava os bofes, sem lhes que- rerem dar huma pouca de agua pera lhes matar aquelle fogo, nem se apiédarem dos gritos, e lastimas que de dentro diziam. E além destas deshumanidades, os escravos to-
das

das as manhans hiam purgar os ventres á porta da banda de fóra, o que faziam com sujidades, e palavras indignas de se nomearem.

Vendo os Padres, e o Provedor com a Irmandade da Misericordia tão aborrecidas cruezas, ajuntáram o povo, e foram fazer protestos, e requerimentos ao Capitão, pera que soltasse ElRey, affirmando-lhe « que estava ElRey innocente do que lhe alevantavam, e que não désse com isso occasião a huma grande desaventura, porque já havia atoardas que o Rey de Tidori fazia prestes suas Armadas pera se ajuntar com os Ternates em favor de seu Rey, e pera pôrem cerco áquella fortaleza; » a que D. Duarte Deça não deferio cousa alguma, dizendo « que os não podia soltar, porque tinha delles culpas graves. » Vendo elles aquella teima, e injustiça, lhe pedíram « que ao menos lhes désse licença pera os sustentarem na prizão, porque não era justo que os mataba á fome, e á sede, que era hum genero de morte, que nem barbaros a davam a seus inimigos. » O que elle lhes concedeo, e dalli por diante ordenáram antre si « que a Misericordia désse huma semana de comer aos prezos, e outra os moradores. » E assim foram continuando, com o que os pacientes se consolavam já alguma

coufa. Mas como D. Duarte Deça estava encarniçado no odio , não quietava , nem repousava em buscar modos pera matar os pobres prezos , até ordenar « que se lhes » lançasse peçonha na agua que lhes mandavam , como lhes fizeram duas vezes » que ElRey logo conheceo por virtude de hum anel que comsigo trazia , que era de tal confeição , que se na casa em que estivesse , entrasse alguna peçonha ; logo mudava a cor , como lhe fez de ambas as vezes. Os Governadores do Reyno tanto que viram o seu Rey prezo , mandáram requerer por muitas vezes ao Capitão « que lho soltasse ; e » que não o querendo fazer , elles protesta- » vam de lhe não prejudicar em todos os » modos que pera isso buscasssem ; e que dos » damnos que disto resultassem , elle daria » conta ao Rey de Portugual » a que elle nada deferio. Vendo elles aquillo , concertáram-se com o Rey de Tidore seu genro , pera os ajudar na guerra que ordenáram de fazer á fortaleza , pera que começáram a fazer seus preparatorios , e lançáram suas cocororas ao mar , e ElRey de Tidore fez o mesmo , e em pessoa se embarcou pera começar a proseguir na guerra.

E como era máo , e manhoso , jogou lanços de ladrão , que foram apoderar-se de muitos lugares de ElRey de Ternate , con-

tenção de se fazer senhor de todo aquelle Reyno ; o que lhe fora muito facil , se tomára a fortaleza , como pertendia , porque então ficava-lhe ElRey nas mãos , e elle senhor de tudo. Os Ternates ajuntáram seu poder , e foram pôr cerco á fortaleza , dando-lhe tantos , e tão continuos assaltos , que se vio D. Duarte Deça mui apressado , e arriscado ; e o em que mais cuidado puzeram , foi na prohibição dos mantimentos , pera que nem por mar , nem por terra pudessem passar á fortaleza ; com o que começaram a faltar , e os nossos a passar necessidades. Vendo-se D. Duarte Deça tão apressado , foi-lhe necessario valer-se do mór inimigo que aquella fortaleza tinha , que era Cachil Guzarate Sangage de Geilolo , a quem Bernaldim de Sousa destruiu de todo , tirando-lhe o nome de Rey , como na VI. Decada no Cap. XIII. do IX. Liv. fica dito. E pera mais o obrigar , lhe mandou huma Provisão em nome de ElRey de Portugal em que lhe tornava o titulo de Rey , e o libertava das pareas que era obrigado a pagar.»

Isto moveo tanto aquelle Sangage , que lançou logo suas corocoras ao mar , pera ir soccorrer D. Duarte Deça , e se começou outra vez appellidar Rey de Geilolo. No mesmo tempo despedio D. Duarte Deça hum

Padre da Companhia, chamado Antonio Vaz, homem letrado, e virtuoso, que ainda hoje vive na casa dos professos de Goa, » pera que fosse á Ilha de Bachão a pedir » ajuda áqueile Rey, assim de gente, como » de mantimentos, porque era amigo dos « Portuguezes.» Esta jornada foi de tanto proveito, que não só fez o Padre com El-Rey que provesse a D. Duarte Deça de mantimentos honestamente, mas ainda o convidou pera as Bodas do Senhor; porque achando-o domestico, e capaz, o rendeo, e catequizou, e depois o fez Christão com muita solemnidade, e a outros muitos do seu Reyno. E por estas santas obras, e por outras, que estes Religiosos, e os de todas as mais Religiões andam obrando por todo este Oriente, permite Deos que as fortalezas da India estejam em pé, e que se sustentem, deixando o castigo das tyrannias de alguns Capitães só pera elle; porque huns não acabam de lograr o que dellas injustamente tiram, e outros não lhes chegaram a luzir nem em filhos, nem em netos.

E tornando a nosso fio. A guerra se foi continuando por terra, e por mar, por onde o Rey de Tidore andava com sua Armada, fazendo todos os damnos que podia. Nas corocoras de Ternate andava por Capitão mór Cachil Labuzaza, primo de El-Rey,

Rey, muito grande cavalleiro, que depois se fez Christão, e se chamou D. Henrique, e por seus muitos serviços lhe mandou El-Rey D. João o habito da Cavalleria de nosso Senhor Jesus Christo, e o cargo de Pandará de Malaca, onde viveo casado, e com filhos, e fez tantos serviços, quantos pelo decurso de nossas Decadas se verão. Este homem fez muita guerra então áquella fortaleza, e pelejou com algumas fustas, que D. Duarte Deça armou; e com ellas, e com os soccorros que lhe vieram de Geilolo, de Bachão, e de outras partes, a que tambem acudio Gonçalo Pereira Governador de Mombia com algumas corocoras, e mantimentos, se foi sustentando. E como foi tempo, despedio a não S. João, de que era Capitão Francisco de Barros com a carga do cravo pera a India, por quem escreveo ao Capitão de Malaca, que o mandasse soccorrer com muita presteza: e o mesmo fez ao Governador, dando-lhe conta de tudo o passado, pondo áquelle Rey crimes que elle nunca commetteo; mas não faltou tambem quem lhe escrevesse a verdade deste caso. Neste estado deixaremos a guerra, que deo bem de trabalho aos nossos.

CAPITULO VIII.

Da differença que ha antre Persas e Arabes sobre a opinião de suas seitas: e de como o Rey da Persia mandou aos Reys do Decan o titulo de Xas, com condição que seguissem sua seita.

NA nossa IV. Decada no Cap. I. do Liv. X. , onde fallamos na seita que seguem os Magores, démos brevemente conta de sua lei; agora será necessario declarar-mos isto melhor pera a materia que havemos de tratar. Pelo que se ha de saber que por morte de Mafamede (em que os mais dos escriptores variam na conta do anno em que foj) deixou nomeado em seu testamento por seu successor, e cabeça da sua doutrina Alé filho de Sabutabel, irmão de seu pai; assim por ser seu primo com irmão, como por ser seu genro, casado com Fatima filha de sua primeira mulher, de que tinha dous filhos nascidos de hum ventre, chamados Hacem, e Hocem, e lhe deixou encomendado que tomasse a dignidade de Califa, que he como a do Summo Pontifice antre nós. Isto tomou mal Abubar sogro de Mafamede, em cuja casa elle morreo, porque houve que lhe pertencia a elle melhor aquella dignidade, assim por sogro delle Mafame-

mede, como por sua idade, authoridade, e posse, porque era muito poderoso: e ajuntando-se com dous parentes seus de muita posse chamados Homar, e Othomão, perseguíram o Alé de feição, que o desterráram, e por consentimento de todos foi logo levantado o Abubar por Califa. Nesta dignidade viveo pouco, e sua morte não careceo de suspeitas de peçonha, que diziam mandar lha dar Homar; porque tanto que elle faleceo, se levantou com o Califado quasi por força. Este viveo com aquelle titulo dez annos e meio, e foi morto, estando na Mesquita, por hum escravo seu, e affirmou-se que por ordem do Alé, que estava recolhido na Cidade de Cufa, e por sua morte se levantou Othomão, allegando para isso que fora duas vezes genro de Mafamede, como de feito foi casado com duas filhas chamadas Cosulma, e Roqueia, que morreram em vida do pai. Este tambem viveo pouco, porque foi morto em humas alterações que houve no Cairo, e por seu falecimento se ajuntáram os Grandes a conselho, e por parecer de todos (tirando o de Mauhia Capitão de Othomão) foi chamado Alé, cujo era de direito o Califado, e o assentáram na cadeira daquella dignidade; e o Mauhia, que ficou de fóra, e era poderoso, o perlegiuo com guerras grande-

mente, e por fim o mandou matar aos seis mezes de seu governo, e lá teve industria com que subio á dignidade do Califado, em que viveo doze annos, e tres mezes: em sua vida renunciou a dignidade em seu filho Lazit que governou, temendo-se de Hocem, que era outro filho de Alé, e teve industria com que o mandou matar. Este Lazit foi muito máo homem, perverso, e havido por herege, porque vivia como Gentio.

Ora vamos a Hocem, que elle fez matar, a quem ficáram doze filhos chamados Zeinal, Mahamed, Bager Mahamed, Jafart, Musa Casim, Musi Ali, Musera Ali, Mahamed Tangui, Mahamed Alivaugi, Ali Hocem, Asqueri Hacem, e Mahamed Mahedi mais moço: affirmam os Persas que não morreo, e que este ainda ha de vir declarar a verdade de todas as opiniões, que antre elles, e os Arabios ha, e que ha de converter o mundo todo á sua doutrina, e que esta conversão ha de começar em Maxadali, onde Alé seu avô está enterrado. E esta he a razão, por que naquella Mesquita tem continuamente hum cavallo sellado esperando por elle, pera como alli chegar, cavalgar logo. Este cavallo tanto que se esconde o Sol, logo o levam á Mesquita com muitas luminarias, e em huma festa feira do anno o fazem com grandes ceremonias, e orações

a Mafamede, pedindo-lhe que acabe já de mandar seu neto a declarar as duvidas que antre elles, e os Persas havia, sobre quem fora o verdadeiro Califa: sobre o que havia de continuo antre elles guerras, porque os Persas sustentavam, e ainda hoje o fazem, que só o Alé o foi legitimamente, e que os mais foram seismaticos, tyrannos, e levantados, e por isso tomáram aquelle appellido de Xiai, que quer dizer união de hum corpo, porque estavam sempre com as armas nas mãos pera sustentarem sua opinião.

Os Arabios pelo contrario affirmam, que elle não fora Califa, e que os outros o foram legitimamente eleitos, e que os Persas são os que vivem errados em sua opinião, e contra elles tomáram aquelle appellido de Sonijs, de que se tanto prezam, que quer dizer seguidores, ou sustentadores da verdade; e quando nomeam os Persas, lhes chamam Rafasis, que he o mesmo que chamar-lhes homens errados, e desencaminhados. Estas duas opiniões seguem todos os Mouros aos Arabios daquella parte de Africa, Mauritania, Berberia, e todos os que se espalháram por Hespanha, e os que vivem por toda a Provincia do Egypto, Abassia, Costa de Melinde, Moçambique, Çofala, e em todas aquellas Ilhas, e todos os Turcos, Rumes, e todos os destas partes

tes da India até Maluco ; porque como os Arabios foram homens , que se deitáram á navegação , e passáram até o Oriente , e por todos os Reynos d'elle , assim nas terras firmes , como nas Ilhas todas , achando os Gentios faciles , e domesticos , lhes prégáram a largueza de sua feita , a que logo todos se convertêram , e assim os seguem todos estes Reys do Decan , de que já démos razão , quando tratámos do tempo , em que os Mouros conquistáram aquelles Reynos.

Nesta lei vivêram até este inverno de cincoenta e sete , em que andamos , até que o Xathamás Rey da Persia , filho de Xaismael , zeloso da observação de sua feita , mandou no principio deste anno alguns Persas muito doutos em companhia de Embaixadores muito graves , e com grande apparatus a todos os Reys do Decan pera os persuadirem a receber sua feita , e a seguirem Alé seu Califá ; e pera mais os obrigar , lhes mandou a todos o titulo de Xás , de que lhes passou suas patentes , e formões. Estes Embaixadores foram nas náos de Ormuz ter a Dabul , e dalli corrêram ás Cortes do Mirão , Verido , Zamaluco , Idalcan , e Cota Maluco , e deram áquelles Reys suas Embaixadas , e prégáram sua opinião , a que foi mui facil de os render , e começáram logo em suas Mesquitas a rezar de Alé , e a clamarem por

por elle em seus Alcorões, appellidando-se dalli em diante Sonijs, e com isso se intituláram Xás, que elles houveram por muito grande honra, e nós assim lhe chamaremos nas nossas Decadas daqui em diante, deixando o titulo de Cais, de que até agora usáram, e que com mais razão sempre lhes cabe destes do Zamaluco Rey de Chaul, (que será de agora por diante Nizamoxá.) Faremos aqui huma breve relação, já que a temos feito de todos os Reys de Visapôr, que são estes, que vizinham conosco nesta parte de Goa, o que faremos nestoutro Capitulo por ser mais folgado aos leitores.

CAPITULO IX.

De huma relação de Nizamoxá, e de sua morte: e de como o que lhe succedeo no Reyno se ajuntou com o Cutubixá contra o Idalcan, e largou o Inizamoxá ao Mealecan, que tinha prezo.

NO Cap. IV. do X. Liv. da IV. Decada démos larga conta daquelles cinco Capitães, que se alevantáram com todo o Decan, que entre si repartíram em Reynos, e destes coube aquella parte que jaz de Cifardão até o rio Nagotana, que he pelo rio de Carania dentro, a Nizaman Maluco, a quem erradamente chamamos Zamaluco, cu-

jo proprio nome era Boran. Este diziam que era filho de Daudar Soltão, legitimo, e verdadeiro Rey de todos estes Reynos; porque affirmam que huma mulher, que elle deo ao pai deste Boran, que era seu Capitão, já hia prenhe delle. E assim depois que elle herdou o Reyno, tomou por appellido, e por armas hum falcão, dizendo, que assim como esta ave era mais real que todas, assim elle o era antre os Reys do Decan, que foram escravos de seu pai. Este Boran Soltão foi o mais valoroso, franco, liberal, e mais justicozo Rey de todos os de seu tempo, e dos vizinhos. E em principio do governo de Affonso de Albuquerque foram ter ao porto de Chaul (que era seu, e onde elle acertou de se achar) doze Portuguezes, que vinham de Cambaya em hum navio seu; e vendo-se com ElRey, elle os agazalliou bem, folgando tanto de os ver, que lhes quitou os direitos de suas fazendas, e lhes rogou « que se aposentassem naquella parte, em que hoje está a nossa Cidade de Chaul, e que elle os libertaria dos direitos, e não só a elles, mas ainda a todos os mais que alli fossem viver, e que lhes faria outras honras, e favores » de que lhes mandou passar hum largo formão.

Por estas liberdades se deixáram alli ficar aquelles homens, e se aposentáram naquella.

quella parte, em que hoje está a Cidade, e depois poucos e poucos se lhes foram ajuntando outros, e fizeram alli huma colonia de Portuguezes, e daqui teve principio esta povoação de Chaul, e as liberdades que seus moradores, e todos os mais tem em os direitos de suas fazendas, segundo huma lembrança que nos mandou, tirada dos tombo da Corte daquelle Rey, hum Antonio de Aguiar, que ha muito vive nella Mouro, chamado Islancan, homem esperto, e pratico em muitas linguas, com quem communico por cartas, e delle me informo das cousas daquella Corte, de que sempre deo muito boa razão.

Este Rey Boran Soltão ficou sempre rão afeiçoado aos Portuguezes, que passando por Chaul o Governador Diogo Lopes de Siqueira, lhe concedeo lugar pera fazer fortaleza, onde ainda hoje está, porque folgou de ter os Portuguezes em seu Reyno pela fama que corria de seu valor, e esforço; porque era tão afeiçoado aos bons cavalleiros, e aos homens doutos, que em lhe vindo fama de algum nos Reynos vizinhos, logo o mandava buscar, e lhe fazia muitas honras, e mercês; com o que concorrêram em seu tempo todos os bons Capitães, e doutos em suas sciencias, que passáram de todos os Reynos estranhos a este. E de den-

tro de Constantinopla mandou trazer hum afamado fundidor, que lhe fez duas mil bombardas de bronze, e ferro, com que se fez temido a todos os vizinhos. Foi muito doente do mal de S. Lazaro, pera o que buscou todos os remedios possiveis, até se banhar em sangue de meninos, mandando matar muitos pera este effeito, e encher grandes banhos delle, (por lhe fazer crer hum feitiço que com isso sararia;) mas não lhe valeo, porque veio a morrer aborrecido do mesmo mal tão noventa os annos passados de 1555, tendo reinado sincoenta e oito.

Tinha este Rey muitos filhos, e já em sua vida sentia alteração nos Capitães, e andarem bandeados huns a huns, e outros a outros; e receando-se que por sua morte houvesse mui grandes divisões, mandou chamar hum Portuguez, que desdo tempo de Nuno da Cunha andava em seu Reyno, que dizem alguns que fora bombardeiro, e se chamava Sancho Pires, e lá se fez Mouro, e lhe puzeram nome Tringuican; e lhe pediu, que tanto que elle morresse, fizesse alevantar por Rey a seu filho mais velho chamado Uzen, e alli lho entregou logo, porque só delle fiava aquelle negocio; e o Sancho Pires lhe disse que assim o faria, e que nisso lhe havia de pagar as honras, e mercês que delle tinha recebido. Era este homem tão

valeroso por seu braço, que se pôde metter no conto dos famosos que houve no mundo; porque chegando só, e homisiado áquelle Reyno, assim deo logo tamanhas mostras de seu valor, que lançou ElRey mão delle, e o fez Capitão da gente de cavallo, em que tambem deo tal conta de si, e deo tão verdadeiras mostras de seu esforço, que veio a ser General de todo o Reyno, e o principal dos do Conselho de ElRey, que lhe deo tantas terras, e rendas, que sustentava dez, e doze mil homens de cavallo; e assim era tão temido de todos os Capitães, e Mouros, que não havia quem lhe não fizesse veneração, e se lhe não baqueasse.

Assim que vindo aquelle Rey a falecer, tomou Sancho Pires o filho Uzen, e o poz na cadeira do pai, e o fez levantar por Rey a pezar de todos os outros Capitães, que estavam divididos em bandos pelos outros filhos; mas elle teve tal maneira, que por força fez vir todos a dar-lhe obediencia, e quietou os tumultos, ficando em companhia do Rey, governando o Reyno com tanta prudencia, e valor, que não houve vizinho que ousasse a bullir com elle, e assim se fez poderoso, e temido, e tão respeitado, que se se quizera fazer Rey, sem dúvida o fora. E se este homem não escurecêra seus feitos com a negação que fez da fé, morrendo

Franguican , puderam elles ser havidos no mundo por espantosos , e nós deixamos delle huma memoria , que nunca se acabára ; porque foram seus feitos tantos , e taes , que bem puderam occupar a mór parte desta nossa VII. Decada ; mas fique assim com isto , pois não foi merecedor de mais. Huma cousa não he bem que se lhe negue , e foi , que todos os Portuguezes , que em seu tempo foram fogidos pera Visapôr , e se queriam fazer Mouros , elle lho estorvava , pondo-lhes diante as obrigações que tinham á Lei de Christo , persuadindo-os a viverem nella ; e aos que se não faziam Mouros , recolhia , e tratava muito bem , e os outros lhe aborreciam tanto que os não queria ver.

Quietados os tumultos , e seguro Soltão Uzen em seu estado , determinou de se satisfazer de algumas affrontas , que tinha recebido do Idalcan com a vizinhança que tinha com a sua fortaleza de Calibraga , que estava nos extremos dantre ambos os Reynos : pelo que determinou de lha tomar , e convocou em sua ajuda o Cota Maluco , que reinava naquella parte de Galecunda contra Masu'epatão , que tambem foi hum dos Capitães alevantados , que estava inimigo do Idalcan , e foi ajudar o Uzen com vinte mil de cavallo , dando-lhe o Veridó passagem por suas terras , que jazem ao Norte das do

Idalcan. E ajuntando-se ambos em huma Mesquita, juráram a liga com grandes ceremonias, e alli naquelle auto pedio o Cota Maluco a Uzen « que lhe fizesse mercê de » mandar soltar o Mcalecan, que estava pre- » zo na serra de Baula, e o deixar ir pera » sua mulher, e filhos, porque bem lhe bas- » tavam suas desaventuras. » Vendo Uzen que aquelle Rey lhe pedia aquillo naquelle tempo, em que não era licito negar-lho, lhe disse, que pelo servir o faria. E não querendo o Cota Maluco, que aquelle negocio ficasse pera depois, lhe disse « que lo- » go lhe mandasse passar hum formão pera » o entregar a hum Capitão, que a isso man- » daria; porque as mercês que se logo fa- » ziam, eram de mór preço, e gosto, assim » pera quem as fazia, como pera quem as » recebia » o que lhe ElRey Uzen não ne- » gou, e logo se lhe passou o formão que pe- » dia, em que « o mandava soltar, e que lhe » déssem dinheiro pera as despezas, e alguns » cavallos pera sua pessoa » com o que Co- » ta Maluco despedio hum Capitão seu, a quem o Amircan (que o tinha em poder) o entregou com tudo o que lhe mandavam dar, e com elle se partio logo pera Chaul, e lá o entregou a Garcia Rodrigues de Tavora, que era Capitão, que como veio o verão, o mandou pera Goa ao Governador.

Feitas , e juradas as conjurações , abaláram aquelles Reys contra a fortaleza de Calibraga , e assentáram de redor della seus exercitos , e a começáram a bater , tudo por ordem de Sancho Pires , que era General. O Idalcan sendo avisado da conjuração , despedio muitos Capitães dos que tinha pera mandar sobre Goa , e os mandou soccorrer aquella fortaleza , e elle se poz em campo pera o fazer em pessoa , se fosse necessario. O Sancho Pires na bateria que deo á fortaleza , lhe derribou hum lanço de muro , por onde commetteo a entrada , sendo elle o primeiro ; mas os de dentro a defendêram tão bem , que os lançáram fóra , ficando alli o Sancho Pires morto de huma espingarda. Vendo os Reys aquelle estrago , alevantáram o cerco , em que perdêram quatro mil homens , e alguns Capitães , em que entravam Jamaldican , e Rumezan , com o que o Idalcan ficou desalivado pera mandar proseguir na guerra de Goa , pera onde despedio mais alguns Capitães.



DECADA SETIMA.

LIVRO V.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Das cousas, que acontecêram na guerra de Goa: e de hum assalto que os nossos deram na outra banda, em que houve algum desarranjo: e de como os inimigos entráram a Ilha de João Lopes.

A GUERRA de Goa se hia continuando, ainda que com pouco perigo, e damno, todavia com trabalho, porque começáram a faltar na Cidade muitas cousas, de que ella se provê das aldeas da outra banda, e miseravelmente se achavam frangãos, e gallinhas pera os doentes, porque chegou a valer hum duas tangas, e humma gallinha hum cruzado, de que se havia mister grande quantidade pera enfermos, e

Hospitales. Só com a lenha se remediavam melhor, porque se cortava dos matos da Ilha, que pera estas necessidades se guarda, e poupa com grandes penas, que no tempo da paz não possa pessoa alguma cortar lenhas nelles, e nem ainda dos quintaes particulares se póde derribar huma arvore, sob pena de dez pardaos pera o rendeiro do verde. Assim que com estes trabalhos se foram remediando o melhor que puderam das Ilhas circumvizinhas, e das aldeas da de Goa; porque os inimigos só na defensão dos mantimentos puzeram toda sua diligencia; posto que tambem não deixáram de inquietar os nossos com alguns assaltos miudos, e de pouca importancia, dando rebates nos passos, só a fim de divertir os nossos, e os quebrantar. Mas a isso tinha o Governador dado ordem, e provido mui bem, com mandar pôr fachos nas Ilhas de Juan, e Chorão, e em cima do outeiro de N. Senhora do Monte, donde se descobre tudo, onde estava hum Basilisco pera fazer sinal. E tanto que em qualquer parte daquellas sentiam Mouros, derrubavam os fachos, e os que vigiavam o Basilisco, vendo o sinal, desparavam huma bombardada, a que acudiam logo aonde lhe davam o sinal. Mas onde os inimigos deram mór trabalho, foi nas terras de Salfete, onde estavam D. Jorge, e D. Pedro

de Menezes, que todo este inverno andáram com as armas ás costas, guardando, e defendendo as terras, tendo alguns recontros com os inimigos muito arriscados, em que houve damno de ambas as partes, ainda que todavia muitas das aldeas se deixáram de lavar, e semear, e os lavradores dellas se recolhêram ás partes seguras; e algumas comêram os inimigos, que foram as de Cocoli, e Afolona, e outras, que estão pegadas ás suas terras, e algumas vezes foram dar vista á fortaleza de Rachol; mas recolhêram-se escalavrados das mãos dos nossos. Nos passos da Ilha de Goa continuáram elles com mais rebates, a fim de cançarem os que os guardavam; e não se contentando com isso, determináram de entrar na Ilha de João por ordem do Calabatecan, que tinha suas estancias defronte, do que logo o Governador foi avisado: pelo que determinou de lhes mandar dar hum assalto, porque não só desconfiassem de entrar nas terras do Estado, mas pera que se receassem de lhes irem lá quebrar as cabeças, porque não vivessem com tanta segurança; e pera isso elegeo alguns Capitães, de que não achámos o nome, a mais que a Pantaleão de Sá, e lhe deo quinhentos homens pera irem dar no Calabatecan, que passáram pela Ilha de João Lopes defronte do passo secco, e

no quarto da Lua foram demandar as estancias dos Mouros, levando diante os espingardeiros. O Calabatecan estava já avifado, porque dantre os nossos havia quem lhe mandava cada dia aviso do que se passava, e estava esperando com as armas nas mãos, e tinham lançados em cillada seiscentos homens, em parte que ficavam nas costas aos nossos; que tanto que os víram passar adiante, lhes arreventaram por huma ilharga, e deram na retaguarda, que era Pantaleão de Sá, e da primeira carga derribaram, e feriram alguns, e depois travaram com elles; e posto que os achou, e tomou descuidados, voltando com grande animo, começaram huma muito aspera, e perigosa batalha á espada, porque lhes faltou a arcabuzaria que hia diante. Pantaleão de Sá se vio de todo perdido, mas nem por isso se descuidou de sua obrigação; antes com muito valor, e esforço sustentou o pezo da batalha, posto diante dos seus, animando-os a cada passo, e trazendo o olho nelles, porque se não desmandassem. Neste transe acudiram os que hiam na dianteira com a arcabuzaria, (porque tiveram rebate do aperto em que estavam,) e dando em os inimigos, os puzeram em desbarato com morte de alguns. E porque o poder todo vinha já contra elles, se foram recolhendo o melhor que pudéram,

ficando no campo perto de vinte dos nossos mortos, a fóra muitos feridos, que não perigáram.

Passado este successo, de que os inimigos ficáram mui ufanos, determináram de fazer huma entrada pela Ilha de João Lopes. E huma noite muito escura a cominettêram, e passáram a ella mais de quatrocentos, de maré vasia, com a agua pelos peitos, e huns poucos delles foram de longo da praia, onde Ayres Gomes da Silva tinha a sua estancia, porque estava alli com sessenta homens. E como o escuro era grande, e elles hiam em muito silencio, entráram alguns na cozinha de Ayres Gomes da Silva, que estava apartada, em que não havia mais que hum escravo cozinheiro, que estava dormindo, em quem deram algumas cutilladas; e sahindo della, foram dar com dous soldados que vinham de fóra, que sentindo serem inimigos, voltáram com muita pressa, e se foram pera hum tezo, que estava a sima das estancias, em que havia duas peças de artilheria, com que varejavam as dos inimigos, que estavam da outra banda, e de sima começaram a gritar, que acudissem á artilheria. Ayres Gomes da Silva ouvindo a revolta, acudio com os seus soldados áquella parte, e fez sinal com huma peça, pera que soubessem nos passos que havia Mouros na Ilha.

E

E tanto que se ouvio, se lançáram logo muitos á agua, pera passarem a ella; mas os inimigos sentindo já os nossos, se foram recolhendo. E Ayres Gomes da Silva, que teve rebate, se foi apôs elles, e lhes deo tanta pressa que os fez lançar ao rio, onde se affogáram alguns, ficando a Ilha despejada, a que eram passados já mais de seiscentos dos que estavam em os passos, mas não tiveram que fazer. E acudindo o Governador, mandou logo passar Jorge de Mendoça Capitão da Cidade pera a Ilha de João (que fica antre a de João Lopes, e a terra firme) com seiscentos homens, e alguns moradores de Goa, porque se receou que os inimigos entrassem nella.

C A P I T U L O II.

Da Armada que este anno de sincoenta e sete partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Luiz Fernandes de Vasconcellos: e de hum breve relação da devoção, que os mareantes tem ao Bemaventurado S. Fr. Pero Gonçalves, a que elles chamam o Corpo Santo.

POUCOS dias depois do assalto passado, surgíram na barra de Goa tres náos de sinco, que tinham partido do Reyno: e porque desta viagem he necessario darmos mui-

to particular razão , o faremos aqui. No principio deste anno de sincoenta e sete , em que andamos , mandou ElRey D. João negociar sinco náos pera mandar á India , de que deo a Capitania mór a D. Luiz Fernandes de Vasconcellos , filho do Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes , que escolheo a náo Santa Maria da Barca , em que D. Leonardo de Sousa tinha chegado da India pera ir nella. As outras quatro náos eram , Santo Antonio , cujo Capitão era Cide de Sousa ; a Assumpção , que levava por Capitão Braz da Silva. Da Framenga era Antonio Mendes de Castro ; e da Aguia João Rodrigues Çalema de Carvall.o. Estando estas náos prestes , e carregadas pera darem á véla , abrio a náo Capitânia huma agua tão grossa , que se hia ao fundo , e chegou a ter em si quatorze palmos della : e acudindo os officiaes pera a remediarem , não sómente lhe não puderam tomar a agua , mas nem saberem por onde a fazia , antes viam que cada vez lhe crescia mais , porque nem bombas , nem barrís , nem outras vasilhas , que corriam por andaimes , lha puderam esgotar em muitos dias , trabalhando de dia , e de noite. Vendo ElRey que se hia gastando o tempo , mandou fazer as outras náos á véla , e que aquella se descargasse , o que elles fizeram já em Abril. A

Couto. Tom. IV. P. I.

Z

Ca.

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Capitânia se despejou toda com muita pressa, pera verem se lhe achavam por onde fazia esta agua. Vendo D. Luiz Fernandes que já naquelle anno não podia fazer viagem, no que recebia muito grande perda, porque era hum Fidalgo pobre, e tinha gastado muito em se aviar, andava mui triste, e descontente. A não foi revolvida, e buscada de poppa a proa, sem lhe poderem dar com a agua, e andava hum grande borborigo entre os pescadores de Alfama sobre aquelle negocio, que affirmavam publicamente que Deos N. Senhor permittira aquillo, porque aquelle anno lhe tirára o Arcebispo aquellas suas tão antigas ceremonias, com que veneravam, e festejavam o dia do Bemaventurado S. Fr. Pero Gonçalves, levando-o ás hortas de Enxubregas com muitas folias, cargos de fogaças, e outras interiores de alegria, e de lá o traziam enramado de coentros frescos, e elles todos com capellas ao redor d'elle, dançando, e bailando.

E porque nos não lembra vermos escritas estas ceremonias em alguma parte, o faremos aqui brevemente. Tem todos os homens do mar tamanha devoção, e veneração ao Bemaventurado S. Fr. Pero Gonçalves, e o tem por tão seu advogado nas tormentas do mar, que crem de todo seu coração, que aquellas exalações, que nos tempos for-

tuitos , e tormentosos apparecem sobre os mastos , ou em outras partes das náos , que he o Santo , que os vem visitar , e consolar ; e tanto que acertam de ver aquella exhalação , acodem todos ao convés ao salvar com grandes gritas , e alaridos , dizendo : *Salva ; salva , ó corpo Santo*. E affirmam que quando apparece nas partes altas , e duas e tres , ou mais daquellas exhalações , que he final que lhes dá de bonança ; mas se apparece humna só , e pelas partes baixas , que denuncia naufragio. Etão crentes , e firmes estam nisto , que quando aquellas exhalações apparecem sobre os mastareos , sobem os marinheiros assima , e affirmam que acham pingos de cêra verde ; mas elles nem os trazem , nem os mostram. Ao menos nós os não vimos alguma hora , passando por muitas vezes esta carreira. E se os Religiosos , que vem nas mesmas náos , lhes querem ir á mão , dando-lhes razões pera lhes mostrar que aquillo são exhalações , e dando as causas naturaes , porque se geram , e porque apparecem , não falta mais que tomarem as armas , e alevantarem-se contra quem lhes contradiz aquella sua fé , que por tal o tem.

A festa deste Santo se faz , e celebra nas Oitavas da Pascoa , e aquelle dia he o de maior triumpho de todos os pescadores , que todos os outros , e em que elles fazem mó-

res gastos , e despezas , que em todos os mais. Esta pequena luz , que estes mareantes Portuguezes veneram em nome de S. Fr. Pero Gonçalves , e os estrangeiros no de Santo Anselmo , he tão antiga sua veneração , que já em tempo dos Gregos se celebrava ; porque segundo muitos Authores seus contam , quando aquelles famosos Argonautas hiam na demanda do Vellofino de ouro , em huma grande tormenta que tiveram no mar , appareceo aquella luz sobre a cabeça do Castor , e Pollux , e que logo lhes cessára a tormenta ; o que moveo aos homens a terem estes dous irmãos em tanta veneração , que os contáram no numero dos Deuses. E assim Plinio no II. Liv. da natural historia , fallando nesta luz , affirma que se víra muitas vezes nas pontas das lanças dos soldados em os exercitos , e que o mesmo apparecia em as náos , e lhe chamáram *Stella Castoris* , porque appareceo sobre a cabeça de Castor , como assim dissemos.

E tornando aos nossos mareantes. Quando víram que só a náo do filho do Arcebispo deixára de fazer viagem , crêram que o Santo se quizera satisfazer nisso da offensa que o Arcebispo lhes fizera em lhes defender suas tão antigas festas ; e assim o affirmáram ao mesmo Arcebispo , que vendo tamanha fé , e devoção , movido daquelle zelo , ha-

tornou a conceder , depois que se achou a agua , porque nas voltas que lhe deram foi hum marinheiro dar com hum furo de hum prégo na quilha , que estava destapado , que por descuido deixáram os Calafates de lhe pôr prégo , e quando a breáram se tapou o buraco , e por alli fazia aquella agua. E permittio Deos N. Senhor que acontecesse isto a esta náó , estando no porto , porque se não perdesse á ida , que se fora no mar , nenhum remedio tinha. Assim que a agua foi tomada , com grande alvoroço a tornou a carregar , porque disseram os officiaes que ainda tinha tempo ; e que quando não pudesse passar á India , ficaria invernando em Moçambique ; e assim deo á véla a dous dias de Maio , e foram seguindo sua derrota , e na costa de Guiné acháram tantas calmarias , que os deteve setenta dias ; e tomando parecer sobre o que fariam , assentáram , que fossem invernar ao Brazil , porque era muito tarde , e logo se fizeram na volta da Bahía de todos os Santos , aonde chegaram a quatorze de Agosto vespera de N. Senhora da Assumpção. D. Duarte da Costa , que alli estava por Governador , foi logo desembrascar o Capitão mór , e os Fidalgos que hiam na náó , que eram Luiz de Mello da Silva , D. Pedro de Almeida , despachado com a Capitania de Baçaim , D. Philippe de

Me-

Menezes , irmão de D. João Tello , hum dos Governadores do Reyno , filhos de D. Henrique de Menezes , que estivera por Embaixador em Roma , e trouxe a Santa Inquisição a Portugal , e de Dona Brites de Villhena , filha do grande Ruy Barreto , Fronteiro mór do Algarve , D. Paulo de Lima , Nuno de Mendoga , e Henrique de Mendoga seu irmão , Jeronymo Correa Barreto , Henrique Moniz Barreto , e outros Fidalgos , que agazalhou , banqueteu , e deo poufadas á sua vontade ; e o mesmo fez a toda a mais gente da náó , a quem deo mantimentos em quanto alli esteve. As mais náos , que tinham partido diante , a Framenga de que era Capitão Antonio Mendes de Castro , foi tomar Melinde , onde invernou : a Aguia , em que hia João Rodrigues de Carvalho , invernou em Moçambique , por chegar tarde : as duas Assumpção , e Santo Antonio chegaram a Goa. Foi este anno assinalado , assim pela morte de ElRey D. João , que faleceo , depois das náos partidas , em onze de Junho dia de S. Barnabé Apostolo , em idade de sincoenta e sinco annos , tendo reinado trinta e sinco ; como pela morte do Emperador Carlos V. , de gloriosa memoria , que faleceo o Outubro seguinte , em idade de sincoenta e oito annos e sete mezes , deixando por herdeiro de seus Estados

o muito Catholico, e poderoso Principe D. Philippe seu filho, que foi o segundo deste nome em Castella, e o primeiro depois nos Reynos de Portugal.

C A P I T U L O III.

Das cousas que succedêram em todo este anno em Maluco: e de como os moradores prendêram D. Duarte Deça, e soltáram aquelle Rey.

DEixámos as cousas de Maluco o anno passado na guerra, que os Ternates faziam á nossa fortaleza, pela prizão de El-Rey, e de como despedira D. Duarte Deça o galeão, de que era Capitão Francisco de Barros, a pedir soccorro a Malaca; agora continuaremos com as cousas que succedêram todo este anno, pelas não contarmos por pedaços. Partido o galeão da carreira, ficou correndo a guerra com muito grande aperto, porque se metteo nella o Rey de Tidore, que era genro do de Ternate, e deitou suas corocoras ao mar, e mandou seus Capitães humas vezes, e elle em pessoa se embarcou outras, e foram pela costa da Ilha de Ternate; e á conta de dizer que favorecia o sogro, lhe tomou alguns lugares, em que deixou seus presidios; porque como os Mouros não guardam fé em materia de rei-

reinar, todas as vezes que o filho, o irmão, e o parente póde tomar o Reyno ao outro, não perde occasião, como elle fez, que vendo o fogro prezo, e o Reyno revolto, porque desejou de se fazer senhor delle, intentou o que fez, pera ficar só com o Imperio de todas aquellas Ilhas. Os nossos padecêram com esta guerra trabalhos excessivos de fomes, e perseguições, sem D. Duarte Deça se mover a compaixão, nem querer soltar o pobre Rey, antes lhe estreitava mais a prizão, e lhe mandava fazer avexações, e affrontas, indignas de animo Christão; e todavia trazia suas embarcações no mar, com o que sustentava a guerra, e outras mandava a Geilolo a buscar mantimentos, e o mesmo a Bachão, donde sempre lhe acudiam, e soccorriam com elles; porque aquelles Reys, por verem acabado o de Ternate, não só o provêram com elles, mas ainda lhe mandáram navios, e gente em favor de D. Duarte Deça.

Estando assim as cousas no peor estado que se podia imaginar, chegaram áquelle porto D. Jorge Deça, e D. Diniz de Menezes, que hiam de soccorro; porque tanto que o galeão de Francisco de Barros chegou a Malaea, e que D. João Pereira Capitão daquelle fortaleza vio pelas cartas de D. Duarte Deça o trabalhoso estado, em que

aquella fortaleza estava, logo negociou estes dous Capitães pera lhe irem de soccorro, D. Jorge Deça na não Conceição com cincoenta soldados, e muitos mantimentos, munições, e roupas, e D. Diniz em huma galeota com trinta homens; porque os Capitães das fortalezas naquelle tempo não tinham as mãos tão atadas, como neste, em que isto escrevemos, nem havia tantos regimentos, e defezas sobre não tocarem na fazenda de ElRey; porque hoje póde-se perder huma fortaleza á mingua, sem os Capitães das outras lhe poderem valer, por estarem atados a tantos regimentos, que se não podem menear: em tanto que aconteceu perder-se hum galeão de ElRey na barra de huma Cidade por falta de huma amarra, por o Capitão delle, nem os Officiaes da fazenda poderem fazer despezas, nem compralha, porque lha fariam pagar. E a cousa que nesta materia mais escandaliza he, que ouvimos dizer a alguns Officiaes da fazenda, e justiça, com quem praticámos sobre esta materia, que deixassem perder as fortalezas, e as náos, e que não tocassem na fazenda de ElRey, em que não vimos até hoje luzir estes accrescentamentos, mas sim cada hora as perdas, e riscos, que pela pouparem acontecem por toda a India. E posto que estranhámos isto com muita razão, tambem o

não

não deixaremos de fazer as grandes desordens, e despezas excessivas, que os Capitães, e os Officiaes faziam á conta de mandarem soccorros, que foram tantas, que quiz ElRey antes pôr suas fortalezas a riscos, que dissimulallas; e porque os exemplos disto são muitos, e nós em algumas partes os apontaremos, os deixamos agora. Com a chegada deste soccorro começaram os nossos a resfolegar, e D. Duarte Deça fez a D. Jorge Deça Capitão mór daquelle mar, e lhe deo huma fusta pera andar nelle, e com elle D. Diniz de Menezes na sua galeota, e Christovão de Sá em outra fusta, e Henrique de Lima, e Francisco de Araujo, e Gonçalo Fernandes em outras embarcações; e as corocoras de ElRey de Bachão, e Gonçalo Pereira Regedor de Momoia com tres corocoras suas, com que havia pouco tinha vindo de soccorro.

Depois que esta Armada se ordenou, e andou no mar, ficou a fortaleza alguma cousa mais desassomburada dos inimigos, que cada dia lhe faziam sobrançarias, porque logo elles se retiráram, e reforçáram suas Armadas, ordenando os Regedores de Ternate por Capitão mór de todas as suas corocoras a Cachil Labusafá, que se foi logo ver com o Rey de Tidore, pera com elle assentar o modo de como se procederia na

guerra contra os nossos: que assentou, que pelessem com a nossa Armada, pera o que mandou negociar de novo toda a sua, e a proveo de muita, e lustrosa gente, e fez della Capitão hum Regedor seu, e lhe mandou que fosse com Cachil Labusafá buscar a nossa Armada, e que pelesse com ella, pera o que tambem lhes deo as suas cororas mui bem negociadas. Estando as cousas neste estado, chegou áquella fortaleza o galeão da carreira, que tinha partido de Goa, de que era Capitão Antonio Pereira Brandão, que trazia muitas roupas, providimentos, e munições, que chegaram a muito bom tempo; e depois de estar na terra, e soube as cousas da guerra, e de como se esperava pela Armada dos inimigos pera pelejar com D. Jorge Deça, fez prestes o batel do seu galeão, com os soldados que comsigo trazia, e se foi metter na Armada. O Cachil Labusafá, depois que ajuntou a sua Armada á de Tidore, foi buscar a nossa, que estava á vista da fortaleza já prestes pera o esperar; e chegados huns aos outros, descarregaram aquella primeira salva de artilheria, que fez em huns, e outros bem de damno, e logo ainda no meio daquellas nuvens de fumo envestio o Labusafá o navio de D. Jorge Deça, a que se lançou logo dentro com mais de cem homens escolhidos,

e entre elles se atcou huma muito arriscada batalha, e o mesmo se fez por toda a mais Armada, e a Capitanía de Tidore investio D. Diniz de Menezes, e todas as mais corocoras as nossas embarcações, em que se começaram alevantar mui espessas labaredas de fogo, e fumo das muitas panellas de polvora, que de huma, e outra parte se lançavam, e atroar o ar com os estouros da arcabuzaria que não descançava, e causava hum grande estrondo, que ajuntado a isto o retinir das armas, e os gritos de todos, parecia que se acabava o mundo, e que fervia o mar. D. Jorge Deça, que era muito bom cavalleiro, vendo-se entrado do Labusafá, que era muito determinado, arremetteo a elle com grande valor pera o lançar fóra, o que não pode fazer por ser ajudado dos mais escolhidos Mouros de Ternate, e Tidore. Todavia apresentando-se-lhe diante com alguns que tambem escolheo, começou com elle huma muito perigosa, e arriscada batalha, onde se pelejou com muito valor, e esforço. D. Diniz de Menezes, e Antonio Pereira Brandão tambem foram investidos de muitas corocoras; mas elles como esforçados cavalleiros que eram, fizeram tantos estragos nos inimigos, que lhes causou grande espanto, axorando algumas das corocoras. Todas as mais embarcações da nossa

Armada estavam travadas com outras dos inimigos, pelejando com grande furia, e espanto; mas onde a batalha estava mais arriscada, era no navio de D. Jorge Deça, onde era tamanho o numero dos mortos, e feridos, que quasi faziam estorvo aos vivos.

Estando assim a cousa tão duvidosa, sem se saber declarar a vitoria por nenhuma das partes, quiz a desaventura que tomasse fogo huma pouca de polvora na fusta de D. Jorge Deça, cuja força lançou ao mar todos os que nella pelejavam, tirando D. Jorge Deça, e hum Belchior Lopes, que ficaram ambos sós nella, defendendo-a de algumas corocoras que acudiram pera a levarem á toa, sobre que ambos pelejaram mui valorosamente com muito damno dos inimigos. ElRey de Bachão, que estava da parte dos nossos, e Gonçalo Pereira Regedor de Mojoia, axoraram muitas corocoras. D. Diniz de Menezes, Antonio Pereira, Henrique de Lima, e todos os mais Capitães Portuguezes neste dia fizeram cousas dignas de se engrandecerem com mais eloquencia da que em nós ha. D. Jorge Deça, sobre quem carregava todo o pezo desta batalha, foi o que mais fez, e o que móres trabalhos passou que todos, porque elle só com Belchior Lopes defendêram o seu navio de feição, que de medo delles não ousavam os inimigos ao

entrar; e sempre se perdêra, se Deos não encaminhára hum pelouro de hum berço de huma das nossas embarcações, que deo no Labusafá, Capitão mór dos inimigos, e o derribou como morto. O que visto pelos seus, cuidando que o estava, se affastáram; e fazendo sinal á mais Armada, se foi toda recolhendo com grande damno, deixando porém os nossos tão destroçados, que lhes foi necessario recolherem-se pera a fortaleza, pera se curarem os feridos, que eram muitos, ficando assim a guerra ainda viva, e os nossos em muito grande aperto, porque os inimigos tornáram a reformar suas Armadas, e a continuar em seus assaltos.

Vendo os moradores que D. Duarte Deça por teima não queria soltar ElRey, e que estavam arriscados a grandes desaventuras, ajuntáram-se todos, e assentáram de o prender, e soltar a ElRey, pera se acabarem todos aquelles trabalhos, e fizeram pera isto cabeça a Henrique de Lima. E consultando em segredo o negocio, estando o Capitão hum Domingo á Missa, entráram os da conjuração na Igreja, e remettendo a elle, o liáram, e assim nos ares foi levado á torre da menagem, onde foi fechado, e as chaves entregues a Henrique de Lima. Dalli se foram logo á prizão, onde ElRey estava, e o soltáram com lhe pedirem grandes

des perdões , e darem muitas desculpas , e o acompanháram até sua casa , o que lhes elle agradeceo , affirmando a todos « que » não seriam parte os aggravos , e avexações » que D. Duarte Deça lhe tinha feito , pe- » ra deixar de ser muito grande servidor de » ElRey de Portugal ; que nas desordens » de seus Capitães não tinha culpa , e mui- » to particular amigo de todos os moradores » daquella Ilha , e fortaleza » e assim o mos- » trou em todo o tempo que viveo.

Feito isto , quizeram os da conjuração eleger por Capitão a D. Jorge Deça ; o que elle não quiz acceitar , ainda que todos lho pedíram com muita instancia. Nem o mesmo quiz Antonio Pereira Brandão por muito que sobre isso trabalháram ; e tanto , que estando hum dia á porta da Igreja , vieram todos os moradores com os Padres , e hum Crucifixo alevantado , e lhe pedíram da parte daquelle Senhor quizesse acceitar o cargo diquella fortaleza até o Governador prover , fazendo-lhe sobre isso protestos , e requerimentos. O que visto por elle , disse « que » acceitava ser olheiro da fortaleza , e da ar- » tilheria de ElRey , já que assim era neces- » sario , e não Capitão ; » e assim dizem que mandou fazer logo seus papeis , e tirou seus instrumentos. Entregue elle da fortaleza , e o D. Duarte Deça na mesma prizão , tanto

que

N IMPRENSA
NACIONAL

que chegou a monção pera a India, o embarcaram no galeão da carreira prezo em ferros, com os autos de suas culpas, e na India foi sentenciado que se fosse apresentar a ElRey (segundo ouvimos a algumas pessoas) como fez, e lá no Reyno se livrou; e deo taes querelás contra Antonio Pereira Brandão, que o mandou ElRey ir prezo, e que lhe confiscassem a fazenda, e assim foi entregue a pessoas de confiança, e elle mettido no castello, onde D. Duarte Deça o accusou de alevantado, e lhe poz outros crimes, porque diziam tivera votos que morresse; em que se não fez execução, porque veio com embargos, em que provou que nunca se nomeára por Capitão, senão por olheiro da fortaleza, do que apresentára certidões de todos os Officiaes. Com tudo foi sentenciado em alguns annos de degredo pera Africa, e que pagasse os ordenados a D. Duarte Deça. O degredo lhe perdoáram depois, por ir com Francisco Barreto á conquista de Manamotapa, onde morreo. E contava Antonio Pereira Brandão que o mesmo D. Duarte Deça lhe mandára rogar que aceitasse a Capitanía, do que depois de magoadado lhe contrafez aquelle Romance velho de Durandarte em D. Duarte, mal cavalheiro provado. E tornando ás cousas de Maluco. Com a soltura de ElRey cessou a guerra,

e tornáram as coufas a seu lugar, correndo ElRey em tudo muito pontual com o serviço do de Portugal, tendo só trabalho em tornar a tomar alguns lugares, que lhe o Rey de Tidore tinha tomado com côr de o favorecer, e ajudar, como já dissemos. Neste estado deixaremos as coufas de Maluco até tornar a ellas.

C A P I T U L O IV.

Da embaixada que o Governador Francisco Barreto mandou a ElRey de Chaul, e sobre que: e de como os Mouros entraram na Ilha de Chorão, donde foram lançados com grande damno seu: e de como o Governador mandou metter nella D. Francisco Mascarenhas.

POr hum navio ligeiro, que veio de Ormuz, teve o Governador Francisco Barreto recado, que em Suez se faziam prestes galés pera passarem á India, o que o poz em grande cuidado, pelo que logo despedio recado ás fortalezas do Norte, e a Dio, pera que estivessem sobre aviso. Com isto mandou dar muita pressa á Armada, e lançar ao mar os galeões novos, que tinha feitos em o lugar em que se os outros queimáram, porque determinava de ir buscar os Turcos, onde quer que estivessem, e fossem

Couto. Tom. IV. P. I.

Aa

ter. P R E N S A
N A C I O N A L

ter. E pondo estas cousas em conselho, assentou-se « que mandassem hum Embaixador » ao Inizamoxá Rey de Chaul sobre algu- » mas cousas necessarias, em que entravam » duas principaes. Humia persuadillo a fa- » zer guerra ao Idalcan, e que tornasse so- » bre a fortaleza de Calabraga, que lhe se- » ria facil de tomar, pela gente que tinha » em baixo sobre a Ilha de Goa; e isto a fim, » que como o elle soubesse, devia mandar » recolher seus Capitães, pera mandar acu- » dir áquella fortaleza, e que assim ficaria » Goa desapressada. A outra era, pedir-lhe » licença pera fazer hum castello roqueiro » no Morro de Chaul, que fica sobre aquel- » la barra, pelas novas que havia de Galés, » pera dalli lhe defender a entrada, se qui- » zesse tentar commetter aquella Cidade; o » que a elle mesmo Inizamoxá vinha bem; » porque se os Turcos mettessem pé naquel- » le porto, nunca mais havia de ter delle, » nem dos mais de sua costa proveito al- » gum. »

Concluido o conselho, levantou-se em pé D. Diogo de Sousa, (que tinha aquelle verão vindo de servir a Capitania de Cofala, e estava pera se embarcar naquellas náos pera o Reyno,) e disse ao Governador Francisco Barreto « que se tinha as novas das » galés por certas, lho dissesse, porque não » era,

» era elle homem, que se havia de ir do Es-
 » tado da India, deixando-a em trabalhos,
 » que elle estava muito rico de mercês, que
 » lhe El Rey fizera, e que em tempo de ne-
 » cessidades queria elle mostrar agradecimen-
 » to dellas, e tornar a gastar tudo em seu
 » serviço, porque elle, que lhe deo o que
 » tinha, lhe faria outras mercês; e que as
 » despezas, que tinha feito pera sua embar-
 » cação, importavam pouco, porque a ma-
 » talotagem alli estava o Hospital de El Rey,
 » onde se despenderia. » O Governador lhe
 agradeceo de parte de El Rey aquelle offere-
 cimento, certificando-lhe « que elle o sabe-
 » ria por suas cartas, pera que elle lhe fi-
 » zesse a mercê que merecia, que esperava
 » pelo segundo recado, e que não se desfi-
 » zesse de cousa alguma até elle o avisar. »

Passado isto, ordenou o Embaixador que
 havia de mandar, e elegeo pera isso Jorge
 Correa de Antas, hum cavalleiro nobre, e
 rico, de grande pessoa, e aviso, e lhe deo
 as cousas necessarias pera aquella jornada,
 que elle fez com grande aparato, e com-
 panhia; e mandou por elle de presente áquel-
 le Rey seis formosos ginetes com seus telli-
 zes ricos. Este Embaixador partio em navios
 ligeiros, e de sua jornada adiante daremos
 razão. A guerra de Goa hia por diante,
 ainda que não havia nella mais trabalho,

Aa ii

 N que R E N S A
 N A C I O N A L

que o da falta das cousas, e as inquietações dos rebates, que os inimigos davam em todas as partes. Succedeo quasi no fim de Outubro querer hum dos Capitães chamado Miaberú dar hum assalto na Ilha de Chorão, por ser avisado que estava nella recolhida muita fazenda dos naturaes das Ilhas do derredor; e assim commetteo a entrada hum dia no quarto da alva por hum passo, que se chama Sacorla, que está da outra banda da terra firme, que chamam Vangani, que he a parte mais estreita do rio, que terá perto de vinte braças de largura, e de maré vassa de aguas vivas se passa com agua pela cinta. Por aqui foram passando perto de quinhentos Mouros, huns a nado, e outros em canoas, e foram tomar o valado da Varzea de Chorão, (que he na ponta que fica pera a banda da Ilha Divar, que se divide da outra por hum pequeno esteiro,) e ao passar víram alguns estar huma fusta surta no rio, (de que era Capitão hum Portuguez chamado João Marrão, que estava quasi só, porque assim o Capitão, como os soldados eram idos a Goa,) e sentindo-a os Mouros sem gente, a foram demandar, e entraram nella, e os que dentro estavam (que eram tres; ou quatro soldados) acordáram á grita dos marinheiros; e com aquelle sobrelalto se lançáram ao mar, e se foram pera a

Ilha Divar, ficando os Mouros senhores do navio. Os que passaram á Ilha seriam perto de quinhentos, e foram demandar a povoação, onde residia hum Gonçalo Pacheco, e com elle dous Gentios chamados Zeitarane, e o outro Humbraná, tio, e sobrinho, que estavam alli de vigia com muitos peães; e em sentindo os inimigos, tomáram as armas, e foram-se sahindo, e pelejando com elles, e ao estrondo acudio Domingos Rodrigues, que estava na mesma Ilha por Anadel dos espingardeiros da terra; e ajuntando-se todos, foram pelejando com os Mouros valorosamente, e recolhendo-se pera o alto da Ilha. Os que tinham cuidado do facho que nelle estava, em sentindo Mouros fizeram sinal, e atiráram huma bombardada, a que logo acudio o Governador ao caes, e mandou embarcar alguns Fidalgos com soldados pera socorrerem os da Ilha. O Capitão de Naroá Ruy Dias da Silveira tambem despedio ao final algumas embarcações, que alli andavam em guarda daquelles rios, e a primeira foi huma almadia, em que hiam dous companheiros filhos da India chamados Simão Rodrigues, e Gonçalo Vaz; e prepassando pela fusta de João Marrão, logo que os Mouros a entráram, e sentindo-os fallar, conhecendo pela lingua que eram inimigos, puzeram-se de fóra ás espingarda-

das, com que derribáram alguns. Os Mouros em os sentindo, cuidando que era o soccorro maior, saltáram no mar, e a nado se foram pera a terra firme. Ao mesmo tempo chegou Lançarote Picardo, Capitão de hum Catur; e sentindo pera a ponta do esteiro, que vai antre a Ilha de Divar, e Chorão, rebolliço, foi pera aquella parte, e chegou a tempo que os Mouros apertados dos nosos, que pelejavam com elles, e por sentirem grande rebolliço da outra banda da Cidade do soccorro que vinha, se hiam recolhendo; e lançando ao mar pera se passarem á outra banda, e dando Lançarote Picardo, e os companheiros da almadia nelles, foram matando muitos, que já acháram a nado. Ao mesmo tempo chegou Henrique Jaques, Ouvidor geral da India, que andava em huma galeota, e vinha de rodear os rios de noite: sentindo pera aquella parte o rebolliço, acudio depressa lá, e chegou a tempo que já os outros andavam á pescaria do mar, como assima dissemos, e ajudou por sua parte a fazer nelles huma mui grande destruição.

O Governador Francisco Barreto, que estava no caes, despediu Jorge de Mendouça Capitão da Cidade, e outros Fidalgos, e cavalleiros, que se embarcáram em muitas embarcações, que o Governador mandou pôr no caes pera aquelle effeito; e chegan-

do á Ilha já de dia, desembarcáram nella, e acabáram de arrematar a vitoria; porquê os Mouros vendo o poder, se lançáram ao mar por onde pudéram, onde muitos acabáram ás mãos dos nossos, e outros chegaram á outra banda bem escaldados, e escalavrados, e muito mais arrependidos do feito. Lançarote Picardo, e o Ouvidor geral, e os dous companheiros da almadia se euehram de cabeças de Mouros, e se foram logo ao Governador, que estava no caes, e os soldados que as levavam lhas puzeram aos pés, e elle os abraçou a todos; e mettendo a mão na bolsa, a cada hum que lhe apresentou cabeça, deo a sinco, e a seis pagodes, tirando a hum homem soldado, que se chamava Belchior Callaça, que foi dos primeiros, e lhe apresentou duas ou tres, deo o Habito de Christo, que titou do seu pesçoço, botando-lho no do soldado, a quem depois mandou quarenta pardaos. Passado isto, mandou o Governador Francisco Barreto a D. Francisco Mascarenhas, (que depois foi Conde de Santa Cruz, e Viso-Rey da India,) que se fosse metter naquella Ilha com trezentos soldados, e nella esteve em quanto foi necessario, sem os Mouros quererem outra vez provar sua ventura nella. Com este successo se começaram os Capitães do Idalcan a affastar pera dentro

com tenção de não provarcm outra vez a mão, nem fazerem mais que defenderem os mantimentos, que não passassem a Goa.

C A P I T U L O V.

De como o Governador Francisco Barreto despachou as náos pera o Reyno, e os Mouros começaram a fallar em pazes, que se lhes concedêram: e de como o Inizamoxá prendeo o Embaixador que o Governador lhe mandou: e do exercito que logo despedio pera lhe fazer huma fortaleza no Morro: e de como Alvaro Paes de Sotomaior partio pera o Estreito, e ficou em Chaul por causa da guerra.

NA entrada de Novembro depois do successo passado chegaram as náos de Ormuz, por quem o Governador teve novas certas das galés, que não sahiram; pelo que logo deo despacho ás náos do Reyno, pera irem tomar a carga a Cochim, que partiram até quinze de Janeiro deste anno de sincoenta e oito, em que com o favor Divino entrainos, e todas chegaram a salvamento, sómente a náo Patifa, por outro nome a Aguia, de que era Capitão João Rodrigues de Carvalho, arribou a Moçambique, onde invernou. O Governador ficou proseguindo na guerra de Goa. Mas vendo os Capitães do

Idal-

Idalcan quão mal lhes succedia nella , e que não faziam mais que despezas , começaram a fallar em pazes , porque puxáram , com ordem de ElRey , e de feição que os ouviu o Governador , e lhas concedeo com as condições com que antes estavam feitas , com que se alevantáram , e começaram a correr os mantimentos , e tornáram as cousas ao que dantes eram , e o Governador teve tempo pera entender em outras , e dar pressa á Armada toda , porque determinava de partir na entracia de Setembro pera o Achem , por achar huma instrucção de ElRey , em que lhe encommendava fizesse aquella jornada , pera tirar aquelle inimigo de tão perto de Malacca , e pela fama da riqueza daquella Ilha , e thesouros daquelle Rey , pera o que se hia apercebendo de todas as cousas que lhe eram necessarias pera a jornada. Deixando agora isto por hum pouco , porque he razão continuemos com o Embaixador , que no Capitulo passado deste V. Liv. deixámos despedido pera o Inizamoxá.

Partido elle de Goa , chegou a Chaul em breves dias , e dalli passou logo pera a Corte de Amadanager , onde foi muito bem recebido daquelle Rey , que o ouviu presentes todos os do seu Conselho. E quando chegou a lhe fallar na fortaleza de Morro , (de que elle estava tão ciofo , parecendo-lhe que com

o achaque dos Turcos se queria fortificar nelle , pera depois pór Alfandega naquelle porto , do que elle receberia muito notavel perda ,) despedio o Embaixador pera sua casa , sem o acabar de ouvir , e depois por conselho dos seus o mandou prender , e a todos os que com elle foram : e despedio com muita pressa a Faratecan com vinte mil homens , em que entravam cinco mil de cavallo , dando-lhe por regimento , que se fosse metter no Morro , e fizesse nelle hum forte pera desimaginar o Governador. Esta gente chegou a Chaul de quinze de Março por diante , e o Faratecan se foi logo metter no Morro , e o começou a fortificar com muita pressa , sem bollir com cousa alguma da nossa fortaleza. Aquelle dia que chegou , apparecêram os montes da outra banda cheios de tendas , e gente , o que poz naquelles moradores tamanho espanto , que começou a haver antre elles grandes desconfianças , a que acudio Garcia Rodrigues de Tavora , Capitão da fortaleza , aos animar , e esforçar , mandando logo fazer tranqueiras muito fortes nas bocas das ruas pera se defender do inimigo , se o quizesse commetter ; e os moradores todos mandáram logo suas mulheres , e filhos pera Baçaim , e Goa , pera ficarem mais desembaraçados , e desassombrados. Mas como o Faratecan não trazia mais

regimento que pera se fortificar no Morro, não bollio com outra cousa alguma.

Aqui aconteceu huma cousa maravilhosa, e digna de se saber, pera edificação nossa, e pera darmos a Deos nosso Senhor muitas graças, e louvores pelas grandes maravilhas que cada dia obra nas partes do Oriente, pera gloria sua, e confusão dos infieis, que o não adoram, nem conhecem, e foi, que em os Mouros entrando o Morro, vendo estar huma Cruz na ponta d'elle, que ficá sobre o mar, foram pera a cortar, e nenhum machado de muitos que lhe puzeram ao pé, quiz cortar por ella, e todos a acháram tão dura, como se fora de hum muito forte diamante. O que visto pelos mesmos Mouros, chegáram hum elefante a ella pera a arrancar, que poz nisso toda sua força, mas não a pode mover, com ser tão pequena, de páo, e estar mal encaixada em humia pedra grande, com o que a deixáram ficar, e alli esteve muito tempo. O Capitão de Chaul despedio recado ao Governador, e foi-se fortificando o melhor que pode, ajudando-o os moradores com muito cuidado, e despezas, dando alguns delles mezas, e provendo os soldados, que acudíram de fóra com todo o necessario. E hum delles chamado Mem Lopes Carrasco, homem rico, e abastado, armou mezas públicas pera todos os que á

ellas quizessem ir a todo tempo, em quanto esta necessidade durou; que deo de comer a mais de cem homens muito abastadamente, servindo-os a elles em pessoa com seus criados, e escravos, e escravas.

O recado que o Capitão tinha despedido chegou a Goa em menos de tres dias, e foi a tempo que o Governador estava pera fazer á véla huma Armada de galeões, e fustas pera a mandar ao Estreito de Ormuz, (e pera invernar naquella fortaleza por haver novas de galés,) de que era Capitão mór Alvaro Paes de Soto-maior; e sabendo aquella necessidade, o despedio logo, pera que se fosse pôr sobre aquella barra, e que ficasse alli favorecendo aquella Cidade até elle chegar, porque logo determinou de a soccorrer em pessoa. Alvaro Paes de Soto-maior deo logo á véla com toda sua Armada, que era de tres galeões, de que a fóra elle eram Capitães João de Mello de Brito, e Henrique de Vasconcellos, e seis fustas mais, em que hiam Diogo Ferreira, Duarte Pereira, Diogo de Sá, Cosmo Faia, Affonso Coelho, e Gonçalo Garcia.

Partida esta Armada, foi-se o Governador pôr na ribeira, e mandou lançar ao mar todos os navios que havia, e tomar os que alli estavam de fóra pera se embarcar, e mandou dar muito grande pressa a tudo, a

que acudíram os Fidalgos, e Capitães, cavalleiros, e Cidadãos principaes; e tomando quaesquer que logo achavam negociados, se embarcáram com muita pressa, com muitos soldados que pera isso lhes acudíram, que naquelle tempo se offereciam pera o serviço de ElRey, e andavam grangeando os Capitães pera os levarem consigo, sem paga, e sem mais interesse que aquella inclinação, que então tinham todos áquellas cousas. O que se veio depois a trocar de feição, que já hoje não ha hum, ou inni poucos, que se queiram embarcar, senão mui bem comprados, e alugados dos Capitães; porque além do soldo que lhes ElRey paga, não querem já menos de dous, ou tres quartéis mais dos Capitães, que se empenham pera isso; e esta he a razão, por que o serviço de ElRey custa já hoje sinco, e seis vezes dobrado, do que naquelle tempo, em que tambem pela barateza das cousas a ordinaria que ElRey dava bastava pera as despezas da jornada, e das mezas que nos invernos davam pelas fortalezas, e ainda muitas vezes poupavam hum pedaço pera se prove-rem de outras cousas. Mas tambem naquelle tempo pagavam aos soldados seus quartéis ordinarios de verão, e inverno, e lhes davam mezas mui abastadas; e os Fidalgos tinham suas casas tão cheas de soldados, que

quando se embarcavam não buscavam outros, porque já os tinham em casa, e sempre pelas destes Fidalgos haviam nesta Cidade de Goa nos invernos mais de quinhentos delles agazalhados, porque ellas eram seus hospitaes. O que tambem anda mudado, porque já ha muito poucos que recolham mais que seus criados, por forrarem gastos, e despesas, até os que sahem ricos de suas fortalezas, que antigamente despendiam a mór parte do que dellas tiravam no serviço de ElRey. E por ElRey D. João entender que era assim necessario, tinha feito regimento, que nenhum Capitão, que sahisse da sua fortaleza, se fosse pera o Reyno dentro em tres annos, porque os queria ter na India, assim pera hospitaes de soldados, como pera a authoridade do conselho do Estado. Mas tudo o bom he tão acabado, que hoje se nota por erro todo o passado nas cousas do governo; e corre antre elles pratica geral, que o antigo já não he licito; e que se os Governadores andavam todos os verões embarcados, que hoje já não era credito do Estado fazerem-no, no que vam contra a opinião de todos os doutos antigos, que affirmam que os Estados pera se não desfalecerem se hão de conservar com aquellas artes com que se ganháram. Mas destes males, e destas miserias tem culpa a cubiça;

que tem tomado posse na India de todo o estado de pessoas, acreditando-se com a culpa, que mais vituperada foi dos antigos Capitães que todas, que he este adquirir, e guardar, authorizando aquelle antigo adajo feito pelo demonio, de quanto tens tanto vales.

E tornando á nossa ordem. O Governador foi dando muita pressa á sua embarcação, assistindo de continuo no caes, e na ribeira pera dar despacho ás partes. E pera maior aviamento, passou mandados aos Officiaes, e Almoxarifes pera darem aos Capitães dos navios tudo o que lhes fosse necessario, de mantimentos, munições, cottonias, e todos os aparelhos de navios, de que tinham junto huma grande somma.

Em quanto se faz prestes esta Armada, continuemos com a de Alvaro Paes de Sotomaior, que hia seguindo seu caminho pera Chaul devagar por causa dos Noroestes que cursavam, que lhe eram contrarios; e chegando áquella barra, entrou por ella com toda sua Armada formosamente embandeirada, salvando a Cidade com muitos tiros, e instrumentos guerreiros, e alegres; e vendo o grande exercito posto da outra banda, e a pressa que os Mouros davam na fortificação do Morro, surgiu em parte donde o pudesse bater; o que fez com tanto estron-

do, e terremoto, que os que andavam na obra da fortificação, a foram fazendo muito devagar, porque a nossa artilheria lha impedia. Poucos dias depois disto chegaram áquella barra duas galés daquellas grandes, e antigas, que vinham de Baçaim, carregadas de madeira; e achando a cousa naquelle estado, surgiram mais perto do Morro que os galeões, e se puzeram á bateria com elle: o que acabou de inquietar os Mouros, porque totalmente lhe impediram o serviço; e se alguma cousa faziam, era de noite, custando ainda desta maneira as vidas a muitos; mas todavia não desistiram do negocio, e se foram fortificando o melhor que puderam com muito trabalho, e perigo.

C A P I T U L O VI.

Da Armada com que o Governador Francisco Barreto partio pera o Norte, e chegou a Chaul: e das pazes que lhe os inimigos mandáram commetter, e do que nisso passou.

DEspedido Alvaro Paes de Sotomaior, ficou o Governador dando pressa á Armada com que havia de partir; e os Fidalgos, e Capitães, que mais depressa se puderam negociar, não quizeram esperar por elle, e fizeram véla pera Chaul, onde entravam

vam todos os dias, de cinco em cinco, e de oito em oito navios, carregados de muita, e lustrosa soldadesca, com o que já lhes dava a todos pouco do poder dos inimigos. O Governador de tal maneira se apressou, que em menos de quinze dias se embarcou, e deo á véla com toda a Armada que havia. E porque não he razão que fiquem em esquecimento os Capitães que nesta jornada se acháram, daremos os nomes de todos; assim dos que foram diante, como dos que ficaram pera acompanharem o Governador; nem faremos distinção de pessoas, nem de navios, porque tudo foram fustas de remo. D. Diogo de Noronha o Corcós, D. Antonio de Noronha o Catarraz, D. Antão de Noronha, D. Alvaro da Silveira, D. Pedro de Menezes o ruivo, Gonçalo Falcão, D. Affonso Henriques, D. Jorge de Menezes Baroche, Pantaleão de Sá, D. Philippe de Castro, Ayres Gomes da Silva, D. Vasco Fernandes de Ataíde, Martim Affonso de Miranda, D. Alvaro de Ataíde, Fernão de Sousa de Castello-branco, D. Martinho da Cunha, D. João Coutinho, D. Lourenço de Sousa, Pero de Ataíde Inferno, D. Luiz de Almeida, Ayres Telles de Menezes, D. Jorge Pereira, D. Diogo de Ataíde, Antonio de Sousa Coutinho o Langará, Manoel de Mello, Lourenço de Sousa, Jeronymo Bar-

reto, Tristão Vaz da Veiga, Gil de Gões, Alvaro Pires de Tavora, João Lopes Leitão, Diogo de Miranda de Azevedo, Henrique de Macedo, Manoel Travassos, Jorge Barreto, Manoel de Vasconcellos, Antonio Rabello, Jorge da Silva Correa, Manoel de Mendanha, Henrique Jaques Ouvidor geral, Cosmo Faia, Jorge de Mello, Alvaro Gonçalves Pinto, Estevão Perestrello, Barnabé Mascarenhas, Christovão Pereira Homem, Duarte Paim de Mello, Luiz Cabral, Agostinho Nunes, Jorge de Moura, Gaspar de Sá Pinheiro, Francisco de Figueiredo, Diogo Pereira, Manoel Fernandes de Manar, Ruy Fernandes, Antonio de Espindola, Manoel Mouro, Antonio Martins, Balthazar da Costa, Diogo Banha, Balthazar Fernandes, Mestre Pedro, o Secretario, o Capitão da Guarda do Governador, o Feitor da Armada, João Peixoto, Belchior Correa, Domingos Borges, Manoel da Costa, Belchior Godinho, Martim Rodrigues, André Gonçalves de Dio, Braz Fragofo de Coução, Francisco Correa, Pedralvarez, Gonzalo Sanches, Ruy Godinho, Christovão Cordeiro, e outros muitos a que não sabemos os nomes. E primeiro que o Governador partisse de Goa, entregou o governo ao Bispo, e Capitão da Cidade, e deixou pelos rios de Goa, e suas Ilhas muitas man-

chuas, e catures pera sua guarda, de que ficáram Capitães Roque Fernandes, Antonio Carrilho, Diogo Gonçalves, Lançarote Picardo, Diogo Madeira, Luiz Castanho, Eytor Soares, Gonçalo Correa, Balthazar Soeiro, Antonio Ferreira, André Gorjão, Antonio de Arzila, e outros.

Partido o Governador, foi seguindo sua jornada até chegar a Chaul, e entrou por sua barra com toda a Armada formosamente embandeirada, e foi salvando a Cidade sem fazer caso do Morro, e se foi ao caes, onde desembarcou, sendo muito bem recebido da Cidade, e aposentado em casas, que pera elle estavam prestes; e logo começou a ter conselhos sobre dar nos inimigos, e os deitar fóra do Morro, no que os mais dos Capitães concordáram; porque não sabemos que espirito dava Deos aos homens daquelle tempo, que todas as cousas lhes pareciam faciles, sem nunca já mais refuzarem batalha que se lhes offerecesse.

Concluido em darem nos inimigos logo em fresco, começaram a fazer seus petrechos, e apercebimentos pera isso, e o Governador fez alardo da gente que havia, e achou quatro mil Portuguezes, a fóra muitos Christãos, e escravos, que podiam muito bem pelejar; e assim estavam todos tão alvoroçados, que desejavam de se lançar a

nado ás estancias dos inimigos. Os Capitães do Inizamoxá vendo aquella potencia da Armada, e o rio, e o mar todo cheio de navios embandeirados, e cheios de muita, e mui lustrosa gente, e de muitos instrumentos alegres, e guerreiros, que de continuo atroavam esses ares, com que lhes davam os nossos a entender o alvoroço com que estavam, por se verem já ás mãos com elles, receando aquelle poder; e sendo avisados por espias, como o Governador se fazia presentes pera lhes dar batalha, havendo seu conselho, assentáram, que seria melhor pedir-lhe pazes, e sahirem-se dalli com sua honra. Pelo que despediram logo hum Mouro em huma almadia com huma bandeira de paz, que foi levado ao Governador, e lhe disse » que os Capitães de ElRey lhe mandavam » pedir licença pera lhe mandarem hum Embaixador; pera com elle tratar cousas, » que lhe convinham.» O Governador o de- teve; e ajuntando os Capitães do conselho, assentou-se que se ouvisse, e que soubesse o que queria, com o que o despediram. E logo sobre a tarde tornou o Embaixador, que era hum Mouro criado do Faratecan, e vinha bem acompanhado, que logo foi levado ao Governador, que já estava avisado da qualidade de sua pessoa; e em chegando, lhe poz aos pés hum fardete de bea-

tilhas finas, que lhe mandavam de presente, (porque antre elles não se costuma fallar em negocio algum sem aquillo, que he sinal de amor, e amizade.) O Governador mandou tomar o fardete, e deitar-lho por huma janella fóra; e muito menencorio lhe mandou dizer pelo lingua « que o não lançava tam- » bem a elle, porque não tinha culpa; mas » que dissesse a seu amo que a elle o havia » de fazer.» O Mouro pasmado da paixão do Governador, sem responder cousa alguma, se foi sahindo, e recolhendo a suas embarcações; e passou-se logo da outra banda tão amedrontado, que ainda depois de estar com os Capitães no exercito, não podia cobrar folego pera fallar.

Sabendo o Faratecan o que passava, despedio logo com muita pressa hum daquelles Capitães chamado Rafarecan, muito bem acompanhado, e com hum presente muito differente do outro. O Governador recebeu este homem bem, porque era grave, e honrado, e o ouviu, e elle lhe disse da parte de seu Rey « que sua tenção nunca fora rom- » per guerra com os Portuguezes, de quem » era amigo havia tantos annos, e a quem » elle dera aquelle seu porto graciosamente, » por estimar muito tellos por vizinhos; mas » que acuelira a se não mandar elle Gover- » nador fortificar naquelle Morro, como lhe

» differam que pertendia, porque isso seria
 » lançar-lhe hum cadeado naquelle seu por-
 » to, que era o principal que tinha em seu
 » Reyno, pera não poderem mais entrar,
 » e sahir suas náos, que eram livres. Que
 » elle estava prestes pera guardar, e cumprir
 » os contratos das pazes feitas pelos Gover-
 » nadores passados, como sempre fizera,
 » porque era servidor de ElRey de Portu-
 » gal, e muito amigo delle Governador.»

Francisco Barreto o ouviu bem, e lhe
 respondeu « que se detivesse até o outro dia,
 » em que com o Veador da fazenda, Se-
 » cretario, e mais Officiaes de ElRey tra-
 » tasse daquelle negocio, que elles o despa-
 » chariam.» E o entregou ao lingua do Es-
 » tado, pera que o aposentasse mui bem, e
 lhe dessem todo o necessario, como se fez.

E entrando em negocio, vieram-se a con-
 firmar as pazes que estavam feitas.

« E que quanto ao Morro, que logo
 » se mandasse desfazer o forte, em que nem
 » elle, nem os Governadores da India po-
 » deriam nunca já mais mandar fazer nelle
 » fortaleza alguma; e que o primeiro que
 » tentasse fazella, ficasse sendo o quebranta-
 » dor das pazes, e perdesse o direito que
 » tinha nelle, e que o outro se pudesse for-
 » tificar nelle sem lho impedirem.

« E que soltaria logo o Embaixador com

» todos os Portuguezes , que ElRey man-
 » dou prender.

« E que diante do mesmo Embaixador
 » juraria ElRey as pazes.» Assentados estes
 contratos , e jurados pelo Governador , e
 pelos Capitães Mouros , que pera isso mos-
 traram poderes bastantes , mandou logo o
 Governador apregoallas ; o que se fez assim
 na Cidade , e fortaleza , como na de Chaul
 de sima , e exercito. Com isto alevantaram
 os inimigos o campo , e desfizeram as tran-
 queiras , que estavam no Morro , e se foram
 pera o Balagate.

C A P I T U L O VII.

*De como o Governador Francisco Barreto
 mandou desapossar D. João de Ataíde da
 Capitania de Ormuz , pera onde foi D.
 Antão de Noronha : e do que mais
 fez até se partir pera Goa.*

DEclaradas as pazes pela Cidade , tomá-
 ram-se tanto a mal dos soldados , que
 estavam alvoroçados pera se verem ás mãos
 com os inimigos , que se começaram a sol-
 tar em palavras contra o Governador , e a
 cantarem-lhe de noite cantigas çujas , e des-
 honestas. E porque se hia gastando o verão ,
 e era tempo de prover nas cousas de Ormuz ,
 mandou ver pelos Desembargadores , que

levou , as culpas que de lá vieram contra D. João de Taíde , que lá estava por Capitão ; e foi sentenciado que se fosse livrar á India ; com o que o Governador despachou logo a D. Antão de Noronha , que estava provído daquella Capitania , de que já tinha servido hum anno ; mas tinha-lhe aquelle vindo do Reyno huma Provisão de ElRey , em que lhe fazia mercê , que lhe não corresse aquelle tempo , mas que acabasse os tres annos por encheio.

E porque das culpas de D. João de Taíde não temos tratado atrás , o faremos agora , porque servirão de aviso , assim pera os Capitães das fortalezas fazerem nellas o que devem , como pera os Governadores se não deixarem levar da paixão , e odio , cousa , que tanto desfez hum Varão , por muito famoso que seja. E assim o que mais engrandece , e sublima hum Capitão , e o que maior mágoa , e castigo he pera seus inimigos , he fazer cousas , e obrar feitos , de que lhes elles tenham inveja. Isto he o que aconselhava aquelle grande Diogenes a hum seu amigo , que lhe perguntou o que faria pera se vingar de hum inimigo ? A que respondeo : Que trabalhasse por ser bom , e que lhe tiyesse elle inveja.

E tornando a nosso fio. O caso de D. João de Taíde , segundo o que constava dos

autos, foi este. Era este Fidalgo hum pouco livre, e apaixonado; e na sua Capitania fazia algumas cousas, que escandalizavam, principalmente na materia dos emprestimos, que todos os Capitães pedem em suas Capitánias aos moradores, a que mais lhe podemos chamar forças, que emprestimos: no que elle parece que excedia o modo, do que se mandáram queixar ao Governador, e lhe mandáram hum summario de culpas, que lhe lá tiráram em segredo. E como elle ou não estava muito seu amigo, ou levado do escrupulo da consciencia, mandou em principio deste verão tirar delle devassas, que lhe chegáram estando em Chaul, e por ellas foi sentenciado que se fosse livrar a Goa; mas segundo alguns homens velhos, e honrados daquelle tempo nos disseram, o negocio nasceo disto. Quando Pero Barreto Rolim foi ao Cinde, que fez aquella destruição, (como atrás dissemos no Cap. XII. do III. Liv.,) estava D. João de Taide por Capitão em Ormuz, que recebeu grande perda naquelle alevantamento; porque os Capitães de Ormuz o mór commercio, tracto, e proveito que tem he o do Cinde; e chegando-lhe novas do que Pero Barreto Rolim fizera, dizem que dissera muito apaixonado: «Tal balcarriada foi esta, que Francisco Barreto mandou fazer, como a que

» elle

» elle fez em gastar duzentos mil pardaos em
 » huma grossa Armada, pera elle ir a Ba-
 » çaim a cousas de seu gosto.» E como na
 India nunca faltam mexedores, e corretores
 de novas aos Viso-Reys, e Governadores,
 (cousa, que elles muito haviam de estranhar
 por sua authoridade, porque parece que em
 certo modo o defacata quem lhe vai com
 mexericos; porque assim como o officio da
 justiça he não enganar, assim o da pruden-
 cia he procurar não ser enganado,) foi al-
 gum curioso contar-lhe o que dissera D. João
 de Taide, do que dizem ficára tão tomado,
 que lhe não pezou com as culpas, que lhe
 delle mandáram pera o depôr, pelo menos
 não lhas quiz dissimular, cousa tanto contra
 a obrigação do que governa, conforme áquel-
 la sentença de Domicio Aphro, que o Prin-
 cipe que quer saber, e ouvir tudo, he ne-
 cessario que dissimule, e perdoe tudo.

Despachado D. Antão de Noronha pera
 Ormuz, fez véla na entrada de Abril; e
 chegando áquella fortaleza, lha entregou D.
 João de Taide, tendo servido pouco mais
 de anno e meio, e logo se embarcou pera
 Mascate, e depois em Setembro pera Goa.
 Despachadas estas cousas, foi o Governador
 a Baçaim, o que lhe todos estranháram mui-
 to, e murmuráram disso publicamente, por-
 que alguns dos Fidalgos não eram seus ami-

gos, e pejavam-se com elle naquelle lugar; que a inveja faz cuidar a quem a tem, que merecem as cousas melhor, que quem as possui, que he o de que o mundo está cheio.

C A P I T U L O VIII.

De como o Governador Francisco Barreto se partio pera Goa: e da grande Armada, e apercebimentos que fez pera ir ao Achem.

DEpois que o Governador Francisco Barreto despachou D. Antão de Noronha pera Ormuz, passou a Baçaim, e deo despacho a algumas cousas muito depressa, porque se fazia tempo de se ir pera Goa, como fez, pera prover as fortalezas de Malaca, e Maluco, e Ceilão. Chegado a Goa em breves dias, despachou os provimentos pera Ceilão, Malaca, e Maluco, e com isto se cerrou o inverno, em que o Governador tratou de fazer huma Armada muito grossa pera ir ao Achem, se lhe não viesse successor. E porque as cascas do Sabayo, pera onde elle se mudou por falecimento do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, lhe disseram que estavam pera cahir, se mudou pera a fortaleza, que mandou concertar, e sempre ficou sendo dahi por diante o aposento dos Viso-Reys, e Governadores.

E

E porque as pazes , que estavam feitas com os Capitães do Idalxá ficáram imperfeitas , por se não jurarem , despachou o Governador hum Embaixador pera mandar ao Idalcan , que foi lá muito bem recebido de ElRey , e diante delle as jurou , e logo o Governador entrou nos negocios da Armada , que determinava fazer pera ir ao Achem a fazer huma fortaleza , como ElRey mandava , pera desassombrar a de Malaca daquelle inimigo. E pera mór aviamento repartio os galeões , e mais vasilhas pelos Capitães que havia de levar , pera correrem com seu aviamento ; e passou Provisões pera os Almojarifes darem por escritos destes Capitães todas as cousas necessarias pera os navios , porque de tudo tinha os almazens muito bem providos. E como a ribeira das Armadas tinha ainda neste tempo perto de quatrocentos homens do mar Portuguezes , foram os officiaes dos galeões correndo com elles , sem se embaraçarem em obra alhea ; com tanta ordem , e provimento , que quando se acabou de negociar hum , o foram todos ; porque o Governador todo aquelle tempo assistio na ribeira , onde elle , e os Capitães comiam , e dormiam as mais das noites , e andava o Governador sempre com a bolsa aberta pera os trabalhadores , que folgavam de servir a ElRey com muito gos-

to. E quando foi entrada de Setembro tinha no rio de Goa a mais potente Armada, que a Índia teve, porque eram vinte e cinco galeões, e caravelas, dez galés, e mais de setenta galeotas, e fustas; e os Capitães, que estavam nomeados pera os galeões, são os seguintes.

O Governador no S. Mattheus, Jorge de Mendouça, D. Jorge de Menezes Baroche, Henrique de Macedo, Pero de Mesquita; o Licenciado Antonio Rodrigues de Gamboa, Manoel Travassos, Manoel de Vasconcellos, D. Martinho da Cunha, Henrique Jaques, Ouvidor geral, Jorge de Moura, Diogo Pereira, Manoel de Mello da Cunha, Fernão de Noronha, e André de Sousa. Os das galés, Martim Affonso de Miranda, Ayres Telles, Tristão Vaz da Veiga, Diogo Jusarte Tição, D. Diogo de Taíde, D. Vasco de Taíde, D. Leoniz Pereira, João Lopes Leitão, Antonio de Abreu, e Fernão de Sousa de Castello-branco. Os das fustas, e galeotas não nomeamos por ser infinitos. Todas estas vasilhas estavam providas de officiaes, artilheria, munições, e mantimentos, e tão a ponto, que a cada hora podiam fazer viagem.

E quando foram vinte de Agosto chegou á barra de Goa D. João de Taíde, que vinha de Ormuz, e logo a tres de Setembro

quatro náos do Reyno, em que vinha por Viso-Rey da India D. Constantino de Bragança: e por isso concluiremos aqui com este Governador. Foi Francisco Barreto filho segundo do grande Ruy Barreto, Fronteiro mór do Algarve, e de Dona Branca de Vilhena. Foi casado com Dona Francisca de Castro, filha de D. Luiz de Menezes, Alferes mór que foi de Portugal, irmão de D. Duarte de Menezes, Senhor da casa de Tarouca, de quem houve dous filhos, Ruy Nunes Barreto, e Luiz da Silva, que ambos morrêram na India. E por sua morte della, depois que acabou de ser Governador, casou com Dona Brites de Taíde, irmã do Conde de Atougua D. Luiz de Taíde, mulher que fora de Christovão de Brito. Depois o encarregou El Rey de Capitão mór das galés, com que se achou em favor de El Rey de Castella na tòmada do Pinhão de Bellez. Depois o mandou por Governador, e conquistador do Imperio de Monamotapa, onde faleceo, como na IX. Decada se verá.

458

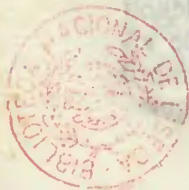
FIM DO LIV. V. DA DECADA VII.

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

INOME JOSÉ DE BARRAS QUEIROZ

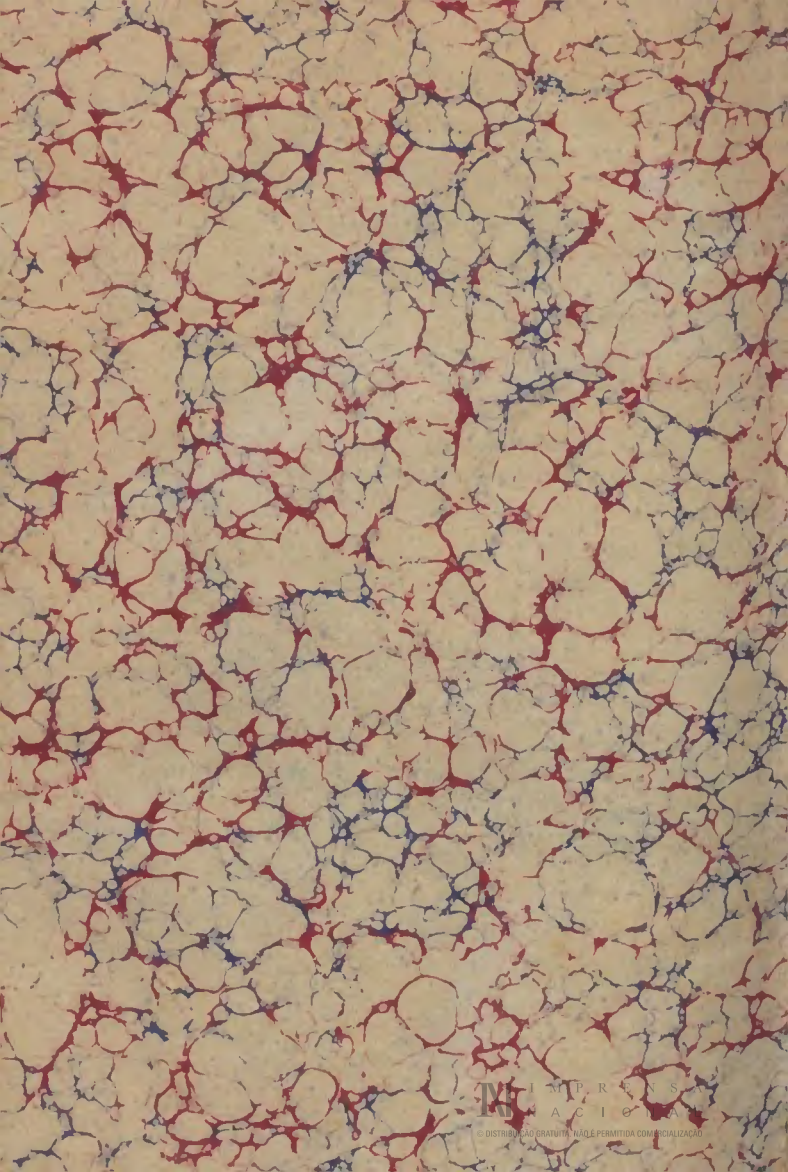
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



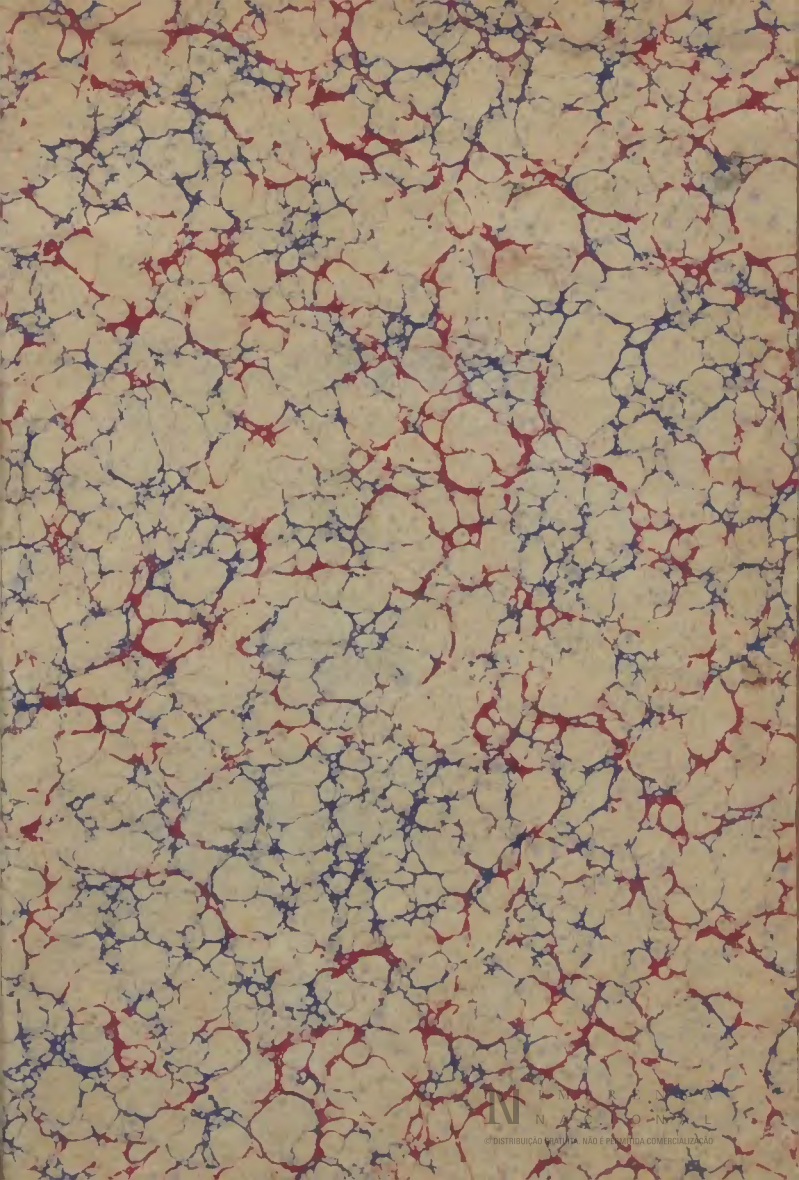
N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRESSA
FACILITADA

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO



INSTITUTO NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

NB



FC0000000106